UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Fellipe de Souza Gualberto Leite

Jornalismo e destacamento:

uma análise discursiva de destacamentos em *threads* e no jornal impresso da Folha de S Paulo

São José do Rio Preto
2023

Fellipe de Souza Gualberto Leite

Jornalismo e destacamento:

uma análise discursiva de destacamentos em *threads* e no jornal impresso da Folha de S Paulo

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES – Processo: 88887.625837/2021-00

Orientador: Profª. Drª. Érika de Moraes

São José do Rio Preto
2023

Leite, Fellipe de Souza Gualberto.
Jornalismo e destacamento: uma análise discursiva de destacamentos em threads e no jornal impresso da Folha de S Paulo / Fellipe de Souza Gualberto Leite. -- São José do Rio Preto, 2023
232 f. : il., tabs.

Orientadora: Érika de Moraes
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp),
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. Destacamento. 2. Aforização. 3. Jornalismo. 4. Análise do discurso. 5. Tecnotexto. 6. Twitter. 7. Sintaxe do destacamento I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) II. Título.

Fellipe de Souza Gualberto Leite

Jornalismo e destacamento:

uma análise discursiva de destacamentos em *threads* e no jornal impresso da Folha de S Paulo

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES – Processo:
88887.625837/2021-00

Comissão Examinadora

Profª. Drª. Érika de Moraes
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Drª. Anna Flora Brunelli
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Drª. Luciana Salazar Salgado.
UFSCar

São José do Rio Preto
1 de setembro de 2023

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação é fruto de dois anos de trabalho que não seriam possíveis sem o apoio de uma grande rede de amigos, familiares, colegas e diversas outras pessoas com as quais convivi neste período. Por isso, cabe a todos esses o meu agradecimento.

Obrigado, Érika de Moraes, por ser atenciosa em todas as oportunidades e uma entusiasta da minha pesquisa desde o primeiro momento. A sua orientação suave tornou o processo desta dissertação prazeroso e rigoroso ao mesmo tempo!

Obrigado Luciana Salazar Salgado e Anna Flora Brunelli, pelas valiosas orientações no exame de qualificação. Depois de vocês esta pesquisa é outra!

Agradeço aos professores que ministraram aulas durante o mestrado: Anna Flora Brunelli, Eduardo Penhavel de Souza, Érika de Moraes, Sírio Possenti, Marize Mattos Dall Aglio Hattnher e Valéria dos Santos Guimarães.

Agradeço também ao Ibilce e todos os seus funcionários. Obrigado por todo o cuidado e empenho em esclarecer minhas dúvidas e pelo apoio em momentos de necessidade.

Sou grato aos meus familiares, obrigado João e Eliane, pais atenciosos que sempre me encorajaram na jornada acadêmica, e Giullia, irmã e companheira durante todo o processo.

E sou grato também pelos meus amigos! Todos aqueles que dividiram comigo um teto, uma sala de aula ou apenas uma tarde prazerosa. Vocês colaboraram nesta pesquisa me ajudando a manter a sanidade!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, n. de processo 88887.625837/2021-00, à qual agradeço.

“Viver em um mundo que não seja dominado pela internet, dirão elas, significaria ter que mudar tudo. Sim, é exatamente isso”

Jonathan Crary (2023, p. 16)

RESUMO

O presente trabalho parte das produções de Maingueneau acerca dos regimes de enunciação textualizante e aforizante (2010, 2014) para estudar como ocorre o processo de destacamento (MAINGUENEAU, 2014) no jornal Folha de S. Paulo em sua versão impressa e em matérias veiculadas no Twitter, na forma de *thread*. Entendemos que as formas de destacamento presentes no jornalismo impresso (como o título, o olho e a manchete) e no jornalismo digital (como a *thread*) criam aforizações (MAINGUENEAU, 2014), ou seja, enunciados integrantes de um regime enunciativo com características próprias e que fogem às regras da textualização. Desse modo, a partir dos aspectos da contemporaneidade apontados por Han (2018), dos atuais padrões do cérebro leitor defendidos por Wolf (2019), e da proposta de Moraes para uma sintaxe do destacamento (2019, 2020), analisamos as aforizações tendo como objetivo encontrar as características do gênero *thread* jornalística, avançar nos estudos da AD acerca de aforizações, estabelecer os padrões de funcionamento e regularidade que se manifestam nos destacamentos das *threads*, compreender, com base na sintaxe do destacamento (MORAES, 2019, 2020), as características típicas dos enunciados digitais na contemporaneidade, dentre outros. Para estudar as aforizações no Twitter, lançamos mão dos conceitos e da proposta de uma metodologia para a Análise do Discurso em ambiente digital criadas por Paveau (2021), pesquisadora que pontua as seis principais características do tecnodiscurso que devem ser levadas em conta pelo analista ao trabalhar com enunciados nativos digital. O *corpus* desta dissertação reúne os destacamentos presentes em cinco *threads*, para efeito de unidade, selecionamos as *threads* que têm como tema o desenvolvimento da vacina para o coronavírus e que foram publicadas no ano de 2020, além disso, também recrutamos as matérias jornalísticas correspondentes que foram publicadas no jornal impresso. Com o suporte da base teórico-metodológica da Análise do Discurso Francesa (AD), esta dissertação classifica as aforizações presentes no *corpus* segundo os enquadramentos propostos por Maingueneau (2014), fazendo a comparação entre os enquadres dos enunciados destacados no jornal impresso e na versão digital. Como resultados, observamos a presença majoritária de aforizações dos enquadres informacional e testemunhal em ambas as mídias, indicando que as características enunciativas do tipo discurso jornalístico se mantém no ambiente digital, apesar deste permitir formatos diferentes dos presentes na mídia impressa. Também detectamos no hipergênero *thread* uma espécie de retorno à enunciação textualizante, devido ao fato de esse reunir diversos enunciados do regime de

enunciação aforizante em uma nova unidade, devolvendo-os à lógica do texto, na qual é possível fazer sentido de forma mais “completa”.

Palavras-chave: Destacamento. Aforização. Jornalismo. Análise do discurso. Tecnotexto. Twitter. Sintaxe do destacamento.

RÉSUMÉ

Le présent travail part des productions de Maingueneau sur les régimes d'énonciation textualisante et aphorisante (2010, 2014) pour étudier comment se produit le processus de détachement (MAINGUENEAU, 2014) dans le journal Folha de S. Paulo en sa version imprimée et dans les articles publiés en line en Twitter, sous forme de *thread*. On comprend que les formes de détachement présentes dans le journalisme imprimé (comme le titre, le surtitre, la manchette) et dans le journalisme numérique (comme le thread) créent des aphorisations (MAINGUENEAU, 2014), c'est-à-dire des énoncés qui s'inscrivent dans un régime énonciatif avec des caractéristiques propres et qui échappent aux règles de textualisation. Ainsi, à partir des aspects contemporains soulignés par Han (2018), des schémas actuels du cerveau lecteur défendus par Wolf (2019) et de la proposition de Moraes pour une syntaxe du détachement (2019, 2020), nous analysons les aphorisations en prenant comme L'objectif est de retrouver les caractéristiques de genre *threads* journalistique, de faire avancer les études AD sur les aphorisations, d'établir les schémas de fonctionnement et de régularité qui se manifestent dans les détachements dans *threads*, de comprendre, à partir de la syntaxe du détachement (MORAES, 2019, 2020), les caractéristiques typiques des énoncés numériques contemporains, entre autres. Pour étudier les aphorisations sur Twitter, nous avons utilisé les concepts et la proposition d'une méthodologie d'analyse du discours dans un environnement numérique créée par Paveau (2021), un chercheur qui souligne les six caractéristiques principales du technodiscours qui doivent être prises en compte par l'analyste lorsqu'il travaille. avec des énoncés numériques natifs. Le corpus de cette thèse regroupe les detachement présents dans cinq *threads*, dans un souci d'unité, nous avons sélectionné les *threads* qui ont pour thème le développement du vaccin contre le coronavirus et qui ont été publiés en 2020, par ailleurs, nous avons également recruté les articles journalistiques correspondants publiés dans le journal imprimé. Avec l'appui des bases théorico-méthodologiques de l'Analyse du Discours Français (AD), cette thèse classe les aphorisations présentes dans le corpus selon les cadres proposés par Maingueneau (2014), en comparant les cadres des énoncés mis en évidence dans l'imprimé. journal et dans la version numérique. En conséquence, nous avons observé la présence majoritaire d'aphorisations de cadres informationnels et testimoniaux dans les deux médias, ce qui indique que les caractéristiques énonciatives du type discours journalistique se maintiennent même dans l'environnement numérique, si celui-ci permet des genres différents de ceux présents dans la presse écrite. Nous avons également détecté dans l'hypergenre *thread* une sorte de retour à

l'énonciation textualisante, du fait qu'il s'agit d'un format qui rassemble plusieurs énoncés du régime de ennunciacion aphorisante dans une nouvelle unité, les renvoyant à la logique du texte, dans lequel il est possible de donner un sens à une forme plus « complète ».

Mots-clés: Détachement. Aphorisation. Journalisme. Analyse du Discours. Technotexte. Twitter. Syntaxe du détachement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de aforização extraída do texto jornalístico 58
Figura 2 - Exemplo de aforização extraída de fala da fonte 59
Figura 3 - Exemplo de tuíte antes da mudança de gestão 73
Figura 4 - Exemplo de um mesmo tuíte após a mudança de gestão 74
Figura 5 - Exemplo de uso do selo de verificação para espalhar desinformação 76
Figura 6 - Exemplo de tuíte com selo prata 77
Figura 7 - Exemplo de tuíte feito por um assinante do Twitter Blue 78
Figura 8 - Exemplo do elemento tecnodiscursivo que indicava o dispositivo usado 79
Figura 9 - Exemplo do elemento tecnodiscursivo visualizações 80
Figura 10 - Exemplo de *thread* jornalística 81
Figura 11 - Representação do Campo da comunicação, tipos de discurso presentes e gêneros jornalísticos 93
Figura 12 - Primeira edição do jornal Folha de S. Paulo, à época chamado de Folha da Noite 107
Figura 13 - Edição do jornal Folha de S. Paulo de 1971 107
Figura 14 - Edição do jornal Folha de S. Paulo de 2021 108
Figura 15 - Botão que leva ao scan da versão impressa do jornal 118
Figura 16 - 1º Tuíte da 1ª *thread* 122
Figura 17 - 6º tuíte da 1ª *thread* 125
Figura 18 - Texto-fonte “O que o turista precisa saber sobre o coronavírus” 125
Figura 19 - 11º tuíte da 1ª *thread* 126
Figura 20 - 1º e 2º tuíte da 1ª *thread* 127
Figura 21 - 12º tuíte da 1ª *thread* 128
Figura 22 - 14º tuíte da 1ª *thread* 129
Figura 23 - Manchete na lateral direita: “Crianças precisam saber sobre vírus com clareza, dizem especialistas” 131
Figura 24 - Manchete abaixo da terceira coluna: “Celular e maquininha podem carregar vírus por mais de 4 dias” 131
Figura 25 - Manchete na lateral direita: “Folha dá livre acesso a conteúdo sobre pandemia” 131

Figura 26 - Manchete na lateral esquerda: “Esclareça dúvidas sobre coronavírus e a Covid-19” 132
Figura 27 - Nota a lateral direita com o título em azul 133
Figura 28 - Nota com o título em azul entre colunas de uma reportagem 134
Figura 29 - 1º Tuíte da 2ª *thread* 138
Figura 30 - Texto-fonte “Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19” 139
Figura 31 - 2º e 3º tuíte da 2ª *thread* 140
Figura 32 - 5º Tuíte da 2ª *thread* 141
Figura 33 - 6º Tuíte da 2ª *thread* 142
Figura 34 - 12º Tuíte da 2ª *thread* 144
Figura 35 - Dois últimos tuítes da 2ª *thread* 145
Figura 36 - Manchete principal “Sem provar eficácia, Rússia anuncia vacina contra vírus” 146
Figura 37 - Texto-fonte “Rússia dá aval a vacina contra novo coronavírus sem eficácia comprovada” 147
Figura 38 - Destacamento na forma de olho na matéria “Anvisa diz não ter recebido pedido russo de registro” 148
Figura 39 - Destacamento na forma de olho na matéria “Momento Sputnik de Putin arrisca incomodar Ocidente” 148
Figura 40 - 1º Tuíte da 3ª *thread* 153
Figura 41 - Texto-fonte “Governador de São Paulo já vacinou presidente da República” 154
Figura 42 - 2º Tuíte da 3ª *thread* 155
Figura 43 - 3º Tuíte da 3ª *thread* 156
Figura 44 - 4º Tuíte da 3ª *thread* 157
Figura 45 - Último tuíte da 3ª *thread* 159
Figura 46 - Texto-fonte “Governador de São Paulo já vacinou presidente da República contra gripe” 161
Figura 47 - 1º Tuíte da 4ª *thread* 165
Figura 48 - Ambiente acessado ao clicar na #COVID19, um espaço que une todos os tuítes que usaram este termo 166

Figura 49 - Texto-fonte “Governo russo diz que vacina Sputnik V tamém tem mais de 90% de eficácia contra Covic” 168
Figura 50 - 3º Tuíte da 4ª *thread* 168
Figura 51 - 5º Tuíte da 4ª *thread* 169
Figura 52 - Texto-fonte “Coronavac produz anticorpos contra Covid em 97% dos participantes, revelam dados publicados” 170
Figura 53 - 10º Tuíte da 4ª *thread* 171
Figura 54 - Texto-fonte “Vacina de Oxford contra Covid-19 induz resposta imunológica em adultos de todas as idades, diz estudo” 171
Figura 55 - Quinto parágrafo do texto-fonte “Vacina de Oxford contra Covid-19 induz resposta imunológica em adultos de todas as idades, diz estudo” 172
Figura 56 - 6º Tuíte da 4ª *thread* 173
Figura 57 - Manchete principal “Vacina para Covid, anuncia farmacêutica, é 90% eficaz” 176
Figura 58 - Manchete na lateral esquerda “Moderna afirma que eficácia de sua vacina é de quase 95%” 177
Figura 59 - Manchete principal “Pfizer conclui testes e diz que vacina é 95% eficaz” 177
Figura 60 - Manchete na lateral direita inferior da capa “Coronavac produz anticorpos em 97% dos participantes” 178
Figura 61 - Manchete “Testes da vacina de Oxford obtêm resultados positivos” 178
Figura 62 - Texto-fonte “Imunizante da Pfizer tem 90% de eficácia em análise preliminar” diagramado junto da matéria “Rússia afirma que Sputnik V também tem 90% de eficácia” 179
Figura 63 - Destacamento na forma de olho na matéria “Pfizer anuncia que vacina é segura e 95% eficaz” 180
Figura 64 - 1º Tuíte da 5ª *thread* 187
Figura 65 - Intertítulo do texto-fonte “Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19” 188
Figura 66 - Tuíte 16C da 5ª *thread* 188
Figura 67 - Tuítes 19C e 20C da 5ª *thread* 190
Figura 68 - Tuítes 16C e 17C da 5ª *thread* 191
Figura 69 - Tuítes 14B e 15B da 5ª *thread* 192
Figura 70 - Tuíte 16B da 5ª *thread* 193

Figura 71 - 6º e 7º tuítes da 5ª *thread* 194
Figura 72 - 2º tuíte da 5ª *thread* 195
Figura 73 - 4º tuíte da 5ª *thread* 195
Figura 74 - Tuíte 21C da 5ª *thread* 196
Figura 75 - Tuítes 26C e 27C da 5ª *thread* 198
Figura 76 - Tuíte 28C da 5ª *thread* 199
Figura 77 - Tuítes 29C e 30C da 5ª *thread* 200
Figura 78 - Últimos tuítes da 5ª *thread* 201
Figura 79 - Editorial "A máquina contra a vacina" 203
Figura 80 - Nota entre as colunas de uma notícia 204
Figura 81 - Texto-fonte "Avisa suspende testes da vacina Coronavac" 205
Figura 82 - Manchete "Anvisa interrompe testes da Coronavac por evento adverso" 206
Figura 83 - Manchete na lateral direita da capa "MP da vacinação terá termo de consentimento para isentar a União" 206
Figura 84 - Manchete na lateral direita "Crescem ansiedade e tristeza em jovens, aponta pesquisa" 207
Figura 85 - Manchete principal "Bolsonaro festeja suspensão de vacina; SP critica medida" 207
Figura 86 - Manchete na lateral esquerda na forma de olho com fala do ministro Pazuello 208
Figura 87 - Editorial "Pazuello, o tranquilão" 209
Figura 88 - Destacamento na forma de olho na matéria "Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa" 211
Figura 89 - Destacamento na forma de olho na matéria "Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua origem" 212
Figura 90 - Destacamentos na forma de olho na matéria "Pesquisa aponta aumento de tristeza e ansiedade em jovens na pandemia" 213

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Material de análise 66

Tabela 2 – Estrutura da primeira *thread* 120

Tabela 3 – Destacamentos nos textos impressos correspondentes a primeira *thread* 129

Tabela 4 – Estrutura da segunda *thread* 136

Tabela 5 – Destacamentos nos textos impressos correspondentes a segunda *thread* 145

Tabela 6 – Estrutura da terceira *thread* 151

Tabela 7 – Estrutura da quarta *thread* 163

Tabela 8 – Destacamentos nos textos impressos correspondentes a quarta *thread* 174

Tabela 9 – Estrutura da quinta *thread* 183

Tabela 10 – Destacamentos nos textos impressos correspondentes a quinta *thread* 201

Tabela 11 – Destacamento nas *threads* 216

Tabela 12 – Destacamento no impresso 217

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **16**
2 O DISCURSO JORNALÍSTICO **27**
2.1 O discurso jornalístico, seus Outros e o interdiscurso **30**
2.2 As balizas éticas do discurso jornalístico e a visão da Análise do Discurso **35**
2.3 As ferramentas do discurso jornalístico **39**
3 DESTACAMENTO, AFORIZAÇÕES E ENQUADRAMENTOS **42**
3.1 A aforização e a enunciação aforizante **46**
3.2 O problema entre a aforização e o jornalismo **50**
3.3 Os enquadramentos, interpretando aforizações **57**
4 O TECNODISCURSO: CARACTERÍSTICAS E METODOLOGIA **64**
5 AS THREADS JORNALÍSTICAS E A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO E SITES DE REDES SOCIAIS **70**
5.1 O Twitter, o tuíte e a thread **71**
5.2 O jornalismo no Twitter **82**
5.3 As threads jornalísticas da Folha de S. Paulo **86**
6 AS THREADS JORNALÍSTICAS COMO UM TECNOGÊNERO DO DISCURSO JORNALÍSTICO **91**
6.1 Gêneros web, a visão de Maingueneau **94**
6.2 Tecnogêneros, a visão de Paveau **98**
6.3 Gêneros web e tecnogêneros, uma conciliação entre Paveau e Maingueneau **100**
7 A SINTAXE DO DESTACAMENTO **104**
7.1 A sintaxe do destacamento, um olhar histórico **105**
7.2 A sintaxe do destacamento, impactos na contemporaneidade **109**
8 ANÁLISES DO MATERIAL **117**
8.1 Thread sobre a disponibilização gratuita de matérias sobre o coronavírus **119**
8.1.1 Resultados da análise 134
8.2 Thread sobre aprovação da vacina russa **136**
8.2.1 Resultados da análise 149
8.3 Thread "O governador, o presidente e a vacina" **151**
8.3.1 Resultados da análise 161
8.4 Thread "A quantas andam as vacinas contra a Covid19" **163**
8.4.1 Resultados da análise 181
8.5 Thread "Vacinas contra Covid-19: Verdades e mentiras" **182**
8.5.1 Resultados da análise 213
9 CONCLUSÕES **215**
REFERÊNCIAS **228**

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Relatório Reuters publicado em junho de 2022[1], o Twitter é a quinta "rede social"[2] mais utilizada por brasileiros para a leitura de notícias, atuando como fonte de informação para 13% dos entrevistados e, desse modo, possuindo um impacto significativo na forma como a população nacional realiza a leitura de enunciados jornalísticos e se atualiza acerca dos acontecimentos diários. A divulgação de notícias nessa plataforma é feita tanto por empresas de comunicação e jornais quanto por usuários comuns, entretanto, nesta dissertação nos interessa especificamente o modo como a Folha de S. Paulo produz enunciados do tipo discursivo jornalístico no Twitter usando os formatos de tuíte e *thread*. A escolha desse jornal em específico é justificada pelo fato de a Folha de S. Paulo representar um exemplar de "jornalismo de referência", conceito que descreve, segundo o trabalho de Zamin (2014) que compilou diversas definições propostas por pesquisadores da área, veículos de comunicação que tenham como características:

> Tradição, prestígio e credibilidade; servir de referência a outros jornais no próprio país; voltar-se para a política, a economia e os assuntos internacionais; ter como público um leitor competente do mundo público (as elites econômica e cultural), e possuir índices elevados de tiragem e circulação (2014, p. 931)

Consideramos que a Folha de S. Paulo se caracterizaria como um jornal com "tradição, prestígio e credibilidade" uma vez que seus exemplares impressos são publicados desde 1921, ao mesmo tempo, que essa empresa também se esforça para criar certa atmosfera de prestígio por meio de ações que reforçam seus compromissos com a ética jornalística, por exemplo, através da publicação, divulgação e venda de seu Manual de Redação e pelo fato de que "em 1989, o jornal foi o primeiro veículo de comunicação do Brasil a criar o cargo de Ombudsman[3]" (ROCHA, 2022, p. 40). O veículo também se destaca por ser o pioneiro em mudanças tecnológicas na sua área, como quando "em 1983, a Folha tornou-se a primeira redação jornalística informatizada da América do Sul" (ROCHA, 2022, p. 40). Ademais, a

[1] Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/brazil> Acesso em: 14 de junho de 2023.

[2] A definição de uma "rede social" será explorada com detalhes e com uma designação mais profunda no capítulo 5 desta dissertação, por enquanto, optamos em usar o termo entre aspas para sinalizar que o instituto Reuters considerou o Twitter como uma "rede social".

[3] Profissional em uma redação jornalística que, segundo o Manual de Redação da Folha de S. Paulo, tem a missão de ouvir reclamações do público, além de ser um "representante dos interesses do leitor, das fontes e dos personagens do noticiário na estrutura do jornal" (2021, p. 34)

Folha de S. Paulo atende aos critérios de se voltar para a cobertura de assuntos políticos, econômicos e internacionais, tendo inclusive editorias nesses temas, e serve de referência para outros veículos de comunicação no Brasil, principalmente os de menor porte e que atuam a nível municipal.

No entanto, mesmo se dando como "referenciável", não ignoramos as contradições históricas da Folha de S. Paulo que colocam em xeque o seu entendimento como "jornalismo de referência", como, por exemplo, nos episódios em que houve apoio ideológico ao golpe de 64 ou o fornecimento de veículos da empresa para a operação Oban, na qual militares combateram grupos de esquerda, ambos acontecimentos que foram confirmados pela Comissão Nacional da Verdade (CNV). Em resumo, acreditamos que a Folha de S. Paulo tenha características de jornalismo de referência e, simultaneamente, abranja aspectos que possam colocar a sua confiabilidade em dúvida. Por fim, a escolha desse jornal para compor o *corpus* da presente dissertação também é justificada pelo fato de o veículo ter sido o primeiro do Brasil a usar *threads* para divulgar informações em sua conta no Twitter, sendo um exemplar rico para as análises de produções textuais jornalísticas neste formato e também na forma de tuítes.

A propósito de uma designação, elucidamos que o tuíte é definido como um tecnogênero nativo da plataforma Twitter que conta com a limitação de 280 caracteres em seus enunciados e possui uma série de características tecnodiscursivas próprias e inerentes à sua produção, como a informação da hora e local de publicação do enunciado, foto de perfil, nome do usuário e outros. Todas essas informações de natureza tecnológica atribuem sentido a um tuíte e podem mudar a sua compreensão em diferentes condições de produção.

A natureza de um tuíte, que integra a dimensão tecnológica e linguageira de um enunciado, permite que o tecnogênero lance mão de diversas mídias além do texto escrito, alguns exemplos são vídeo, gif, áudio e os emojis. Portanto, os usuários do Twitter podem usar sua criatividade para, com o uso de 280 caracteres, elementos tecnodiscursivos (como a localização do enunciador e hora de publicação) e ferramentas multimídias, contar histórias pessoais, compartilhar informações e conteúdo jornalístico, expressar convicções e opiniões ou até mesmo criar literatura. Existem ainda os usuários que hackeiam[4] a plataforma e, comentando o próprio tuíte, dão continuidade ao seu tecnotexto, escapando do limite máximo

[4] Por "hackear" entendemos a prática de tomar controle de funções ou ferramentas e subverter o propósito ou funcionamento inicial para a qual essas eram previstas. Segundo Silveira, "os hackers exploram as falhas dos protocolos, suas propriedades e suas formas de controle.[...]. Nesse sentido, o verbo 'hackear' deve ser entendido como 'reconfigurar', explorar novas características, ir além do que os protocolos delimitaram, buscar a superação do controle" (2010, p. 38).

de caracteres e criando o que é chamado de *thread*, um formato em que o enunciador produz um "fio" que continua a sua enunciação e permite a exploração de novos modelos textuais e enunciativos nesta plataforma.

O campo teórico da Comunicação conta com um grande número de pesquisas sobre as relações entre o Jornalismo e o Twitter, dentre os brasileiros que mais se debruçaram sobre esse assunto estão Gabriela da Silva Zago, que tratou sobre a circulação de informação jornalística no Twitter em sua dissertação de mestrado e tese de doutorado (2011b, 2014), além de escrever artigos sobre como esta plataforma é responsável por pautar, servir como fonte e influenciar as produções jornalísticas de grandes veículos de comunicação (ZAGO, 2011a); o orientador desta pesquisadora, Alex Fernando Teixeira Primo, também desenvolveu pesquisas nesse âmbito ao tratar da relação entre o Twitter, a mídia tradicional e da forma como essa plataforma pode ser usada como fonte de informação jornalística (2008, 2011); ainda no campo da Comunicação, também podemos citar um trabalho que descreve os papéis dos veículos jornalísticos no Twitter e foi efetuado por uma pesquisadora parceira desses dois últimos (RECUERO, 2011).

Por sua vez, as *threads* possuem um número menor de pesquisas realizadas. Encontramos sobre esse tema apenas um artigo sobre o modo como essas podem ser usadas para a divulgação científica (SILVA et al, 2021) e a dissertação de mestrado *Siga o fio: as possibilidades da narrativa jornalística a partir da thread no Twitter* (ROCHA, 2022) em que são analisadas *threads* jornalísticas publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo de acordo com a base metodológica da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica da Narrativa. No entanto, até o momento nenhum trabalho tratou das relações entre as *threads* e o jornalismo segundo o prisma teórico e metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, debatendo o fato de os enunciados jornalísticos nessa forma se caracterizarem como um novo gênero do tipo discursivo jornalístico, ou analisando fatores como os destacamentos, as possíveis interpretações de enquadramentos, os elementos tecnodiscursivos presentes e seus reflexos no sentido dos enunciados, o impacto da sintaxe do destacamento nessas produções e, até mesmo, as próprias características linguísticas e discursivas (no sentido ligado à Análise do Discurso) desse fenômeno, o que são justamente as propostas da presente dissertação.

Em relação ao material disponível nas *threads* e que foi recrutado para esta pesquisa, podemos afirmar que os enunciados são, em sua ampla maioria, fragmentos destacados de um texto-fonte, ou seja, trechos que são removidos de uma notícia disponível no site da Folha de S. Paulo e são publicados na conta do Twitter dessa empresa. Maingueneau já havia previsto a possibilidade desse fenômeno ao escrever sobre a tendência de destacabilidade que certos

trechos de um texto apresentam. Segundo o autor, esse conceito diz respeito às "propriedades de certas frases que as fazem ser destacadas e circular, eventualmente, fora do texto de que fizeram parte na origem" (2014, p. 7). Em resumo, a destacabilidade levaria ao destacamento e transformação do enunciado em uma aforização, revelando a existência de um outro regime de enunciação além do textualizante, no qual os enunciados não estão sujeitos aos gêneros discursivos, não se destinam "a um alocutário específico, mas a um auditório que está em outro plano" (MAINGUENEAU, 2014, p. 179) e representam "uma enunciação anterior, pela intervenção de um terceiro que converte o locutor original em uma instância – o aforizador – que é o produto da operação do destacamento enunciativo" (MAINGUENEAU, 2014, p. 180).

Segundo Maingueneau, "o desenvolvimento recente de uma configuração que associa estreitamente mídia impressa, rádio, televisão, internet e telefonia móvel permite usar em nível inigualável o destacamento" (2008a, p. 100). Reconhecemos que o destacamento tem sido usado em larga escala na comunicação midiática contemporânea, principalmente na mídia digital, e defendemos que esse também é responsável por atuar como um mecanismo que fornece ao leitor em um curto período de tempo as principais informações de um texto jornalístico, proporcionando assim uma leitura superficial e menos contextualizada de uma matéria ou notícia. Neste sentido, Byung-Chul Han, filósofo contemporâneo que estuda o digital e seus impactos na vida humana, prolonga a discussão ao afirmar que a comunicação no ambiente virtual é:

> Contagiante na medida em que ela ocorre imediatamente em planos emocionais ou afetivos. O contágio é uma comunicação pós-hermenêutica, que não dá verdadeiramente nada a ler ou pensar. Ela não pressupõe nenhuma leitura, que se deixa acelerar apenas de maneira limitada. Uma informação ou um conteúdo, mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio viral. A mídia escrita é lenta demais para isso. (2018, p. 50)

Esse filósofo reconhece que o efeito de contágio na comunicação virtual, do excesso de informação e da viralização no ambiente digital desfavorecem a lógica estabelecida anteriormente para a obtenção de conhecimento e informação. Nas palavras do autor, o indivíduo atual é mais bem definido como um "caçador de informação", ou seja, alguém que não espera os dados se concretizarem e que não se preocupa com contextualizações ou com a leitura completa de um texto completo para obter a informação desejada, mas que vive "em busca por presas, os caçadores de informação rondam pela rede como por um campo de caça digital" (HAN, 2018, p. 40).

Moraes, a partir da visão de uma analista do discurso, corrobora com essa afirmação ao alegar que, no ambiente digital, "é comum que se leiam apenas títulos e, se as matérias jornalísticas já são um recorte da realidade, pré-definido de acordo com uma linha editorial, estes são um 'recorte do recorte', um aspecto 'destacado' do assunto abordado, focado num certo posicionamento" (2017, p. 827). Dessa forma, podemos então entender a proposta do conceito de "sintaxe do destacamento" que, segundo a própria pesquisadora, é definido como "um elemento decisivo na discursividade contemporânea, estabelecendo a possibilidade de relações entre o funcionamento do destacamento e a potencialização da memória discursiva" (MORAES, 2020, p. 1567).

A sintaxe do destacamento sugere a existência de um "primado do destacamento", ou seja, nos conduz ao entendimento de que a produção textual na contemporaneidade se baseia na confecção de enunciados "destacáveis", em outras palavras, que possuem trechos que podem ser detextualizados, circularem independentemente de suas fontes no regime aforizante, e que possam atuar como "resumos" de seu material originário. Ao mesmo tempo, Moraes também ressalta que "os elementos destacados constituem aspectos importantes na formação de memória discursiva" (2020, p. 1554-1555), apontando como títulos, subtítulos, legendas, destacamentos presentes no Twitter e demais formas de destaques são, por diversas vezes, os únicos pontos de contato que um "caçador de informação" possui com o enunciado jornalístico, de forma que estes "recortes dos recortes" da realidade representariam os enunciados que seriam potencialmente fixados na memória discursiva de um sujeito.

Ainda podemos incluir neste debate as asserções de Wolf, neurocientista que estuda a leitura e os seus impactos nos seres humanos. Segundo a autora, durante o processo de aquisição da leitura:

> Há genes dedicados a capacidades básicas, como a linguagem e a visão, que acabam sendo reaproveitados na formação do circuito de leitura, mas esses genes, por si só, não produzem a capacidade de ler. Para nós, seres humanos, ler é algo que tem que ser aprendido. Isso significa que precisamos de um ambiente que nos ajude a desenvolver e conectar um sortimento complexo de processos básicos e não tão básicos, de modo que cada jovem cérebro possa formar seu próprio circuito de leitura novo em folha. (WOLF, 2019, p. 27)

A plasticidade do cérebro humano, ou seja, a capacidade desse órgão de se adaptar e se desenvolver de acordo com os estímulos do ambiente, "permite-nos aprender toda sorte de atividades não planejadas geneticamente – desde fazer a primeira roda, até aprender o alfabeto ou surfar na rede" (WOLF, 2019, p. 26). Sendo assim, a pesquisadora defende que nossa

capacidade de leitura, e até mesmo os circuitos cerebrais responsáveis por essa tarefa, são impactados de forma significativa pelo tipo de conteúdo que é consumido por um indivíduo:

> A origem não natural e, sim, cultural do letramento – primeiro aspecto enganosamente simples a considerar sobre a leitura – significa que os jovens leitores não têm um programa de base genética para desenvolver esses circuitos. Os circuitos do cérebro leitor são formados e desenvolvidos por fatores tanto naturais como ambientais, incluindo a mídia em que a capacidade de ler é adquirida e desenvolvida. Cada mídia de leitura favorece certos processos cognitivos em detrimento de outros. (WOLF, 2019, p. 17)

Portanto, a ascensão de um ambiente digital que estimula a circulação de conteúdos destacados e de enunciados no regime de textualização aforizante pode favorecer o desenvolvimento de circuitos neurais que têm preferência por uma leitura mais rasa e superficial. Em uma dinâmica de retroalimentação, o espaço digital privilegia a escrita com base em uma sintaxe do destacamento, essa por sua vez "produz" um cérebro leitor adaptado a esse modo de escrita e que, por fim, gera leitores que buscam por novos conteúdos feitos desse modo.

Para analisar esse fenômeno e entender como o ambiente digital, ao incitar o uso de enunciados destacados, gera impactos nos modos de leitura, na construção de textos jornalísticos e na fixação de memória discursiva, as análises conduzidas nesta dissertação optaram por recrutar para o *corpus threads* jornalísticas que tratam do desenvolvimento de vacinas para o coronavírus e que foram publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo em seu perfil no Twitter durante o ano de 2020. Esse tema foi escolhido devido a sua relevância e por ter sido o único que foi alvo de 5 diferentes *threads*, permitindo a criação de um *corpus* com temática unificada e com um número suficiente de enunciados a serem analisados. Ao mesmo tempo, também foram recrutados os textos-fonte de todos os enunciados destacados presentes nas *threads*, ou seja, as matérias jornalísticas disponíveis no site do jornal a partir das quais os enunciados foram destacados, e, para propósito de comparação, a versão impressa (ou digitalizada) de todos os textos-fonte disponíveis no site.

Ressaltamos que todas as análises conduzidas nesta pesquisa se situam dentro da base teórica e metodológica da Análise do Discurso de linha francesa (AD), uma disciplina da Linguística que se constitui a partir de uma visão integrada com outras áreas do conhecimento, com destaque privilegiado para as condições de produção de um enunciado. Ao propor os fundamentos dessa área, Pêcheux deixa claro que "fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente

linguístico" (1997, p. 78). O autor exemplifica como, em decorrência de diferentes contextos sociais e históricos, um enunciado pode assumir sentidos diversos: "a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa" (PÊCHEUX, 1997, p. 78).

De acordo com a base teórico-metodológica da AD, o sentido de um discurso, além de estar ligado às condições de produção, também tem relação com os outros discursos que delimitam e competem com esse primeiro. Sendo assim, "o interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 20). Tais afirmações estão em concordância com o que foi postulado por Pêcheux sobre a interdiscursividade em *Por uma Análise Automática do Discurso* (1997): "impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção" (1997, p. 79).

O primado do interdiscurso implica que diferentes formações discursivas atuam como o "Outro" de suas concorrentes, ou seja, "a formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 37). Em seu livro *Gênese do Discurso* (2008b), Maingueneau criou as bases para uma Semântica Global, que seria determinante para a formação de sentido na prática discursiva, defendendo ainda que essa não é o suficiente para estabelecer uma abordagem formalista do discurso em que seu sentido seria fechado em si mesmo como uma estrutura autônoma: "o primado do interdiscurso já afeta notavelmente o caráter autônomo do modelo semântico, já que não se está mais diante de objetos fechados e compactos, mas em um espaço de circulação semântica articulado sobre uma descontinuidade fundadora" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 161). Segundo esse autor, as pesquisas na AD devem partir da perspectiva interdiscursiva sempre levando em conta as condições de produção nas quais os enunciados se situam, visão resumida em: "uma teoria válida deverá acomodar os resultados apresentados aqui e, em particular, o fato de que é antes de tudo pelo sistema de restrições semânticas que deve passar a inscrição das práticas discursivas em suas conjunturas históricas" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 160).

Por sua vez, como as análises efetuadas na presente dissertação tratam de discursos jornalísticos na forma de *thread*, propomos somar o nível tecnológico ao linguístico-histórico, uma vez que tomamos como ponto inicial o fato de que os aparelhos usados na produção e disseminação de discursos alteram o sentido de um enunciado. Segundo Maingueneau,

durante o processo de análise é preciso "reservar um lugar importante ao modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc." (2004, p. 71) e também considerar que "o mídium não é um simples 'meio' de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos" (MAINGUENEAU, 2004, p. 71). Quando o autor reflete sobre o mídium, ou seja, a forma como o discurso é difundido (digital, impresso, sonoro etc.), entendemos que, além disso, os componentes tecnológicos usados na produção também possuem impactos no sentido.

Ao tratar da emergência dos tecnodiscursos, ou seja, os enunciados nativos digitais que possuem suas formas profundamente afetadas e definidas pela tecnologia, sendo esta não apenas um suporte, mas também atribuidora de significado (PAVEAU, 2021, p. 31), em seu livro *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas* (2021), Marie-Anne Paveau reconhece o efeito das máquinas no sentido dos enunciados ao ressaltar que "os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, que as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras" (2021, p. 31). Portanto, para evitar resultados incompletos em análises, um pesquisador da AD deve levar em conta também a dimensão técnica: "a marginalização da máquina, considerada um componente extralinguístico, leva a trabalhar com as formas necessariamente estereotipadas da língua e não sobre com [sic] as formas singulares, compósitas, mistas, repletas de ruídos e de impulsos do mundo" (PAVEAU, 2021, p. 30).

Entretanto, vale ressaltar que nesse processo evitamos o deslumbramento com o digital, assim dizendo, não acreditamos que os discursos nativos digitais sejam os *únicos* com uma dimensão técnica e que computadores, a internet ou a web sejam as únicas formas de tecnologia que impactam no sentido dos enunciados, ou até mesmo que essas sejam criadoras de realidades e fenômenos completamente novos e de uma revolução nunca vista antes. Em nossa visão, até mesmo itens aplicados para a escrita (como um lápis, a caneta ou a prensa de Gutenberg) também devem ser vistos como tecnologia que impõe restrições e mudanças, deixam marcas, incentivam a criatividade e são responsáveis por gerar imensos impactos no sentido e na construção dos enunciados.

Sendo assim, reconhecemos que a Internet[5] e a Web[6] são formas de tecnologia que modificam a criação, a circulação e impactam no sentido de um enunciado quando usadas para a produção de discursos e que, no caso específico desta dissertação, estamos tratando de enunciados nativos digitais e da forma como essas tecnologias impactam os enunciados jornalísticos. No entanto, não ignoramos que tecnologias anteriores também realizaram outros impactos diversos. Moraes já havia debatido sobre esse assunto ao afirmar que "em vez de se pensar que as novas tecnologias proporcionaram uma nova sociedade, poderíamos considerar, de modo complementar, que a sociedade é hoje tal que permitiu o surgimento e o avanço de tais tecnologias" (2017, p. 828).

Nesse sentido, defendemos que as condições de produção de um discurso seriam mais complexas do que "as relações interindividuais que se manifestam no âmago de um grupo" (COURTINE, 2009, p. 51) e as conexões entre os planos históricos, psicossociológicos e linguísticos nos quais um discurso foi produzido, sendo necessário levar em consideração a tecnologia que está por trás da produção e circulação dos enunciados para ter uma visão completa, sendo esta uma prática que deve ser adotada não apenas nesta pesquisa, mas também em outras que se sucederão e que tratem de discursos plasmados em qualquer tipo de mídium, não apenas o digital.

No que diz respeito ao objetivo geral desta dissertação, afirmamos que essa tem como principal propósito contribuir com o avanço dos estudos da Análise do Discurso acerca dos discursos em ambiente digital, do discurso jornalístico e do discurso jornalístico no meio digital. Buscamos apresentar perspectivas teóricas sobre esses assuntos que podem ser bases para futuras pesquisas e formular análises que abram espaço para discussões de outros pesquisadores, além de proporcionar uma solidificação e ampliação dos conhecimentos sobre os temas.

Por sua vez, dentre os objetivos específicos, listamos, primeiramente, o intuito de analisar e comparar os possíveis enquadres das aforizações (MAINGUENEAU, 2014)

---

[5] Por "Internet" usamos a definição de Castells (2011). O autor considera essa um sistema de comunicação com uma "rede independente de centros de comando e controle" (2011, p. 82), cujo objetivo seria enviar uma mensagem que "procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido coerente em qualquer ponto da rede. Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu o empacotamento de todos os tipos de mensagens, inclusive de som, imagens e dados, criou-se uma rede que era capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controles" (CASTELLS, 2011, p. 82).

[6] Por "Web" usamos a definição de Castells (2011): "Por volta de 1990 os não-iniciados ainda tinham dificuldade para usar a Internet. A capacidade de transmissão de gráficos era muito limitada, e era dificílimo localizar e receber informações. Um novo salto tecnológico permitiu a difusão da Internet na sociedade em geral: a criação de um novo aplicativo, a teia mundial (*world wide web* – WWW), que organizava o teor dos sítios da Internet por informação, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas" (2011, p. 87-88).

presentes nas *threads* jornalísticas e nos textos impressos (ou digitalizados) publicados pelo jornal Folha de S Paulo, encontrando as características e as maneiras próprias nas quais ocorre o processo de destacamento no jornalismo nesses dois diferentes míduns e, dessa forma, entendendo como a web impacta no processo de produção do texto jornalístico. Além disso, as análises também buscam pontuar alguns dos impactos discursivos – que se manifestam por meio da Sintaxe do destacamento (MORAES, 2019) – e cognitivos – verificados nas mudanças no cérebro leitor e no circuito de cognição (WOLF, 2019) – que são causadas pela forma de funcionamento e produção dos enunciados em ambientes digitais.

Especificamente sobre as *threads* jornalísticas, a presente dissertação tem como objetivo encontrar características típicas deste gênero, levando em consideração a compreensão de uma Sintaxe do destacamento (MORAES, 2019) e demonstrando como as *threads* jornalísticas constroem a sua cena da enunciação e cenografia (MAINGUENEAU, 2017) no ambiente digital para se caracterizarem como participantes do tipo do discurso jornalístico. Além disso, buscamos pontuar os impactos dos elementos tecnodiscursivos (PAVEAU, 2021) próprios dos tuítes no sentido das *threads*.

Durante o desenvolvimento da dissertação, ainda nos preocupamos em contribuir para a solidificação da base teórico-metodológica da Análise do Discurso, propondo uma unificação das visões de gêneros discursivos na web (MAINGUENEAU, 2017) e tecnogêneros (PAVEAU, 2021), tornando assim possível a classificação das *threads* jornalísticas como um novo tecnogênero participante do tipo discursivo jornalístico.

Por fim, os objetivos específicos também se dispõem a proporcionar bases teóricas e metodológicas para futuros estudos sobre *threads* jornalísticas ou sobre o discurso em ambiente digital, além de testar e propor uma nova metodologia de análises dentro do campo teórico-metodológico da Análise do Discurso, com base na contabilização de destacamento, apontamento das possíveis classificações de enquadres e comparação entre os dados obtidos em enunciados publicados em dois mídiuns diferentes.

A estrutura da pesquisa contará com reflexões acerca do discurso jornalístico, suas características e delimitações próprias; a introdução de noções necessárias para as análises aqui defendidas, como os conceitos de destacamento, aforização e enquadres (MAINGUENEAU, 2010 e 2014); seguida pela apresentação de conceitos fundamentais relacionados aos tecnodiscursos, como relacionalidade, ampliação e deslinearização (PAVEAU, 2021) além de discorrer sobre os procedimentos teórico-metodológicos que serão utilizados; apresentar e propor uma unificação das concepções de gêneros web (MAINGUENEAU, 2017) e tecnogêneros (PAVEAU, 2021); e da proposta de análise do

fenômeno das *threads* a partir do prisma de uma Sintaxe do Destacamento (MORAES, 2019) que seria determinante para as características do discurso em meio digital. Por fim, finalizamos a dissertação com as análises do *corpus* selecionado, resgatando todos esses conceitos, e com a apresentação de nossas conclusões e dos resultados obtidos neste processo.

2 O DISCURSO JORNALÍSTICO

Para o propósito desta pesquisa, é preciso proporcionar uma definição clara do que é o discurso jornalístico, uma vez que esse é o objeto que está sendo estudado e manuseado ao longo da presente dissertação. Este capítulo irá focar em tratar das características, limitações e o funcionamento desse discurso, por isso, em diversos momentos ao longo do trabalho serão citadas informações que estão descritas com mais detalhes neste item. Desse modo, esta fração da dissertação serve como um alicerce básico ao qual faremos referência quando forem tratados temas como as características dos enunciados jornalísticos, suas delimitações frente a outros discursos e suas restrições éticas.

Com o intuito de esclarecer a metodologia, é preciso enfatizar que utilizamos a definição de "gênero" e "tipo" de discurso segundo Maingueneau. Esse autor afirma que: "os gêneros de discurso constituem, de alguma maneira, os átomos da atividade discursiva. Mas eles só adquirem sentido quando integrados a unidades de classe superior, os tipos de discurso" (MAINGUENEAU, 2015, p. 66). A respeito dos tipos de discurso, o autor define o termo como um conceito usado para "designar práticas discursivas ligadas a um mesmo setor de atividade, agrupamentos de gêneros estabilizados por uma mesma finalidade social" (MAINGUENEAU, 2015, p. 66). Consideramos que, segundo a visão desse analista do discurso, podem ser caracterizados como gêneros[7] unidades como a notícia, a nota

[7] O Jornalismo, como área do conhecimento independente, conta com pesquisadores que elaboraram classificações próprias para os gêneros, diferentes daquelas estabelecidas pela AD. Sendo assim, citamos a teoria jornalística dos gêneros apenas para efeito de figuração, uma vez que nesta dissertação utilizamos a base teórico-metodológica da Análise do discurso.
Em uma revisão recente sobre o assunto, José Marques de Melo e Francisco de Assis defenderam a existência de "cinco gêneros consagrados pela cultura jornalística brasileira: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário – cujas variantes estilísticas passaram a ser agrupadas em formatos" (2010, p. 27). O gênero informativo incluiria formatos como a notícia e a nota e se daria em textos em que "a instituição jornalística assume o papel de observadora atenta da realidade, cabendo ao jornalista proceder como 'vigia', registrando os fatos, os acontecimentos e informando-os à sociedade" (MARQUES DE MELO, 2003, p.28). Por outro lado, o gênero opinativo abriria espaço para a manifestação das opiniões do jornalista ou do jornal, englobando formatos como editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor.
O gênero interpretativo, por sua vez, figura em textos nos quais existe um "esforço analítico e documental que procurou situar mais precisamente o cidadão diante dos acontecimentos" (MARQUES DE MELO, 2003, p.47), ou seja, quando as informações são apresentadas com maiores contextualizações, por exemplo, em grandes reportagens. Inicialmente, Marques de Melo afirmava que o gênero interpretativo não existia de maneira independente, sendo apenas um integrante da categoria informativa, porém, em *Gêneros jornalísticos no Brasil* (2010) o autor revê essa afirmação, criando distinção entre os gêneros informativo e interpretativo e reconhecendo que as classificações podem mudar com o passar do tempo: "nunca deixei de considerar aquele retrato dos gêneros jornalísticos como espelho de uma conjuntura específica. Longe de considerá-lo como fonte duradoura, sempre alertei para a natureza efêmera da classificação e dos conceitos enunciados" (MARQUES DE MELO e ASSIS, 2010, p. 26).
Por fim, os dois últimos gêneros que figuram na teoria jornalística de Marques de Melo são o utilitário, que visa "orientar o leitor, seja para o consumo de bens simbólicos, para o lazer e a cidadania" (MARQUES DE MELO e ASSIS, 2010, p. 228), esse se materializa em dados e indicadores presentes no jornal, como a previsão do tempo,

informativa, a reportagem escrita, a reportagem televisiva, a entrevista ping pong e diversos outros. Todos esses se encontram abarcados dentro do tipo de discurso jornalístico, que é ligado a uma atividade e agrupa os gêneros descritos anteriormente. Essa organização será abordada com mais profundidade no Capítulo 6 da dissertação.

Em primeiro lugar, para iniciar uma reflexão sobre o discurso jornalístico, partimos da definição desse segundo Ringoot. Em seu livro *Analyser le Discours de Presse* (2014), a autora traça uma delimitação ao afirmar que este discurso "permanece no âmbito dos produtos jornalísticos. Não abrange todos os discursos dos jornalistas, apenas aqueles que eles proferem no âmbito da mídia de exercício" (2014, p. 16)[8]. Em outras palavras, segundo a autora, um enunciado pode ser considerado como pertencente ao discurso jornalístico quando for produzido por um enunciador na posição profissional de jornalista.

Concordamos com essa percepção, e acreditamos que é possível ir ainda além na definição do tipo de discurso jornalístico com base no que foi definido por Maingueneau em *Gênese dos discursos* (2008b). A partir das reflexões desse autor, começamos tratando do conceito de campo discursivo, sendo esse um espaço em que diferentes "formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 34). O tipo de discurso jornalístico estaria localizado no campo discursivo da comunicação, encontrando-se em concorrência e, ao mesmo tempo, delimitando e sendo limitado por outros tipos de discursos que fazem parte do mesmo campo, como o publicitário, o do entretenimento, o do marketing, e tantos outros. Vale lembrar que, para Maingueneau, a concorrência deve ser entendida não apenas como embate, mas também a partir de outras relações, como a neutralidade aparente ou até mesmo uma aliança (2008b, p. 34).

O primado do interdiscurso reconhece que é com base na relação que o discurso jornalístico estabelece com os seus Outros que a sua identidade é criada (MAINGUENEAU, 2008b, p. 35-36). Se o que existe *à priori* é o interdiscurso, a partir do qual um discurso se manifesta estabelecendo relações com outros, "a definição de uma rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 35-36), então, o tipo de discurso

---

a taxa de câmbio de diversas moedas ou os horários do cinema de uma cidade; e o gênero diversional, que busca entreter os leitores, fornecendo histórias interessantes sobre celebridades ou esportes, por exemplo.
Em resumo, enquanto para a Análise do discurso a classificação se estabelece em "tipo do discurso jornalístico" que engloba "gêneros" (notas, notícias, reportagens etc.), do ponto de vista do Jornalismo a classificação se estabelece em "gêneros" (informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário) que abarcam "formatos" (nota, notícias, reportagens etc.)

[8] Tradução feita pelo autor, no original em francês: "Reste dans le périmètre des produits journalistiques. Il n'englobe pas tous les discours des journalistes, seulement ceux qu'ils livrent dans le cadre du média d'exercice"

jornalístico emerge como fundamentado, com identidade própria e com delimitações definidas do que é possível ou não enunciar de dentro de sua semântica global, ao estabelecer relações de antagonismo ou de aliança com seus "vizinhos" no campo discursivo, como a publicidade, propaganda, entretenimento etc. É certo que "a delimitação de tais campos não tem nada de evidente, não basta percorrer a história das ideias para vê-los oferecer-se por si mesmos à apreensão do analista" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 34), no entanto, ainda é possível encontrar documentos que imponham limites entre o tipo de discurso jornalístico e outros do campo da comunicação. Um exemplo desses documentos são os códigos de deontologia desta profissão.

Bertrand dedicou o seu livro *A deontologia das mídias* (1999) ao estudo de códigos deontológicos do jornalismo, ou seja, aos conjuntos de regras redigidos por profissionais desta área que ditam "o que 'se faz' e 'não se faz'. Mas em todos os países do mundo, organizações corporativas julgaram útil redigir uma carta dos deveres dos jornalistas" (BERTRAND, 1999, p. 52). Em uma explicação mais detalhada a respeito dos códigos de deontologia no jornalismo, o autor afirma que:

> A deontologia – no que concerne à mídia, é um conjunto de princípios e de regras, estabelecidos pela profissão, de preferência em colaboração com os usuários, a fim de responder às necessidades de diversos grupos da população. A excepcionalidade de que goza o jornalismo, dentre as instituições democráticas, consiste em que seu poder não repousa num contrato social, numa delegação do povo por eleição ou nomeação com diploma ou por voto de uma lei impondo normas. Para manter seu prestígio e sua independência, a mídia precisa compenetrar-se de sua responsabilidade primordial: servir a população (BERTRAND, 1999, p. 22-23)

A pesquisadora Érika de Moraes demonstra a forma como os códigos deontológicos são importantes para a definição das características do discurso jornalístico ao afirmar que "a imprensa tradicional evoca a deontologia para produzir o efeito da credibilidade na tentativa de resguardar seu papel contemporâneo, o que nos leva a considerar a deontologia como elemento constitutivo das condições de produção do discurso jornalístico" (2019, p. 25). Se partirmos do princípio que jornalistas devem produzir enunciados que estão de acordo com a deontologia para que esses sejam éticos e pertencentes ao discurso jornalístico, entendemos que a deontologia jornalística atua como uma série de critérios básicos para que um enunciado possa ser ou não entendido como bem formado e pertencente ao discurso jornalístico.

Sendo assim, para que o discurso jornalístico se desvincule de outros tipos do discurso no campo da comunicação, esse deve seguir as normas deontológicas e não pode ser acusado, com argumentos convincentes, de tratar-se, na verdade, de enunciado do Outro com o qual o

Mesmo compete. Em outras palavras, a deontologia norteia as regras para que os profissionais do jornalismo produzam enunciados que não sejam tachados de pertencentes a outros tipos do discurso do campo discursivo da comunicação, por exemplo, o da publicidade, entretenimento, marketing etc. Bertrand corrobora com estas afirmações ao escrever que "em toda profissão, há coisas 'que se fazem' e coisas 'que não se fazem'. Tradicionalmente, elas se aprendem no trabalho – e aquele que viola os hábitos muitas vezes é condenado ao ostracismo" (1999, p. 79-80). No entanto, o autor ainda ressalta que um código deontológico de um jornal "não é um texto sagrado, com o qual esperam que todos se comprometam, mas um *vade-mecum*, cuja eficácia pressupõe senso moral por parte do jornalista" (BERTRAND, 1999, p. 79).

Trataremos neste capítulo, em primeiro lugar, sobre as relações, delimitações, e as imagens que o discurso jornalístico estabelece com o seu Outro e de si Mesmo, tendo em vista que essa é a forma como o discurso primeiramente emerge a partir do interdiscurso. Em seguida, apresentaremos a maneira como este discurso se propõe a agir eticamente, e como, do ponto de vista da Análise do Discurso, entende-se ser possível ou não atingir os objetivos aos quais a prática busca alcançar. Por fim, abordaremos as características e ferramentas usadas pelo discurso jornalístico que lhe acarretam a aparência e qualidades típicas, além do distanciamento de outros discursos do campo da comunicação.

2.1 O discurso jornalístico, seus Outros e o interdiscurso

O pesquisador português Jorge Pedro Sousa escreve em seu livro *Elementos de Jornalismo Impresso* (2001) um código deontológico e um manual de redação para o jornalismo impresso em seus diversos gêneros. Segundo o autor, é possível afirmar que essa forma de comunicação tem diversas finalidades, entretanto, "a principal função do jornalismo, nos estados democráticos de direito, é a de manter um sistema de vigilância e de controle dos poderes" (SOUSA, 2001, p.13). No entanto, não é possível ignorar que "o jornalismo deve ser comunicação útil. Informar, jornalisticamente falando, também significa noticiar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, estejam ou não relacionados com a ação dos agentes de poder" (SOUSA, 2001, p. 13). O código de deontologia do jornal Folha de S. Paulo – veículo estudado nesta dissertação – faz afirmações parecidas ao escrever que "a prioridade máxima do trabalho jornalístico continua sendo divulgar a informação exclusiva: o fato relevante, inédito e bem apurado" (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 19).

Sousa ainda cita outras funções do jornalismo, como a de educar socialmente seus leitores, por exemplo, com informações sobre o meio ambiente, ou também de proporcionar "prazer, distração e entretenimento, oferecendo aos seus leitores prosas cativantes, histórias bem contadas, notícias interessantes (e não apenas notícias importantes), *fait-divers*, tiras de banda desenhada, passatempos, conselhos de beleza e de moda etc." (SOUSA, 2001, p. 14-15).

Nesta dissertação, defendemos que, para que um enunciado seja considerado do tipo jornalístico, esse precisa ter por objetivo divulgar informações, sejam estas "úteis" e "relevantes", ou "interessantes" e "divertidas". Reconhecemos assim a existência de gêneros como o jornalismo esportivo ou de celebridades, que informam dados que interessam para uma parcela da população e estão por vezes próximos da fronteira com o tipo do discurso do entretenimento.

No entanto, há ainda mais um aspecto intrínseco ao discurso jornalístico que lhe atribui traços próprios e o separa de outros tipos discursivos: o uso de restrições éticas impostas pelos códigos de deontologia e pelos profissionais dessa prática. Propondo uma definição geral, Nilson Lage (1981, p. 19) afirma que as três balizas éticas que norteiam o jornalismo são: produzir um relato baseado na imparcialidade, objetividade e na veracidade. Se é possível alcançar esses objetivos, é uma questão que problematizaremos mais adiante, no próximo subcapítulo. No caso da Folha de S. Paulo, as restrições éticas estabelecidas no Manual de Redação afirmam que o jornal busca ser o produtor de "jornalismo crítico, plural e apartidário, que se propõe a fazer um relato isento e confiável dos acontecimentos" (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 67).

Tendo em vista esses dois requisitos que o discurso jornalístico cria para que enunciados possam se enquadrar como bem formados em seu tipo, podemos afirmar que, dentro do campo discursivo da comunicação, os discursos que se propõem a comunicar sem a prioridade máxima de informar o cidadão, e que não buscam a imparcialidade, objetividade e veracidade, seriam então, em um primeiro momento, o Outro do discurso jornalístico.

Sobre o tema, Bertrand afirma acerca do discurso publicitário: "seu fim principal, frequentemente, é seduzir um público a fim de vendê-lo aos anunciantes" (1999, p. 38). O autor ainda completa que: "para alguns observadores a publicidade desempenha um papel benéfico: informa e, estimulando o consumo e a concorrência, permite baixos preços (para a mídia em particular). Outros, ao contrário, acusam-na de manipulação, de incitação ao desperdício e à poluição" (BERTRAND, 1999, p. 38).

Para manter a própria identidade, um discurso precisa recortar o que pode ser enunciado dentro de suas limitações, tornando assim o seu Outro "aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquela parte do sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 37). O discurso jornalístico tenta sacrificar em seus enunciados algumas das características do discurso publicitário, como a parcialidade e subjetividade, para assim se manter distante de seus Outros. Por mais que seja impossível eliminar esses elementos inteiramente, é a tentativa constante e a aparência de sucesso que conferem credibilidade ao jornalismo como difusor de informações de interesse público.

Bertrand, embora não do ponto de vista de um analista do discurso e sim de um estudioso da área da Comunicação, entendeu também a necessidade de o jornalismo firmar as suas bases e delimitar a extensão dos seus enunciados para manter a própria identidade. O autor afirma que é crucial "distinguir bem entre publicidade e redacional. E não misturar fatos e comentários: mas feita esta distinção, todo meio de informação tem o direito de ser partidário se assim o desejar, com a condição de não deformar a informação" (BERTRAND, 1999, p. 105).

Embora o discurso jornalístico necessite da publicidade, uma vez que é dos anúncios que advém a maior parte da receita dos jornais, a mistura entre os dois discursos pode trazer dúvidas sobre a credibilidade e as intenções de um enunciado que se afirma como parte do discurso jornalístico. Se, como Bertrand (1999) postula, o objetivo do discurso publicitário é seduzir o consumidor e fazê-lo comprar, o jornalismo, que busca, por definição, informar de forma isenta e imparcial, não deveria fazer suas atividades com a intenção de instruir um leitor a consumir, uma vez que assim a sua imparcialidade poderia ser comprometida por interesses econômicos.

Sobre essa relação complexa que é estabelecida entre esses dois discursos, o Manual de redação da Folha de S. Paulo declara acreditar que:

> Uma publicidade livre e diversificada é essencial para manter a independência do jornalismo. Julga legítima a comercialização de conteúdos patrocinados, financiados por anunciantes ou parceiros, desde que a natureza publicitária do produto seja transparente para os leitores e não haja envolvimento da Redação na sua confecção (2021, p. 22)

O ato de a Folha de S. Paulo proibir seus jornalistas de atuarem na redação de material publicitário comprova mais uma vez a importância de separar o discurso jornalístico de um dos seus Outros, no caso o discurso publicitário, para garantir que o jornalismo continue com

a sua credibilidade: “conquistar a confiança do leitorado é uma tarefa árdua; perdê-la é fácil” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 43).

Forma-se assim um jogo duplo, enquanto o discurso publicitário busca os veículos jornalísticos para publicar os seus enunciados e atingir leitores, o discurso jornalístico, que necessita da verba disponibilizada pela publicidade, tenta se distanciar o máximo possível e a todo o custo demarcar suas fronteiras para manter a sua credibilidade. Nas palavras de Bertrand:

> Os anunciantes – São os principais clientes da maior parte da mídia e asseguram-lhe a prosperidade. Preocupam-se com a qualidade dos conteúdos na medida em que esta cria uma atmosfera de confiança favorável à publicidade e permite a alguns atingir o público que lhes interessa. Em contrapartida, fazem pressão sobre a mídia, de diversas maneiras (relações públicas, presentes), para que esta apague a fronteira entre o anúncio e a informação. Acusam-nos às vezes de serem os piores adversários da “responsabilidade social” (1999, p. 44)

Mudando o foco do tipo do discurso publicitário para o tipo do discurso do entretenimento, mais um dos Outros do tipo jornalístico, o apagamento entre as fronteiras desses dois pode ser considerado ainda mais complexo. Segundo Bertrand:

> A fronteira entre jornalismo e entretenimento nunca foi nítida e é cada vez menos: a imprensa popular sempre privilegiou o divertimento e a mídia comercial impregna agora todos os seus produtos com entretenimento. A sobreposição é quase inevitável: uma notícia pode ser interessante e sem importância; em contrapartida, aprende-se muito divertindo-se. Os dois tipos de mídia fornecem informação e formação – e é indispensável que os dois sirvam bem ao público. Mas é preciso distinguir seus domínios. (1999, p. 41)

É verdade que o discurso jornalístico muitas vezes pode e tenta usar do entretenimento para captar o seu público, como afirma o próprio Manual de Redação da Folha: “clareza, precisão, síntese e objetividade não são suficientes. É necessário que a reportagem seja apresentada de forma interessante, fluente e bem organizada” (2021, p. 129). O jornalismo e o entretenimento frequentemente andam de mãos dadas, como é o caso das *threads* jornalísticas publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo, objeto de estudo desta dissertação, essas fazem o uso do Twitter – plataforma planejada inicialmente com foco no entretenimento e conexão entre pessoas – e de linguagem simples e informal para fornecer informação de forma rápida e descontraída para os leitores.

Voltando à questão do interdiscurso, Maingueneau lança luz sobre a relação que um discurso tem com o seu Outro e como a identidade do Mesmo emerge com base na negação e na delimitação dos seus enunciados em relação com os do seu Outro. Nas palavras do autor:

> A formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso. Se, no universo do gramaticalmente dizível, um discurso define uma ilhota de enunciados possíveis considerados capazes de saturar a enunciação a partir de uma posição dada, no conjunto de enunciados assim recusados, ele define igualmente um território como sendo o de seu Outro, daquilo que, mais que qualquer coisa, não pode ser dito (MAINGUENEAU, 2008b, p. 37).

O discurso jornalístico, ao delimitar que o seu dizível condiz com a informação, a verdade, a imparcialidade, a objetividade e o interesse público, atribui aos seus Outros todas as qualidades opostas, em um esforço para se afastar desses. Maingueneau ainda afirma que "talvez seja mais justo ver o Outro como um *eu* do qual o enunciador discursivo deveria constantemente separar-se" (2008b, p. 37). Isso é o que o jornalismo de fato faz para manter a sua credibilidade, busca o afastamento do seu Outro e lhe atribui as características que nega em si mesmo.

Acreditamos que seja impossível traçar uma linha fixa que determina onde termina o jornalismo e começam os seus Outros, mas partindo do pressuposto que a identidade que o discurso jornalístico atribui a si mesmo tem base na imagem que esse cria de seus Outros, aqui vale a pena evocar o conceito de Simulacro: "cada um introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados na categoria do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do 'simulacro' que dele se constrói" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 21). Sendo assim, quando códigos de deontologia afirmam que o jornalismo deve:

- "Ser primeiramente um serviço público, e não uma máquina de dinheiro" (BERTRAND, 1999. p. 11), é criado um simulacro de como o discurso publicitário busca apenas o lucro e não serve o público;
- "Ter uma definição ampla e profunda da informação (não limitada ao evidente, ao interessante, ao superficial)" (BERTRAND, 1999. p. 86), cria-se um simulacro do discurso do entretenimento como superficial ou focado apenas no interessante;
- "Ser independente, frente às forças econômicas e políticas" (BERTRAND, 1999. p. 85), cria-se um simulacro de que o jornalismo que depende da publicidade é comprometido e não atende ao interesse público, ou não fala a verdade, é imparcial etc.;
- "Fornecer um relatório exato, completo e compreensível da realidade" (BERTRAND, 1999. p. 86), cria-se o simulacro que o discurso publicitário ou do entretenimento podem não ser exatos ou completos.

Ao se separar dos Outros discursos de seu campo discursivo, o tipo de discurso jornalístico "introduz o Outro em seu recinto para melhor afastar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro" (MAINGUENEAU, 2008, p. 108). Sendo assim, enquanto na realidade a publicidade ou o entretenimento podem produzir por vezes enunciados verdadeiros, prestar informações de interesse público, informar, e realizar diversas atividades que o jornalismo se propõe a fazer, o discurso jornalístico precisa reivindicar essas qualidades apenas para si, a fim de manter sua identidade e se separar de seus Outros. Os produtores do discurso jornalístico podem até acreditar que essas características são típicas apenas de seus enunciados, uma vez que o simulacro faz o enunciador "interpretar os enunciados de seu Outro, traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 99-100), ou seja, é possível que um jornalista veja todo entretenimento e publicidade como não verdadeiro, não de interesse público e parcial devido o simulacro a partir do qual enxerga outros discursos.

2.2 As balizas éticas do discurso jornalístico e a visão da Análise do Discurso

Embora o discurso jornalístico imponha balizas éticas para os seus enunciadores, os próprios profissionais e pesquisadores da área reconhecem que "um jornalismo que fosse a um só tempo objetivo, imparcial e verdadeiro excluiria toda outra forma de conhecimento, criando o objeto mitológico da sabedoria absoluta" (LAGE, 1981, p.19). A Análise do Discurso vai além, ao demonstrar, como diz Charaudeau, que "nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor" (2018, p. 42).

No que diz respeito à ideia de "Verdade", pode-se salientar que "as notícias apuradas também não constituem acesso à verdade em si, mas comportam efeitos de sentido sobre acontecimentos que também são discursivamente construídos" (MORAES, 2019, p. 115), ou seja, por mais que um acontecimento se dê como concreto no mundo real, as enunciações a respeito desse estarão carregadas da dimensão pessoal, histórica e das ideologias que são compartilhadas pelo sujeito. Embora "no imaginário autocriado, o jornalismo coloca-se como 'voz (quase) isenta da verdade', e o jornalista, como um profissional pessoalmente

comprometido com esse princípio" (MORAES, 2019, p. 115), a ideia de uma "verdade absoluta" não é aceita nem pela Análise do Discurso, nem pelo Jornalismo.

A AD traz considerações pertinentes sobre a "Verdade" quando aborda o conceito de competência interdiscursiva. Segundo Maingueneau, essa seria a habilidade de um enunciador de "reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciado da ou das formação(ões) do espaço discursivo que constitui seu Outro; a aptidão de interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias do seu próprio sistema de restrições" (2008b, p.55). Ou seja, o que é considerado verdadeiro por uma formação discursiva pode ser interpretado por meio do simulacro de outra formação, possuindo assim um significado diferente. A verdade, em última instância, seria válida dentro da semântica global de um discurso e dependeria do sistema de restrições de uma formação discursiva e de como se enxerga o seu Outro.

Nilson Lage propôs uma "resolução" ao problema da "Verdade" no jornalismo em seu livro *Estrutura da notícia* (2011). O pesquisador, que foca seus trabalhos na área do Jornalismo, afirma que "do ponto de vista técnico, a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político; o que importa é se de fato aconteceu aquilo ou, no caso de uma entrevista, se o entrevistado disse realmente aquilo" (2011, p. 22). Ao fugir da dimensão ética, o jornalismo traz o conceito de "Verdade" ou "Não verdade" para a ocorrência ou não de um acontecimento, independente das subjetividades a partir do qual esse foi relatado por um enunciador. Ao mesmo tempo, não basta apenas que o repórter apresente fatos que realmente aconteceram ou frases realmente ditas, é necessário reforçar a credibilidade e ser específico para passar a impressão de veracidade: "não basta ser verdadeiro; é preciso parecer verdadeiro. Daí a aversão a referências imprecisas. Não se escreve 'alguns manifestantes' mas, sempre que possível, '10, 12 ou 15 manifestantes'" (LAGE, 2011, p. 22).

No que diz respeito à "Imparcialidade", a Análise do Discurso afirma que é impossível a um enunciador ser totalmente imparcial em suas produções, uma vez que "os processos discursivos, como foram aqui concebidos, não poderiam ter sua origem no sujeito" (PÊCHEUX, 1997, p. 170). Com essas palavras, Pêcheux quer demonstrar que a transparência e controle total do uso da linguagem está inacessível a um sujeito, uma vez que esse, ao enunciar, sofre de influências inconscientes e inacessíveis que são determinadas devido às "relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a 'situação' no sentido concreto e empírico do tema, isto é, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientes colocados em jogo" (PÊCHEUX, 1997, p. 171).

Althusser, escritor que foi uma das bases para a elaboração da Análise do Discurso por Pêcheux, lista uma série de instituições que influenciam inconscientemente a ideologia do

sujeito: “enumeramos nas formações sociais capitalistas contemporâneas um número relativamente elevado de Aparelhos Ideológicos do Estado: o aparelho escolar, o aparelho religioso, a aparelho familiar, o aparelho político, o aparelho sindical, o aparelho de informação” (1970, p. 57), essas instituições transformam (interpelam) um indivíduo em sujeito ideológico (ALTHUSSER, 1970, p. 98-99) que reproduz, mesmo que inconscientemente, as práticas ideológicas das instituições às quais está associado. Nas palavras da analista do discurso Érika de Moraes:

> O sujeito (jornalístico) que se apaga (in)conscientemente não deixa de ser assujeitado às práticas sociais, que regulam o que pode e deve ser dito de acordo com posições institucionais, concepção fundamental da AD desde seu surgimento. A subjetividade no discurso é efeito das formações discursivas, compreendidas como inacabadas. (2019, p. 26)

Pêcheux chama de Esquecimento nº1 o fato de um enunciador – devido a sua criação, posição social, ideologia inconsciente e interpelação que sofreu pela ideologia vigente e Aparelhos Ideológicos do Estado – não ter controle total sobre o sentido dos seus enunciados. Vale lembrar que nem por isso acreditamos que o sujeito seja totalmente alheio às significações de seus enunciados, muito pelo contrário, o sujeito tem algum controle do que enuncia, porém, só até determinado ponto, em outras palavras, o sujeito “se movimenta entre dois pólos sem poder definir-se em momento algum como sujeito inteiramente consciente do que diz” (MUSSALIM, 2004, p. 134).

Reconhecendo que é realmente impossível ser imparcial em seus enunciados, a Folha de S. Paulo toma decisões para minimizar os efeitos que manifestações do inconsciente podem causar em materiais jornalísticos. Segundo o Manual de Redação desse jornal: “o jornalista deve obrigatoriamente alegar impedimento e recusar pautas sobre pessoas e organizações com as quais mantenha relação que possa limitar ou pôr em dúvida sua autonomia ou isenção” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 47). Além disso, o profissional do jornalismo também deve passar a impressão de imparcialidade ao público leitor, por isso “não deve desempenhar sua função ostentando símbolos de partidos, empresas, agremiações esportivas, campanhas sociais ou outros indicativos que possam conotar parcialidade” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 48).

Por fim, o código deontológico desse veículo veta a atuação do profissional em casos em que a parcialidade pode se demonstrar, por exemplo: “a militância de cunho político-partidário ou que comprometa a autonomia profissional na área de cobertura que se dedica é incompatível com o exercício do jornalismo na Folha” (FOLHA DE S. PAULO,

2021, p. 48). Uma saída para conseguir burlar a parcialidade inconsciente utilizada pelo discurso jornalístico é entrevistar fontes com diferentes opiniões e visões sobre o assunto, o que aparece nos ideais da Folha com o nome de pluralismo: “praticar o pluralismo não significa abrir mão da apuração factual, mas entender que, muitas vezes, existe uma dimensão sujeita a controvérsias, a ser contemplada em termos de dosagem, perspectiva e proporção” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 22).

Nesse sentido, a “Objetividade” total também seria impossível devido ao que já foi defendido a respeito do Esquecimento nº 1. Do ponto de vista da teoria jornalística, Nilson Lage comenta que ser objetivo diz respeito ao “abandono consciente das interpretações, ou do diálogo com a realidade, para extrair desta apenas o que se evidencia” (LAGE, 1981, p. 19). Porém, esse processo se demonstra não tão transparente uma vez que, ao tratar das ocorrências, um profissional pode escolher “reordená-las num texto, incluindo algumas e suprimindo outras, colocando estas primeiro, aquelas depois, o jornalista deixa inevitavelmente interferir fatores subjetivos” (LAGE, 1981, p. 19).

Os jornais e os jornalistas tentam se distanciar ao máximo da subjetividade em um movimento de apagamento do sujeito enunciador: “procedimentos consagrados de apuração e redação ampliam o distanciamento crítico e tornam as descrições dos eventos tão exatas quanto possível” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 16). No entanto, “enquanto a enunciação jornalística interpela para si um sujeito amparado em uma voz ‘de verdade’, mascarado em um ‘discurso sem sujeito’, ela, ao mesmo tempo, autorregula-se com base em posicionamentos constituintes da sociedade” (MORAES, 2019, p. 26).

Jorge Pedro Sousa afirma que muitos jornalistas acreditam que “objetividade é essencialmente descrever fatos verificáveis e verificados, citar fontes credíveis, contrastar fontes” (SOUSA, 2001, p. 46). No entanto, essa visão estaria longe do que esse termo significa para a Filosofia: “o conceito de objetividade está associado à apropriação do objeto de conhecimento pelo sujeito de conhecimento” (SOUSA, 2001, p. 45), o que seria, segundo o autor, de fato impossível, uma vez que um jornalista nunca poderá conhecer completamente o objeto/fato que está noticiando em toda a sua complexidade e assim tratá-lo apenas como um “observador científico”, que gera relatórios e divulga resultados sem interferir.

É possível concluir esta reflexão com uma citação presente no Manual de Redação da Folha que resume o assunto: “não existe objetividade absoluta. Ao escolher um assunto, redigir e editar um texto, o jornalista toma decisões subjetivas, influenciadas por suas convicções pessoais, hábitos e emoções. Isso, porém, não o exime da obrigação de ser o mais objetivo possível” (2021, p. 114). O campo da Análise do Discurso poderia tornar esta

discussão sobre subjetividade ainda mais complexa, adicionando também elementos da Psicanálise e do inconsciente.

2.3 As ferramentas do discurso jornalístico

Segundo o Manual de Redação da Folha de S. Paulo: "entende-se por jornalismo profissional aquele que segue regras técnicas e padrões de condutas que garantem relatos fidedignos de fatos relevantes" (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 16). Neste capítulo, tratamos sobre as normas técnicas da linguagem jornalística que o diferenciam de outros discursos no campo discursivo da comunicação.

A partir de uma perspectiva de uma analista do discurso, podemos afirmar que o jornalismo se apodera da linguagem de uma forma específica:

> Por meio de um modo de dizer, do qual faz parte um conjunto de técnicas de levantamento da informação (apuração, investigação de dados, entrevistas etc.) e um modo de escrita (redação e edição) pautado em textos preferencialmente 'objetivos', iniciados com *Lead* (respostas às perguntas quem, o quê, quando, onde, como, por quê?), formatados com títulos, linhas finas, subtítulos e olhos (frases destacadas no decorrer do texto). A existência desses procedimentos funciona como garantidora de credibilidade. Em outras palavras, a credibilidade jornalística é assegurada pelas técnicas que constituem o jornalismo, enquanto essas técnicas são discursivamente construídas como legitimadoras, ou seja, são a causa e o efeito do discurso jornalístico. (MORAES, 2019, p. 97)

Sobre a linguagem, devido ao objetivo do jornalismo de compartilhar informações de interesse público com grande parcela da população, o discurso jornalístico "impõe o uso de vocabulário e gramática tão coloquiais quanto possível nos limites do que se considera socialmente correto e adequado ao público a que se destina a informação" (LAGE, 2011, p. 20). No geral, são evitados recursos que tornem a linguagem exageradamente coloquial, como pontos de exclamação, reticências, perguntas, interações endereçadas ao leitor e ainda outros formatos, todos amplamente utilizados no discurso publicitário.

O discurso jornalístico busca em seus enunciados fazer um relato expositivo de um acontecimento, o que significa que, ao invés de descrever um fato de forma narrativa, ou seja, na ordem em que os eventos ocorreram, o profissional do jornalismo deve "selecionar os acontecimentos mais relevantes, ordená-los segundo sua importância relativa, facilitar sua compreensão, garantir a qualidade do conteúdo, complementá-lo com material de apoio e estabelecer nexos além do óbvio" (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 80). A posição de Nilson Lage condiz com essa afirmação ao escrever em *Estrutura da Notícia* (2011) que "a notícia se

define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante" (2011, p. 17). No entanto, o autor ainda reforça que é possível que o material jornalístico "assuma forma narrativa ou que, no corpo da notícia, apareçam tópicos frasais de outro tipo, como proposições atributivas ou circunstanciais. A narrativa é, aí, uma estrutura menor que se encaixa eventualmente no conjunto expositivo da notícia" (LAGE, 2011, p.54).

A principal ferramenta usada pelo jornalismo para ordenar os fatos no início da notícia é o lide (ou *lead*), estrutura que se encontra presente no primeiro parágrafo da grande maioria de produções do discurso jornalístico e destaca os fatos urgentes e fortes (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 77). Segundo o Manual de Redação da Folha de S. Paulo, esse é um fator importante, uma vez que:

> Se o lide – a abertura de um texto jornalístico – não despertar interesse, dificilmente o leitor prosseguirá para os parágrafos seguintes. Não existe um modelo único para o lide. Em sua forma clássica, responde às questões básicas da reportagem: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? (não necessariamente nesta ordem) (2021, p. 77)

Após o lide, Lage detalha outras duas estruturas típicas do texto jornalístico, a documentação e a reiteração: "as documentações requalificam o sujeito e a ação, detalham as circunstâncias, historiam antecedentes, consequências, modos, tempo e lugar. A reiteração, se não se dá com a proposição em seu conjunto, verifica-se, por certo, no circunstanciamento e qualidade" (1981, p. 54).

Vale lembrar que, apesar dessas estruturas serem as mais comuns e recorrentes em textos jornalísticos, ainda é possível que enunciados desse tipo discursivo assumam formatos não tradicionais em diferentes gêneros, como o jornalismo literário que usa em grande escala estruturas narrativas. Ao mesmo tempo, as *threads* jornalísticas do jornal Folha de S. Paulo seriam outro exemplo de gênero jornalístico (defendemos esta afirmação no capítulo 6) que segue restrições desse tipo de discurso, como utilizar lide, ter foco em divulgar informações de interesse público, buscar imparcialidade, objetividade e veracidade, mas que também recorre a estruturas não convencionais no jornalismo "clássico", como por exemplo a exposição cronológica dos fatos ao invés da expositiva, o uso de humor, de elementos tecnolinguageiros típicos dessa plataforma e da linguagem informal, além de se adaptar às restrições do Twitter, com o número máximo de caracteres por tuíte, por exemplo.

Por fim, é importante ressaltar que as *threads* jornalísticas da Folha de S. Paulo são formadas, em sua ampla maioria, por trechos publicados no Twitter que foram destacados de matérias disponíveis no site do jornal. Essa dinâmica é abordada com detalhes no próximo capítulo da dissertação.

3 DESTACAMENTO, AFORIZAÇÕES E ENQUADRAMENTOS

O presente capítulo é dedicado à apresentação de ferramentas da Análise do discurso que serão utilizadas no desenvolver desta pesquisa e, principalmente, nas análises do *corpus*. Tratamos dos conceitos de destacamento, aforizações, enquadramentos e frases destacadas, todos segundo a ótica de Maingueneau (2008a, 2010, 2014) e de acordo com atualizações por Baronas (2014) e Moraes (2012, 2020). Para tornar a compreensão mais fácil e proporcionar relações entre essas noções e o tema da pesquisa, o capítulo terá três subdivisões que debatem separadamente a aforização, a relação entre a aforização e o discurso jornalístico, e os enquadramentos.

Iniciamos o capítulo introduzindo a noção de destacabilidade, que diz respeito às "propriedades de certas frases que as fazem ser destacadas e circular, eventualmente, fora do texto de que fizeram parte na origem. 'Sem texto' qualifica o final de um processo, que vai da destacabilidade ao destacamento, passando eventualmente por modificações" (MAINGUENEAU, 2014, p. 7). Sendo assim, um trecho de um enunciado que apresenta certas características de "destacabilidade" pode acabar passando pelo processo de "destacamento" e, deste modo, circular independente do seu texto-fonte. Diversos motivos podem favorecer o destacamento e, para compreendê-los, "não basta constatar que certas frases foram destacadas de um texto: deve-se considerar também como elas se apresentavam antes do destacamento. Frequentemente, de fato, é o texto-fonte que apresenta tais ou quais de seus fragmentos como destacáveis" (MAINGUENEAU, 2008a, p. 13).

Um trecho de um enunciado pode ter certa destacabilidade "por sua posição tipograficamente realçada e por seu caráter generalizante" (MAINGUENEAU, 2008a, p. 76) no texto-fonte, neste caso, a posição realçada pode se caracterizar pelo início ou final do enunciado, mas não apenas. Outros fatores que favorecem esse processo são: atuar como paratexto no texto-fonte (corresponder a um título, intertítulo, legenda de foto), ter valor generalizante ou genérico, possuir uma estruturação pregnante do significante (simetria, silepse) ou significado (metáfora, quiasmo) e, por fim, devido ao uso de metadiscurso, como, por exemplo, ao explicar uma operação importante desenvolvida no texto-fonte, ou usar termos enfáticos como "essa verdade essencial" ou "em conclusão" (MAINGUENEAU, 2008a, p. 79-80).

As características de destacabilidade presentes em um trecho de um texto causam uma espécie de tensão entre a "dinâmica de textualização, que tende a integrar os constituintes do texto em uma unidade orgânica, e um fenômeno que propus chamar de 'sobreasseveração',

que abre a possibilidade de uma saída do texto, de uma detextualização" (MAINGUENEAU, 2010, p. 11). A sobreasseveração seria uma antecipação do destacamento (MAINGUENEAU, 2014, p. 16), ou ainda uma "enfatização em relação ao entorno textual" (MAINGUENEAU, 2014, p. 15), como se o enunciador deixasse marcas (como as descritas acima) dentro do texto-fonte, sinalizando que aquele trecho do enunciado pode (ou deve) ser separado e circular de forma independente. Desse modo, a sobreasseveração pode ser de ordem "aspectual (generacidade), tipográfica (posição de destaque dentro de uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação)..." (MAINGUENEAU, 2010, p. 11).

Se a sobreasseveração tiver sucesso, atribuirá características de destacabilidade a uma parte do texto, o que pode levar esse trecho ao destacamento. Após o destacamento um enunciado salta para fora de seu texto-fonte e passa a circular em diversas formas, por exemplo: "slogans, máximas, manchetes de artigos de imprensa, máximas, intertítulos, citações célebres etc." (MAINGUENEAU, 2010, p. 10), mas para além dos usos no papel, Maingueneau ressalta que os enunciados destacados também podem se manifestar em "fachadas dos edifícios públicos, nas estantes de livros ou nas bandeiras, nas camisetas ou nas placas de automóveis" (2014, p. 10).

Relacionando o fenômeno da sobreasseveração com o jornalismo, Maingueneau diz que: "na imprensa escrita, como nos sites da web, as sobreasseverações são candidatas naturais ao destacamento fraco, na forma de manchetes, de intertítulos, ou de legendas de fotos" (MAINGUENEAU, 2014, p. 19). No entanto, essa dinâmica pode ser problemática, uma vez que:

> A ideia de destacabilidade implica a constatação de que os trechos salientados de um texto correspondem a um posicionamento, podendo até implicar a subversão de seu sentido "original". É o caso, por exemplo, de títulos de reportagens que reproduzem falas entre aspas de determinados enunciadores, mas sem considerar, no título, as condições em que tais dizeres foram produzidos. (MORAES, 2017, p. 828).

Nesta pesquisa nos interessa o funcionamento do destacamento nos textos jornalísticos. Um dos objetivos específicos desta dissertação é realizar uma comparação entre o destacamento presente no jornalismo impresso (ou em versões digitalizadas e escaneadas do impresso), que ocorre quando um trecho do enunciado salta para fora do texto-fonte, tornando-se um título, uma legenda, uma manchete na primeira capa ou até mesmo um olho (frase escrita com fonte maior em meio ao texto), e o destacamento no jornalismo digital, que

pode assumir manifestações ainda mais variadas e circular não apenas em um ambiente, mas migrar para outros sites. Por isso, o *corpus* é composto por destacamentos originários de textos jornalísticos presentes no site do jornal Folha de S. Paulo que passaram a circular no perfil do Twitter desse veículo de comunicação, e também por destacamentos presentes no jornal impresso. Reconhecemos que o destacamento é potencializado no Twitter, uma vez que esta plataforma, por seu funcionamento, "demanda um espaço de circulação de informações relevantes, concisas, citáveis e destacáveis" (MORAES, 2012, p. 938).

Vale ressaltar ainda que, segundo Maingueneau, os enunciados destacados "se dão como autônomos, de um ponto de vista textual (não há nenhuma necessidade de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo" (2014, p. 14), no entanto, "a solidão destas frases será apenas aparente: um título está, apesar de tudo, inscrito em um texto, o conjunto de um artigo (com as linhas que isolam a página, a organização de seus caracteres, seu título, seu cabeçalho…), ele próprio incluído num texto mais vasto, o jornal" (MAINGUENEAU, 2014, p. 10). Sendo assim, por mais que os enunciados destacados que circulam pelo Twitter pareçam ser autônomos, criem uma ilusão de serem "frases sem texto" ou aparentam estar distantes de sua origem, esses ainda estão inseridos em seus textos-fontes, uma vez que necessitam desses para ancorar o seu sentido e, até mesmo, continuam ligados aos seus enunciados completos disponíveis no site do jornal por meio de links.

Nesse sentido, existiriam dois tipos de destacamento, o primeiro deles é o "forte", caso em que o texto-fonte costuma ser inacessível ao leitor e o enunciado destacado pode ser divulgado sem acompanhamentos (2014, p.18). O destacamento forte está presente, principalmente, em provérbios, slogans, máximas e fomenta a ilusão de uma "frase sem texto", que existiria independente do enunciado do qual essa se desligou. Por outro lado, o segundo modelo de destacamento, conhecido como "fraco", deixa evidente que o enunciado pertencia a um texto anterior, uma vez que: "a frase que é destacada de um texto pode muito bem permanecer em sua vizinhança". Assim, diz o autor, "deve-se distinguir entre um destacamento forte, que implica uma separação do texto-fonte, e um destacamento fraco, caso em que a frase destacada fica contígua ao texto-fonte" (MAINGUENEAU, 2014, p.18).

O destacamento fraco ocorre mais frequentemente do que o forte em jornais impressos, sites de notícias e em matérias jornalísticas divulgadas no Twitter, como as estudadas nesta dissertação. Segundo o autor:

> Na imprensa escrita, acontece frequentemente que na primeira página ou capa se encontram frases entre aspas cujo texto-fonte se encontra numa página interna. Nesse caso, estamos ainda em uma lógica de destacamento "fraco". Nas páginas de acesso dos sites de informação na internet, veem-se igualmente proliferar frases destacadas sobre as quais o internauta deve clicar para ter acesso ao texto-fonte ou a artigos que os citam (MAINGUENEAU, 2014, p. 18)

Na presente dissertação nos interessa o modo como o destacamento fraco de trechos de matérias jornalísticas ocorre de maneira distinta no jornal impresso e no Twitter, entretanto, mantemos em mente que nesses dois casos a estratégia é similar: "estamos diante de uma lógica de gancho: o usuário não tem acesso ao texto, a não ser que o gancho lhe interesse. Equivale a dizer que as frases escolhidas para obter este efeito devem ter uma grande pertinência para exercer plenamente seu papel" (MAINGUENEAU, 2014, p. 19).

Discorrendo sobre a relação entre os profissionais do jornalismo e o destacamento, Maingueneau ressalta que as frases destacadas podem variar de acordo com os objetivos comunicacionais do veículo: "a imprensa profissional privilegia a dimensão informativa, a imprensa de celebridades dá mais ênfase à expressão dos afetos" (MAINGUENEAU, 2014, p. 119), porém, em todos os casos costuma haver ligeiras mudanças entre a frase presente no texto-fonte e o enunciado após o processo de destacamento: "em matéria de fidelidade ao texto-fonte, a comunicação midiática contemporânea é, em geral, ostensivamente frouxa. Tais modificações são tanto mais notáveis quanto mais há destacamento fraco, isto é, quando os leitores têm sob seus olhos o texto-fonte" (MAINGUENEAU, 2014, p. 25).

Essas mudanças ocorreriam com o objetivo de adequar melhor um enunciado que foi proferido dentro da lógica de texto – que integra todos os seus elementos em uma unidade orgânica – para a lógica dos enunciados destacados, que propõe criar enunciados "finalizados" e "homogêneos". Nas palavras do autor:

> Ninguém duvida que os que operam esse destacamento não invocam restrições puramente retóricas para justificar as alterações a que submetem os enunciados: em particular, a necessidade de condensar informação ou tornar o enunciado destacado mais "marcante", de "atrair" a atenção do leitor. Mas, ao nosso ver, convém ir além disso: essas alterações são sintoma de uma mudança de estatuto pragmático. O enunciado destacado não é mais um fragmento do texto, ele tem a ver com um regime de enunciação específico, que chamaremos de aforização. (MAINGUENEAU, 2014, p. 26-27)

O conceito de aforização, apresentado por Maingueneau no fim desta citação, será tema do próximo subcapítulo, por enquanto, finalizamos esta introdução apresentando uma reflexão que Moraes produziu sobre a natureza do destacamento:

> O destacamento, em certa medida, é uma tentativa de fechar aquilo que é aberto, mas escapa. Ou seja, tenta condensar o que seriam os aspectos centrais de discursos e, justamente porque discursos não são homogêneos, mas perpassados por posicionamentos mais ou menos inconscientes, as tentativas de apreendê-lo falham e expressam, simultaneamente. Falham não por "erro de processamento", mas porque as falhas são constitutivas da incompletude, do impalpável do discurso. Expressam, porque, nas falhas, apontam pontos observáveis, constatáveis, apesar de tudo (do simbólico inerente ao discurso) (2020, p. 1567).

3.1 A aforização e a enunciação aforizante

Maingueneau defende em seu livro *Frases sem Texto* (2014) que "a enunciação é partilhada entre dois regimes, o dos textos e gêneros do discurso e o das aforizações" (2014, p. 11). Dessa forma, um enunciado que passa pelo processo de destacamento e começa a circular de forma independente do seu texto-fonte deixa de integrar o *regime de enunciação textualizante* e passa a participar do *regime de enunciação aforizante*, tornando-se uma *aforização*. Em uma definição do conceito de aforização, Maingueneau diz que:

> A escolha deste termo, entretanto, não é totalmente satisfatória: em grego antigo, *aphorizo* é, de fato, uma operação de determinação, e *aphorisma*, uma definição. Preferimos apoiar-nos em um uso contemporâneo que vê no aforismo "uma frase com ar sentencioso, que resume em algumas palavras uma verdade fundamental" (*Grand Larousse de la langue française*). Com a diferença, entretanto, de que a aforização, tal como a entendemos, não é reservada aos enunciados sentenciosos, mas se aplica ao conjunto das frases sem texto (2014, p. 27)

Partindo do ponto defendido anteriormente, de que as "frases sem texto" seriam apenas uma ilusão e estariam sempre remetidas a um texto anterior do qual participavam, Maingueneau deixa claro que "não há frase sem texto, a não ser inscrita nos textos, esses dois regimes não são duas espécies do gênero próximo 'enunciação', mas antes uma forma de a enunciação não coincidir consigo mesma" (2014, p. 11). Em outras palavras, cada um dos regimes de enunciação contaria com suas próprias especificidades, mas seria apenas por meio de texto (presente no regime textualizante) que as aforizações construiriam o seu sentido e começariam a existir, afinal, uma aforização teria que pertencer a um texto primeiramente para depois poder se destacar.

Desse modo, um enunciado na forma de aforização se distancia do seu texto-fonte e até mesmo da própria enunciação textualizante, não apenas por ser uma frase curta (uma vez que também pode haver enunciados no regime textualizante que são curtos) que passou pelo processo de destacamento, mas sim pela própria natureza do regime aforizante que prevê

formular enunciados que tentam ser "destinados a um auditório, e não a um receptor específico", "completos", "homogêneos", "livres das restrições dos gêneros do discurso", "memorizáveis e memoráveis" com "convicções", "teses" etc. Nas palavras do criador do conceito: "entre uma 'aforização' e um texto não há diferença de dimensão, mas de ordem" (MAINGUENEAU, 2010, p. 12). No entanto, vale ressaltar que a completude de uma aforização é apenas uma ilusão que essa cria sobre si mesma, afinal, na aforização "partes de textos adquirem estatuto de textos próprios, inteiros e conclusos. Paradoxo inevitável: se nem mesmo um texto é completo (sempre atrelado ao interdiscurso), o destacamento o é ainda menos; trata-se, portanto, sempre de construções discursivas" (MORAES, 2020, p. 1554).

Após a leitura dos escritos de Maingueneau sobre a enunciação textualizante e aforizante, o pesquisador Roberto Leiser Baronas defendeu em seu artigo *Enunciação aforizante versus textualizante: notas sobre tensões estruturais e extratextuais* (2014) que existem sete pontos fundamentais nos quais essas formas de enunciação divergem.

O primeiro desses pontos tem relação com a heterogeneidade característica dos textos e a ilusão de homogeneidade de uma aforização: "enquanto a enunciação textualizante envolve jogos de linguagem de diversas ordens, como argumentar, narrar, perguntar, responder etc., a aforizante pretende apresentar o pensamento do locutor como a verdade soberana, para além dos jogos da linguagem" (BARONAS, 2014, p. 1325). Maingueneau trata do mesmo tema ao afirmar que:

> Um texto é uma rede de pensamentos articulados por meio das restrições de jogos de linguagem de diversas ordens: argumentar, narrar, responder a uma pergunta, maldizer… Na aforização, o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem: nem resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamento, dito, tese, proposição, afirmação soberana (2010, p. 13-14)

Em segundo lugar, as diferenças também se estabelecem na forma como textos podem lidar com diversos planos textuais e a aforização, por sua vez, tenta criar uma impressão (por mais ilusória que seja) de enunciado em completude, o que é diametralmente oposto à lógica dos textos que "tendem a estratificar planos enunciativos: diferentes figuras do enunciador (por exemplo, a autocorreção, a concessão…), diferentes status polifônicos (citações…), diferentes planos de textos (primeiro plano/plano de fundo…), enunciados embreados e desembreados…" (MAINGUENEAU, 2010, p. 14). Desse modo, uma aforização se apresentaria como um pensamento puro, além dos jogos de linguagem que caracterizam uma produção da enunciação textualizante.

O terceiro e quarto ponto de diferença entre os dois regimes estão interligados e dizem respeito ao modo como as enunciações textualizante e aforizante diferem na relação que estabelecem com os seus *suportes* e *meios de circulação*. Maingueneau diz que "todo texto implica uma forma de subjetividade que varia de acordo com os suportes e os modos de circulação: será aquela que a escrita impõe. Mas a aforização passa ao largo de todas as oposições midiológicas[9]. É uma forma de dizer puro, quase próxima da consciência" (2010, p. 14). O gênero de um texto é crucial para sua definição, pois impõe um suporte e uma forma de circulação, por outro lado, como a enunciação aforizante tenta escapar da lógica de gênero, essa não sofre (ou pelo menos tenta disfarçar) coerções de suportes, podendo circular desde o papel até ser cravada em pedra nas paredes de prédios públicos ou em monumentos.

Essa seria justamente a quinta diferença entre os regimes de enunciação: enquanto o regime textualizante se insere em um gênero, a aforização tenta escapar desse. Segundo Maingueneau: "a lógica da aforização é a de apagar tanto as marcas de inscrição num ambiente textual quanto seu pertencimento a um gênero de discurso. Ela se apresenta como tendo sido proferida em outra cena" (2014, p. 40). No entanto, como o próprio autor afirmou anteriormente, a aforização apenas *tenta apagar* as suas marcas de generacidade, já que, na verdade, como toda aforização é criada a partir de um texto, o apagamento do gênero é apenas uma ilusão.

Avançando nos estudos sobre este tema, Maingueneau defende que as aforizações podem ser definidas de dois modos: aforização primária, que seria caso dos provérbios, adágios, slogans e outras formas que simulam não pertencer a um texto anterior; e as aforizações secundárias, que seriam destacadas de um texto-fonte. Sendo assim, o contexto e a forma de interpretação das aforizações primárias e secundárias seriam distintos.

Como uma aforização primária pode ser inserida em um número infinito de textos, "seu sentido é uma espécie de instrução sobre as condições de emprego: ele delimita *a priori*

[9] Pesquisadores da Análise do Discurso já se preocuparam, em trabalhos anteriores, em demonstrar o peso do mídium no sentido de um enunciado pertencente ao regime textualizante. Sobre o assunto, Maingueneau afirmou que o analista do discurso deve "reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc. Essa dimensão da comunicação verbal foi durante muito tempo relegada a segundo plano. Estávamos habituados, especialmente nos estudos literários, a considerar o texto como sequências de frases dotadas de sentido, indiferentes a seu mídium. Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o mídium não é um simples 'meio' de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer" (2004, p. 71). Por sua vez, Salgado e Clares defenderam que a gestão técnica dos mídiuns e as instituições envolvidas nesta atividade também impactam no sentido de um enunciado, por isso, propuseram uma metodologia na Análise do Discurso em que se deve "investigar o que se chamou até aqui 'suporte' na sua relação direta com os modos de circulação, considerando que não há, de fato, uma materialidade inerte anterior à inscrição num meio de difusão, tampouco anterior à inscrição do material linguístico que o justifica e, mais amplamente, lhe atribui valor sígnico: o signo está dado no que referimos por *mídium*" (2017, p. 31)

o tipo de contexto nos quais podem ser empregados, mesmo que evidentemente caiba ao locutor decidir se as condições para seu emprego serão satisfeitas" (MAINGUENEAU, 2014, p. 30). Por outro lado, as aforizações secundárias (caso das aforizações estudadas nesta dissertação) são interpretadas em relação a um contexto-fonte e em um contexto de recepção. Segundo Maingueneau, "a aforização secundária é o traço de um ato de fala singular, ela se apoia em um sentido comunicado, com os implícitos que o destinatário pode calcular, apoiando-se em diversos componentes do contexto" (MAINGUENEAU, 2014, p. 32). A questão de interpretação das aforizações secundárias é debatida com mais detalhes no subcapítulo 3.3 em que tratamos sobre o conceito de enquadramentos.

O sexto ponto de diferença entre a enunciação aforizante e textualizante tem relação com o público a que essas duas modalidades se dirigem. Enquanto o gênero de um texto prescreve papéis de recepção, tratando-se tanto de uma "aforização primária, como o slogan, ou de uma aforização secundária, o aforizador não enuncia para um alocutário determinado por um gênero de discurso, mas para um auditório que não se situa no mesmo plano, que não é capaz de intervir na enunciação" (MAINGUENEAU, 2014, p. 36).

Se, por sua vez, a enunciação textualizante se preocupa em definir papéis e públicos para os seus enunciados por meio das determinações e características de cada gênero discursivo, a enunciação aforizante abre espaço para um enunciado que seria destinado para todos, ou pelo menos para todos que integram um certo grupo em um auditório com valores compartilhados:

> Na enunciação aforizante, em contrapartida, não há posições correlativas, mas uma instância de fala a uma espécie de "auditório universal" (*Perelman*), que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados no mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária: não há ruptura entre uma instância fora da enunciação e uma instância que é um papel discursivo. É o próprio indivíduo que se exprime, além/aquém de todo papel, "ele mesmo", de alguma forma. Fundamentalmente monologal, a aforização tem como efeito central a enunciação no locutor. (MAINGUENEAU, 2010, p. 13)

É claro que nem toda aforização pode pressupor se dirigir a todos os homens, sendo assim, de acordo com o contexto, natureza da aforização e tema do enunciado, o auditório seria menor ou maior, afinal, aforizações sobre certos assuntos, por exemplo, o catolicismo, nem sequer interessam a indivíduos que professam outra religião. Desse modo, Maingueneau afirma que: "a natureza do auditório varia em função do tipo de aforização. No caso de um provérbio, o auditório é, por natureza, universal; mas se a sabedoria acumulada pela

humanidade vale para todo homem, a aforização do diretor de empresa só pode visar a um auditório limitado" (2014, p. 36). Sendo assim, para a sua comunidade (ou auditório) unida pelos mesmos valores, um aforizador:

- "exprime intensamente seu pensamento, recorrendo aos recursos que a retórica comum oferece" (MAINGUENEAU, 2014, p. 51);
- "afirma uma convicção diante do mundo por meio de uma frase que se quer rica de sentido para todos" (MAINGUENEAU, 2014, p. 27);
- "relativiza; com o *ethos* de um homem autorizado, afirma valores para a coletividade. Ele não apenas diz, mas também mostra que diz" (MAINGUENEAU, 2014, p. 28).

As características atribuídas a um aforizador nos fazem perguntar quais seriam os efeitos quando um jornal – que enuncia dentro de todas as regras deontológicas determinadas no segundo capítulo – profere aforizações e destaca trechos de seu próprio texto, elevando assim certas frases redigidas por jornalistas para o status de aforização. O próximo subcapítulo da dissertação trata especificamente dessa dinâmica e esclarece impasses que podem surgir entre o modo de enunciação aforizante e a deontologia deste tipo do discurso.

Por fim, um leitor atento deve ter percebido que foi dito no começo deste subcapítulo que os regimes textualizante e aforizante se divergem em sete pontos, no entanto, foram apresentados apenas seis até o momento. Preferimos fazer a exposição desta forma e apresentar no capítulo 7 desta dissertação, que trata sobre a sintaxe do destacamento, a última dissimetria entre os dois regimes: a relação que as enunciações aforizante e textualizante estabelecem com a memória.

3.2 O problema entre a aforização e o jornalismo

As *threads* jornalísticas da Folha de S. Paulo (objeto desta dissertação) são usadas para pôr em circulação no Twitter enunciados destacados a partir de matérias jornalísticas publicadas no site desse jornal. Cada aforização presente no Twitter carrega consigo um link que, quando clicado, transporta o leitor até o texto-fonte completo no qual essas figuravam. De acordo com Maingueneau, estaríamos aqui diante de uma lógica de destacamento fraco e de aforizações secundárias:

> Na primeira página ou na capa se encontram frases entre aspas cujo texto-fonte se encontra numa página interna. Neste caso, estamos ainda em uma lógica de destacamento 'fraco'. Nas páginas de acesso dos sites de informação na internet veem-se igualmente proliferar as frases destacadas sobre as quais o internauta deve clicar para ter acesso aos textos-fonte ou artigos que os citam (MAINGUENEAU, 2014, p.18).

No entanto, a demarcação de destacamento forte ou fraco se torna mais complexa com o desenvolvimento de novos aparatos tecnológicos. Por exemplo, o jornal Folha de S. Paulo usa a barreira de *paywall* para monetizar os seus textos, o que significa que o leitor tem acesso a uma determinada quantidade de leituras gratuitas em um mês e, depois de consumir todos os textos disponíveis, deve fazer uma assinatura para ter direito a novas visualizações. Sendo assim, se um leitor não pode acessar o texto-fonte disponível no site do jornal, pois esbarrou na barreira do *paywall*, o destacamento ainda seria fraco? A lógica estabelecida por Maingueneau determina que o destacamento é fraco quando o texto-fonte está disponível, entretanto, nesta situação o texto-fonte se encontra disponível apenas de forma parcial, como se atestando a legitimidade de um destacamento, mas ainda assim se escondendo atrás de uma barreira paga que limita a visualização dos não assinantes.

Para efeitos de nomenclatura, continuaremos usando o termo "destacamento fraco" para nos referir aos enunciados estudados nesta dissertação. Defendemos que, mesmo que estes estejam submetidos à lógica descrita acima, o leitor ainda tem acesso total ao texto-fonte se for assinante e acesso parcial se não o for; porém, nesse segundo cenário ainda se abre espaço uma série de estratégias de hackeio que permitiriam ao não assinante verificar o texto completo, como por exemplo: *softwares* próprios para esse propósito, acessar o site a partir de outro dispositivo ou usando outro e-mail que ainda não consumiu todos os textos gratuitos, acessar o site do jornal usando uma guia anônima etc. Em resumo, defendemos que a gestão técnica de diversos mídiuns, dispositivos tecnológicos contemporâneos e, mais especificamente nesse caso, do site do online do jornal, nos faz questionar a lógica de destacamento fraco de forma que ainda não tinha sido prevista anteriormente.

Essa subversão do destacamento fraco seria apenas um dos problemas impostos pela relação entre destacamento, aforização e o discurso jornalístico, uma vez que o funcionamento da enunciação aforizante e a deontologia desse tipo discursivo podem gerar embates em diversos momentos. Por isso, dedicamos este subcapítulo a tratar de questões que podem surgir sobre este tema.

De acordo com pesquisas anteriores na AD é possível defender que enunciados destacados em jornais são categorizados como aforizações, essa reflexão foi construída por

Baronas, que diz encontrar nas aforizações "uma prática corriqueira na comunicação midiática contemporânea – a prática de destacar enunciados e fazê-los circular (transformados ou não) em novas arenas discursivas" (2014, p. 1323) e por Moraes: "pode-se dizer que os destacamentos jornalísticos fazem parte do que o autor define como 'enunciação aforizante'" (2020, p. 1554). Sendo assim, as frases destacadas de trechos de um texto jornalístico que são usadas como título, legenda, olho, manchete, ou circulam no Twitter, estariam submetidas às sete diferenças com a enunciação textualizante que foram citadas no capítulo anterior.

A primeira problemática que envolve a enunciação aforizante e o jornalismo que queremos tratar neste subcapítulo é referente às alterações que podem ocorrer no processo de destacamento. É possível que o enunciado presente na matéria jornalística seja diferente da aforização advinda desse, principalmente porque a frase inscrita na matéria se encontra no regime textualizante e, quando essa salta para fora do texto, se torna parte do regime aforizante, sendo assim, "o locutor, empenhado numa interação com o jornalista que lhe estende um microfone, não é este aforizador que olha para um público invisível para se manifestar" (MAINGUENEAU, 2014, p. 42).

Maingueneau reconhece que, "na aforização, a alteração dos enunciados-fontes é a manifestação superficial de uma 'alteração' constitutiva, a do tornar-se outro do locutor, transformando em aforizador" (MAINGUENEAU, 2014, p. 41), o próprio autor ilustra essa reflexão remetendo às ocorrências jornalísticas ao dizer que "nada mais significativo do que os inumeráveis artigos jornalísticos que apresentam duas vezes 'o mesmo' enunciado: inserido no corpo do texto e retomado fora do texto, sob a forma de aforização" (MAINGUENEAU, 2014, p. 40).

Por mais que a alteração de frases destacadas seja recorrente e verificável no *corpus* e nas análises desta pesquisa, e que essas possam ocorrer com o objetivo de condensar a frase, adequá-la melhor ao formato de título, ao regime aforizante ou até mesmo outros motivos, ressaltamos que a deontologia do tipo discursivo jornalístico seria responsável por impor sérias restrições sobre a modificação de frases proferidas por fontes, uma vez que esse processo poderia resultar na alteração de sentido de uma fala e, consequentemente, em uma retratação não tão verdadeira do que foi dito por um entrevistado. Maingueneau, sobre esse assunto, afirma que no discurso jornalístico as divergências entre o texto-fonte e a aforização "são especialmente notáveis, já que o leitor tem meios de comparar a manchete ao fragmento fonte. Tudo se passa como se existisse uma zona de tolerância, como se fosse normal que os dois enunciados divirjam, na medida em que eles obedecem lógicas distintas" (2010, p. 12).

Portanto, as alterações feitas durante o processo de destacamento no qual um trecho do texto-fonte se torna uma aforização seriam válidas no discurso jornalístico, contanto que ocorressem em uma "zona de tolerância" na qual o sentido da frase não é substancialmente modificado. Esse não é sempre o caso, uma vez que na imprensa em geral é possível encontrar um grande número de textos com títulos chamativos que se revelam frases fora de seu contexto (ou com alterações) após a leitura da matéria jornalística completa. Estaríamos, diante desses casos, em frente a uma transgressão da deontologia jornalística.

Se é verdade que "a aforização opera por destacamento, associada às alterações necessárias para que haja conformidade com as normas que regulam as 'boas' aforizações" (MAINGUENEAU, 2014, p. 43) então, o jornalista se veria como um "malabarista" que é obrigado, ao mesmo tempo, a adequar um trecho destacado de seu texto às regras de uma boa aforização e também a lidar com as restrições deontológicas da sua profissão: "quando um jornalista busca uma aforização para se propor o título de um artigo, essa aforização deve também se submeter às restrições específicas a títulos de artigo" (MAINGUENEAU, 2014, p. 59).

Desse modo, cria-se uma dinâmica onde as fontes jornalísticas, sabendo que "os profissionais da comunicação contemporânea passam seu tempo recortando fragmentos de textos para convertê-los em ganchos" (MAINGUENEAU, 2014, p. 16), sobreasseveram suas frases e declarações: "os atores da vida pública, por isso, tentam controlar os reempregos que serão feitos de suas conversas, antecipar as práticas de destacamento dos jornalistas" (MAINGUENEAU, 2014, p. 16). Maingueneau resume esse hábito ao afirmar que "na prática jornalística, quando há convergência de interesses entre o locutor do texto-fonte e a instância que opera o destacamento, pode haver um acerto para harmonizar sobreasseveração e destacamento" (MAINGUENEAU, 2014, p. 17).

Ainda discorrendo sobre o uso de aforizações na mídia, Maingueneau declara que no jornalismo essas devem "exibir um *ethos* de seriedade e objetividade" (2014, p. 101), o que estaria de acordo com as regras deontológicas desse tipo do discurso descritas no capítulo 2. No entanto, a demanda por leitores, cliques, visualizações e a busca por monetização em seus textos são fatores que podem incentivar os jornalistas a "privilegiar os enunciados que podem causar escândalo, em particular aqueles que podemos interpretar como politicamente incorretos" (MAINGUENEAU, 2014, p. 113) na busca por aforizações para destacar em títulos e outros ambientes.

Portanto, surge assim uma nova problemática em torno do uso de aforizações e da ética jornalística, se, conforme proposto no capítulo anterior, o jornalismo não deveria "ser

uma máquina de dinheiro" (BERTRAND, 1999. p. 11), ou precisaria "ter uma definição ampla e profunda da informação (não limitada ao evidente, ao interessante, ao superficial)" (BERTRAND, 1999. p. 86), então esse tipo discursivo não deveria privilegiar aforizações que causem escândalo ou abram interpretação para o politicamente incorreto, principalmente se a aforização não transmite um fato concreto, e sim uma distorção do acontecimento por meio de um destacamento que remove o contexto.

Até o momento debatemos neste subcapítulo as condutas éticas nas quais o discurso jornalístico deveria se pautar para usar uma aforização – evitando mudanças que podem alterar o sentido da frase, por mais que seja necessário modificar o texto para se adequar ao regime de enunciação aforizante; e evitando destacar enunciados que serão veiculados fora de contexto, permitindo interpretações diferentes da original – entendemos que existem ainda várias outras situações nas quais os embates entre a enunciação aforizante e a deontologia jornalística podem surgir, no entanto, a demonstração até o momento já possibilitou uma visão desse fenômeno. Por isso, propomos passar para outro tópico que também é de nosso interesse: apontar que efeitos ocorrem quando, ao invés de destacar uma frase proferida pela fonte ou entrevistado, o jornal Folha de S. Paulo destaca trechos do seu próprio texto e os torna aforizações.

Sobre os personagens que constantemente têm seus enunciados aforizados, Maingueneau diz que:

> Em geral, as aforizações que a mídia exibem referem-se a indivíduos já famosos, destacados da massa: atletas, políticos, atores… Mas também podem ser aforizadores todos aqueles cuja fala, num momento e num lugar determinados, é tomada como algo que parece importar, em particular aqueles, vítimas ou testemunhas, que participaram de acontecimentos (2014, p. 38)

Em seus escritos, o autor discorre apenas sobre o uso midiático de aforizações proferidas por fontes e destacadas por profissionais da área, já em nossa pesquisa encontramos majoritariamente destacamentos que são oriundos do próprio texto da matéria jornalística, ou seja, não foram proferidos por fontes, personagens, testemunhas ou celebridades, mas faziam parte do material escrito pelo profissional da redação. Nessa ocasião, o aforizador não seria uma pessoa que profere uma frase marcante, mas sim a própria Folha de S. Paulo que, ao expelir para fora de seus textos alguns trechos sintetizantes, estaria criando enunciados aforizantes, ou seja, que fogem à lógica do gênero em que se originaram, que podem circular de forma independente, que tentam ser sintetizantes, e que contam com ainda outras características de aforizações.

Interessa-nos demonstrar a posição em que a Folha de S. Paulo se coloca ao transformar em aforizações enunciados que são produzidos pelo próprio jornal. Esse fenômeno seria possível pela seguinte particularidade: "parece que demos a entender que o enunciador de aforizações secundárias é sempre um indivíduo. Na realidade, pode acontecer de serem conjuntos organizados: um partido, uma empresa, uma família, um casal…" (MAINGUENEAU, 2014, p. 51). Sendo assim, aforizações secundárias – destacadas de um texto – podem ser atribuídas até mesmo a empresas, como o jornal estudado nesta dissertação.

Tomamos cuidado, entretanto, de afirmar que as aforizações secundárias podem ocorrer em duas situações: em um primeiro caso no qual essas "devem ter (ou assumir) uma 'boa forma' para atingir a condição de fórmulas indefinidamente repetidas" (MAINGUENEAU, 2014, p. 58), e também em ocorrências nas quais essas "se mantêm na esfera da escrita: elas não são destinadas a ser memorizadas e sua formatação sintática pode ser muito menos pregnante" (MAINGUENEAU, 2014, p. 58), sendo essa a realidade das aforizações proferidas pela Folha de S. Paulo no Twitter.

Segundo Maingueneau: "o 'aforizador' assume o *ethos* do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente. Ele é considerado aquele que enuncia sua verdade, que prescinde a negociação, que exprime uma totalidade vivida" (2010, p. 14). Baronas complementa esta visão ao defender que a aforização "ressignifica a citação, uma vez que não se trata mais de apresentar a voz do Outro, mas sim de apresentar a Verdade, ou a Lei, produzida alhures, a partir do contato com uma Fonte Transcendente" (2014, p. 1324).

Deste modo, quando o jornal Folha de S. Paulo se torna um aforizador e destaca trechos de seu próprio texto, esse estaria assumindo a posição de "indivíduo no alto", "que enuncia sua verdade", o que à primeira vista pode parecer problemático, no entanto, se tomarmos como base o que foi defendido no capítulo 2, entendemos que o discurso jornalístico, em sua própria definição, atrela aos seus dizeres a "verdade", a "imparcialidade" e a "objetividade". Sendo assim, a Folha de S. Paulo, no papel de aforizadora, enuncia uma "verdade", mas não no sentido de "tese", "pensamento" ou "sentença", que exprime os seus próprios pensamentos particulares, mas sim uma verdade "verificável", na medida em que em uma notícia "o que importa é se de fato aconteceu aquilo ou, no caso de uma entrevista, se o entrevistado disse realmente aquilo" (LAGE, 2011, p. 22).

É verdade que, no processo de criar aforizações, a Folha de S. Paulo retrata a "verdade" ou os "acontecimentos" filtrados pela perspectiva pessoal de um indivíduo, porém, na deontologia do discurso jornalístico existem procedimentos profissionais, como os

descritos no capítulo 2, que tentam estabelecer um apagamento da figura do jornalista e uma "isenção", na medida do possível. Essas técnicas são responsáveis pela criação de aforizações que, dentro de certos limites, se propõem a enunciar "verdades verificáveis" (e não morais) e também a serem "imparciais", no entanto, como demonstrado no capítulo de análises desta dissertação, por vezes os procedimentos jornalísticos não conseguem mascarar toda a ideologia inconsciente de um enunciador e, desse modo, as aforizações presentes em um jornal assumem formas que demonstram as opiniões próprias de seu enunciador, como ocorrido na análise presente no capítulo 8.2.

Apontando outra faceta do aforizador, Maingueneau ainda ressalta que:

> Não é qualquer um que pode ser aforizador de um tema de ensaio literário: trata-se de um privilégio reservado aos escritores e aos críticos de renome. As revistas especializadas em adolescentes ou em amantes de esporte, por exemplo, multiplicam as aforizações de indivíduos que, para quem não faz parte da coletividade em questão, são completamente desprovidos de legitimidade (2014, p. 38)

Desse modo, entendemos então que a Folha de S. Paulo, ao se tornar uma aforizadora, coloca-se no papel de enunciador legítimo, dado que, nesse caso, o domínio reclamado seria o próprio discurso jornalístico. Em outras palavras, o jornal se propõe como enunciador capacitado na prática jornalística, sendo capaz de exprimir aforizações sobre os temas tratados em suas notícias. Se, como foi definido na introdução, esse jornal se caracteriza como um dos produtores de "jornalismo de referência", ou seja, um dos órgãos jornalísticos que são "ao mesmo tempo, produtores de uma instância enunciativa no plano simbólico, instituições sociais que se relacionam com um sistema mais amplo de instituições – as civis, econômicas, políticas, religiosas, educacionais, etc. – e também empresas" (ZAIN, 2014, p.934), a Folha de S. Paulo estaria tomando para si mesma essa posição quando profere aforizações.

Por fim, também existiria "uma afinidade natural entre a produção de aforizações e a posição de mestre, daquele que, tendo acesso aos fundamentos, não se dirige a uma pessoa em particular, mas à comunidade como um todo" (MAINGUENEAU, 2014, p. 39). Nesse cenário nos parece que a Folha de S. Paulo, ou pelo menos o jornalista responsável por criar uma aforização, assume a posição de "mestre", ou seja, um enunciador que fala de um lugar mais alto para toda uma multidão. De fato, no capítulo de análises são encontrados casos em que essa realidade se materializa, ou seja, aforizações em que o jornal compartilha suas concepções, enunciando "o que seria bom para uma comunidade", como quando há a imposição de certa desconfiança sobre alguns imunizantes, no capítulo 8.4.

No entanto, acreditamos que na maior parte das vezes o jornal e os profissionais envolvidos na redação buscam, conscientemente, não assumir o papel de "mestre" que ensinaria a todos os ouvintes e falaria sobre a *própria verdade*, uma vez que o principal conteúdo de aforizações jornalística nem sequer visa opiniões e convicções próprias pelo próprio foco dos enunciados deste tipo discursivo, mas sim o relato de acontecimentos objetivos e examináveis no mundo real, ou de asserções sobre falas de fontes. Sendo assim, o jornal, ao aforizar, não atuaria, na maior parte dos casos, como um "mestre" que divulga suas convicções, mas sim como um "evangelista" que proclama de modo aforizante não a sua verdade pessoal, mas reproduz e difunde a verdade que ouviu de outros: as fontes envolvidas, os especialistas sobre determinados assuntos, as testemunhas etc. É verdade que nesse processo de "repassar uma verdade" na forma de aforização os jornalistas da Folha de S. Paulo podem (e com certeza o fazem, segundo as bases da AD) deixar vestígios de suas ideologias pessoais nos enunciados, porém, reconhecemos que seria impossível evitar tal prática, tendo em vista a não transparência da linguagem.

3.3 Os enquadramentos, interpretando aforizações

Em seu livro *Frases sem texto* (2014) Maingueneau discorre sobre os enquadramentos, conceito que está relacionado com a forma como "a interpretação de aforizações destacadas de um texto (...) varia em função do quadro através do qual elas são apreendidas. Mas, qualquer que seja o quadro, o intérprete é forçado a construir uma alteridade, também muitas vezes marcada no enunciado" (2014, p. 117), ou seja, o enquadramento se caracterizaria como um domínio de informação ao qual o leitor iria recorrer para interpretar uma aforização e atribuir sentido a uma frase destacada, desse modo "uma 'mesma' aforização é, portanto, tratada diferentemente segundo o enquadramento ao qual a submetemos; sem excluir a possibilidade de combinação de dois enquadramentos" (MAINGUENEAU, 2014, p. 119).

Apesar de o leitor ser o responsável por submeter aforizações a um enquadre, é importante ressaltar que certos tipos do discurso favorecem mais alguns enquadramentos do que outros, por exemplo, uma aforização que figura dentro de um jornal impresso e está ao redor de enunciados do gênero e tipo jornalísticos tem mais tendência a ser interpretada como pertencente ao enquadre informacional.

> Para se mover para um enquadramento específico, o destinatário pode se apoiar em índices de diversas ordens. Alguns depende, do gênero e do tipo de discurso: a imprensa profissional privilegia a dimensão informativa, a imprensa de celebridades

> dá mais ênfase à expressão dos afetos, o discursos religioso rastreia significados ocultos etc. Outros dependem do estatuto da aforização no texto de recepção: títulos, subtítulos, epígrafe, citação isolada… (MAINGUENEAU, 2014, p. 119)

Ao mesmo tempo, ressaltamos que "a identidade do aforizador também desempenha um papel importante: conforme a aforização for atribuída a um sábio, um cantor, um filósofo…, ela será ligada preferencialmente a um enquadramento específico" (MAINGUENEAU, 2014, p. 119). Sendo assim, por mais que o leitor esteja livre para empreender a aforização em diferentes enquadres, existiria um limite estabelecido pelo contexto, texto-fonte e pela identidade do aforizador que estabeleceria as interpretações possíveis, por exemplo, ninguém interpretaria uma aforização presente na epígrafe de um livro de Teologia da mesma forma que interpreta a aforização presente no título de uma matéria jornalística, no primeiro dos casos o leitor é convidado a abstrair o sentido literal das palavras e buscar por significados ocultos ou mais profundos, enquanto o jornal privilegia a informação de maneira direta.

O próprio jornal Folha de S. Paulo utiliza elementos icônicos para transmitir ao leitor informações que podem ajudá-lo na interpretação da aforização e direcionar qual é o enquadramento que deveria ser utilizado. Por exemplo, quando o destaque é proveniente de um trecho do texto-fonte escrito pelo próprio jornalista há uso do sinal [...] (Figura 1), por outro lado, quando a aforização é advinda de uma frase da fonte, usa-se um sinal de aspas em tamanho maior (Figura 2). Sendo assim, por meio de pequenos símbolos, o leitor pode saber se deve interpretar determinada aforização como uma convicção da fonte, ou como uma informação que está sendo destacada pelo jornal para fora de seu texto-fonte.

Figura 1 - Exemplo de aforização extraída do texto jornalístico



ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO Desde que a Rússia anunciou, no fim de julho, que iria aprovar uma vacina para a Covid-19 sem completar os passos usuais de segurança, a reação mundial variou de desprezo a mero ceticismo.

Os motivos para preocupação estão decantados: falta de revisão por pares da metodologia científica que levou à substância e dos testes realizados, e a imunização em massa ao mesmo tempo em que os vitais testes da chamada fase 3 são realizados.

Ainda assim, a pergunta que fica é: e se a vacina russa, anunciada pelo presidente Vladimir Putin nesta terça (11), funcionar? O impacto político disso é tão grande que não faltou ambição na escolha de seu nome fantasia: Sputnik V.

Em 1957, o mundo ainda saía dos escombros da Segunda Guerra Mundial e a União Soviética buscava acompanhar os rivais Estados Unidos em termos tecnológicos. Já havia conseguido explodir sua bomba de hidrogênio, mas estava sempre alguns passos atrás.

O componente ideológico do regime comunista emperrava as coisas às vezes, como na promoção pelo ditador Josef Stálin de ideias evolucionistas lamarckistas em pleno século 20, já com as evidências mendelianas sobre hereditariedade estabelecidas, porque se encaixavam melhor com a ideia da construção do Novo Homem soviético.

Assim, foi com espanto que o mundo viu Moscou lançar ao espaço o Sputnik, o primeiro satélite artificial. Naquele momento, contudo, a descrença era acompanhada por um terror existencial no Ocidente.

Hoje há rivalidade, mas ninguém acha que Putin quer dominar o mundo só porque apressou o lançamento de sua versão 2020 do Sputnik (satélite, em russo).

Mas a disputa política é evidente. O presidente é tratado em boa parte do Ocidente como vilão, o que tornaria uma vitória científica dessa magnitude difícil de engolir em Washington e na maior parte das capitais europeias.

Isso já se via na campanha de fake news sobre as vacinas que estão sendo desenvolvidas pela China.

Por aqui, a crítica aos chineses virou até política oficial do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), muito por que eles são parceiros do governo paulista, de seu rival João Doria (PSDB).

O homem que cunhou o ter-

[...]

Putin é o vilão predileto do Ocidente — embora esteja perdendo rapidamente o posto para o chinês Xi Jinping. Depois de anexar a Crimeia em 2014 e anunciar armas nucleares 'invencíveis' em 2018, uma vacina coroaria um novo Putin. Ou o exporia ao ridículo

russa de contagem de mortos, que deixa o país na curiosa situação de ter muitos casos e relativamente poucos óbitos.

Mas, muito mais do que Bolsonaro, o russo assumiu um discurso responsável. Agora consolida sua conversão e joga tudo no "momento Sputnik", correndo naturalmente o risco de ver o velho Karl Marx acertar uma: "A história se repete, a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa".

Pesquisa ocorreu sob um véu de segredos de caráter militar

A criação da Sputnik V foi cercada de segredo. Com efeito, ela teve caráter militar.

Custeada por 4 bilhões de rublos (R$ 300 milhões) pelo RDIF (Fundo de Investimento Direto da Rússia), a Sputnik teve colaboração direta do Ministério da Defesa Russo.

Uma de suas unidades, o 48º Instituto Central de Pesquisas, participou do esforço liderado pelo Instituto Gamaleya.

Mais chamativa ainda foi a participação do Centro Vektor. Criado em 1974, esse instituto era um dos responsáveis por pesquisas de armas biológicas soviéticas durante a Guerra Fria.

gramas de vacinação, Nikolai Gamaleya. Ele, que fora aluno do francês Louis Pasteur (1822-95), passou a emprestar seu nome ao local — prática comum na Rússia, onde até o metrô de Moscou tem nome, no caso o líder soviético Vladimir Lênin (1870-1924).

Programas extensos de vacinação passaram por lá e, a partir de 1966, o Gamaleya passou a focar mais a pesquisa pura. De lá saíram descobertas como a relação entre vírus e tumores, diagnóstico por quimioluminescência e o desenvolvimento da droga interferon.

A desconfiança internacional sobre a pesquisa médica russa, evidenciada pelos prazos exíguos da Sputnik, nem sempre foi assim. Mesmo no início da Guerra Fria, a União Soviética mantinha cooperação com os norte-americanos.

O virologista Mikhail Tchumakov (1909-93), por exemplo, trabalhou em conjunto com o polonês-americano Albert Sabin (1906-86) para a criação da vacina oral contra a poliomielite.

A hoje universal gotinha foi testada primeiro com soviéticos, entre 1958 e 1959, no mesmo momento em que a corrida espacial pegava fogo. Os EUA torceram o nariz politicamente, mas em 1962 acabaram aprovando também o imunizante. IG

1/2, ambos os institutos depositaram pedido para realizar a fase 3 randomizada, duplo-cega, e com grupo controle com 5.000 voluntários maiores de 18 anos na China.

Moderna/Niaid
A vacina da Moderna, desenvolvida em parceria entre o governo dos EUA, o Instituto de Pesquisa em Saúde Kaiser Permanente e a empresa de biotecnologia Moderna, foi a primeira testada em humanos. Ela usa trechos de RNA — material genético 'primo' do DNA, porém com apenas uma fita — do vírus que codificam, novamente, a proteína S.

Pfizer/BioNTech – BNT162b1 e BNT162b2
As empresas anunciaram resultados positivos das fases combinadas 1/2. Todas as vacinas estudadas pela Pfizer (são quatro) usam RNA para provocar resposta imune. Duas vacinas, a BNT162b1 e a BNT162b2, já foram aprovadas para teste no Brasil.

Fonte: Edição de 12 de agosto de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Figura 2 - Exemplo de aforização extraída de fala da fonte



Anvisa diz não ter recebido pedido russo de registro

Renato Machado

BRASÍLIA A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) informou nesta terça-feira (11) que ainda não foi procurada pelo laboratório russo que desenvolveu a vacina contra o novo coronavírus e que, portanto, não recebeu pedidos para autorização de pesquisa ou registro da vacina.

A Rússia anunciou nesta terça que concedeu a primeira aprovação regulatória do mundo para uma vacina contra a Covid-19, que foi chamada de Sputnik V para os mercados estrangeiros.

A aprovação foi dada pelo Ministério da Saúde do país à imunização produzida pelo Instituto Gamaleia de Moscou após menos de dois meses do início dos testes em humanos, segundo afirmou o presidente russo, Vladimir Putin.

Autoridades russas anunciaram que países latino-americanos começam a produzir a vacina em novembro. O estado do Paraná também anunciou acordo com a Rússia para a produção da vacina.

"Até o momento o laboratório russo responsável pelo desenvolvimento da vacina não apresentou nenhum pedido de autorização de protocolo de pesquisa ou de registro da vacina para a Anvisa", afirmou a agência por meio de nota.

"A análise da Anvisa começa a partir da solicitação do laboratório farmacêutico. Desta forma, não é possível para a agência fazer qualquer avaliação ou pronunciamento em relação a segurança e eficácia deste produto antes que tenha acesso a dados oficiais apresentados pelo laboratório."

A agência também afirma que, desde o início da pandemia, tem dado prioridade para a avaliação de medicamentos de combate à Covid-19. As solicitações de autorização de estudo clínico, argumenta o órgão, tem sido avaliadas em um prazo de 72 horas.

A Anvisa também afirmou que os medicamentos ou vacinas precisam passar por três etapas antes de serem aprovados pela agência: desenvolvimento exploratório, pesquisa pré-clínica, pesquisa clínica (uso em humanos) e registro. Após o registro, a vacina é então monitorada no período pós-mercado.

"O laboratório russo responsável pelo desenvolvimento da vacina não apresentou nenhum pedido de autorização de protocolo de pesquisa ou de registro da vacina"

Anvisa

Fonte: Edição de 12 de agosto de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Esse fenômeno demonstra como os elementos icônicos possuem grande importância na mídia impressa, e não apenas na mídia digital (onde podem assumir formas de emojis), e também que existe um certo esforço da Folha de S. Paulo para direcionar a forma como os leitores devem interpretar as aforizações e qual enquadramento deve ser utilizado nesse processo.

Voltando a discorrer sobre os enquadramentos, ao todo Maingueneau estabeleceu seis diferentes tipos de enquadres e os organizou em dois regimes. A primeira classificação criada pelo autor é a informacional, nas palavras do analista do discurso: "o enquadre cujo tratamento é menos custoso para o intérprete é o de ordem informacional, ele visa fazer saber" (MAINGUENEAU, 2014, p. 119). Altamente utilizado no jornalismo, por meio desse enquadramento, uma aforização "só é verdadeiramente interpretável se o destinatário a destaca de um pano de fundo de conhecimentos partilhados" (MAINGUENEAU, 2014, p. 120), esse processo pode ocorrer, por exemplo, quando o leitor faz a leitura de um olho e verifica o símbolo [...] acima desse, entendendo que a interpretação deve ser feita em relação ao texto-fonte que figura ao lado da aforização.

A segunda categoria é a do enquadre testemunhal, aquele que é composto por uma "afirmação de uma convicção pessoal, fruto de uma experiência singular" (MAINGUENEAU, 2014, p. 120). A Folha de S. Paulo induz a interpretação de aforizações para essa categoria por meio do uso de aspas em tamanho maior, como visto na Figura 2.

Nesse caso o enquadre pode se manifestar de dois modos: como sentencioso, no qual o "aforizador enquanto tal: para além do problema imediato, ele é o que retorna aos valores que devem garantir a coesão da comunidade" (MAINGUENEAU, 2014, p. 121) ou como personalizante, que por sua vez "está centrado na expressão direta das emoções do locutor, e não na afirmação de normas coletivas" (MAINGUENEAU, 2014, p. 121).

Existiria também o enquadre acional, no qual "a aforização é posta em cena porque seu produtor é um ator, a quem se atribui o poder de modificar a situação" (MAINGUENEAU, 2014, p. 123), segundo Maingueneau, esse enquadre "deve ser lido como um ato que desloca uma peça no tabuleiro" (2014, p. 123), uma vez que é proferido por "alguém cujas palavras têm o poder de transformação da realidade" (MAINGUENEAU, 2014, p. 123). Ressaltamos que os enunciados desse tipo também podem vir acompanhados do sinal de aspas no jornal, uma vez que, assim como no enquadre testemunhal, são essencialmente proferidos por fontes.

Os três enquadres descritos até o momento pertencem ao regime de atualidade e são os mais recorrentes no jornalismo profissional, o leitor que atribui uma aforização a uma dessas classificações deve interpretá-la de acordo com o "vasto interdiscurso do que pode alimentar as conversas em um tempo e lugar determinados. Aqueles que estão ligados ao espaço midiático, que 'acompanham as notícias', dispõem do saber enciclopédico necessário para interpretar adequadamente tais aforizações" (MAINGUENEAU, 2014, p. 123-124).

No entanto, o autor ainda defende a existência de enquadramentos no regime memorial, o primeiro desses seria o enquadre histórico, no qual uma aforização "é inseparável de uma narrativa, é uma parte e um traço de um acontecimento que se perpetua como singular e exemplar" (MAINGUENEAU, 2014, p. 124).

Por outro lado, diferentemente de todas as categorias anteriores, "o enquadramento 'sapiencial' não inscreve a aforização em um acontecimento, mas a apreende como ponto de vista de um sujeito privilegiado. Esse enquadramento sapiencial pode se manifestar como enquadramento moralista ou como enquadramento hermenêutico" (MAINGUENEAU, 2014, p. 124). Destrinchando as qualidades de cada um desses, o enquadramento moralista seria aquele em que "a aforização enuncia julgamentos – de bom senso ou paradoxais – sobre a ordem do mundo: os homens, as crianças, a amizade, a ambição, os italianos, o Japão, o capitalismo… Diferentemente do provérbio, este tipo de aforização é ligada a um nome próprio e a um texto-fonte" (MAINGUENEAU, 2014, p. 124-125). A presença desse deve ser rara no tipo jornalístico, uma vez que a deontologia desse discurso prevê que sejam evitados julgamentos e opiniões pessoais e seja priorizada uma tentativa de objetividade. A ocorrência

do enquadre moralista pode se dar se for destacado o julgamento de uma fonte com o intuito de demonstrar como essa pessoa pensa sobre determinado assunto, nesse caso ainda carregando certa dimensão informacional.

Por fim, o último enquadre é chamado de hermenêutico, nesse a aforização teria um significado "oculto" e recorreria ao uso de tropos, sendo assim, "o enunciado reserva um sentido que não pode ser dado imediatamente, que exige um verdadeiro trabalho de interpretação" (MAINGUENEAU, 2014, p. 125). Os enquadres do regime memorial seriam menos presentes no discurso jornalístico uma vez que nesses "a aforização se inscreve em uma memória coletiva de longa duração. As aforizações relacionadas ao regime memorial são os ditos, referentes a um autor identificado e inscrito em um *thesaurus*" (MAINGUENEAU, 2014, p. 124).

Nesta dissertação listamos os possíveis enquadres de todas as aforizações encontradas no *corpus* recrutado e, ao final das análises, fazemos um quadro comparativo indicando as classificações mais recorrentes nas aforizações do jornalismo impresso e aquelas que mais se apresentam nas aforizações em ambiente digital, traçando explicações para os resultados.

A nossa opção por esta metodologia se justifica porque, como descrito anteriormente no começo deste subcapítulo, apesar de os enquadres serem interpretativos e terem sua classificação dada pelo receptor, Maingueneau reconhece que as aforizações circulam "com um sentido relativamente consensual porque o sentido já foi previamente estabilizado. No caso das aforizações isoladas, sem comentários, o leitor deve interpretar tentando compreender a intenção daquele que destacou o enunciado" (MAINGUENEAU, 2014, p. 128). No caso das *threads* jornalísticas ou do jornalismo impresso, a aforização nunca circula de forma independente, mas sempre em relação a um contexto e um texto-fonte que o leitor deve levar em conta para realizar a interpretação, em outras palavras, o número de interpretações possíveis, e de enquadres que o leitor poderia lançar mão, já são delimitados pelo contexto jornalístico dos enunciados e pelo assunto tratado nos textos-fontes.

Ademais, ressaltamos que o próprio Maingueneau, no ato de listagem e explicação dos enquadres, nos dá exemplos em todas as classificações. Ora, se o criador desses conceitos, a partir da posição de analista do discurso, classifica aforizações e as atribui a diferentes enquadres para nos apresentar essa noção, isso significa que seria possível para um pesquisador da área fazer o mesmo trabalho e também caracterizar determinadas aforizações como pertencente a um ou mais enquadres. Por fim, ressaltamos que se seguíssemos, de maneira literal, o pressuposto de que os enquadres são interpretativos e que devem ser dados apenas pelo receptor para obter o sentido de uma aforização, nunca haveria pesquisas que

utilizassem esse conceito, uma vez que o receptor e o pesquisador estariam em locais considerados diferentes. Sendo assim, temos que reconhecer que o analista do discurso também pode, ao se deparar com uma aforização, "enquadrá-la", no entanto, para fazer jus ao seu trabalho de pesquisador, esse deve apresentar todos os enquadramentos possíveis (diferentemente do receptor que poderia se prender apenas aos que lhe convém), citando também as interpretações que seriam decorrentes.

Para ilustrar essa situação daremos um exemplo: a aforização "Independência ou morte", grito lendário dado por Dom Pedro I às margens do Rio Ipiranga, pode ter sentidos diferentes de acordo com o enquadre que o receptor lhe atribui. Se interpretada por um enquadre histórico, a aforização estará ligada com todos os fatos históricos que orbitam seu entorno, segundo Maingueneau: "através de um enquadre histórico, o intérprete deve determinar aquilo que o personagem 'quis dizer' na situação, que ato de fala realizou, que implícitos o destinatário imediato teve que descobrir" (2014, p. 126), por outro lado, se a mesma aforização for interpretada pelo enquadre moralista, por mais que ainda faça referência a Dom Pedro, estaria mais ligada a um desejo de lutar pela sua independência até as últimas consequências. Por fim, atualmente, essa aforização pertence ao regime memorial e está atrelada a uma memória coletiva de longa duração, porém, na época em que foi proferida, antes de um enquadre moralista ou histórico, era primordialmente interpretada pelo enquadre acional, uma vez que foi por meio desses dizeres que Dom Pedro tornou o Brasil um país independente, além de ser informativa (Dom Pedro informava que o Brasil se tornava independente).

Vemos que essa aforização se encaixa em quatro dos seis enquadres criados por Maingueneau, porém, não são todas as interpretações que são viáveis em todos os contextos. Se esse enunciado figurar em um livro de história, teria claramente o enquadre histórico como principal, ao mesmo tempo em que, se citado por um político, seria considerado moralista. Por fim, na contemporaneidade ninguém mais considera "Independência ou morte" uma aforização do enquadre informacional ou acional, já que a independência do Brasil é um fato dado como concreto há 200 anos. Dessa forma, apesar de a aforização ter aberto interpretação para quatro enquadres, aplicando um filtro que leva em consideração o contexto de inserção, ela pode ser inserida em apenas um.

O exemplo aponta como uma aforização com muitos possíveis enquadres tem uma redução de possibilidades de acordo com o contexto, pessoa que a utiliza, autor e o texto-fonte do qual foi extraída. Nesta pesquisa iremos enquadrar as aforizações de acordo com o contexto específico e restrito das *threads* jornalísticas e do jornal impresso, o que já limita o

leque de interpretações possíveis que podem surgir. Se for possível a utilização de mais de um enquadre e houver interpretações diferentes advindas de cada um desses, serão descritas todas as interpretações possíveis. No entanto, ressaltamos que, dentro do contexto do jornalismo, as aforizações tendem mais para o regime de atualidade e para os enquadres informacionais e testemunhais, sendo assim:

> No caso do regime de atualidade, existem diversas maneiras de mobilizar o contexto. Quando se trata do paratexto (títulos ou intertítulos), o essencial dos elementos pertinentes para a interpretação se encontra no texto contíguo. Se se trata de pequenas frases, ou mais amplamente do burburinho, a aforização é vinculada por um discurso de acompanhamento que atribui uma interpretação (MAINGUENEAU, 2014, p.128)

Em resumo, iremos apresentar as aforizações presentes nas *threads* e no jornal impresso e demonstrar quais são os enquadramentos viáveis e possíveis no contexto específico das *threads* jornalísticas presentes no Twitter e das matérias publicadas no papel. Seguindo as recomendações de Maingueneau citadas acima, o contexto será buscado no texto contíguo a essas aforizações. Reconhecemos que talvez possa haver outras interpretações se as mesmas frases destacadas presentes nas *threads* jornalísticas fossem publicadas em outros espaços, como em um *outdoor* ou em uma propaganda política. No entanto, não nos interessa nenhuma interpretação ou possível enquadre que esteja fora das *threads* e das edições do jornal impresso que foram recrutadas para o *corpus* desta pesquisa.

4 O TECNODISCURSO: CARACTERÍSTICAS E METODOLOGIA

Como dito na Introdução desta dissertação, consideramos que todos os discursos são marcados pelos seus componentes tecnológicos. Essa afirmação é feita a partir do entendimento de que os equipamentos usados na produção de um enunciado – como papel, prensa de impressão ou sites na web – e o mídium em que esse é publicado – como livros, rádio, televisão ou sites na web – modificam o sentido, a forma, e impõem limitações ou novas possibilidades que também são responsáveis por construir o sentido de um enunciado. Antes da popularização da internet já podíamos encontrar esse fenômeno, por exemplo, na forma como o componente tecnológico "rádio" influenciava e impactava na criação de discursos adaptados ao seu meio, com descrição de imagens e situações, ou no modo como o componente tecnológico "televisão" permite que os enunciados tenham um plano imagético que complementa a parte linguística.

O foco desta dissertação são discursos produzidos em ambiente digital, mais especificamente no Twitter, sendo assim, apresentamos nas análises e no decorrer do trabalho os impactos específicos dessas tecnologias nos enunciados jornalísticos. Para alcançar tal objetivo, lançamos mão dos trabalhos de Marie-Anne Paveau, analista do discurso que foi responsável por cunhar o termo "tecnodiscurso" e que se dedicou a estudar os enunciados nativos do ambiente digital e do Twitter, o que torna a sua produção extremamente fértil e pertinente para esta pesquisa.

Na visão da autora, as características específicas dos enunciados nativos digitais exigiriam "a criação de instrumentos de análise adequados ou a adaptação de instrumentos já existentes em análise de discurso. Proporemos aqui, especialmente, as categorias gerais da tecnologia discursiva, tecnodiscursos e forma tecnolinguageira" (PAVEAU, 2021, p. 60). No entanto, é necessário ressaltar que Paveau utiliza o conceito de "tecnodiscurso" para se referir *apenas* a enunciados produzidos em ambiente digital, distanciando-se de nossa concepção em que todo discurso teria sua natureza tecnológica.

Em nossa visão, os enunciados nativos digitais apenas tornam sua dimensão técnica mais transparente e escancararam o modo como a tecnologia altera o sentido e a forma de um discurso ou enunciado. Em outras palavras, como demonstrado no começo deste capítulo com os exemplos relativos ao rádio e à televisão, seria possível chamar todos os discursos de "tecnodiscurso", na medida em que talvez apenas os enunciados orais possam ocorrer alheios à tecnologia. No entanto, com o objetivo de usar uma terminologia clara, possibilitar

facilidade de entendimento das análises e estar em adequação com a teoria que será mobilizada na dissertação, optamos por seguir com o uso do termo "tecnodiscurso" como foi estabelecido por Paveau, ou seja, tratando de enunciados nativos digitais com essa expressão.

Paveau, em seu livro *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas* (2021), aponta as seis principais características que são intrínsecas ao tecnodiscurso, a primeira delas é a relacionalidade, que foi estabelecida em três dimensões. Em primeiro lugar, os tecnodiscursos se relacionam com os escritores, responsáveis pela produção do texto, e com os leitores-escritores, usuários da internet que possuem a possibilidade de realizar o ato da leitura, escrita e edição (por meio de comentários, por exemplo). Em seguida, a relacionalidade também ocorre com os aparelhos, uma vez que os enunciados nativos digitais são "literalmente coproduzidos pela máquina" (PAVEAU, 2021, p. 311) e possuem natureza "Compósito", o que revela uma composição dependente da parte técnica (PAVEAU, 2021, p. 119-120).

A composição mista entre linguageiro e tecnológico dos enunciados digitais seria outra característica principal dos tecnodiscursos, segundo Paveau "esse tipo de composição tecnolinguageira é desenvolvida por um hibridismo semiótico: os tecnodiscursos podem ser plurissemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada, som" (2021, p. 58). Vale ressaltar que, em nossa visão, essa dinâmica de "coprodução com máquinas" também poderia ser checada em outras formas de enunciados, por exemplo, nos discursos radiofônicos ou televisivos.

Por fim, os tecnodiscursos também possuem relacionalidade, pois estão, devido à estrutura hipertextual da internet, interligados a outros enunciados digitais (PAVEAU, 2021, p. 311). Isso significa que, para estabelecer um *corpus* ao trabalhar com tecnodiscursos, é necessário levar em conta a forma como esses se ligam, fazem referências, e estão, por sua própria natureza, constantemente relacionados a outros, por meio de links, por exemplo. A autora deixa clara a importância desse fenômeno ao pontuar que: "a relacionalidade tem um efeito direto sobre a coleta dos dados, a elaboração dos observáveis e a construção dos *corpus*" (PAVEAU, 2021, p. 314).

Além de levar em conta a questão da relacionalidade para a coleta do material que será alvo da pesquisa, também consideramos que um *corpus* discursivo deve ter a unidade de seus enunciados determinada por um "certo número de coordenadas espaço-temporais e mais geralmente circunstanciais (tempo da enunciação, lugar da enunciação, circunstâncias da enunciação, que incluem a presença de alocutários determinados...)" (COURTINE, 2009, p. 108). Ou seja, os enunciados recrutados para a pesquisa precisam ter as mesmas Condições de

Produção, além de cumprir às exigências listadas por Courtine (2009, p. 56) de criarem um *corpus* representativo e homogêneo, trazendo respostas para a hipótese da pesquisa.

Portanto, inicialmente foram selecionadas para as análises quatro *threads* publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo durante o ano de 2020 que possuem como tema o desenvolvimento de vacinas para o coronavírus. A escolha de um único assunto foi necessária para delimitar as Condições de Produção e criar um efeito de unidade, já que as *threads* publicadas em 2020 abordavam os mais diversos tópicos, começando com a premiação do Oscar, passando por uma explicação sobre o que é o PIB e chegando até uma série temática sobre a ditadura militar. A unidade temática permite uma análise eficiente sobre o processo que leva aos destacamentos e a forma como a mídia digital impacta no processo de destacabilidade, o que é um dos objetivos desta dissertação.

A escolha desse assunto também é justificada devido ao alto impacto do tema no jornalismo nacional. A pandemia do coronavírus forneceu material abundante para análises e foi o único assunto que se tornou alvo de doze *threads* diferentes ao longo de diversos meses de 2020. No entanto, abordar todas essas *threads* iria tornar a pesquisa enfadonha e com resultados repetitivos, portanto, escolhemos selecionar apenas aquelas que têm como tema o desenvolvimento da vacina, fazendo uma filtragem que cria um *corpus* mais reduzido.

Por fim, com o intuito de tornar o *corpus* desta dissertação, de fato, representativo, optamos por selecionar mais uma última *thread*, sendo essa a primeira publicada sobre o tema da pandemia. A análise dessa pode ser entendida como um complemento que tem como objetivo tornar os resultados da pesquisa mais robustos e proporcionar uma visão global sobre o processo de destacamento nas *threads*.

Na tabela abaixo (Tab. 1) é possível conferir o título das *threads* que foram recrutadas para as analisadas nesta dissertação:

Tabela 1: Material de análise.

Título da *thread*	Data de publicação	Link
UTILIDADE PÚBLICA: CAIU O PAYWALL	12/03/2020	https://twitter.com/folha/status/1238271587746492417
🇷🇺💉 Rússia aprova regulação de vacina contra a Covid-19, mas OMS cobra resultados clínicos; entenda a polêmica	11/08/2020	https://twitter.com/folha/status/1293280225707659265
💉 O GOVERNADOR, O PRESIDENTE E A VACINA 💉	25/10/2020	https://twitter.com/folha/status/1320454974137126912

💉 A QUANTAS ANDAM AS VACINAS CONTRA A #COVID19 💉	18/11/2020	https://twitter.com/folha/status/1329103179628367877
VACINAS CONTRA COVID-19: VERDADES E MENTIRAS, A THREAD	17/12/2020	https://twitter.com/folha/status/1339586572539162625

Fonte: Elaborada pelo autor

Tendo em vista que as *threads* jornalísticas do jornal Folha de S. Paulo efetuam destacamentos fracos de textos-fonte disponíveis no site do veículo e que essas são, por sua natureza, tecnotextos que possuem relacionalidade estabelecida por meio de links com as matérias completas; os textos-fonte também foram selecionados para compor o *corpus*. O título de cada um desses é citado no capítulo de análises. Por último, mantendo em mente que o foco da pesquisa é investigar relações e estabelecer as diferenças entre os enunciados que passaram pelo processo de destacamento no jornal impresso e nas produções digitais, os textos jornalísticos publicados nas edições impressas que são versões adaptadas do material online também foram selecionados para o *corpus*. Novamente, o título de cada um desses, e a forma como obtivemos acesso ao material, serão apresentadas na seção de análises.

A propriedade da relacionalidade está diretamente ligada com outra característica fundamental dos tecnodiscursos: a investigabilidade. De acordo com a propositora desse conceito, a investigabilidade diz respeito à forma como os discursos nativos digitais "se inscrevem, no sentido material do termo, num universo que nada se esquece e que é percorrido por ferramentas de busca e de redocumentação. Eles são, portanto, investigáveis, ou seja, localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições etc." (PAVEAU, 2021, p. 59).

Por sua vez, a quarta característica que seria própria das produções nativas digitais é a ampliação. Essa se manifesta, principalmente, "pela prática do comentário, nos blogs, nos sites de imprensa ou em redes sociais: a compreensão das mensagens não depende mais apenas da sua enunciação primeira, mas integra as enunciações segundas, prolongamentos temáticos ou metadiscursos" (PAVEAU, 2021, p. 53-54).

Pesquisadores na área da Comunicação, à sua maneira, também já reconhecem o fenômeno da ampliação. Zago, doutora em Comunicação que estuda o Jornalismo no Twitter, defende que a produção de notícias se torna cada vez mais participativa, uma vez que "um usuário comum pode exercer um papel importante como agregador de conteúdos sobre um determinado tema, da mesma forma que um veículo jornalístico pode exercer um papel

complementar como principal fonte de informação referenciada" (2014, p. 36). A autora complementa esse raciocínio ao defender que:

> Se antes era possível demarcar claramente os papéis de emissor e receptor de notícias, com a internet, as fronteiras entre produção, circulação e consumo se tornam cada vez mais borradas. Um leitor pode tanto apenas ler uma notícia como também comentar, fazer circular, ou até mesmo criar algo novo a partir da combinação da notícia com outros elementos. Essa mudança no comportamento das audiências guarda relação com o contexto mais amplo da cibercultura, a partir da superação das barreiras cognitivas e tecnológicas de acesso às ferramentas de produção. Com isso, as audiências podem trazer contribuições ao processo jornalístico ao incluir camadas de significação ao acontecimento jornalístico, combinando elementos para informar, criticar, e até para produzir humor a partir de uma notícia. (ZAGO, 2014, p. 49)

Reconhecemos a existência e a importância da ampliação no sentido das enunciações digitais, porém não iremos fazer a análise de comentários feitos por usuários do Twitter nesta dissertação, uma vez que o foco da pesquisa é encontrar as regularidades e diferenças no processo de destacamento no texto impresso e digital. No entanto, levando em conta que a ampliação também se manifesta na forma como o texto digital pode ser considerado sempre inacabado e passível de adições ou atualizações por parte de seus enunciadores, a ampliação nas *threads* jornalísticas também se dá no modo como "a sequência de *tweets* permite a adição de uma nova publicação ao fio a qualquer momento, em ação que pode ser utilizada para tratar justamente destes desdobramentos da narrativa" (ROCHA, 2022, p. 59). Em resumo, não trataremos da ampliação no âmbito dos comentários proferidos por usuários do Twitter, mas essa será trazida para as análises nos caso de atualizações feitas pela própria Folha de S. Paulo.

Outro atributo típico dos tecnodiscursos, que é especialmente interessante para esta dissertação, é a deslinearização. Essa pode ser entendida como "a intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso, que direcionam o leitor-escritor de um fio do discurso-fonte a um fio do discurso-alvo, instaurando uma relação entre dois discursos" (PAVEAU, 2021, p. 145). Esse fenômeno se faz presente, por exemplo, por meio dos links disponíveis nas *threads* e que transportam o leitor-escritor para matérias publicadas no site. O uso de destacamento fraco nas *threads* incentiva o leitor a conferir na íntegra o texto-fonte, além de ligar as aforizações à suas fontes e serem cruciais para o entendimento de um enunciado destacado. Essa lógica já estava presente no jornalismo impresso (MAINGUENEAU, 2014, p.19), por exemplo, quando uma parte do enunciado sofre processo de destacamento e se torna uma manchete na primeira página, convidando o leitor a consumir o texto inteiro. No entanto, nos

tecnodiscursos o processo de destacamento fraco é potencializado pela deslinearização e relacionalidade, possibilitando que o leitor-escritor viaje por uma série de textos diferentes.

Paveau também cita a imprevisibilidade como uma última particularidade típica dos tecnodiscursos, o conceito explica como "os discursos digitais nativos são parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos, fato que os torna imprevisíveis para os enunciadores humanos" (2021, p. 59). Sendo assim, o ambiente digital também impacta nos sentidos de discursos por meio de seu funcionamento algorítmico. Luciana Salgado debate esse tema ao discorrer sobre a importância de "assumirmos o que há da tela pra lá como condicionante dos dizeres, incluir a linguagem de programação no entendimento da multimodalidade dos textos em língua natural e levar em conta os objetos técnicos em que os discursos se textualizam" (2021, p. 23).

Esta dissertação de mestrado, no entanto, não irá explorar em suas análises o impacto da programação, dos algoritmos ou do que há "da tela pra lá". Nos preocupamos em observar durante as análises as formas como os enunciados se manifestam na tela dos leitores e se preocupam em construir a sua apresentação, além de pontuar quais são os impactos produzidos por essa apresentação. Em outras palavras, as análises desta pesquisa focam na dimensão cenográfica do enunciado e no modo como a enunciação "ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala" (MAINGUENEAU, 2004, p. 87). Tratamos desse conceito com maior profundidade e apresentamos as bases teóricas relacionadas a esse tema no capítulo 6 da dissertação.

Por fim, é importante ressaltar que não menosprezamos o impacto dos algoritmos e da programação no sentido de um tecnotexto, posto isso, a presente pesquisa apenas tem outro foco, o de analisar produções do discurso jornalístico a partir da cenografia e dos impactos que são decorrentes deste fenômeno. Sendo assim, pesquisas em um âmbito algorítmico podem ser alvo de futuros trabalhos situados também na base teórica e metodológica da Análise do Discurso.

5 AS *THREADS* JORNALÍSTICAS E A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO E SITES DE REDES SOCIAIS

Após a apresentação das características do discurso jornalístico e da elucidação de conceitos da Análise do discurso como destacamento, aforização e enquadres, além da descrição de características do tecnodiscurso, podemos finalmente tratar sobre as *threads* jornalísticas, foco desta dissertação e forma de produção textual que reúne em si todos esses elementos tratados anteriormente.

Introduzimos esta discussão citando o livro *A condição humana* (2007), no qual a filósofa Hannah Arendt discorre sobre as diferenças entre a Esfera Pública e a Esfera Privada, sendo a primeira dessas o espaço onde as decisões políticas eram tomadas pelos homens livres, e a segunda se referindo à família e à vida pessoal. Esses conceitos foram criados com base na vida da pólis grega e, no tocante à modernidade, Arendt considera: "a ascendência da esfera social, que não era nem privada nem pública no sentido restrito do termo, é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincidiu com o surgimento da era moderna e que encontrou sua forma política no estado nacional" (2007, p. 37). Nesse sentido, a vida privada cada vez mais passou a influir na política e na sociedade em geral: "a administração doméstica e todas as questões antes pertinentes à esfera privada da família transformaram-se em interesse 'coletivo'. No mundo moderno, as duas esferas constantemente recaem uma sobre a outra" (ARENDT, 2007, p. 42). De certa forma, Byung-Chul Han continua essa reflexão em seus trabalhos atuais ao afirmar que:

> A mídia digital não oferece apenas uma janela para o assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos. *Windows*[10] são janelas com portas, que se comunicam com outras *Windows* sem espaços ou instâncias intermediárias. Por meio de *Windows* não lançamos o olhar apenas a um espaço público, mas sim a outras *Windows*. Nisso as mídias digitais se distinguem das mídias de massa como o rádio ou a televisão. Mídias como blogs, Twitter ou Facebook desmediatizam a comunicação. (2018, p. 25)

[10] O autor faz uma referência ao sistema operacional *Windows*.

Logo, poderíamos considerar a web e os sites de redes sociais[11] como uma nova forma de manifestação da esfera social, já que esses são espaços nos quais os indivíduos se juntam para discutir e debater política ao mesmo tempo em que a vida privada interfere na discussão, sendo compartilhada no mesmo ambiente. O jornalismo também adentrou a esfera social e faz uso de plataformas como Twitter, Facebook, Instagram e TikTok para compartilhar notícias e informações em um ambiente que mistura o público e o privado; dessa forma, os seus enunciados assumem novas características das quais tratamos nesta dissertação.

Foco desta pesquisa, o Twitter é utilizado como meio de difusão de informações por figuras públicas, governos e, também, por veículos como o Estadão, O Globo e Folha de S. Paulo, jornais que utilizam os formatos de *thread* e tuíte para compartilhar notícias, divulgar informações, ou fornecer links para as matérias disponíveis em seus sites. Acerca da sua rotina nessas plataformas, o Manual de Redação da Folha de São Paulo afirma que o veículo usa sites de "redes sociais para distribuir seus conteúdos e incentiva os profissionais a fazerem o mesmo de forma independente. É vedado, porém, postar conteúdo integral de reportagens e colunas" (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 121).

Para possibilitar uma melhor compreensão sobre a forma como esse jornal lança mão do Twitter, dividimos este capítulo em três partes. A primeira delas se preocupa em definir dois tecnogêneros (PAVEAU, 2021) ou hipergêneros (MAINGUENEAU, 2017) – conceitos que serão tratados com mais rigor no capítulo 6 – que podem ser produzidos nessa plataforma: o tuíte e a *thread*; por sua vez, a segunda parte discorre sobre a relação que o jornalismo estabelece com Twitter do ponto de vista da Análise do Discurso e de pesquisadores da área da Comunicação; por fim, na terceira fração apresentamos uma pesquisa realizada anteriormente no campo da Comunicação sobre as *threads* jornalísticas criadas pela Folha de S. Paulo.

5.1 O Twitter, o tuíte e a *thread*

[11] Por sites (ou plataformas) de redes sociais entendemos páginas na web que, por meio de suas ferramentas, permitem ao usuário "(1) construir um perfil público ou semi-público em um sistema interligado, (2) articular uma lista de outros usuários com os quais eles compartilham uma conexão, e (3) ver e cruzar suas listas de conexões e aquelas feitas por outros no sistema" (BOYD e ELLISON, 2007, p. 211), dentre as finalidades dessas plataformas estão a construção de uma rede de indivíduos (que seria a própria rede social) e o "compartilhamento de foto ou de vídeo; outros trazem a tecnologia de blog ou de mensageiro instantâneo" (BOYD e ELLISON, 2007, p. 214). Sobre o Twitter em específico, Zago afirma que esse "pode ser visto como um híbrido entre uma ferramenta de informação e uma ferramenta de interação" (2011b, p.37) e que a "rede social é apenas uma das facetas do Twitter. Ele também pode ser visto como uma ferramenta para o compartilhamento e troca de informações" (ZAGO, 2011b, p. 37).

O Twitter foi criado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, o objetivo inicial da plataforma era atuar como uma espécie de SMS para a internet, sendo um site no qual os usuários poderiam fazer *microblogs* (pequenos enunciados com textos, fotos e outras formas de mídia) tratando dos mais diversos temas cotidianos. Entretanto, logo o site de rede social evoluiu e assumiu mais uma característica: para figuras públicas o Twitter é um espaço para compartilhar atualizações relevantes para os seus seguidores, por esse motivo, é possível encontrar um grande número de celebridades informando seus próximos passos para seus fãs, jornais e veículos de comunicação divulgando notícias e até mesmo políticos ou entidades governamentais anunciando medidas públicas, refutando comentários de opositores e comunicando decisões políticas por meio dessa plataforma.

Zago, pesquisadora da área da Comunicação que estuda a circulação e recirculação de conteúdo jornalístico no Twitter, tratou sobre esse assunto ao afirmar que "não chega a ser surpreendente que a declaração de uma pessoa famosa no Twitter acabe sendo apropriada por um jornal de referência e sirva de base para a produção de uma matéria. Do mesmo modo, as declarações feitas por políticos também gozam desse status" (2011a, p. 60). A autora reconhece que esse site de rede social pode "por vezes servir como fonte de notícias, como quando frases ditas por políticos ou celebridades na ferramenta servem de pauta para a produção de notícias em um determinado veículo" (ZAGO. 2011a, p. 55).

Os enunciados feitos no Twitter são chamados de tuítes e são classificados por Paveau (2021) como um tecnogênero discursivo nativo do ambiente digital e profundamente entrelaçado a essa plataforma, sendo assim, essas produções não são compostas apenas pela parte textual do enunciado, mas também por todos os elementos técnicos que o acompanham. Sobre as criações nesse site de redes sociais, Paveau pontua que: "um tuíte é um enunciado plurissemiótico complexo, limitado a 140 caracteres com espaço, fortemente contextualizado e não modificável, produzido nativamente on-line na plataforma de microblogagem Twitter" (2021, p. 369). Todas essas afirmações eram verdadeiras, entretanto, durante o período de escrita desta dissertação, o Twitter foi comprado pelo empresário Elon Musk e, sob nova administração, a empresa enfrentou uma série de mudanças no seu design e funcionalidades. Dessa maneira, no atual momento o Twitter pode ser usado de duas formas:

- Em primeiro lugar, por meio de um modo gratuito, que possui todas as características listadas por Paveau, com a exceção de que o número máximo de caracteres em um tuíte foi estendido para 280 no ano de 2017;

- A segunda forma de fazer uso da plataforma é por meio de uma assinatura chamada Twitter Blue, esta custa U $7,00 por mês em um plano anual, U $8,00 por mês em uma assinatura mensal ou U $1000,00 por mês em um plano destinado a empresas (Twitter Blue for Business). O serviço de assinatura permite que os usuários façam tuítes de até 10 mil caracteres, modifiquem o texto após a publicação e formatem o conteúdo com negrito e itálico, além de oferecer ferramentas exclusivas que listamos mais adiante.

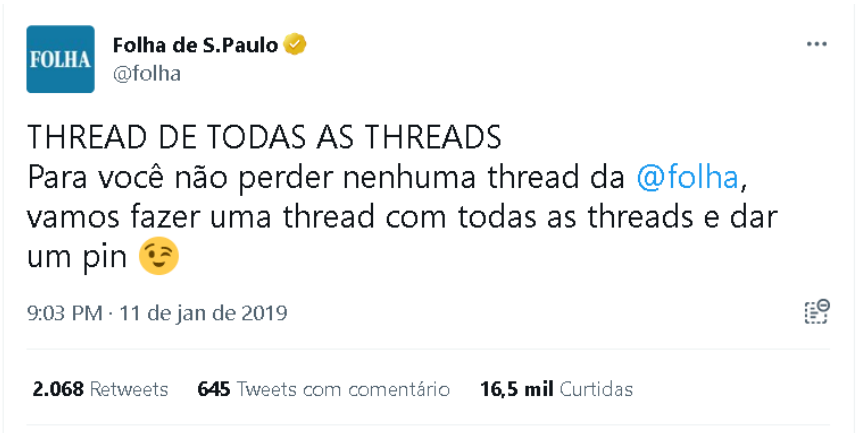
O tecnogênero tuíte, devido a sua natureza compósita, tem o seu modo de leitura e a sua produção de sentido indissociáveis de sua plataforma, portanto, as alterações de design e no modo de funcionamento tiveram reflexos diretos no sentido desses enunciados. Para efeito de comparação, demonstramos a forma como um tuíte se apresentava antes da mudança de direção da plataforma (Figura 3) e o modo como esse mesmo enunciado figura atualmente (Figura 4), apontando as diferenças que surgiram no processo.

Figura 3 - Exemplo de tuíte antes da mudança de gestão



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Figura 4 - Exemplo de um mesmo tuíte após a mudança de gestão



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso dezembro em 2022

Além dos elementos linguageiros, um tuíte, antes da venda da plataforma e mudança de gestão (Figura 3), era acompanhado por:

- Foto de perfil;
- Nome ou pseudônimo do enunciador;
- Usuário (acompanhado do @);
- Data e horário do tuíte;
- Dispositivo a partir do qual o tuíte foi feito;
- Lista de operações possíveis (responder, retuitar, curtir) com dados numéricos que expressam a quantidade de vezes que estas operações foram realizadas;
- Botão com seta para mais opções (copiar link, bloquear);
- E, em alguns casos, a localização do enunciador.

Atualmente, um tuíte (Figura 4) ainda conta com a presença de foto de perfil, nome do enunciador, usuário, data e horário, lista de operações e botão com mais opções, no entanto, os enunciados na plataforma apresentam as seguintes mudanças:

- Remoção do elemento tecnodiscursivo que informava a partir de qual dispositivo o enunciado foi feito;
- Adição da função “Visualizações” que informa o número de usuários que visualizaram o tuíte. Esse elemento está disponível apenas para tuítes feitos após o dia 15 de dezembro de 2022, portanto, não consta em nenhum dos enunciados analisados na dissertação.

- Foto de perfil em forma quadrada, elemento disponibilizado apenas para empresas que assinam o Twitter Blue for Business;
- Selo de verificado dourado, elemento disponibilizado apenas para empresas que assinam o Twitter Blue for Business.

O símbolo azul ao lado do nome de usuário “Folha de S. Paulo”, encontrado na Fig 3, é chamado “selo de verificado”, esse é um dos elementos tecnodiscursivos que passou por mudanças, se apresentando na cor dourada na Figura 4. Segundo a Central de Ajuda oficial do Twitter, o selo azul era fornecido gratuitamente pelos administradores do Twitter apenas para as contas que se caracterizavam como:

- Autênticas: que comprovem a identidade do seu dono por meio de documentos, website ou e-mail oficial;
- Notáveis: que se ocupam em representar ou estar associada a um indivíduo ou marca proeminentemente reconhecida. O reconhecimento pode ser comprovado por notícias sobre a personalidade, existência de uma página na Wikipédia sobre o personagem, ou alto número de pesquisas no Google e de seguidores no Twitter;
- Ativas: possuem imagem de perfil, nome, não foram bloqueadas, e atendem a outros requisitos.

Sendo assim, o selo de verificado azul era usado pelo Twitter para confirmar a identidade de uma figura pública ou empresa e atribuir credibilidade e notoriedade a todos os enunciados feitos a partir de uma conta que o possuía. Ou seja, mesmo não fazendo uso de nenhuma palavra ou forma linguageira, esse elemento tecnodiscursivo transmitia informação. A presença do ícone azul ao lado do nome de um usuário afirmava que *esta conta é de interesse público, é confiável, e que estes enunciados são proferidos por uma autoridade*.

Para as empresas jornalísticas esse recurso era especialmente vantajoso, pois atestava que a conta não se tratava de um *fake* tentando se passar pelo perfil oficial do jornal. Sendo assim, a legitimidade da Folha de S. Paulo no Twitter se dava em duas dimensões: primeiramente, em um rápido olhar, o leitor poderia encontrar o ícone azul de verificado e ter certeza de que estava consumindo um enunciado criado por um perfil confiável; ao mesmo tempo, a confiança também se estabelecia após a leitura do conteúdo, uma vez que o jornal se preocupa em criar enunciados que seguem as regras deontológicas do discurso jornalístico (isenção, imparcialidade, objetividade e outras características previstas no Capítulo 2) que são

responsáveis por atribuir credibilidade aos enunciados desse tipo do discurso e o distanciar de seus Outros.

No entanto, após a troca de gestão na empresa, o lançamento do Twitter Blue e a implementação de mudanças no design e nas funcionalidades do Twitter, a plataforma optou por tornar o selo de verificado azul comercializável. Portanto, ao fazer a assinatura do Twitter Blue, qualquer usuário poderia adquirir o mesmo elemento tecnodiscursivo que antes era direcionado apenas para contas oficiais e assegurava a identidade dessas. A nova forma de funcionamento imediatamente trouxe problemas para o Twitter. Em um caso emblemático, poucos dias após o selo azul começar a ser comercializado, um usuário comum fez a compra desse elemento e modificou sua foto de perfil e nome de usuário (Figura 5), passando-se por uma grande farmacêutica, o tuiteiro anunciou que a insulina começaria a ser distribuída de graça por essa companhia, como resultado, as ações da empresa sofreram queda de 4%.

Figura 5 - Exemplo de uso do selo de verificação para espalhar desinformação



Fonte: Foto obtida pelo autor na rede social Twitter, acesso em novembro de 2022

Durante meses, uma série de novas funções foram experimentadas para que a credibilidade das contas oficiais fosse mantida e os selos de verificação pudessem continuar sendo vendidos. Por fim, no dia 20 de abril de 2023, o Twitter tornou o seu serviço de assinatura a única forma de conseguir selos, removendo a verificação de todas as contas que a possuíam previamente e não tinham assinatura do Twitter Blue. Sendo assim, a partir dessa data, qualquer empresa (como fábricas de alimentos, marcas de roupas, ou até mesmo veículos jornalísticos) ou figura pública (como cantores, a primeira dama, jornalistas ou *influencers*) que quiser atestar a sua identidade nessa plataforma terá que pagar por esse serviço.

Para evitar que usuários comuns façam a assinatura do Twitter Blue e se passem por pessoas influentes, empresas ou entidades governamentais, a plataforma criou uma nova série de funções, por exemplo, a foto de perfil quadrada disponibilizada para os assinantes do

Twitter for Business, esse elemento (devido ao alto valor da assinatura destinada a empresas) ajudaria um usuário a identificar que aquele perfil representa realmente uma empresa, e não um assinante comum do Twitter Blue se passando por uma companhia. Ao mesmo tempo, o Twitter também criou o selo de verificação prata (Figura 6), uma versão que não é comercializável e é distribuída apenas para políticos, entidades governamentais e perfis oficiais relacionados ao Governo de um país. Nesse caso, a foto de perfil continua no formato redondo.

Figura 6 - Exemplo de tuíte com selo prata



Fonte: Conta do presidente da República no Twitter, acesso em abril de 2023

Por sua vez, os usuários que assinaram o Twitter Blue e escolherem pela versão mais barata (U $7,00 por mês no plano anual ou R $8,00 por mês em uma assinatura mensal) ao invés da assinatura assinatura destinada para empresas (U $1000,00 por mês), obtiveram o selo azul e a foto de perfil redonda (Figura 7), apresentando-se da mesma forma que os usuários comuns da plataforma que realizaram a assinatura para obter benefícios, como um maior limite de caracteres.

Figura 7 - Exemplo de tuíte feito por um assinante do Twitter Blue



Fonte: Conta do jornal Estado de São Paulo no Twitter, acesso em abril de 2023

Em resumo, no cenário atual não existe uma lógica clara no Twitter. Ao navegar por essa plataforma é possível se deparar com jornais de grande circulação (como o Estadão), celebridades, famosos e também usuários comuns que contam com selo de verificação azul, elemento tecnodiscursivo que anteriormente representava notoriedade e autenticidade, mas hoje é apenas um comprovante de compra de um pacote de assinatura com benefícios, ao mesmo tempo, também existem jornais de grande porte (como a Folha de S. Paulo) que apresentam o selo dourado, dessa forma, não se cria uma identidade visual única para os veículos jornalísticos no Twitter. Por fim, soma-se o fato de que, como os selos dourados são comercializáveis, existem contas que difundem desinformação e *fake news* que portam esse elemento por terem efetuado a assinatura do Twitter Blue for Business e, desse modo, se inserirem no mesmo patamar de credibilidade de veículos jornalísticos. Sendo assim, no novo modo de funcionamento do Twitter, em que os selos de verificação são comercializáveis, não há mais nenhum elemento tecnodiscursivo que possa atestar a notoriedade e autenticidade de um perfil.

Além dos selos de verificado, outro elemento tecnodiscursivo que passou por mudanças é a informação a partir de qual dispositivo o tuíte foi feito. Na Figura 3, por exemplo, este constava como “Twitter Web Cliente”, o que significa que o enunciado foi

produzido por meio de um computador, mas em outros casos (Figura 8) o conteúdo podia ser diferente.

Figura 8 - Exemplo do elemento tecnodiscursivo que indicava o dispositivo usado



Fonte: Foto obtida pelo autor na rede social Twitter, acesso em dezembro de 2022

A Figura 8 apresenta uma usuária do Twitter que profere um enunciado sobre pessoas que declararam o seu “luto pelo Brasil” após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 2022. A enunciadora chama esses de “filhinhos de papai”, alegando que essas seriam pessoas com um maior poder aquisitivo e, por isso, seriam opositoras das propostas desse candidato. Porém, o tuíte foi feito a partir de um celular iPhone, o que é indicado pelo elemento tecnodiscursivo “Twitter for iPhone” que consta ao lado da data e horário de emissão. Os celulares de modelo iPhone costumam ter preços elevados, carregando um simbolismo de alto consumo e status, fato que foi levantado por um segundo usuário que retuita seu enunciado e faz comentários irônicos, insinuando que a enunciadora também é uma “filhinha de papai”.

Esse exemplo demonstra como a informação do dispositivo usado para emissão do tuíte era relevante para a construção do sentido de um enunciado nessa plataforma e poderia render dados férteis para uma análise na área da AD. No entanto, como essa função foi

removida na nova gestão da plataforma, não será possível recrutar esses dados nas análises conduzidas na dissertação.

Um último elemento tecnodiscursivo presente nos tuítes sobre o qual gostaríamos de discorrer é aquele que informa número de visualizações (Figura 9), ferramenta que passou a figurar ao lado da data de emissão dos tuítes após a mudança de gestão. Um número maior de visualizações poderia indicar para o analista do discurso um maior alcance do tuíte, maior engajamento do público e renderia pistas sobre a credibilidade de um enunciador ou de uma conta, uma vez que um maior alcance representa seguidores "mais fiéis". Porém, como todos os tuítes presentes nas *threads* recrutadas para o *corpus* desta dissertação foram criados antes da inclusão desse elemento, a ferramenta não se encontra presente nos enunciados analisados e, por consequência, a função não constará nas análises desta pesquisa.

Figura 9 - Exemplo do elemento tecnodiscursivo visualizações



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em julho de 2023

Acreditamos que os exemplos cedidos até o momento e a explicação sobre a importância dos selos de verificado possam ter ilustrado a forma como os elementos tecnodiscursivos desta plataforma são atribuidores de significado aos tuítes. Nas análises presentes nesta dissertação os elementos tecnodiscursivos serão abordados quando forem

pertinentes e significativos para o sentido de um enunciado. Paralelamente, ressaltamos que outros elementos que não foram detalhados neste capítulo, como a hora e data do tuíte e até mesmo um número maior ou menor de curtidas, também transmitem informações importantes para o analista do discurso.

Por fim, é importante ressaltar que o tuíte é apenas um dos tecnogêneros que podem ser produzidos no Twitter, outros formatos possíveis podem até mesmo subverter o limite de caracteres estabelecido por essa plataforma. Uma das formas que os não assinantes encontraram para ultrapassar a capacidade máxima de caracteres foi a *thread*, um tecnogênero no qual o enunciador comenta o próprio tuíte, dando continuidade ao assunto e criando um fio no qual pode quebrar a barreira de 280 caracteres. Sobre o tema Paveau ressalta que "os tuiteiros sempre hackearam o limite dos 140 caracteres, compondo suas mensagens além da janela reservada" (2021, p. 378).

Em uma *thread* (Figura 10), um indivíduo escolhe um tema e o introduz em um primeiro tuíte, geralmente o enunciado apresenta o assunto da *thread*, fornece algum título, ou avisa os leitores que o tópico será tratado em mais tuítes. Nas palavras de Rocha, pesquisador em Comunicação que estudou *threads*: "geralmente, o usuário que publica uma *thread*, informa, no primeiro *tweet* introdutor, que está publicando uma sequência de informações; através de frases como 'siga o fio', 'acompanhe a *thread*', 'irei atualizando ao longo do dia' ou até mesmo um sinal de adição (+)" (2022, p. 31).

Fig 10 - Exemplo de *thread* jornalística



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Em seguida, o mesmo enunciador comenta o seu próprio tuíte e dá continuidade ao seu tecnotexto. Desse modo, é formada uma sequência de tuítes redigidos pela mesma pessoa e a continuação do enunciado é postada nos comentários do tuíte anterior. Simultaneamente, a plataforma também disponibiliza uma indicação gráfica de que um tuíte integra uma *thread:* "ao clicar sob o primeiro tweet feito pelo usuário, a sequência toda se abre, mostrando todos as publicações que foram anexadas à primeira, sendo apresentada graficamente uma linha fina vertical (o fio), indicando a conexão entre as publicações" (ROCHA, 2022, p. 31).

As *threads* são uma forma de hackeio do Twitter, ou seja, usam as suas ferramentas de forma diferente da prevista inicialmente e subvertem o funcionamento planejado pela plataforma. O comentário, que deveria ser uma forma de usuários interagirem com o tuíte de um outro enunciador, torna-se na *thread* uma ferramenta de prolongamento do próprio texto, burlando o limite de 280 caracteres. Na visão de Rocha: a "sequência de mensagens permite a criação de uma forma narrativa nesse ambiente digital; e se mostra extremamente proveitoso ao jornalismo apropriar-se do mesmo, a fim de obter uma nova maneira de produzir e circular suas narrativas em um espaço que, a princípio, não foi feito para elas" (ROCHA, 2022, p. 17).

5.2 O jornalismo no Twitter

Sobre a relação entre o Twitter e o jornalismo, Gabriela da Silva Zago, uma pesquisadora da área da Comunicação, nos informa que "embora não prevista inicialmente, a utilização do Twitter como ferramenta para o jornalismo tem aos poucos se consolidado, em decorrência da versatilidade do sistema de publicação do Twitter" (2011b, p. 58), esse fenômeno se potencializa uma vez que, como o acesso e leitura de notícias tem se tornado primordialmente digital na atualidade, "os veículos precisam planejar estratégias para atrair leitores para o seu site. Uma delas é postar links para as principais notícias em sites de rede social como Twitter e Facebook" (ZAGO, 2014, p. 15).

A analista do discurso Roselyne Ringoot escreve em seu livro *Analyser le Discours de Presse* (2014) asserções parecidas sobre este tema. Segundo a autora:

> Redes representam uma alavanca para aumentar a visibilidade do jornal e a divulgação da informação na modalidade de viralidade. Ao se posicionarem no Facebook, os jornais visam atrair a atenção dos usuários e torná-los ativos na

> divulgação da informação. Apesar de sua chegada mais recente, o Tweeting já parece ocupar um lugar mais importante nas práticas jornalísticas. Os jornalistas usam essa plataforma de "microblog" para se comunicar, encontrar fontes e recursos e também produzir informações (2014, p. 89)[12]

Dentre as ferramentas do Twitter que podem contribuir para o compartilhamento de notícias e para a enunciação jornalística, Ringoot cita a linha do tempo desta plataforma: "as mensagens são empilhadas em ordem anticronológica, a última a chegar aparece no topo da lista indicando sua temporalidade ('3 minutos atrás'). Essa interface se presta bem ao uso jornalístico porque lembra o feed de notícias dos jornais" (2018, p. 91)[13]. Ao mesmo tempo, o caráter instantâneo dos enunciados feitos nesse site de rede social ainda permite a criação de formas jornalísticas como "coberturas minuto a minuto, difusão de últimas notícias, informações sobre bastidores da publicação jornalística, envio de atualizações direto do local do acontecimento a partir de dispositivos móveis, entre outras" (ZAGO, 2011b, p.35).

Em *Mídias sociais, identidade e autoria* (2012), Moraes discute sobre o papel dos sites de redes sociais no jornalismo: "atualmente, as mídias sociais como Orkut, Facebook e Twitter estão entre os sites mais acessados. Além disso, cumprem um importante papel em relação ao direito democrático do acesso à informação" (2012, p. 939). Do momento em que a autora escreve até o presente, alguns desses sites de redes sociais deixaram de existir, como o Orkut, enquanto outros persistem, caso do Twitter, e ainda outros são criados e constantemente reformulados, o que permite ampliar a discussão acerca do acesso à informação e, mais marcadamente nos últimos anos, da desinformação gerada pelas convencionalmente chamadas *fake news*.

O Twitter também possui um importante papel na definição de pautas que serão notícias e no recolhimento de declarações de fontes que se pronunciaram por meio desse site, uma vez que nessa plataforma, "os jornalistas têm à sua disposição, 24 horas por dia, um conjunto de declarações por escrito, feitas espontaneamente ou não, por famosos ou políticos (ou por seus assessores), a partir das quais podem produzir suas matérias" (ZAGO, 2011a, p. 60).

---

[12] Tradução feita pelo autor, no original em francês: "Ces réseaux représentent un levier pour accroître la visibilité du journal et la diffusion de l'information sous le mode de la viralité. En se positionnant sur Facebook, les journaux visent à susciter l'attention des utilisateurs et à les rendre actifs dans la propagation de l'information. Malgré son arrivée plus récente, Tweeter semble déjà occuper une place plus importante dans les pratiques journalistiques. Les journalistes utilisent cette plate-forme de «microbloging» pour communiquer entre eux, pour y trouver des sources et des ressources, et également pour produire de l'information"

[13] Tradução feita pelo autor, no original em francês: "les messages par ordre anti-chronologique, le dernier arrivé figurant en haut de la liste en indiquant sa temporalité («il y a 3 minutes»). Cette interface se prête bien à un usage journalistique car elle rappelle le fil d'actualité des journaux"

Os diversos pontos de contato entre o Twitter e o jornalismo, e os reflexos dessa plataforma na prática jornalística, têm sido tema de preocupação da imprensa. A diluição dos limites entre o discurso jornalístico e seus Outros (como o publicitário ou do entretenimento) é potencializada no Twitter já que, em um mesmo espaço, circulam sem nenhuma distinção enunciados feitos por jornais, propagandas, memes, *fake news*, e vários outros tipos discursivos. Simultaneamente, o Twitter também permite e incentiva a produção de enunciados jornalísticos com um tom mais coloquial e livre de estruturas consagradas – como o lide, a documentação e outras características descritas no capítulo 2.3 – o que distanciaria esses enunciados do discurso jornalístico e os aproximaria de outros tipos do discurso. Por fim, essa plataforma ainda conta com toda a problemática acerca do enfraquecimento das cenas englobante e genérica, o que é típico dos enunciados em ambientes digitais (assunto que será discutido com mais detalhes no capítulo 6 desta dissertação). Todos esses fatores põem em xeque a credibilidade dos discursos jornalísticos no Twitter e também dos veículos de comunicação que os enunciam. Sobre o tema, o Manual de Redação da Folha destaca que:

> A Folha tem o desafio de fazer prevalecer os valores do jornalismo profissional na cacofonia própria do meio digital, em que informação e entretenimento, realidade e rumor, notícias e "notícias falsas" tendem a se confundir e quase tudo se expressa com igual estridência. (Folha de S. Paulo, 2021, p. 15)

Por mais que o ambiente digital represente um risco para a integridade do discurso jornalístico, é impossível na atualidade não fazer uso de sites de redes sociais como ferramenta para obtenção e compartilhamento de informações: "a Folha precisa seguir adaptando-se às inovações tecnológicas e às necessidades do leitorado, levando seu conteúdo aonde ele estiver" (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 21). Apesar de o jornal afirmar em seu Manual de Redação que a maior parte de sua receita ainda seja provida por propagandas no veículo impresso, esse reconhece que "a audiência online, por sua vez, mede-se em dezenas de milhões de visitantes por mês, dada a possibilidade de acesso individual gratuito a um número determinado de textos jornalísticos" (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 21).

Pesquisadores da área da Comunicação também entendem que plataformas digitais como Twitter estão longe de ameaçar a existência de veículos jornalísticos e empresas de comunicação, sendo na realidade responsáveis por uma realocação desses na sociedade. Sobre o assunto, Recuero mapeia novos papéis de grandes veículos jornalísticos no Twitter e chega à conclusão de que esses representam duas funções: em primeiro lugar, o de legitimação e credibilidade, uma vez que mesmo que uma informação já esteja circulando na plataforma,

essa se torna notícia legitimada apenas “quando há a publicação da informação por um veículo jornalístico” (2011, p. 13), ou seja, quando um grande veículo jornalístico compartilha um tuite atestando um fato que até o momento se dava como um boato.

A segunda função dos veículos jornalísticos no Twitter seria a de filtro e hierarquização, segundo a autora “o Jornalismo, assim, também possui uma função de organização do espaço informativo, através da filtragem e hierarquização das informações relevantes” (RECUERO, 2011, p. 15). Desse modo, em meio ao excesso de informação característico da web, os grandes veículos jornalísticos fariam uma curadoria definindo qual assunto será lançado ao debate público e receberá mais visibilidade, devido ao alto número de seguidores e da credibilidade atribuída aos perfis oficiais de jornais na plataforma. Em resumo, “se o Jornalismo não mais dá o furo da notícia, a ele cabe o aprofundamento e a seleção das informações que serão apresentadas, a filtragem e o desenho do espaço social” (RECUERO, 2011, p. 15).

Os fenômenos causados pela relação entre o jornalismo e o Twitter, além de interessarem aos profissionais da área e aos pesquisadores da Comunicação, também estão sendo estudados por diversos autores ligados à área da Análise do Discurso. A pesquisadora Érika de Moraes afirma que o desenvolvimento da web 2.0 e outras tecnologias da área potencializaram o destacamento (2019, p. 95) e que, por mais que o acesso à informação tenha se facilitado, as notícias tendem a não ser lidas profundamente em sites de redes sociais, uma vez que essas “podem ser compartilhadas e comentadas, por meio das novas ferramentas disponíveis, sem que seus conteúdos tenham sido lidos necessariamente na íntegra” (MORAES, 2019, p. 95). Ainda segundo a autora, “em um momento em que as pessoas se informam substancialmente pela internet, sobretudo pelos dispositivos móveis, especialmente o celular, figurar ou não no feed [de notícias] é essencial” (MORAES, 2019, p. 81), o que ilustra o motivo pelo qual jornais como a Folha de S. Paulo escolhem compartilhar suas notícias na forma de *thread*.

Moraes também pontua sobre os efeitos da agilidade do mundo virtual no consumo de matérias jornalísticas: “qual seja a posição sobre o espaço digital (interação ou alienação), é sabido que, no atual contexto, há disponibilidade de acesso à infinita quantidade de notícias, as quais poucas vezes são lidas de forma qualitativa” (2017, p. 827). Dessa forma, uma das mudanças que a web traz ao discurso jornalístico é a adaptação para que seu texto seja lido de forma cada vez mais rápida e dinâmica.

Assim, frente ao cenário de consumo rápido de informação gerado pelo Twitter, a Folha de S. Paulo optou por utilizar as *threads* para atingir um maior número de pessoas;

nesse processo, o jornal precisou modificar seus enunciados, destacando partes do texto-fonte que "resumem" o conteúdo original e convertendo estas em aforizações, que melhor se adequam ao limite de caracteres (280 com espaços) do Twitter. Segundo o próprio Manual de Redação do veículo: "repórteres e editores devem pensar não apenas na melhor maneira de dispor as reportagens nas páginas do jornal mas também no melhor formato (e plataforma) para expor um determinado conteúdo" (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 81-82).

Nilson Lage acreditava que o jornalismo diário em sua forma tradicional enfrentaria problemas em um futuro próximo e já propunha reflexões sobre esse assunto antes mesmo de a Folha de S. Paulo começar a compartilhar seus enunciados em novos formatos no Twitter: "terá longo futuro a notícia em jornal diário? Bastará a notícia no futuro? Provavelmente não. Sua sobrevivência depende do grau de controle político e do desenvolvimento da mídia eletrônica, que é mais veloz, eficiente e não gasta papel" (2011, p. 39).

Alice Krieg-Planque, por sua vez, também antecipou a possibilidade de o jornalismo se apoderar de sites de redes sociais, pois, segundo a autora: "no domínio do jornalismo, os gêneros mais tradicionais estão bem repertoriados: reportagem, chamada, notícia, entrevista, enquete, comentário, análise, nota, crônica, resenha, retrato, necrológio, pesquisa de rua, editorial, crítica cinematográfica" (2018, p. 41), porém, ainda é possível que esses sejam reinventados por intermédio da tecnologia e do meio digital: "tanto jornalistas quanto profissionais da comunicação recorrem às possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento da internet (sites, blogs, redes sociais), que lhes facultam muitos contextos e novos formatos para a difusão de mensagens" (2018, p. 41). Pode-se dizer que Ringoot também escreveu sobre esse tema ao afirmar que, apesar de o impresso ainda ser a forma mais emblemática do jornalismo, "as enunciações jornalísticas também são implantadas em outros lugares. O livro investigativo, a reportagem sonora, o documentário audiovisual ou o blog independente, abrem-se na dispersão enunciativa relacionada aos dispositivos impressos ou na tela" (2014, p. 18)[14].

5.3 As *threads* jornalísticas da Folha de S. Paulo

As *threads* podem servir para diversos propósitos, para os usuários comuns do Twitter, por exemplo, essas podem ser usadas para compilar informações, terminar um texto

[14] Tradução feita pelo autor, no original em francês: "les énoncés journalistiques se déploient aussi ailleurs. Le livre d'enquête, le reportage sonore, le documentaire audiovisuel ou le blog indépendant, ouvrent sur la dispersion énonciative afférente aux dispositifs que sont l'imprimé ou l'écran"

inacabado no tuíte anterior, trazer atualizações sobre um tema etc. A Folha de S. Paulo, no entanto, apropria-se desse hipergênero para compartilhar links de matérias e criar novos enunciados, feitos a partir de um conjunto de aforizações removidas dos textos disponíveis em seu site.

Neste subcapítulo iremos apresentar algumas das conclusões de Bernardo Rocha, pesquisador da área da Comunicação que, em sua dissertação de mestrado, estudou a forma como a narrativa jornalística se apodera do formato de *threads*. O *corpus* de sua pesquisa contou com as produções do jornal Folha de S. Paulo. Ressaltamos que a dissertação de Rocha possui diferenças significativas com a presente, em primeiro lugar, devido à divergência de objetivos, modo de análise e das distintas bases teóricas que foram mobilizadas. Sendo assim, enquanto Rocha se preocupou em mapear elementos da narrativa jornalística e lançou mão das metodologias da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica da Narrativa, a presente dissertação foca em estudar os destacamentos, aforizações e as marcas de uma a sintaxe do destacamento, observando todos os fenômenos a partir da Análise do Discurso de linha francesa. Entretanto, ainda acreditamos que é de alta valia apresentar alguns dos resultados da pesquisa de Rocha neste capítulo, já que esses podem colaborar com nosso avanço e tratar de pontos interconectados nos dois trabalhos.

Por fim, sublinhamos também que, apesar deste subcapítulo ter como título "As *threads* jornalísticas no jornal Folha de S. Paulo", seu objetivo não é encerrar a discussão sobre o tema, uma vez que esse hipergênero é estudado em diferentes frentes ao longo de toda esta dissertação e que planejamos apresentar um maior número de resultados sobre as *threads* nos capítulos de análises e nas conclusões. Desse modo, o nosso objetivo, com este subcapítulo, é o de expor o que já foi pesquisado anteriormente sobre as *threads* e engrandecer as referências sobre o tema, trazendo para a dissertação as ferramentas criadas e conclusões obtidas por outros pesquisadores.

Começamos a disposição pontuando que o formato de *threads* foi escolhido pela Folha de S. Paulo para compartilhar notícias no Twitter devido ao fato de que "o limite de 280 caracteres, por exemplo, se mostra bastante desafiador para o texto jornalístico" (ROCHA, 2022, p. 32). Sendo assim, o hackeio da plataforma se fez necessário para compartilhar material jornalístico com profundidade e com um maior limite de caracteres. Em uma entrevista concedida para Bernardo Rocha, disponível em sua dissertação de mestrado, o Editor de Interação e Redes Sociais da Folha de S. Paulo, Mateus Camillo, disse que a ideia de usar o formato de *thread* surgiu nos primeiros dias de 2019, após o Governo Federal, sob a gestão Jair Bolsonaro, anunciar o aumento do IOF e, logo em seguida, recuar na decisão.

Fez-se necessário, então, um modelo de texto no Twitter que pudesse receber atualizações em tempo real, possibilitar a adição de informação e permitir a explicação do acontecimento jornalístico de forma fácil, características que foram encontradas na *thread* (ROCHA, 2022, p. 42).

Sobre a estrutura das *threads* jornalísticas da Folha de S. Paulo, podemos comentar que, por mais que essas não contem com uma forma rígida ou um padrão seguido à risca, ainda possuem um funcionamento próprio e detêm estruturas recorrentes. Nesse sentido, Rocha cita como as *threads* desse jornal "apresentam a estrutura de texto jornalístico, com a presença de recursos como o *lead* abrindo o texto e o pé de uma notícia, por exemplo, por mais que de forma desordenada" (2022, p. 53).

Portanto, defendemos que o formato *thread* jornalística pode, indubitavelmente, ser inserido dentro do tipo do discurso jornalístico, uma vez que este é produzido por profissionais jornalistas no exercício de sua profissão (RINGOOT, 2014, p. 16), segue a deontologia (BERTRAND, 1999, 85-86) e os princípios éticos (LAGE, 1981, p. 19) desse discurso, de acordo com as características presentes no capítulo 2, e tem como objetivo compartilhar informações de interesse público (SOUSA, 2001, p. 13), além de apresentar elementos característicos, como o lide.

No entanto, apesar de possuir características típicas do discurso jornalístico, existem pontos em que a *thread* jornalística se afasta do padrão dos enunciados clássicos desse tipo discursivo. Por exemplo, como citado no capítulo 2, os textos do gênero jornalístico costumam se apresentar de modo expositivo (narrando os fatos por ordem de importância) e, além do lide, possuem estruturas como documentação e reiteração, entretanto, na *thread* jornalística "observa-se que a estrutura clássica de formas narrativas como a notícia e reportagem [...] é, por vezes, adulterada quando transportada para a mídia social" (ROCHA, 2022, p. 44). As pesquisas de Bernardo apontam para o fato de que nas *threads* do jornal Folha de S. Paulo se "busca expor a história em ordem cronológica, movimento que não é, necessariamente, pressuposto em uma reportagem jornalística" (2022, p. 51).

Sendo assim, enquanto nos gêneros "tradicionais" do tipo do discurso jornalístico (como a reportagem e a notícia) via de regra se recorre à ordem expositiva dos fatos, na *thread* jornalística (ou pelo menos nas criadas pela Folha de S. Paulo) há um predomínio da ordem cronológica de descrição. Partindo do pressuposto de que a ordem expositiva é uma ferramenta que visa fornecer a maior quantidade de informação na abertura do texto, permitindo que o leitor esteja informado mesmo se decidir abandonar a leitura, o uso da ordem cronológica pode parecer não ser adequado, no entanto, ressaltamos que na *thread* a

ordem cronológica se aplica justamente porque é uma ferramenta que visa manter o leitor absorto até o final do texto, uma vez que pode permitir a produção de uma "história", com começo, meio e fim, além de proporcionar a criação de momentos de dúvida, apreensão e o uso de recursos como perguntas ao leitor ou convite à interação, todas ferramentas que podem colaborar com a captura de atenção e um maior envolvimento.

Além de detectar a presença do *lead*, de intertítulos, de um fechamento no último tuíte da *thread* com convite à assinatura do jornal e de uma preferência pela narrativa de ordem cronológica, Bernardo Rocha também cita como recorrentes nas *threads* jornalísticas da Folha de S. Paulo o uso dos elementos gráficos como imagens, vídeos e GIFs, neste último caso "o editor comenta que sempre que o jornal incluir algum GIF ou meme em uma publicação do Twitter, prontamente terão vários comentários sobre isso, o que impulsiona a viralização do conteúdo em questão" (2022, p. 70). Em outras palavras, os GIFs e outros recursos humorísticos são usados pela Folha de S. Paulo como forma de render mais alcance às suas *threads,* essa preocupação também se identifica na presença de *hashtags*, recurso que "evidencia a intenção do jornal de buscar um maior alcance para a *thread* e também integração com o que estava sendo discutido no Twitter no momento" (ROCHA, 2022, p. 78).

Por fim, Rocha divide as *threads* que recrutou em seu *corpus* em seis categorias diferentes usando as bases teóricas e metodológicas da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica da Narrativa. Os grupos criados por esse pesquisador, que representam algumas das utilizações que são recorrentes por parte do jornal Folha de S. Paulo, são classificados, com base na metodologia seguida pelo autor, em:

- Explicação/Aprofundamento: ocorre nos casos em que as *threads* buscam "explicar didaticamente alguma questão, como em 'O que é o PIB?', ou 'O sucesso olímpico e ascensão do skate', além de narrativas para aprofundar-se sobre algum assunto específico já tratado anteriormente, trazendo desdobramentos" (ROCHA, 2022, p. 65);
- Especial/Série de Reportagens: as *threads* dessa categoria são motivadas pelo fato de o limite de 280 caracteres de um tuíte podem dificultar o tratamento de temas longos, segundo o pesquisador: "conteúdos como série de reportagens/especiais temáticos são, notoriamente, bastante extensos, pois visam um aprofundamento ou apanhado sobre determinado tema; logo, a criação ou transposição destes para um ambiente como o Twitter é bastante desafiadora. A *thread* se mostra uma aliada nessa empreitada" (ROCHA, 2022, p. 73-74);

- Cronologia dos fatos: esse grupo é usado quando o jornal realiza uma recapitulação sobre um determinado tema, sendo assim, a categoria busca "narrar e reordenar cronologicamente uma sequência de episódios a partir de um acontecimento" (ROCHA, 2022, p. 75);
- Listagem: por sua vez, *threads* dessa classe tem como objetivo "apresentar uma listagem de conteúdos diversos. Como, por exemplo, relembrar todas as falas ou fatos sobre um tema, apresentar uma lista de razões/motivos ou dicas" (ROCHA, 2022, p. 80);
- Autorreferencialidade: esse seria um modo que a Folha de S. Paulo encontrou para falar sobre si mesma, "seja articulando posicionamentos editoriais, seja para rebater críticas, como recebidas de políticos" (ROCHA, 2022, p. 83);
- Cobertura de eventos: um modo que aproveita a possibilidade de adição instantânea de informação do Twitter e da *thread*. Segundo o autor, essa categoria ocorre mais especificamente quando "a Folha utilizou o recurso da *thread* para realizar a cobertura em tempo real de eventos internacionais" (ROCHA, 2022, p. 88);

As categorizações de Rocha e as asserções desse pesquisador sobre as *threads* jornalísticas da Folha de S. Paulo podem ser consideradas nesta pesquisa, no entanto, para os objetivos específicos desta dissertação, é mais interessante verificar outras características recorrentes. Sendo assim, no capítulo das análises nos preocupamos, principalmente, com o fato de as *threads* jornalísticas do jornal Folha de S. Paulo serem formadas, na maior parte dos casos, por aforizações originadas dos textos-fontes, ou seja, de detextualizações que foram extraídas das matérias jornalísticas publicadas no site do jornal Folha de S. Paulo e publicadas no Twitter desse veículo, podendo ser acessadas pelo link presente. Em resumo, nossas análises irão focar em fenômenos como os destacamentos fracos do texto-fonte, no entendimento de uma sintaxe do destacamento e nas características discursivas das *threads*.

6 AS *THREADS* JORNALÍSTICAS COMO UM TECNOGÊNERO DO DISCURSO JORNALÍSTICO

Como introduzido no capítulo anterior, defendemos que as *threads* jornalísticas representam um novo tecnogênero do tipo do discurso jornalístico que é uma especificação do hipergênero *thread*. Neste capítulo iremos desenvolver essa reflexão com mais detalhes e defender nossa hipótese com base nas produções de dois diferentes analistas do discurso, além de discorrer sobre os conceitos de tecnogênero e hipergênero.

Para iniciar essa discussão trazemos as convenções de Maingueneau, autor que defende que o conceito de gênero discursivo deve ser entendido como uma "instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado" (2015, p. 66) e que essa concepção é "baseada em critérios situacionais, tais como o papel dos participantes, o objetivo, o mídium, a organização textual, o tempo e o lugar etc." (MAINGUENEAU, 2010, p. 130). Paveau vai adiante ao afirmar que "um gênero de discurso é uma forma textual derivada de um conjunto de normas coletivas pré- e extra-discursivas, que permitem uma mediação que fornece aos sujeitos produtor e receptor instruções para a elaboração e interpretação dos discursos" (2021, p. 323).

Os gêneros são unidades discursivas que precisam ser associadas a outros níveis de organização para serem compreendidos e estudados pelo analista do discurso. Segundo Maingueneau, os gêneros seriam "os átomos da atividade discursiva. Mas eles só adquirem sentido quando integrados a unidades de classe superior, os tipos de discurso" (2015, p. 66). Nesta dissertação, esse fenômeno é demonstrado na forma como as *threads* jornalísticas precisam ser inseridas dentro do tipo de discurso jornalístico para entendermos o motivo pelo qual esses enunciados contam com todas as restrições deontológicas e as demais peculiaridades e características desse discurso descritas no Capítulo 2 desta pesquisa.

Quando tratamos de gêneros jornalísticos, estamos nos referindo aos diferentes enunciados abarcados pelo tipo de discurso jornalístico e que são produzidos dentro dessa atividade profissional, como a notícia, a reportagem e o texto opinativo. Maingueneau exemplifica a situação afirmando que "um panfleto político, por exemplo, é um gênero de discurso a ser integrado em uma unidade mais complexa, constituída pela rede de gêneros decorrentes do mesmo tipo de discurso, no caso, o político" (2015, p. 66).

Tendo em vista esse cenário, propomos a seguinte organização: o campo discursivo da comunicação engloba diversos tipos do discurso em disputa (como foi defendido no Capítulo

2), dentre eles: o tipo do discurso jornalístico, o publicitário e o do entretenimento. A divisão entre esses não é muito clara e, por vezes, alguns enunciados podem recair em uma área limítrofe, sendo caracterizado como pertencente a mais de um dos tipos.

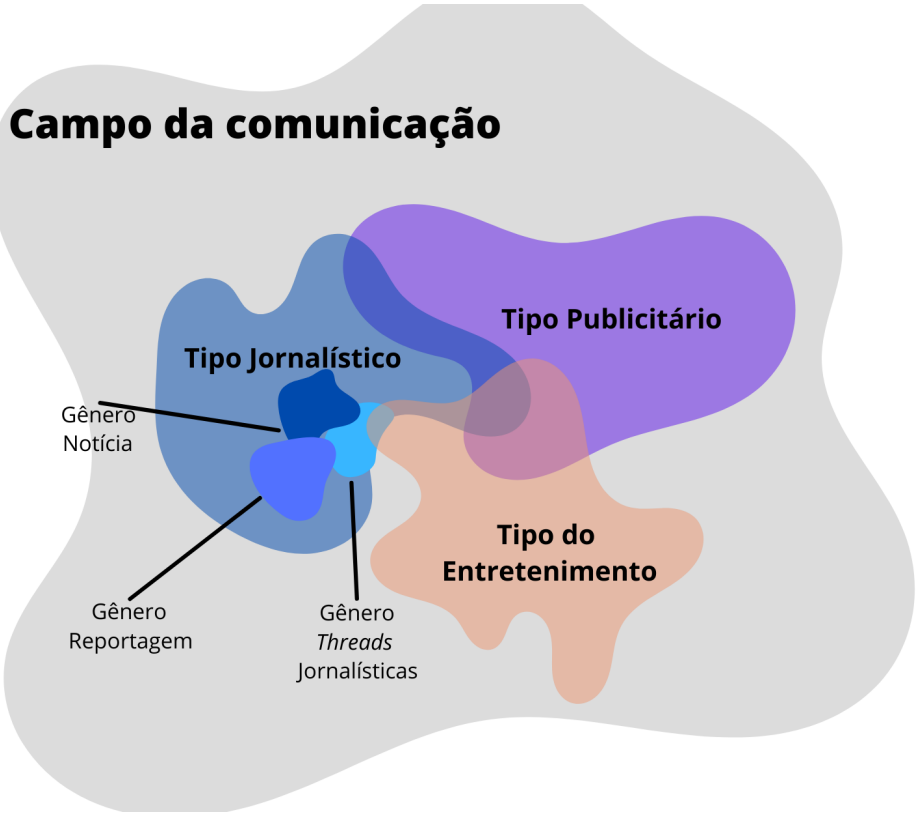
O tipo de discurso jornalístico atua como uma classe superior que confere unidade e condições sócio-históricas aos seus enunciados. Esses podem assumir diferentes formas e pertencer a diversos gêneros do discurso, sendo assim, o tipo jornalístico agrupa gêneros como a notícia, as reportagens, a crítica e a nota, todos esses contam com as suas estruturas e características próprias. Nós propomos adicionar um novo tecnogênero discursivo dentro do tipo jornalístico, o das *threads* jornalísticas, como demonstrado no capítulo anterior, essas contam com um funcionamento próprio (profundamente impactado pela plataforma em que é criada) que a difere de outros gêneros jornalísticos, além disso, uma *thread* gera percursos interpretativos diferentes e se caracteriza como um texto totalmente novo, mesmo que tenha se formado a partir de aforizações extraídas de diversos textos-fontes.

Por fim, é importante lembrar que os gêneros discursivos que se abrigam no tipo jornalístico podem se movimentar dentro desse. Sendo assim, um enunciado considerado uma notícia pode ser produzido próximo da "região fronteiriça" com o tipo do entretenimento e receber uma classificação híbrida[15]. Ao mesmo tempo, outro enunciado, também na forma de notícia, pode se manter distante de qualquer "fronteira" e ter apenas características do discurso jornalístico. As *threads*, por sua forma típica, com apelos ao humor e natureza compósita, estariam, portanto, mais próximas do tipo do entretenimento, mas ainda assim podendo se distanciar eventualmente.

No diagrama abaixo (Figura 11) trazemos uma ilustração para tornar a questão mais clara e concisa.

Figura 11 - Representação do Campo da comunicação, tipos de discurso presentes e gêneros jornalísticos

[15] Bakhtin, em 1979, já discorria sobre a hibridização de gêneros, ou, como preferiu chamar, da "heterogeneidade dos gêneros discursivos". O autor defendeu a existência dos gêneros primários ou simples, que englobariam categorias como o diálogo cotidiano e a carta, e gêneros secundários ou complexos, que incluiriam o romance, as pesquisas científicas etc. Segundo o linguista, a heterogeneidade dos gêneros discursivos se caracterizaria pelo fato de que os gêneros secundários no processo de sua formação "incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples) [...]. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem um vínculo concreto com a realidade dos enunciados reais alheios" (BAKHTIN, 2006, p. 263). Em outra obra, falando sobre a heterogeneidade do gênero romance, o autor cita como diferentes gêneros simples, como uma narrativa oral, ou a carta e o diário "ao pertencerem a um romance, unem-se a ele num sistema literário harmonioso, submetendo-se a unidade linguística superior do conjunto, conjunto este que não pode ser identificado com nenhuma das unidades subordinadas a ele" (BAKHTIN, 2002, p. 74).



Fonte: Elaborado pelo autor em junho de 2022

Porém, como Maingueneau discorre, "não se pode refletir sobre a questão dos gêneros [ou a generacidade] de maneira a-histórica, sem levar em conta os mundos dos quais participam as práticas verbais" (2017, p. 135). Devemos reconhecer que os gêneros jornalísticos que conhecemos atualmente não são os mesmos estabelecidos no início dessa profissão, apesar de muitas vezes ainda serem chamados pelos mesmos nomes, nas palavras do autor: "se os gêneros evoluem constantemente, o mesmo não ocorre necessariamente com as etiquetas ('sermão', 'processo', 'jornal'...) que servem para designá-los. Frequentemente, continua-se a utilizar a mesma etiqueta, embora a atividade correspondente seja muito diferente" (MAINGUENEAU, 2015, p. 70).

No entanto, ressaltamos que não apenas o formato e conteúdo dos gêneros são modificados pelo contexto histórico, mas a visão de analistas do discurso sobre um gênero discursivo também pode ser alterada. Por isso, trazemos neste capítulo as concepções de diferentes pesquisadores da AD sobre gêneros digitais que, à primeira vista, podem parecer conflitantes, mas com um entendimento mais apurado, podem se provar complementares e, na verdade, necessárias em conjunto para compreender essa realidade.

6.1 Gêneros web, a visão de Maingueneau

A internet e a web foram responsáveis por transformações significativas nas características de diversos gêneros discursivos, incluindo aqueles que pertencem ao jornalismo. Maingueneau reconhece esse fenômeno ao afirmar que a "internet, como foi no passado a escrita, em seguida o impresso, teve um impacto profundo não somente sobre as práticas (de novos gêneros que surgem, de outros que desaparecem), mas sobre a maneira mesma na qual se pode conceber a questão dos gêneros" (2017, p. 136).

Apesar de a internet proporcionar mudanças na formatação e até mesmo favorecer o surgimento de novos gêneros, reconhecemos que a natureza do discurso continua a mesma – inserido em suas condições de produção, trespassado pela ideologia e o subconsciente do sujeito – seja no papel ou no digital. Interessa-nos então, não recriar a Análise do Discurso para trabalhar com os enunciados nativos digitais, mas observar e pesquisar os novos fenômenos que são próprios dos gêneros nativos digitais, uma vez que "mesmo quando parece que se retoma um gênero já existente, pode-se duvidar de que se trata do 'mesmo' gênero sobre o papel e sobre a web" (MAINGUENEAU, 2017, p. 136).

Maingueneau reconhece a existência de gêneros discursivos surgidos na web, no entanto, o autor acredita que é necessário tratar esses com uma noção mais abrangente, uma vez que a coerção imposta pelo digital é mais fraca do que aquela estabelecida pelas instituições sócio-históricas nos gêneros "de papel". Nas palavras do autor:

> Não se pode negar, entretanto, que existem gêneros na web, categorias tais quais sites de negócios, blogs, sites de informação, sites sociais etc. De fato, não estamos em uma lógica de gênero de discurso: temos em questão aqui uma categorização que ressalta o que chamamos de "hipergênero". Esses gêneros de sites são, em realidade, formatações pouco coercivas que rendem possíveis cenografias muito variadas (MAINGUENEAU, 2017, p.148)

A noção de hipergênero (ou hypergênero) é descrita por Maingueneau como útil para tratar categorias que permanecem atuantes por um longo tempo e são pouco rígidas em seus formatos:

> Se aceitarmos a ideia de que gênero de discurso é um dispositivo de comunicação sócio-historicamente definido, pode-se notar que categorias como "diálogo", "carta", "jornal" etc. colocam um problema, porque elas parecem independentes de uma época ou um lugar precisos. No meu entendimento, é preferível caracterizá-los como hypergêneros (2017, p. 139)

O autor defende que o conceito de hipergênero deve ser usado para trabalhar com gêneros da web, uma vez que essa noção permite agrupar enunciados com "coações muito pobres, uma simples formatação; para caracterizar um texto como diálogo, por exemplo, basta pôr em cena ao menos dois locutores" (MAINGUENEAU, 2017, p. 139-140). O uso de normas mais frouxas para abarcar um gênero digital é útil, uma vez que na web as restrições tecnológicas tendem a homogeneizar a forma dos enunciados de mais diferentes temas e funções:

> "Blogs", por exemplo, não podem ser considerados gêneros. Na realidade, "blog" é uma categoria que atravessa categorias temáticas (pessoal, institucional, comercial, educacional…) e impõe rígidas restrições formais. Ele é uma espécie de hipergênero típico, cujas propriedades comunicativas são mínimas: alguém (com um nome próprio) fala sobre si mesmo(a) para alguém que esteja visitando seu website (MAINGUENEAU, 2010, p. 131).

Todas as asserções do autor sobre Blogs podem também ser aplicadas ao de tuíte e as *threads*: os enunciados nesses formatos podem ser multi-temáticos e tratar dos mais diversos assuntos (notícias jornalísticas, histórias de ficção, memes), entretanto, são unificados pelas restrições formais, ou seja, por precisarem ser criados na plataforma Twitter e contarem com os elementos tecnodiscursivos típicos dessa (limite de caracteres, foto de enunciador, nome de usuário, hora de publicação do tuíte). Sendo assim, a ideia de "hipergênero" se aplica melhor do que "gênero" para tuítes e as *threads*.

O fato de enunciados abordando os mais diversos temas serem feitos em uma mesma plataforma virtual, e por isso terem sua forma padronizada, dificulta o entendimento do gênero de um discurso. Nas palavras do autor, na web "as coerções genéricas estão se tornando mais fracas. Isso pode ser explicado pelo fato de que na internet todas as unidades comunicacionais são da mesma ordem (elas são 'websites'), submetidas a uma larga escola de restrições técnicas" (MAINGUENEAU, 2010, p. 133).

Nesse sentido, para se diferenciar dentro de um mesmo hipergênero, os enunciados nativos digitais precisam inflar a forma como se apresentam, se constroem a partir da enunciação e se materializam na tela do público leitor, ou seja, "é doravante a cenografia que interpreta um papel chave: a principal fonte é a encenação da comunicação, que mobiliza massivamente as fontes propriamente verbais, multimodais (imagem fixa, em movimento, som) e as operações hipertextuais" (MAINGUENEAU, 2017, p. 143).

A cenografia é um dos três elementos que compõe uma cena da enunciação, o primeiro desses é "a cena englobante, que corresponde, grosso modo, ao que chamamos de

tipo de discurso (político, jornalístico, literário...), uma esfera de atividade social" (MAINGUENEAU, 2017, p. 141), o segundo é a "cena genérica que determina uma finalidade à atividade de fala, papéis a seus autores, prescreve circunstâncias (lugar, momento...) legítimas, sua extensão, seu mídium etc." (MAINGUENEAU 2017, p. 141). Por fim, o último desses elementos é a cenografia, que diz respeito à forma

> Pela qual o enunciador instala através de sua enunciação mesma a situação a partir da qual ele pretende enunciar. A cenografia não é, portanto, um quadro, um cenário, como se o discurso sobrevivesse do interior de um espaço já construído e independente desse discurso: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se por colocar progressivamente em lugar seu próprio dispositivo. É, portanto, um processo recíproco: de sua emergência, a palavra supõe certa cenografia, a qual deve se validar através da enunciação mesma. A cenografia é, ao mesmo tempo, de onde vem o discurso e o que engendra o discurso; ela legitima um enunciador que, em retorno, deve legitimá-la, deve estabelecer que esta cenografia da qual vem a palavra é precisamente a cenografia requisitada para enunciar como se convém nessas circunstâncias (MAINGUENEAU, 2017, p. 141)

Sendo assim, devido ao fato de as plataformas digitais, como blogs e o Twitter, possuírem formatos pré-programados nos quais todos os enunciados são produzidos, a cena genérica – responsável por transmitir para o leitor o gênero de um texto, e assim ajudar em sua compreensão – acabaria se deteriorando. Para compensar essa perda de informação, um enunciado digital infla a cenografia, ou seja, a forma como se constrói e se apresenta ao público. Nas palavras de Maingueneau sobre enunciados nativos digitais: "em detrimento da cena genérica e da cena englobante, a cenografia tem papel central: o problema principal é encenar a comunicação de acordo com a estratégia de seus produtores" (2010, p. 133).

Nesta dissertação nos interessa especialmente analisar o caso dos tuítes e das *threads*, que por serem hipergêneros nativos digitais possuem cenas englobante e genérica fracas. A própria plataforma Twitter é responsável por homogeneizar os enunciados feitos em seu meio ao impor as mesmas características tecnolinguageiras e formato a todos os textos produzidos em sua plataforma, por exemplo, a foto de perfil, a presença do nome de usuário e o limite de caracteres, além disso, o processo de comercialização dos selos de verificação tornou um elemento que comporia a cenografia jornalística nesse site vazio de significado. Sendo assim, é recriando a cenografia típica do jornalismo que a Folha de S. Paulo consegue se diferenciar de outros enunciados do hipergênero tuíte e *thread* e fazer com que suas produções sejam consideradas jornalísticas. Essa criação cenográfica é feita pela Folha de S. Paulo de diversas formas, seja pelo modo verbal (com enunciados que seguem as normas da deontologia jornalística descritas no capítulo 2), ou pela forma icônica (pelo pagamento da assinatura do Twitter Blue for Business, que rende elementos tecnodiscursivos como o selo dourado e a foto

de perfil quadrada, por mais que esta dimensão ainda não atribua tanta confiança) ou até mesmo por meio da relacionalidade (PAVEAU, 2021), escolhendo fornecer links apenas para enunciados em seu site.

Maingueneau já havia falado sobre esse tema ao defender que existem três dimensões da cenografia na web (2017, p.144) a partir das quais os enunciados se constroem, se situam, e criam uma imagem que alicerça o seu sentido. Essas dimensões são:

- Iconotextual: Inclui a enunciação textual, as imagens, outras formas de mídia usadas no texto nativo digital e os elementos icônicos. No caso das *threads*, podemos citar o selo de verificado e a foto de perfil quadrada como elementos icônicos que contribuem para a criação de uma cenografia de seriedade, atribuindo o enunciado a uma empresa jornalística. No âmbito textual, a adequação com as regras da deontologia jornalística também ajudam a construir a cenografia;
- Arquitetural: É determinada pela forma como o site se organiza e dispõe suas páginas. Em uma *thread* jornalística, por exemplo, o fato de todos os links transportarem os leitores para o site oficial da Folha de S. Paulo contribui para criar uma cenografia arquitetural de credibilidade, uma vez que o leitor pode comprovar que as aforizações foram extraídas de um texto-fonte criado pelo jornal;
- Procedimental: Diz respeito à forma de funcionamento de cada site ou plataforma, segundo o autor: “cada site é uma rede de instruções” (MAINGUENEAU, 2017, p.144). Para as *threads* jornalísticas, a sua cenografia procedimental ocorre com o hackeio da plataforma e o uso de ferramentas de forma diferente da prevista, por exemplo, do comentário para prolongar o próprio enunciado.

Nesse sentido, apresentamos também a noção de “pericenografia”, defendida pelo pesquisador Hélio Oliveira com base nos escritos de Maingueneau sobre as cenas da enunciação. A pericenografia tem como objetivo entender o “funcionamento discursivo que acompanha, de maneira periférica e simultânea, uma dada cenografia, no seio de um gênero específico, produzindo sentidos afetados por essa relação, reforçando ou, eventualmente, contradizendo o discurso ‘parasitado’” (OLIVEIRA, 2019, p.100), ou seja, esse conceito entende que o sentido de um enunciado é impactado não apenas pela sua cena da enunciação, mas também por textos e elementos discursivos periféricos que figuram ao seu entorno.

A cenografia seria determinada assim, principalmente no ambiente digital, pelo enunciado em si e, também, por outros enunciados que figuram ao seu redor e, de forma

indireta, impactam na compreensão do texto. Segundo o autor, o entendimento de uma pericenografia permitiria "expandir a cena de enunciação para abarcar fenômenos semântico-discursivos periféricos e simultâneos a um texto específico, em uma configuração específica" (OLIVEIRA, 2019, p. 91). Em um espaço virtual, com textualização modular, a periconografia permitiria "observar não apenas um texto, mas a relação entre textos postos a circular conjuntamente em um espaço delimitado como a página de um jornal, a tela de um site" (OLIVEIRA, 2019, p. 96).

O conceito de pericenografia é especialmente fértil no caso desta dissertação, que trata de enunciados jornalísticos criados no Twitter. O ambiente dessa plataforma digital faz com que, ao lado de uma *thread* jornalística da Folha de S. Paulo, circulem tuítes dos mais diferentes temas, como humorísticos, pessoais, propagandas e até mesmo *fake news*. O espaço do Twitter cria, por meio dos enunciados periféricos disponíveis ao redor de uma *thread* jornalística, uma cenografia que remove parte da credibilidade de um enunciado jornalístico feito na plataforma. Por esse motivo, os tuítes e *threads* da Folha de S. Paulo podem se ver obrigados a exacerbar ainda mais a sua cenografia, criando uma imagem mais forte de "conteúdo jornalístico" para contrapor o efeito de "descredibilidade" criado pelos enunciados periféricos.

Por fim, com base em todas as informações apresentadas neste subcapítulo, defendemos que a teoria de Maingueneau sobre os gêneros web se mostra produtiva e adequada ao que foi apresentado nesta dissertação sobre as *threads* jornalísticas. Embora fosse possível usar apenas as produções desse autor para defender que essas se caracterizam como um novo gênero jornalístico advindo de um hipergênero digital, para tornar a discussão mais robusta e fundamentada, vamos combinar esses conceitos com a visão de mais uma pesquisadora da Análise do Discurso.

6.2 Tecnogêneros, a visão de Paveau

Por sua vez, Marie Anne-Paveau possui uma visão diferente sobre os gêneros discursivos no ambiente digital. Segundo essa analista do discurso, a ideia de Maingueneau sobre os gêneros web "parece pouco adaptada aos universos digitais nativos, onde as produções são compósitas e multimidiáticas, e onde o 'próprio' verbal é mais uma ilusão do leitor do que uma realidade semiótica" (PAVEAU, 2021, p. 324).

A autora prefere usar o conceito de "tecnogênero" ao de "hipergênero" para debater enunciados nativos digitais. Para a pesquisadora, "o tecnogênero de discurso é, portanto,

marcado por ou derivado da dimensão tecnológica do discurso, o que implica um funcionamento e propriedades particulares" (PAVEAU, 2021, p. 328). Essa realidade pode ser verificada na forma como os tuítes, *threads* e outros formatos nativos digitais possuem informações valiosas para analistas dos discursos que podem ser encontradas em elementos tecnodiscursivos.

Paveau define um tecnogênero como "um gênero de discurso dotado de uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do linguageiro e do tecnológico" (PAVEAU, 2021, p. 328). O raciocínio ainda é complementado em seu livro ao afirmar que um tecnogênero:

> Pode derivar de um gênero pertencente ao repertório pré-digital, mas que os ambientes digitais nativos dotam de características específicas (como o comentário on-line), ou constituir um gênero digital nativo, portanto, novo (como a tuiteratura ou o artigo de imprensa na forma de antologia de links ou de tuítes) (PAVEAU, 2021, p. 328)

Sendo assim, os tecnogêneros podem ser definidos em três diferentes categorias de acordo com suas características:

- Os prescritos: "propostos nos sistemas de escrita on-line e fortemente restringidos pelos dispositivos tecnológicos. O tecnogênero prescrito não existe off-line" (PAVEAU, 2021, p. 329). São exemplos o comentário, o tuíte e o story do Instagram.
- Os negociados: "preexistente e estabilizado ou não nas produções pré-digitais, mas que adquire on-line traços propriamente tecnolinguageiros e tecnodiscursivos" (PAVEAU, 2021, p. 330). Por exemplo, os textos jornalísticos presentes no site do jornal Folha de S. Paulo.
- Os produsados: "nativo da internet produzido pelos internautas fora das restrições dos tecnogêneros prescritos e das rotinas dos tecnogêneros negociados" (PAVEAU, 2021, p. 331). Nesse item, podemos citar a literatura do Twitter ou as *threads* que, em seu modo de produção, subvertem um gênero prescrito (o tuíte) e não é forçada a seguir todas as restrições formais de um gênero negociado (os textos jornalísticos presentes no site da Folha de S. Paulo).

O tuíte seria classificado como um tecnogênero prescrito, uma vez que a sua limitação de caracteres é uma restrição tecnológica imposta pela plataforma. Ao mesmo tempo, esse também apresenta características compósitas, devido a seus elementos tecnodiscursivos, como a presença de informações como o local de publicação, foto de perfil e possibilidade de

resposta. Por fim, esse também se revela completamente dependente da plataforma, afinal, é impossível imaginar alguém produzindo um tuíte em papel.

Por sua vez, as *threads* jornalísticas, que são criadas a partir de um encadeamento de tuítes, seriam pertencentes ao tecnogênero produsado. Essa categoria de tecnogêneros se caracteriza pela "elaboração a partir das possibilidades técnicas do ecossistema" (PAVEAU, 2021, p. 331), ou seja, a partir do hackeio das ferramentas disponíveis nas plataformas online para criar novas formas de enunciados, nesse caso, a fuga do limite de caracteres do Twitter, usando o comentário. A própria autora defende que as *threads* se encontram nesta categoria ao afirmar que: "o produso do gênero está igualmente em ação em um artigo de imprensa constituído de uma soma de links ou de tuítes, novo gênero jornalístico inventado a partir das possibilidades técnicas e dos tecnogêneros prescritos" (PAVEAU, 2021, p. 331).

Os gêneros nativos digitais são, inegavelmente, dotados de uma dimensão técnica que lhes atribui significado, como afirma Paveau. No entanto, como defendido anteriormente nesta dissertação, até mesmo um livro impresso em uma prensa de Gutenberg também é marcado pela tecnologia usada em sua produção. Por isso, defendemos que os enunciados nativos digitais apenas escancaram essa dinâmica, tornando a sua natureza técnica mais evidente e transmitindo mais informação por meio de elementos tecnodiscursivos, como uma foto de perfil ou a informação a partir de qual local um tuíte foi feito.

Concluindo, as classificações de gêneros prescritos, negociados e produsados criadas por Paveau também se mostram afinadas e encontram adequação ao que foi apresentado sobre as *threads* jornalísticas até o momento. Sendo assim, seria possível nos respaldar apenas nessa autora para definir as *threads* jornalísticas como um novo tecnogênero. No entanto, parece-nos que seria uma escolha mais rica para a base teórico-metodológica da Análise do Discurso não optar apenas por esta ou aquela visão, mas sim conciliar as duas teorias descritas anteriormente, uma vez que, apesar de vislumbrarem diferentes fenômenos, em nenhum momento essas se contradizem.

6.3 Gêneros web e tecnogêneros, uma conciliação entre Paveau e Maingueneau

Newton, tentando entender a luz, criou a teoria corpuscular e defendeu que essa era formada por pequenas partículas. O seu modelo é até hoje útil para explicar fenômenos como a emissão e absorção da luz. Por outro lado, Huygens defendeu que a luz não seria uma partícula, mas sim uma onda, esse físico criou a teoria ondulatória, que até a atualidade explica fenômenos como a reflexão e refração. Na realidade, nenhum dos dois cientistas

estava errado, pois a luz possui natureza dual e é uma partícula e uma onda ao mesmo tempo, sendo assim, para criar uma teoria afinada e completa da luz, é necessário levar em conta as duas qualidades do elemento. Essa anedota tem como intuito ilustrar o que acreditamos que ocorreu com as teorias sobre gêneros nativos digitais de Paveau e Maingueneau na Análise do Discurso. Ambas as teorias comprovam fenômenos relativos ao que se propõem a estudar e se mostram produtivas, no entanto, é combinando as duas visões que podemos ter uma compreensão mais completa do fenômeno que estamos buscando entender.

Explicando de maneira mais clara, começamos afirmando que Maingueneau, em seus escritos sobre gêneros web, pareceu não dar grande atenção ao fato de que enunciados digitais possuem uma natureza compósita, ou seja, são profundamente dependentes de seus mídiuns, e que contam com uma dimensão técnica rica em informação. Por outro lado, Paveau, ao escrever sobre o tecnogêneros, pareceu não dar atenção ao modo como as cenas genérica e englobante são enfraquecidas no ambiente digital e minimizar o papel crucial da cenografia na construção do sentido de um enunciado nativo da web.

Os resultados encontrados nesta pesquisa, disponíveis no capítulo de análises, demonstram como tanto as características defendidas por Maingueneau quanto por Paveau se apresentam nos discursos nativos digitais. Uma *thread* jornalística, ao mesmo tempo, esforça-se para se construir cenograficamente como um enunciado jornalístico e também é um enunciado que tem o seu sentido e forma profundamente construídos e determinados por todos os atributos tecnodiscursivos advindos de um enunciado do Twitter.

Portanto, defendemos que um analista do discurso, ao trabalhar com enunciados nativos digitais, não deve se sentir forçado a escolher entre usar a metodologia defendida por Maingueneau ou Paveau, na verdade, as duas visões sobre os gêneros web, ou tecnogêneros se complementam. É impossível analisar discursos em ambiente digital sem reconhecer que esses possuem a cena englobante e genérica deterioradas e a cenografia inflada, e que os enunciados nativos digitais contam com uma natureza compósita, sendo dependentes de sua plataforma.

Em resumo, propomos que as análises de discursos nativos digitais, não apenas desta dissertação mas também de próximas pesquisas, sejam feitas a partir de um ponto de vista de conciliação entre Paveau e Maingueneau. Dessa maneira, todo tecnogênero é sempre um hipergênero, ou seja, os discursos nativos digitais contam com uma dimensão técnica intrínseca que os determinam e lhes atribui sentidos e, ao mesmo tempo, possuem a peculiaridade de dependerem de sua cenografia para transmitirem informações preciosas a respeito de sua generacidade e sentido.

Por fim, optamos por usar os termos “tecnogênero” e “tecnodiscurso” para discorrer sobre gêneros e discursos nativos digitais, no entanto, o leitor deve entender que, pelo menos nesta dissertação, defendemos que todos os tecnodiscursos e tecnogêneros possuem, além das características defendidas por Paveau, as condições definidas por Maingueneau e contam com uma priorização de sua cenografia.

No que diz respeito às *threads* jornalísticas da Folha de S. Paulo, classificamos estas como um tecnogênero produsado que se enquadra no tipo de discurso jornalístico devido a sua cenografia, que infla e se preocupa em construir qualidades desse tipo de discurso, e também por seus enunciados seguirem os padrões da semântica global do discurso jornalístico. Essa forma de enunciação deve ser diferenciada de outros gêneros e tecnogêneros jornalísticos, pois possui funcionamento e regularidade própria, que dentro das restrições da semântica global jornalística se diferencia de todos outros gêneros já existentes.

Bernardo Rocha, pesquisador da área da Comunicação, chegou à mesma conclusão ao afirmar que as *threads* jornalísticas são formatos que:

> Apesar de produzidos e circulados em uma mídia social, ainda assim podem ser definidos como narrativas jornalísticas; haja visto que mantêm pressupostos, características e valores que também conformam formatos tradicionais dentro dos gêneros jornalísticos, como as notícias ou reportagens. Também apresentam a estrutura de texto jornalístico, com a presença de recursos como o *lead* abrindo o texto e o pé de uma notícia, por exemplo, por mais que de forma desordenada (2022, p. 53)

Em outras palavras, assim como a notícia funciona em uma lógica diferente da reportagem e da nota, a *thread* jornalística, que é uma forma textual ligada ao conjunto de normas e à prática dessa profissão, possui a sua lógica de funcionamento que, dentro da semântica global do discurso jornalístico e devido a suas qualidades tecnodiscursivas, cria enunciados totalmente novos, por mais que estes sejam feitos a partir de trechos recortados de um ou mais textos-fontes.

A maneira de enunciar da *thread* jornalística, como descrito neste capítulo e nos anteriores, baseia-se no destacamento de trechos do texto fonte e em um discurso rápido, ordenado geralmente em ordem cronológica, que fornece a informação direta, por vezes recorrendo a recursos humorístico ou à informalidade, fazendo perguntas e incentivando a interação com o leitor, estando todas essas características introduzidas dentro das restrições estabelecidas pela plataforma Twitter, como por exemplo, o limite de caracteres em um tuíte e a presença de elementos tecnodiscursivos, como a foto de perfil ou data de emissão, que também proporcionam sentido ao enunciado. Pensando nesses traços típicos das *threads* e nos

baseando na afirmação de Maingueneau de que “o estudo da emergência, do desaparecimento ou da marginalização dos gêneros constitui, assim, um observatório privilegiado das mudanças sociais” (2015, p. 70), podemos afirmar que o aparecimento desse novo tecnogênero, e a recorrência desse nas contas do Twitter de outros jornais além da Folha de S. Paulo, como O Globo e Estadão, apresentam algumas particularidades acentuadas na sociedade contemporânea, por exemplo, a ânsia por consumir informação de forma mais rápida.

7 A SINTAXE DO DESTACAMENTO

Como explicitado no capítulo 3.1, segundo Baronas (2014) as enunciações aforizante e textualizante possuem sete diferenças principais. Anteriormente citamos apenas seis dessas e reservamos a relação que esses dois regimes de enunciação estabelecem com a memória para ser tratada neste capítulo. Sobre o tema, Maingueneau afirma que:

> A enunciação textualizante resiste à apropriação por uma memória. É preciso ser ator ou bardo profissional para memorizar textos inteiros. A enunciação aforizante implica a utopia de uma fala viva sempre disponível, que se atualiza o "memorável": enunciando e mostrando que enuncia, ela se dá como uma repetição quase constitutiva (MAINGUENEAU, 2010, p. 14)

Sendo assim, "a enunciação aforizante obedece a uma economia diferente do texto. Enquanto o texto resiste à memória, a enunciação aforizante se dá imediatamente como memorável e memorizável" (MAINGUENEAU, 2014, p. 28). Podemos relacionar essa propriedade da enunciação aforizante com as *threads* jornalísticas ao relembrar que essas seriam produzidas por meio de destacamentos fracos e aforizações secundárias advindas de textos jornalísticos disponíveis no site da Folha de S. Paulo. Desse modo, é como se, por meio da criação de aforizações, esse jornal retirasse trechos de suas produções da enunciação textualizante e os lançasse à enunciação aforizante, tornando-os memoráveis e de mais fácil fixação para os leitores. É verdade que "a grande maioria das aforizações secundárias desaparece assim que destacadas, algumas entram na memória coletiva, disponíveis para reemprego" (MAINGUENEAU, 2014, p. 69). Sobre esse, tema Moraes reconhece que no jornalismo haverá "aspectos que, mesmo destacados, não serão memoráveis, por não serem devidamente enfatizados ou por 'falharem' na relação com a rede de memória. Outros poderão se perder com o tempo, por exemplo, na medida em que novas gerações não os 'reproduzam/repitam'" (2020, p. 1555). No entanto, mesmo que uma aforização não adentre a memória coletiva e seja indefinidamente reproduzida de forma literal, essa, ao ser associada ao jornalismo, ainda assim teria papel importante na construção da memória discursiva sobre determinado acontecimento, principalmente em um momento em que apenas títulos, subtítulos e outras formas de destacamento de notícias são consumidos no ambiente digital.

Por este motivo, dentro do quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso e a partir dos estudos sobre o destacamento e enunciação aforizante por Maingueneau, a pesquisadora Érika de Moraes propôs o conceito de sintaxe do destacamento, que diz respeito à forma como enunciados contemporâneos se organizam com base em "um novo modo de

leitura a partir da costura de elementos como títulos, subtítulos, legendas e demais destaques" (MORAES, 2020, p. 1553). Compreender a comunicação atual como pautada por uma sintaxe do destacamento nos faz refletir sobre como os enunciados destacados e as aforizações que circulam em textos contemporâneos, na mídia digital e impressa são cruciais na formação de uma memória discursiva[16]. Existiria assim uma "relação de simbiose entre os processos de destacamento e a produção/fixação/circulação de memória discursiva" (MORAES, 2020, p. 1554).

A pesquisadora afirma que nesse ambiente em que, a cada dia mais, apenas os destacamentos (como títulos, legendas, conteúdos destacados em *threads*…) são consumidos pelos leitores, os conteúdos destacados são aqueles que mais se fixam na memória: "sem negar o acontecimento, entendemos que a forma como ele é destacado (e, consequentemente, fixa-se como memória) tem relação com processos de edição e circulação" (MORAES, 2020, p. 1564).

Com o objetivo de discorrer mais sobre o tema e adicionar esse conceito às análises que serão desenvolvidas, o presente capítulo é dividido em duas partes e busca elaborar reflexões sobre a sintaxe do destacamento, aplicando essa no contexto das *threads* jornalísticas. Na primeira subdivisão nos preocupamos em apresentar a sintaxe do destacamento como um processo que está se consolidando há anos fora da mídia digital; por sua vez, a segunda parte pontua alguns dos impactos que advêm da sintaxe do destacamento e de uma nova forma de textualidade que se torna cada vez mais recorrente.

7.1 A sintaxe do destacamento, um olhar histórico

É preciso esclarecer dois quesitos antes de prosseguir: em primeiro lugar, enfatizamos que a internet, a web e demais tecnologias digitais não são as criadoras da sintaxe do destacamento, mas sim as suas potencializadoras na contemporaneidade, por isso, é possível encontrar sinais desse fenômeno até mesmo em enunciados impressos ou criados antes da

[16] Por "memória discursiva" não tratamos da memória individual, de lembranças ou da memória psicológica e cognitiva, mas usamos a concepção de Courtine que "diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos" (2009, p. 105-106) e remete ao fato de que "toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta – faz circular – formulações anteriores" (COURTINE, 2009, p. 104). Pêcheux: também discorre sobre esse conceito ao afirmar que a memória discursiva vem, frente a um texto, "restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita" (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 52). Em outras palavras, memória discursiva remete ao fato de que cada enunciado, de acordo com a sua ideologia e com a Formação Discursiva na qual foi formulado, se filia (ou nega) um enunciado anterior para ter sentido e retorna, cita, esquece ou apaga certos enunciados posteriores.

popularização da internet. Em seguida, ressaltamos também que a sintaxe do destacamento não se aplica somente ao Jornalismo, estando presente em diversos gêneros discursivos da atualidade.

É possível afirmar que as bases para a proposição do conceito de sintaxe do destacamento estão nas reflexões de Maingueneau. O autor defendia que havia uma mudança no modo como os textos são produzidos na atualidade, os enunciados contemporâneos tenderiam para uma *forma modular de textualidade*, na qual "não há mesmo ali hierarquia entre o que seria um texto principal e um paratexto. Não se trata de microtextos, de textos curtos (como, por exemplo, as máximas ou os pequenos anúncios tradicionais), mas de uma subversão generalizada da lógica do texto" (MAINGUENEAU, 2017, p. 147). Segundo o analista do discurso, a atual forma de textualização é fragmentada e com a presença de diversos módulos, estes podem incluir fotos, vídeos ou destacamentos (MAINGUENEAU, 2014). A fragmentação dos discursos, e a preferência por uma textualização modular na qual o destacamento é o principal módulo e o responsável pela fixação da memória discursiva, é um dos fenômenos previstos pela sintaxe do destacamento.

Freire, pesquisador da área do Jornalismo e Design, corrobora com essas afirmações ao escrever que a fragmentação dos textos "é uma tendência que vem crescendo ao longo da história do jornalismo, e que atingiu o auge com o advento do computador como ferramenta de produção jornalística. Tal estratégia ganhou força também em função da Internet e por influência desta no modo de leitura atual" (2009, p. 294).

Na mídia impressa é evidente a forma como a textualização modular se torna cada vez mais presente com o passar dos anos. Para ilustrar esse processo trouxemos como exemplo a capa do primeiro exemplar do jornal Folha de S. Paulo (Figura 12) publicado em 19 de fevereiro de 1921, e edições sorteadas aleatoriamente nos anos de 1971 (Figura 13) e 2021 (Figura 14), ou seja, que foram publicadas em um intervalo de 50 anos.

Figura 12 - Primeira edição do jornal Folha de S. Paulo, à época chamado de Folha da Noite



Folha da Noite

ANNO I — S. PAULO — Sabbado, 19 de Fevereiro de 1921 — NUM. 1

O nosso programma

AS ELEIÇÕES DE AMANHAN

A REPRESENTAÇÃO PAULISTA

OS CANDIDATOS AVULSOS

Pelos funccionarios municipaes

Fonte: Acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 13 - Edição do jornal Folha de S. Paulo de 1971



FOLHA DE S. PAULO

Um encontro presidencial na Amazonia

Aumentam 60% em 4 anos acidentes de transito em SP

O Brasil perdeu US$ 100 milhões com turismo em 70

Termina hoje no Pacifico a mais longa missão espacial

Nacional começa hoje; S. Paulo e Corintians jogam

Caetano chega para gravar com João Gilberto

Pan: Brasil derrota Cuba e elimina os EUA

Fonte: Acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 14 - Edição do jornal Folha de S. Paulo de 2021



FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

SEXTA-FEIRA, 10 DE DEZEMBRO DE 2021

Redução das chuvas custa ao Brasil R$ 80 bi por ano

Perda desde 2012 chega a 17% do PIB; aquecimento global prolonga estiagem

Polícia prende 16 no caso dos meninos de Belford Roxo

Senado prorroga desoneração da folha por dois anos

Nelson Barbosa
Vêm aí 2 meses de debate sobre juro

NO CENTRO DE SÃO PAULO, VACA MAGRA AMARELA TOMA LUGAR DO TOURO DE OURO DA BOLSA DE VALORES

Grupos agiram por Bolsonaro em enquete da Time

Mendonça comemora vaga no STF em culto com Malafaia

Economia veta projeto para dividir universidades federais

Total de jornalistas presos é recorde no mundo, diz ONG

Cúpula não terá declaração final sobre democracia

Fonte: Acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

A mudança no modo de organização do texto já é visível entre as edições de 1921 e 1971. Os enunciados destacados (que seriam chamados de *manchetes* do ponto de vista do Jornalismo) saltam de 4 no primeiro exemplo para 13 no segundo, concomitantemente, novos módulos são adicionados, como as fotografias e mapas. Por fim, a edição de 2021 apresenta 16 destacamentos e um número maior de imagens e infográficos, contando com textos mais curtos. Torna-se evidente que, antes mesmo da criação da internet, a sintaxe do destacamento já atuava no jornal impresso em um processo que, com passar dos anos, tornou os textos mais fragmentados, o número de destacamentos e aforizações maior, e a leitura cada vez mais modular, lançando mão de gráficos e fotos, por exemplo.

Em pesquisa realizada sobre o design jornalístico, Freire chega a conclusões parecidas e também encontra um aumento da fragmentação dos textos e a predominância de diversos módulos textuais:

> A enunciação no discurso jornalístico no século XXI é bem diferente das anteriores. A organização, o apelo visual e a fragmentação dos enunciados são características básicas deste novo modo de estruturação enunciativa. Se no início o texto verbal predominava e seu fluxo era contínuo e linear, na atualidade o texto é composto pela mescla de matérias verbais e não-verbais, o fluxo da informação é descontínuo e a não-linearidade ganhou mais espaço. (FREIRE, 2009, p. 305)

Por sua vez, Érika de Moraes reforça o entendimento de que as tecnologias digitais "não são, a priori, as responsáveis pelo funcionamento do jornalismo pautado nos destacamentos, mas potencializam esse modo de funcionar que sempre foi característico da máquina midiática" (2019, p. 98). Em trabalhos anteriores, a mesma pesquisadora já havia estudado o efeito dos destacamento em matérias jornalísticas, principalmente em títulos e manchetes, ressaltando que a web potencializa uma realidade já existente anteriormente:

> O destacamento sempre foi característico do funcionamento dos veículos midiáticos, estando no jornalismo especialmente envolvido na produção de efeitos de sentido (por vezes, inusitados ou fortemente manipuladores) por meio de seus títulos. O aumento de disponibilidade de notícias ocorrido com o desenvolvimento da web 2.0 potencializa esses efeitos do destacamento. (MORAES, 2017, p. 835)

Não apenas o "aumento de disponibilidade de notícias" e excesso de informação são os responsáveis por favorecer o destacamento e a utilização de uma textualização modular, por sua vez "a enunciação jornalística de hoje busca atingir os leitores habituados à leitura hipertextual, não-linear, fragmentada em diversas janelas que se abrem na tela. Para tanto, fragmentam-se os conteúdos [...] criando mais pontos de entradas para o texto" (FREIRE, 2009, p. 294).

Por fim, a criação do conceito de sintaxe do destacamento reconhece como "o destacamento é uma característica inexorável da discursividade contemporânea e interfere na produção de memória discursiva, que se torna mais fragmentada" (MORAES, 2020, p. 1553) e torna possível o estudo de fenômenos ligados ao uso da enunciação aforizante no jornalismo, ocorrência que é frequente nas *threads* jornalísticas.

7.2 A sintaxe do destacamento, impactos na contemporaneidade

Fischer e Grodzinsky, dois pesquisadores da área da Ciência da Informação, definem a linguagem natural como "um sistema de comunicação simbólico que é comumente compreendido entre um grupo de pessoas. Cada linguagem tem um conjunto de símbolos que representam objetos, propriedades, ações, abstrações, relações e assim por diante" (2014, p. 4)[17], esse sistema ainda contaria com um conjunto de regras e possibilidade de inovação por parte de seus usuários. Os autores conduzem essa reflexão para estabelecer semelhanças entre

[17] Tradução feita pelo autor, no original em inglês: "A symbolic communication system that is commonly understood among a group of people. Each language has a set of symbols that stand for objects, properties, actions, abstractions, relations, and the like".

a linguagem humana e as linguagens de programação que, de acordo com os pesquisadores, seriam também formas de linguagem, uma vez que são compostas por um conjunto de regras gramaticais, e contam com sintaxe e semântica próprias, no entanto, "Inglês é para comunicação entre as pessoas. Os programas são escritos para computadores e pessoas entenderem. O uso de uma linguagem de programação requer um entendimento mútuo entre uma pessoa e uma máquina". (FISCHER e GRODZINSKY, 2014, p. 4)[18].

A Análise do Discurso, por sua vez, entende que a linguagem é também uma das formas como a ideologia se manifesta materialmente, de acordo com Pêcheux: "se deve conceber o discurso como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico" (1997, p. 166). De acordo com a AD, toda produção discursiva seria, em última instância, permeada pela ideologia de quem a criou, já que a ideologia se manifesta em produções linguísticas.

Defendemos nesta dissertação que a ideologia se manifesta não apenas nas produções de linguagem natural, mas também em textos criados usando linguagens de programação, ou seja, nos códigos que compõem programas, aplicativos, sites e a própria estrutura da internet. O ato de programar requer o uso de uma linguagem programação para criar um enunciado digital (como um site ou um programa) e, se como defende Pêcheux, não existiria produção discursiva isenta de ideologia, desse modo, se faz necessário perguntar quem foram os indivíduos responsáveis por produzir e escrever os códigos que estruturam a internet e, mais importante ainda, quais eram as ideologias desses sujeitos.

Richard Barbrook e Andy Cameron apresentam em seu livro *Ideologia Californiana* (2018) o contexto histórico (ou condições de produção) da criação da internet. Segundo os autores, essa tecnologia surgiu a partir de investimentos estatais dos Estados Unidos, porém, logo passou para a mão de empresas privadas na Costa Oeste dos EUA, unindo dois diferentes grupos presentes no local à época: os *hippies*, que majoritariamente faziam oposição ao Estado devido a Guerra no Vietnã, e os *yuppies* (sigla para *Young Urban Professional*), jovens empreendedores de viés econômico liberal que também se opunham ao Estado, mais especificamente sendo contra intervenções do Governo na economia. O encontro desses indivíduos ocorreu no Vale do Silício, justamente quando o Governo Estadunidense destinava investimentos públicos ao local e visava o desenvolvimento da internet

[18] Tradução feita pelo autor, no original em inglês: "English is for communication among people. Programs are written for both computers and people to understand. Using a programming language requires a mutual understanding between a person and a machine".

> A história da Internet também contradiz os dogmas dos ideólogos do "livre mercado". Nos primeiros vinte anos de sua existência, o desenvolvimento da Rede foi quase por completo dependente do tão injuriado governo federal americano. Seja via militares americanos ou através das universidades, grandes somas de dólares dos contribuintes foram usados na construção da infraestrutura da Rede e para subsidiar os custos pelo uso dos serviços. (BARBROOK e CAMERON, 2018, p. 24)

Como resultado da participação desses dois grupos, o desenvolvimento da internet tornou-se profundamente marcado pelo que os autores chamam de "Ideologia Californiana", esse seria um sistema de ideias que: "combina o espírito desgarrado dos *hippies* e o zelo empreendedor dos *yuppies*. Este amálgama de opostos foi atingido através de uma profunda fé no potencial emancipador das novas tecnologias da informação" (BARBROOK e CAMERON, 2018, p. 12). A Ideologia Californiana combina a visão liberal econômica e a oposição ao governo desses dois círculos, pregando que o espaço digital seria um ambiente com "oportunidades financeiras" e "fácil conexão com outras pessoas", no qual o "grande governo" não deveria atrapalhar os "empreendedores engenhosos", nas palavras dos autores, a Ideologia Californiana defende que: "na utopia digital, todos vão ser ligados e também ricos" (BARBROOK e CAMERON, 2018, p. 12).

No entanto, a realidade que pode ser encontrada, devido ao desenvolvimento da internet ter migrado para a mão de empresas privadas e não ter sido foco de políticas públicas de democratização, é um acesso desigual aos meios digitais – pessoas com menores condições financeiras possuem dificuldade tanto para acessar a internet e a web em si, quanto para obter os aparatos tecnológicos necessários, como celulares e computadores – e uma ideologia capitalista liberal que se faz presente e atravessa os algoritmos e a rede. Os autores resumem esse ponto ao afirmarem que: "os desvalidos só participam da era da informação fornecendo mão-de-obra barata e não sindicalizada para as insalubres fábricas das manufaturas de chips do Vale do Silício" (BARBROOK e CAMERON, 2018, p. 31).

O funcionamento da internet a partir de um método capitalista – resultado de códigos e algoritmos escritos (ainda que em linguagem de programação) por sujeitos imersos nessa ideologia – cria impactos no jornalismo e nos discursos produzidos em ambiente digital. A lógica de mercado faz com que a internet opere a partir de um ponto de vista no qual a informação é um produto a ser comercializável, sendo assim, os textos de um jornal, por exemplo, não são disponibilizados sem o pagamento do *paywall* ou assinatura e, se estão disponíveis de graça, ainda assim trazem retorno financeiro para os produtores ao exibir anúncios ou coletar dados pessoais de leitores que mais tarde serão usados para exibição de

propagandas. Nesse sentido, cria-se uma lógica na qual os enunciados jornalísticos são produtos "descartáveis" a serem consumidos, vendidos e que devem trazer lucro, por isso, devem ser produzidos à exaustão.

Essa produção de textos em escala industrial seria uma das responsáveis por gerar excesso de informação na web, criando uma quantidade de enunciados muito maior do que qualquer ser humano poderia ler. Por sua vez, o excesso de informação é um fenômeno que leva à ascensão dos textos cada vez mais diretos e em textualização modular, como a *thread*, e da preferência pela leitura de conteúdos destacados frente ao enunciado completo no texto-fonte.

Sendo assim, o funcionamento comercial da internet seria uma das causas da potencialização de um fenômeno que já vem avançando há anos: a sintaxe do destacamento. O espaço digital, com o excesso de informação criado pela lógica capitalista, alavanca a necessidade de textos modulares e valoriza conteúdos destacados frente a textos completos, a enunciação aforizante se adapta a esse ambiente ao se propor (por mais que saibamos que esta tarefa é impossível) a resumir os principais pontos chaves de enunciados perdidos em meio ao excesso de informação em uma verdade sintetizante, homogênea, fácil de ser memorizada, que pode circular facilmente e é destinada a um auditório universal. Nas palavras de Moraes: "o suporte digital mantém características dos gêneros aos quais se associa (no caso, o jornalístico) e, ao mesmo tempo, potencializa e redimensiona seu funcionamento por meio das possibilidades permitidas pela interface" (2019, p. 130).

O filósofo sul coreano Byung-Chul Han, por sua vez, faz uma análise de como os leitores e usuários da internet reagem ao serem expostos a esta tecnologia, o autor afirma que o digital "transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez" (HAN, 2018, p. 13). É possível defender que a construção da internet e da web, voltada para um modelo de consumo, é responsável por gerar estímulos que fazem com que os leitores busquem consumir informação de forma cada vez mais rápida e sem pausas, evitando contextualizações e uma leitura densa. Sobre esse tema, Byung-Chul Han traz o conceito de "Caçador de Informação", que diz respeito ao perfil dos indivíduos que atualmente buscam se informar na web. Na definição do filósofo:

> O caçador de informação é impaciente e sem timidez. Ele espreita, em vez de 'esperar'. Ele agarra, em vez de deixar as coisas amadurecerem. O importante é, com

> cada clique, conquistar uma presa. O presente total é a sua temporalidade. Tudo que prejudica a sua visão deve ser tirado rapidamente do caminho (2018, p. 41).

Desse modo entendemos que, para o caçador de informação, até mesmo o texto completo de uma notícia jornalística e a lógica da enunciação textualizante, que integra todos os elementos do texto em um, são entendidos como um prejuízo à obtenção de informação, já que tornaram o processo de leitura mais longo, profundo e demorado. Na contemporaneidade o texto deve ser escaneável e com pontos chaves destacados para agradar ao leitor, por isso não é difícil encontrar manuais de redação para textos na web que recomendam "ir direto ao ponto e preferencialmente utilizar textos curtos", "planejar, fragmentar, fracionar, dividir o conteúdo em páginas", "dar destaque às informações mais importantes" e "utilizar listas, ícones de destaques (*bullets*)" (SCHWINGWL, 2012, p. 67).

Relacionando a sintaxe do destacamento ao jornalismo e às condições de produção textual e leitura na web, a pesquisadora Érika de Moraes, propositora do conceito, afirma que:

> Se considerarmos, porém, as características da sociedade contemporânea, mediada pelo excesso de informação, torna-se relevante defender que o destacamento não seja tão somente um dos elementos do texto, mas o ponto nodal de processamento de memória discursiva, sobretudo se tomamos como topografia um ponto da história da humanidade em que as leituras são mais fragmentadas do que profundas (MORAES, 2020, p.1554)

A tese de que as leituras estão sendo cada vez mais fragmentadas e superficiais no atual momento histórico pode ser confirmada pela própria lógica das plataformas digitais. O Twitter, por exemplo, pelo seu funcionamento baseado em textos curtos e diretos, impõe essas características aos enunciados produzidos a partir de seu suporte, não permitindo o uso de mais de 280 caracteres pelos não assinantes, ainda que esse limite possa ser driblado pelas *threads*, como vimos. Desse modo, cria-se um efeito de retroalimentação no qual o Twitter ao mesmo tempo pauta e define qual será o formato dos textos produzidos em sua plataforma, e também é pautado pela ideologia inerente à internet desde sua criação.

A neurocientista Maryanne Wolf nos proporciona uma visão ainda mais completa sobre esse assunto escrevendo sobre como na sociedade contemporânea o hábito de leitura tem se modificado, tornando-se cada vez mais superficial. A autora destaca que a atividade de ler não é inata do ser humano e, por isso, para ser aprendida exige um esforço "além de suas capacidades originais, geneticamente programadas, como a visão e a linguagem" (WOLF, 2019, p. 15). Os circuitos neurais responsáveis pela leitura profunda levam anos para se

formarem em um cérebro humano e utilizam áreas que tinham diferentes funções anteriormente. A autora explica detalhadamente esse processo ao afirmar que:

> Há genes dedicados a capacidades básicas, como a linguagem e a visão, que acabam sendo reaproveitados na formação do circuito de leitura, mas esses genes, por si só, não produzem a capacidade de ler. Para nós, seres humanos, ler é algo que tem que ser aprendido. Isso significa que precisamos de um ambiente que nos ajude a desenvolver e conectar um sortimento complexo de processos básicos e não tão básicos, de modo que cada jovem cérebro possa formar seu próprio circuito de leitura novo em folha. (WOLF, 2019, p. 27)

A criação de circuitos de leitura no cérebro é possível graças à plasticidade, ou seja, a capacidade de reorganização e alteração de sinapses desse órgão ao ser exposto a novas atividades. Sendo assim, seria provável que novos leitores, por serem expostos em maior nível às telas, estejam desenvolvendo um modo diferente de ler, mais superficial, com atenção em um prazo mais curto, menos adaptado ao regime de enunciação textualizante e mais propenso à leitura de enunciados do regime de enunciação aforizante. Maryanne Wolf demonstra esse fenômeno ao afirmar que

> O circuito do cérebro leitor é inerentemente maleável (ou seja, passível de mudar conforme a leitura) e é influenciado por alguns fatores ambientais chave, a saber: aquilo que lê (tanto o sistema de escrita particular como o conteúdo), como ele lê (a mídia particular, por exemplo, o impresso ou a tela e seus efeitos sobre o modo de ler) e como é formado (métodos de instrução). O ponto crucial da questão é que a plasticidade do cérebro nos permite formar não só circuitos cada vez mais sofisticados e expandidos, mas também circuitos cada vez menos sofisticados, dependendo dos fatores ambientais. (2019, p. 27)

Nesse sentido, as *threads* jornalísticas seriam uma manifestação das características do consumo de informação na contemporaneidade. Feita sob medida para atender aos desejos dos caçadores de informação e dos novos circuitos de leitura mais superficiais e com menos foco, a *thread* jornalística destaca os pontos mais importantes para a compreensão do acontecimento retratado em um texto jornalístico e detextualiza esses destacamentos no Twitter.

Em um cenário em que os caçadores de informação querem consumir conteúdo de forma mais rápida, escaneável, sem longas leituras, livre de contextualizações, buscando apenas pela verdade sintetizante de um texto, os enunciados parecem tender menos para um regime de enunciação textualizante e mais para um aforizante, é como se, na atualidade, os textos jornalísticos (e também de outros gêneros) no espaço digital fossem produzidos apenas para servirem de base para aforizações, o modo de enunciação mais adaptado a web. No

entanto, essa prática gera um claro paradoxo, se a aforização só se constrói com base no texto em que foi criada, essa é incapaz de expressar todas as informações complexas que o texto inteiro traz consigo (por mais que tente e se proponha a esse papel). Em resumo, a leitura superficial de textos por meio de aforizações se revela sempre, no mínimo, enviesada e incompleta.

Partindo do pressuposto que o destacamento de diversos trechos de textos jornalísticos, e a junção destes em um novo tecnotexto, gera diferentes interpretações quando comparadas com as que poderiam surgir com a leitura dos textos-fontes na íntegra por meio do site ou no jornal impresso, é possível afirmar que, como prevê o conceito de sintaxe do destacamento, a produção de memória discursiva decorrente da leitura de uma *thread* jornalística é distinta daquelas produções de memória que poderiam ser geradas na leitura dos textos-fonte dos quais os destacamentos se originaram. Isso ocorre porque há uma mudança no percurso interpretativo quando o leitor consome diversos destacamentos ligados entre si em uma *thread* ao invés do material completo do texto-fonte.

A sintaxe do destacamento ainda aponta que um destacamento suscita diferentes efeitos de memória discursiva em cada indivíduo, as ligações entre redes de memórias "têm relação com o posicionamento do sujeito (envolto por ideologia e inconsciente, como pressupõe a Análise do Discurso)" (MORAES, 2020, p. 1557), no entanto, a memória estabelecida não será individual, mas cada destacamento pode ativar uma memória discursiva compartilhada com um grupo já que, "por sua vez, cada grupo poderá também ter encontros diferentes com outros" (MORAES, 2020, p. 1557). Criam-se assim "microuniversos de memória" nos quais cada sujeito terá contato com memórias discursivas compartilhadas com grupos diferentes, dependendo do tema do destacamento ao qual foi exposto.

Por fim, podemos defender que o modelo de criação da internet, as características da contemporaneidade como postuladas por Byung-Chul Han e Moraes, e os novos padrões de desenvolvimento do cérebro leitor defendidos por Wolf tornam o destacamento e a enunciação aforizante fatores mais do que necessários para os enunciados atualmente, mas o próprio cerne da existência de um texto na web, uma vez que o destacamento seria o primeiro (e muitas vezes o único) contato de um leitor com um enunciado online, além de o ponto em torno do qual a construção do texto se organizaria:

> O destacamento é sempre essencial, já que constitui a primeira camada da leitura, o chamariz, e os suportes móveis, por sua vez, favorecem a leitura dos destaques. Nessa realidade em que tablets e smartphones tornaram-se quase uma extensão do ser humano, torna-se mais relevante refletir sobre os modos de destacamento enquanto

> processos de direcionamento de leitura e consequente cristalização de memórias na contemporaneidade. (MORAES, 2019. p. 18)

Por isso, é recorrente que o destacamento busque expressar de forma sintética o conteúdo do texto e ao mesmo tempo convidar para a leitura completa. A sintaxe do destacamento é, portanto, um elemento importante para essa reflexão ao apontar como o destacamento é crucial para a produção de memória discursiva e do próprio repertório e bases que um sujeito possui sobre um determinado assunto. É possível propor, com Moraes: "assim como Maingueneau (2005) postulou o primado do interdiscurso, [...] seria pertinente pensar no primado do destacamento na era da informação predominantemente digital" (MORAES, 2020, p. 1554).

Por fim, enfatizamos que, contraintuitivamente, a sintaxe do destacamento, ao invés de tornar o consumo de informação mais descomplicado, na realidade acaba o tornando mais complexo. Isso ocorre porque, em meio a um excesso de fragmentos de textos e destacamentos, o leitor precisa gastar tempo e energia para filtrar o que é relevante, o que é informação verdadeira, fazer a checagem da informação, articular os trechos distintos e separar o que deve e não deve ser lido. Portanto, a leitura modular e a sintaxe do destacamento não são apenas geradoras de ordem (no sentido discursivo, ao criarem *threads* e textos sintéticos e diretos, que transmitiriam a informação de forma mais rápida), mas também de caos (ao gerar problemas cognitivos, como o cansaço mental obtido pelo contato com o excesso de informação, o *burnout*, e a modificação do circuito leitor para um mais superficial).

8 ANÁLISES DO MATERIAL

Este capítulo destina-se a apresentar a análise dos dados, cada uma das *threads* escolhidas para o *corpus* irá receber um subcapítulo próprio, nos quais a estrutura será composta por:

1. Descrição das condições de produção do tecnotexto;
2. Uma tabela que irá informar os possíveis enquadres de cada destacamento presente na *thread* (de acordo com o que foi defendido no capítulo 3.3), o título do texto-fonte do qual esses foram retirados (ou seja, a matéria jornalística publicada no site da Folha de S. Paulo a partir do qual o enunciado do tuíte foi destacado), e a posição/função que o enunciado ocupava originalmente no texto-fonte;
3. Observações sobre os aspectos relevantes para a pesquisa encontrados nos destacamentos das *threads* a partir dos objetivos desta dissertação e da base teórica da Análise do Discurso;
4. Uma segunda tabela apresentando os possíveis enquadres encontrados nos textos impressos (de acordo com o que foi defendido no capítulo 3.3), os títulos de matérias jornalísticas que atuam como texto-fonte e a descrição da forma como o destacamento se mostra;
5. Descrição dos aspectos relevantes para a pesquisa encontrados nos destacamentos das matérias impressas a partir dos objetivos desta dissertação e da base teórica da Análise do Discurso.

Vale lembrar que, conforme os critérios estabelecidos, para que uma matéria do jornal impresso seja selecionada para o nosso *corpus*, essa deve ser uma versão impressa do textos-fonte publicado no site a partir do qual houve o destacamento presente na *thread*. O próprio veículo Folha de S. Paulo indica quando há a publicação no meio físico por meio de um botão com o enunciado “Edição impressa”, abaixo da data de publicação, na lateral esquerda da página (Figura 15).

Figura 15 - Botão que leva ao scan da versão impressa do jornal.



CORONAVÍRUS • TEXTOS LIBERADOS

Saiba como se proteger contra o coronavírus e o que fazer em caso de suspeita

Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso da doença no Brasil na quarta-feira (26)

26.fev.2020 às 13h00
Atualizado: 12.mar.2020 às 16h50

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto A- A+

SÃO PAULO Após a confirmação do primeiro caso do novo coronavírus no Brasil e dos primeiros casos de transmissão local, cresceram as dúvidas e também os boatos sobre como se proteger da infecção.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que não há necessidade de pânico. Os sintomas da covid-19 (doença causada pelo novo

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Para a realização das análises desta dissertação não recorremos à compra do jornal em papel, mas usamos os *scans* das edições impressas que estão disponíveis para todos os assinantes após o clique nesse botão, ou seja, foram consultadas as versões *digitalizadas* do jornal impresso.

Reconhecemos que, apesar de a tiragem e a venda da versão impressa da Folha de S. Paulo representarem um número baixo, (apenas 366.089 exemplares pagos em todo o ano 2021, frente à uma audiência de 171,5 milhões mensais nas páginas digitais[19]) o fato de os enunciados desse jornal se materializarem em uma versão de papel possui um efeito discursivo que atribui credibilidade a todas as matérias publicadas de forma online pela Folha de S. Paulo. Nesse sentido, é como se o botão "Edição impressa", ao permitir que o leitor tenha acesso ao *scan* do jornal, dissesse *"Veja como esse enunciado, disponível na internet, foi também lavrado em papel"*.

Sendo assim, enquanto a internet pode permitir mudanças e edições no texto, por meio da publicação em papel das matérias disponíveis online, a Folha de S. Paulo assume a responsabilidade (enunciativa e jurídica) pelas notícias que põe a circular na internet. No papel, um suporte mais sólido e confiável que o digital, o texto poderia até mesmo ser usado

[19] Informações disponíveis em <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml?fill=5> acesso em 17/05/2023

como prova jurídica ou documento histórico no futuro, ao contrário de enunciados na internet que poderiam ser modificados ou apagados em questão de segundos.

O investimento da Folha de S. Paulo na impressão possivelmente não traz retorno financeiro, uma vez que a venda da edição de papel não sustenta a estrutura da empresa, no entanto, essa funciona como um atribuidor de confiabilidade aos seus enunciados digitais. Desse modo, mesmo que a maioria dos leitores consumam apenas os textos disponíveis no site da Folha de S. Paulo e que até mesmo para a realização desta pesquisa tenham sido usados os *scans* do jornal impresso e não os exemplares físicos, reconhecemos que o ato de imprimir o jornal carrega um valor discursivo.

Por fim, definimos que, para efeito de facilitar a nomenclatura, usamos nesta dissertação o termo "impresso" para nos referir aos destacamentos e aforizações que foram encontrados na versão digitalizada da Folha de S. Paulo. Essa escolha foi tomada uma vez que, por mais que tenhamos utilizado *scans* para as análises, as edições do jornal estudadas foram *realmente* impressas e os enunciados encontrados nessas contam com uma lógica de funcionamento própria, diferente do digital e típica dos enunciados jornalísticos desse mídium, justamente o que queremos compreender ao comparar nesta dissertação as aforizações advindas de duas plataformas de publicação diferentes.

8.1 *Thread* sobre a disponibilização gratuita de matérias sobre o coronavírus

A primeira *thread* jornalística que é analisada nesta dissertação teve a sua publicação no dia 12 de março de 2020 e foi atualizada com novos tuítes até o dia 16 de março do mesmo ano. Dessa forma, torna-se evidente a ampliação, uma das características do tecnotexto pontuadas por Paveau: "ferramentas de escrita da web social permitem, de um lado, prolongar os escritos por adições (os comentários, especialmente)" (2021, p.53). Em uma matéria jornalística publicada de forma impressa, o escritor não teria a possibilidade de alterar e atualizar o enunciado com novas informações, nesse caso se reserva a prática da "suíte", jargão jornalístico que designa um texto que atua como continuação de outro.

O intuito dessa *thread* jornalística foi informar os usuários do Twitter que as matérias com "informações relevantes sobre o novo coronavírus" publicadas no jornal Folha de S. Paulo estavam sem o *paywall*, em outras palavras, poderiam ser acessadas gratuitamente, o que contribui para a lógica estabelecida por Maingueneau para a aforização secundária e o destacamento fraco, como debatido no capítulo 3.2.

Ao mesmo tempo, esse tecnotexto também faz uma coletânea dos links de notícias sobre o assunto que foram publicadas até o momento no jornal, oferecendo o material de forma acessível para o público e fazendo uma curadoria de conteúdo. Nesse caso, observamos a categoria definida por Rocha como "listagem", na qual o jornal usa a *thread* para "apresentar uma listagem de conteúdos diversos. Como, por exemplo, relembrar todas as falas ou fatos sobre um tema, apresentar uma lista de razões/motivos ou dicas" (ROCHA, 2022, p. 80).

É importante ressaltar que a publicação dessa *thread* se deu exatamente duas semanas após o registro do primeiro caso de coronavírus no Brasil, no dia 26 de fevereiro de 2020, e um dia após a OMS decretar que o mundo se encontrava em uma pandemia. Sendo assim, a ação pode ter sido motivada pelo contexto de incerteza, medo da população, e pela falta de informação de qualidade disponível sobre o tema em um momento crítico.

A estrutura do tecnotexto se caracteriza por:

Tabela 2 - Estrutura da primeira *thread*

Número do Tuíte	Título do texto-fonte	Enquadre do destacamento	Função/posição no texto-fonte
1	Folha libera acesso a textos com serviços relevantes sobre coronavírus a todos os leitores	Informacional	*Lead* 1º parágrafo
2	Folha libera acesso a textos com serviços relevantes sobre coronavírus a todos os leitores	Informacional	Documentação 2º e 3º parágrafos
3	Tudo o que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-CoV-2	Informacional Convidativo	Título
4	Saiba como se proteger contra o coronavírus e o que fazer em caso de suspeita	Informacional Convidativo	Título
5	Veja eventos, feiras e passeios afetados no mundo pelo coronavírus	Informacional Convidativo	Título
6	O que o turista precisa saber sobre o coronavírus	Informacional Convidativo	Nariz de cera 1º parágrafo
7	Não retirado de nenhum	-	-

	texto-fonte		
8	Veja como falar sobre o coronavírus com crianças e adolescentes	Informacional Convidativo	Título
9	Quais são os sintomas do novo coronavírus?	Informacional Convidativo	Título
10	Veja onde procurar informação oficial sobre o coronavírus	Informacional Convidativo	Título
11	8 dicas para não disseminar *fake news* sobre o coronavírus	Informacional Convidativo	Título
12	Celular e outras máquinas do dia a dia podem propagar coronavírus	Informacional	Título e linha fina
13	Já ouviu falar em coronavírus canino? Mantenha a calma e entenda	Informacional Convidativo	Título
14	Isolamento domiciliar com vírus tem regra até para usar o banheiro	Informacional Convidativo	Título
15	Clima quente não é garantia de contenção do novo coronavírus.	Informacional	Título
16	Quando fazer teste? Como cuidar de idosos? O que fazer com beijos? Médico explica	Informacional Convidativo	Título e linha fina
17	Mande dúvidas sobre novo coronavírus para a Folha	Informacional Convidativo	Título

Fonte: Elaborada pelo autor

O primeiro tuíte (Figura 16) apresenta um gif de um homem derrubando uma parede de tijolos com um golpe. O ar descontraído na abertura da *thread* já demonstra como esse tecnogênero possui diferenças quando comparado com o "jornalismo tradicional", que costuma se apresentar de forma mais "séria". Entretanto, essa *thread* ainda se inicia com um *lead*, ou seja, algumas características "clássicas" do jornalismo são mantidas no formato.

Figura 16 - 1º Tuíte da 1ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

O uso desse meme pode favorecer o enfraquecimento da cenografia jornalística e é um exemplo de como o ambiente digital permite que o discurso jornalístico lance mão de elementos que o distanciam de sua deontologia, que prevê enunciados "sérios", "isentos", "imparciais". No entanto, como apontado por Rocha (2022), o recurso ao humor traz outros benefícios, como uma maior dispersão da *thread*, mais cliques de diferentes leitores e, com isso, um maior retorno financeiro para a Folha de S. Paulo. Em resumo, é visível que o jornal aceita ceder, em pequenas concessões que prejudicam a construção de sua cenografia e a adequação com a sua deontologia, para alcançar um público maior e ter mais lucros.

Como foi possível perceber nos dados que constam na Tabela 2, optamos por criar uma subdivisão para o enquadre informacional, sendo assim, há a classificação das aforizações como pertencentes ao enquadramento "informacional" e ao enquadre "informacional convidativo". Maingueneau realizou uma ação parecida ao determinar que o enquadre testemunhal poderia ser classificado como "sentencioso", no qual o aforizador exprime normas coletivas e valores para sociedade, ou "personalizante", que trata de expressões pessoais e vivências diretas de uma pessoa (2014, p. 121). Em nosso caso, escolhemos fazer essa divisão porque há um tipo de texto que é destacado recorrentemente

nas *threads* e não está previsto nos enquadramentos estabelecidos por Maingueneau: o dos enunciados que convidam o leitor ao clique e a leitura do texto completo no site.

Embora seja recomendado que os títulos de matérias jornalísticas sejam "informativos, sintetizando o núcleo duro da informação numa frase curta, forte e sedutora" (SOUSA, 2001, p. 200) e que esses devem fornecer "a informação mais relevante que um jornal oferece" (SOUSA, 2001, p. 201), no caso dos títulos de matérias da Folha de S. Paulo destacados nessa *thread* encontramos como característica marcante a divulgação de poucas informações e o convite para que o leitor consuma o texto completo no site do veículo. Desse modo verificamos títulos feitos no formato de pergunta, como: "Já ouviu falar em coronavírus canino? Mantenha a calma e entenda" e "Quais são os sintomas do novo coronavírus?", ou de convite, por exemplo: "Saiba como se proteger contra o coronavírus e o que fazer em caso de suspeita" e "Veja eventos, feiras e passeios afetados no mundo pelo coronavírus".

Em nossa compreensão, as aforizações na forma de perguntas e convites presentes nessa *thread* ainda podem ser entendidas como integrantes do enquadre informacional, uma vez que o leitor, em seu percurso interpretativo, não deve empreender esses enunciados como um enigma (enquadre hermenêutico), um julgamento (moralista), uma convicção (testemunhal) ou em outras possibilidades de enquadramentos, mas deve levar em conta o contexto jornalístico e o papel da Folha de S. Paulo como aforizadora, priorizando assim um entendimento no enquadre informacional. Maingueneau já havia previsto o uso de perguntas em aforizações e afirmado que:

> Ainda que a aforização se apresente como uma pergunta, esta não pede uma resposta: o "O que sei eu?" de Montaigne é uma pergunta "retórica". Quando um jornal destaca o intertítulo: "É verdadeiramente este novo mundo o que queremos?" (Le Monde, 16-02-2010, p. 19), espera-se que o leitor interprete como uma asserção disfarçada do locutor, dirigida à comunidade: "Se aderirmos a certos valores, não podemos desejar este novo mundo" (MAINGUENEAU, 2014, p. 36)

No entanto, apesar dessas aforizações serem interpretadas como "asserções disfarçadas" e não como perguntas ou participantes de qualquer outro enquadre além do informacional, ressaltamos que ainda existe uma clara diferença entre os enunciados que chamamos de "enquadre informacional convidativo" e do "enquadre informacional", já que neste segundo caso a aforização se dá apresentando dados, fatos ou acontecimentos e, de acordo com a teoria estabelecida por Maingueneau, "visa fazer saber" (2014, p. 119).

Sendo assim, por mais que o enquadre informacional convidativo seja interpretado em um domínio "informacional", defendemos que exista uma diferença constitutiva digna de uma

distinção, já que esse tem como prioridade induzir ao clique, seja de forma direta com o uso do imperativo “leia”, “veja”, ou por meio de perguntas que instigam a curiosidade. Enquanto isso, o enquadre informacional “puro” transmitiria a informação de forma mais direta ao leitor, como preveem as regras da enunciação jornalística.

As aforizações do enquadre informacional convidativo revelam apenas parte da informação com o intuito de incitar o leitor a consumir o texto completo, esse fenômeno é típico da web, universo no qual o texto precisa ser acessado por meio do esforço do clique. No impresso a lógica é outra, quando o leitor adquire o jornal já demonstra interesse em ler o conteúdo ali presente, sendo assim, as aforizações podem se preocupar em seguir os outros enquadres estabelecidos por Maingueneau e expressar convicção, informação, uma ação etc. Por sua vez, na web, o caçador de informação precisa ser provocado e ter sua atenção capturada em meio ao excesso de informação disponível. Em resumo, o link que ganha o acesso pode ser aquele que possui a aforização mais interessante, curiosa ou instigante e que usa o enquadre informacional convidativo nesse processo.

A Folha de S. Paulo mostra conhecimento sobre este fator ao pontuar em seu Manual de Redação que “títulos, e subtítulos constituem o principal, quando não o único, ponto de contato de muitos leitores com a notícia, sua formulação deve ser atraente e responsável, especialmente nas plataformas digitais, onde se perde a visão de conjunto” (2022. p. 123).

Ao mesmo tempo, vale lembrar que cada acesso a uma página jornalística resulta em retorno financeiro advindo da visualização dos anúncios disponíveis no site da empresa. Sendo assim, o enquadre informacional convidativo é mais útil frente a outros tipos, já que o ato de provocar o leitor ao acesso do site gera receita, enquanto transmitir toda a informação por meio da própria *thread* não traria. Nesse sentido, ressaltamos que seria possível para a Folha de S. Paulo utilizar apenas aforizações pertencentes ao enquadre informacional e, recortando e destacando os trechos mais importantes do texto, apresentar o acontecimento ou a informação completa na própria *thread*, no entanto, assim não haveria qualquer incentivo ao clique, que pode trazer retorno financeiro pelo consumo de informação.

O enquadramento informacional convidativo é encontrado nos tuítes 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 13, 16 e 17, sendo todos esses destacamentos extraídos dos títulos dos textos-fonte. Esse processo ocorre porque “uma posição saliente, principalmente o *incipit* ou fecho de uma unidade textual” (MAINGUENEAU, 2014, p. 15) favorece o destacamento, além de todas as questões desenvolvidas anteriormente sobre o convite ao clique e o retorno financeiro envolvido no cenário.

O tuíte de número 6 (Figura 17) também apresenta um destacamento informacional convidativo, porém o enunciado não está localizado no título do texto-fonte, mas no primeiro parágrafo da matéria (Figura 18).

Figura 17 - 6º tuíte da 1ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Figura 18 - Texto-fonte "O que o turista precisa saber sobre o coronavírus"



O que o turista precisa saber sobre o coronavírus

Descubra se é seguro sair do país, quais são os seus direitos e onde há maior risco de contágio

SÃO PAULO Quem tem viagem marcada para as próximas semanas enfrenta uma dúvida: é seguro viajar em meio a tantos casos de coronavírus?

A OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou em 11 de março que há uma pandemia do novo coronavírus em curso no mundo.

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Checamos no texto o uso de uma estrutura textual chamada “nariz de cera”. A definição, de acordo com o Manual de Redação da Folha de S. Paulo, é uma “frase ou parágrafo introdutório que pode ser cortado sem prejuízo informativo. Evite, especialmente em texto noticioso” (2021, p. 151).

Como já demonstrado anteriormente nesta dissertação, a presença do *lead* no início do texto é uma das características do texto jornalístico, essa estrutura textual se caracteriza como um parágrafo inicial que fornece a maior quantidade de informação possível e é o estilo de abertura “mais aconselhado para conteúdos tipicamente noticiosos, com fatos urgentes e fortes” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 77). No entanto, esse não está presente no texto.

A opção pelo nariz de cera pode ser justificada pela forma como o texto digital “visa convencer, seduzir o usuário para prosseguir a leitura. Para envolver o leitor, a escrita para a web precisa ser sensorial, buscar criar imersividade; por isso algumas de suas características advêm de recursos persuasivos, no sentido de incitar à ação” (SCHWINGEL, 2012, p. 66). A técnica de fazer perguntas e interagir com o usuário também pode ser entendida como um desses recursos persuasivos que gera curiosidade e incentiva a leitura do texto.

Outro ponto que merece destaque é encontrado no tuíte de número 11 (Fig 19). Nesse, o enunciado destacado informa: “Confira 6 dicas para não disseminar *fake news* sobre o coronavírus”, porém, no título do texto-fonte constam “8 dicas para não disseminar *fake news* sobre o coronavírus”. O destacamento foi feito de forma equivocada, levando em conta que no texto-fonte existem 8 dicas.

Figura 19 - 11º tuíte da 1ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

No caso dos tuítes 1 e 2 (Figura 20), a Folha de S. Paulo usou o enquadramento informacional e transmitiu aos leitores todas as informações necessárias sobre a gratuidade de acesso às matérias que tem por tema o novo coronavírus. Nessa ocorrência, o leitor não precisaria acessar o texto-fonte.

Figura 20 - 1º e 2º tuíte da *1ª thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

É possível ver a diferença entre um enunciado destacado por meio do enquadre informacional, que transmite todas as informações necessárias e repele o leitor do acesso ao site, tornando o link apenas uma ferramenta que garante credibilidade e dá a oportunidade de uma leitura em profundidade, e do enquadramento informacional convidativo, que seduz o leitor para o clique e leitura completa ao fornecer poucas informações.

O enquadramento informacional também é encontrado nos tuítes 12 e 14, em ambos o processo de destacamento aconteceu devido à posição privilegiada (*lead* ou início do texto) e à grande quantidade de informações presentes nesses trechos. No primeiro caso (Figura 21) a informação é transmitida de forma completa e por isso é dispensada a leitura do texto-fonte, já no segundo (Figura 22) existem também características convidativas, uma vez que a informação é dada de forma incompleta e há o chamado ao acesso.

Figura 21 - 12º tuíte da 1ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Figura 22 - 14º tuíte da 1ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Ao passar para as análises do jornal impresso, é importante ressaltar que alguns textos publicados na versão digital da Folha de S. Paulo são exclusivos do site, dados que são informados na Tabela 3.

Os destacamentos realizados nas matérias presentes no jornal impresso, que são correspondentes às publicadas no site do jornal digital e que foram destacadas nas *thread*, estão organizados do seguinte modo:

Tabela 3 - Destacamentos nos textos impressos correspondentes a primeira *thread*

Texto-fonte	Enquadre do enunciado destacamento	Característica do enunciado destacado
Folha libera acesso a reportagens sobre o coronavírus	Informacional	Manchete
Tudo o que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-CoV-2	Matéria disponível apenas no site	Matéria disponível apenas no site
Saiba como se proteger contra o coronavírus e o que fazer em caso de suspeita	Informacional	Texto na íntegra na capa
Eventos que foram afetados por causa do coronavírus	Não há	Texto como nota

O que o turista precisa saber antes de viajar	Não há	Texto como nota
Veja como falar sobre o coronavírus com crianças e adolescentes	Informacional	Manchete
Quais são os sintomas?	Não há	Texto como nota
Veja onde procurar informação oficial sobre o coronavírus	Matéria disponível apenas no site	Matéria disponível apenas no site
8 dicas para não disseminar fake news sobre o coronavírus	Matéria disponível apenas no site	Matéria disponível apenas no site
Celular e outras máquinas do dia a dia podem propagar coronavírus	Informacional	Manchete
Já ouviu falar em coronavírus canino? Mantenha a calma e entenda	Matéria disponível apenas no site	Matéria disponível apenas no site
Isolamento domiciliar com vírus tem regra até para usar o banheiro	Matéria disponível apenas no site	Matéria disponível apenas no site
Clima quente não é garantia de contenção do novo coronavírus	Não há	Não há destacamento
Infectologista tira dúvidas mais comuns sobre o coronavírus	Informacional Convidativo	Manchete

Fonte: Elaborada pelo autor

Em três das matérias analisadas o jornal impresso realiza o destacamento na forma de manchete, ou seja, destaca na capa um trecho do texto-fonte presente em um caderno interno. Esse é o caso das matérias em “Folha libera acesso a reportagens sobre o coronavírus”, “Veja como falar sobre o coronavírus com crianças e adolescentes” e “Celular e outras máquinas do dia a dia podem propagar coronavírus”, todas caracterizadas pelo enquadre informacional, justificamos o uso desse enquadramento pela forma como se usa o apelo ao especialistas (Figura 23) e o fornecimento de uma informação por completo para o leitor, destacando uma das partes mais importantes do texto (Figura 24 e 25). Além disso, a construção cenográfica do jornal impresso não estimula o leitor a realizar o enquadre dessas aforizações em nenhum outro enquadramento a não ser o informacional, já que não há uso de sinais gráficos que induzam ao enquadre testemunhal e que o discurso jornalístico, por seu modo de produção, favorece a dimensão informacional.

Fig 23 - Manchete na lateral direita: “Crianças precisam saber sobre vírus com clareza, dizem especialistas”



Fonte: Edição de 05 de março de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Fig 24 - Manchete abaixo da terceira coluna: “Celular e maquininha podem carregar vírus por mais de 4 dias”



Fonte: Edição de 14 de março de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Fig 25 - Manchete na lateral direita: “Folha dá livre acesso a conteúdo sobre pandemia”



Fonte: Edição de 13 de março de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Uma das diferenças entre o conteúdo destacado nas *threads* e no material impresso está o fato de que as aforizações que constam na capa, e tem o intuito de convidar o leitor ao consumo do texto interno, não possuem elementos apelativos como os destaques usados no meio digital. Dessa forma, evita-se fazer perguntas, realizar convites ou fornecer informações incompletas para incentivar a leitura do texto.

A única exceção, nesta análise, seria a manchete feita para a matéria “Infectologista tira dúvidas mais comuns sobre o coronavírus”, nesse caso é usado o enquadre informacional convidativo (Figura 26) e a aforização lança mão do imperativo para incentivar o leitor a consumir o texto completo.

Fig 26 - Manchete na lateral esquerda: “Esclareça dúvidas sobre coronavírus e a Covid-19”



Fonte: Edição de 16 de março de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Por fim, existem textos presentes no site da Folha de S. Paulo que foram alvo de destacamento em *threads* e, ao se apresentarem no jornal impresso, assumem o formato de notas publicadas ao lado ou entre as colunas de matérias mais longas, essas notas são textos curtos que ocupam apenas uma coluna e são diagramados com título em azul abaixo de um sinal de adição (+). As notas não possuem contextualização e uso de *lead*, são enunciados que focam em responder uma série de perguntas de forma rápida e direta, atuando como complemento para a matéria que figuram ao lado.

Esse fenômeno é encontrado na matéria nomeada “Veja eventos, feiras e passeios afetados no mundo pelo coronavírus” no site do jornal Folha de S. Paulo, que no jornal impresso aparece como a nota “Eventos que foram cancelados pelo Coronavírus” (Figura 27). O texto no site apresenta uma introdução, *lead* e contextualização sobre o tema antes de listar os eventos cancelados. No impresso, o enunciado é apenas uma lista com as informações mais importantes sobre o tema.

Figura 27 - Nota a lateral direita com o título em azul



Novo coronavírus mata mais que o sarampo, mas menos que o ebola

Taxa de letalidade do Sars-CoV-2 até aqui no mundo é semelhante à da dengue hemorrágica

SÃO PAULO A taxa de letalidade do novo coronavírus, ou seja, a quantidade de pessoas mortas em relação ao total de diagnosticadas, é de 3,4%. É uma cifra maior que a do sarampo —2,2%—, e bem menor que a do ebola —51%.

Em números absolutos, são 2.800 mortes no mundo e quase 83 mil casos tabulados até a noite desta quinta-feira (27).

A taxa de letalidade mostra apenas parte do problema, mas é importante do ponto de vista médico —e individual, já que é do interesse do paciente saber o risco ao qual ele está submetido.

A gripe, por exemplo, tem uma taxa de letalidade bem mais baixa, de 0,1%, mas é preciso considerar que o número de infectados é muito maior, de dezenas de milhões de indivíduos. Em 2009, quando se propagou a chamada gripe suína, estima-se que 200 mil pessoas tenham morrido.

Assim como nos casos da gripe e da Sars (também causada por um coronavírus), o novo coronavírus costuma vitimar pessoas que tenham moléstias como diabetes (quem tem a doença tem 8,1 vezes o risco de morrer em relação a uma pessoa sem pro-

Soldado italiano conversa com motorista em checkpoint de área de isolamento em Castiglione d'Adda, na região de Milão, nesta quinta-feira Miguel Medina/AFP

Letalidade do novo coronavírus, neste momento, se compara à da dengue hemorrágica

Número de casos identificados, porém, ainda é baixo

dade de Wuhan) e os principais destinos internacionais, Bhatia e colegas usaram métodos estatísticos para calcular a probabilidade de transmissão da doença.

Ela é pesquisadora do Centro de Doenças Infecciosas do Imperial College de Lon-

co de uma epidemia no Brasil".

Enquanto se aguardam respostas da ciência, os brasileiros devem adotar os mesmos cuidados prescritos no hemisfério Norte, diz Bhatia. Veja suas principais recomendações:

- Para impedir o contágio em nível individual, o melhor é lavar as mãos frequentemente com água e sabão e usar lenços descartáveis para cobrir boca e nariz ao tossir ou espirrar (na ausência de lenços, usar o braço).

- Sobre exames, identificar rapidamente casos de infecção ajuda a prevenir a disseminação, mas não faz sentido testar de forma ampla e indiscriminada. Profissionais treinados e insumos são recursos limitados; governos precisam ponderar custos e benefícios.

- O isolamento dificulta a transmissão do vírus e deve ser adotado pelas autoridades de saúde nos casos confirmados. O ideal é um plano de contingência em etapas:

1) se o número de casos for baixo, o recomendável é observar por 14 dias quem chega de zonas críticas e testar e isolar quem apresenta sintomas.

2) num segundo passo, se o número de casos crescer, podem ser instaladas áreas

Eventos que foram afetados por causa do coronavírus

EUROPA

Carnaval O governo italiano cancelou o Carnaval em Veneza após a terceira morte pelo novo coronavírus ter sido confirmada no país. Na França, o governo cancelou o último dia do Carnaval em Nice. As festividades começaram em 15 de fevereiro e seriam finalizadas no sábado (29)

Desfiles A Semana de Moda de Milão teve desfiles esvaziados e outros cancelados

Filmagem do longa "Missão: Impossível" Uma filmagem de três semanas na Itália para o novo filme da franquia "Missão: Impossível", com Tom Cruise, foi adiada. O estúdio não disse quando a produção deve recomeçar

Futebol Quatro jogos da Série A italiana programados para 23 de fevereiro no norte do país foram cancelados. Outros confrontos, como o clássico Juventus x Inter, no domingo (1º), acontecem com portões fechados

ÁSIA

Educação Escolas primárias e secundárias ficarão fechadas de 2 de março até o final do mês no Japão

Fonte: Edição de 28 de fevereiro de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

O caso de grandes textos disponíveis no site que se tornam pequenas notas no jornal impresso também ocorre em "O que o turista precisa saber sobre o coronavírus" que se transforma em "O que o turista precisa saber antes de viajar" (Figura 28); na matéria "Quais são os sintomas do novo coronavírus?" que é resumida em "Quais são os sintomas" e, por fim, no texto "Saiba como se proteger contra o coronavírus e o que fazer em caso de suspeita" que aparece na forma de "Saiba o que fazer e como se proteger em caso de suspeita".

Figura 28 - Nota com o título em azul entre colunas de uma reportagem



Europa reforça medidas de prevenção e tenta evitar pânico

Fora da Itália, casos são limitados, mas governos temem corrida a hospitais

Ana Estela de Sousa Pinto

BRUXELAS Com o surgimento de novos casos de coronavírus, países europeus começaram a adotar medidas de prevenção e controle, enquanto tentam evitar o pânico.

A comissária europeia de Saúde, Stella Kyriakides, pediu nesta quarta (26) que os 27 membros da União Europeia fiquem alertas contra desinformação, notícias falsas e reações xenófobas. Uma onda de pânico pode sobrecarregar serviços de saúde, prejudicando o tratamento de doentes, afirmou o diretor da OMS para a Europa, Hans Kluge.

O diretor-geral da entidade, Tedros Adhanom Ghebreyesus, disse que não há uma pandemia de covid-19, e que usar indevidamente o termo amplia medo e preconceito.

"E pode sinalizar que não seremos capazes de conter o vírus, o que não é verdade."

Com exceção da China, foram contabilizados no mundo cerca de 3.000 casos. Na Europa, o relatório desta quarta da ECDC (agência de controle de doenças) aponta 61 casos em 11 países, além da Itália.

Apesar do baixo número de casos, já começam a aparecer relatos de preocupação. Nas redes sociais, moradores relatam "entreolhares desconfiados e medo de viajar ou entrar no ônibus" desde que começaram as notícias sobre o contágio na Itália.

Em Bruxelas, cidade que reúne as principais instituições da UE, o clima ainda é de normalidade. Nas regiões mais movimentadas não se veem máscaras nas ruas nem corridas para comprar gel antisséptico nas farmácias.

Comissão e Parlamento Europeu recomendaram a funcionários que estiveram em zonas de risco que trabalhem de casa por ao menos 14 dias e troquem viagens ao norte da Itália por videoconferências.

O diretor regional da OMS ressaltou que Bélgica, Finlândia e Suécia não reportaram nenhum novo caso nas últimas duas semanas: "Não estou subestimando a gravidade da situação, todos os cenários estão na mesa. Nosso foco é preparar todos os países para reagir da maneira certa".

Para a entidade, proibir viagens pode ser contraproducente, porque reduz o envio de equipamentos e remédios e aumenta o pânico. A Itália, por exemplo, havia proibido a entrada de voos da China, o que não impediu o crescimento da doença no país.

Países do entorno italiano (França, Alemanha, Áustria, Suíça, Eslovênia e Croácia) descartaram fechar as fronteiras, mas começaram a adotar medidas de restrição.

Nas linhas de trem entre a França e o norte da Itália, funcionários franceses irão apenas até a fronteira, onde serão substituídos por italianos.

No Reino Unido, a orientação é que famílias que tenham um membro doente se autoisolem; pacientes com doenças respiratórias começarão a ser testados em 8 hospitais e 100 postos de saúde.

Na cidade austríaca de Innsbruck, um hotel de luxo foi isolado após confirmada a infecção de uma recepcionista italiana. Segundo o ministro do Interior, Karl Nehammer, as medidas visam interromper o contágio e não há motivo para pânico, mas outras quarentenas podem ser impostas.

Na Bélgica, o plano do governo tem três etapas. Na atual, de prevenção, quem entra no país vindo de uma das áreas de risco fica em isolamento e pessoas com sintomas são testadas. Na segunda etapa, se necessária, hospitais serão usados para quarentena e os testes vão incluir quem tenha tido contato com doentes.

A terceira etapa, em caso de epidemia, inclui reforço do sistema de saúde para evitar morte dos doentes. Na Dinamarca, galpões militares estão sendo preparados para servir como centros de quarentena.

Na Irlanda, uma partida entre a seleção nacional de rúgbi e a Itália pelo torneio Six Nations, que ocorreria no dia 7 de março, foi suspensa.

Quase todos os países recomendam que cidadãos que voltem de uma das 11 cidades consideradas críticas na Itália e de países como Irã e Vietnã se mantenham isolados por 14 dias, mesmo sem sintomas.

A ECDC divulgou uma lista de 142 medidas que hospitais devem tomar para se preparar para uma eventual epidemia.

Os itens incluem escalas de plantão e reforço, estoque de medicamentos e critérios para visitas e trânsito de pacientes.

O que o turista precisa saber antes de viajar

Quem comprou passagens aéreas ou pacotes com destino à Itália (ou qualquer outro com surto de coronavírus) e quer cancelar ou adiar a viagem por causa da epidemia pode procurar o Procon para obter ajuda. Segundo o órgão, é necessário negociar com a empresa responsável pela venda, que não pode se recusar a oferecer alternativas.

Há fechamento de fronteiras por causa da doença? Não, mas há maior controle sanitário de pessoas que entram e saem de países afetados.

Seguro-viagem cobre internação e tratamento para a doença? Empresas como a Global Travel Assistance cobrem o atendimento inicial em caso de suspeita.

Fonte: Edição de 27 de março de 2020 , disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

8.1.1 Resultados da análise

O fenômeno de textos no formato de notas no jornal impresso que são encontrados como matérias completas no digital demonstra como, diante do espaço limitado da mídia impressa, algumas matérias podem ser sacrificadas e terem as suas informações resumidas. O site da Folha de S. Paulo, por sua vez, possibilita um espaço maior para escrita, já que não há limite de caracteres imposto pela borda do papel, permitindo assim que as notas sejam desdobradas em textos maiores e mais complexos. No entanto, a publicação no meio digital não é somente vantajosa para o jornal, já que essa acarreta novos custos, como despesas com equipamento técnico, compra de domínios de websites e servidores, além de outras operações financeiras complexas.

Por mais que ainda existam desvantagens e limitações nas plataformas web, como os gastos citadas acima ou o fato de que um leitor não irá prender a sua atenção por muito tempo, a prática de compartilhar versões mais longas de textos do impresso na web ainda pode ser vantajosa para veículos jornalísticos, já que permite atualizações e atrai leitores para o site, o que pode trazer monetização a cada visualização de um anúncio.

Sendo assim, podemos afirmar que a Folha de S. Paulo usa seu site para desdobrar enunciados do gênero nota jornalística disponíveis em seu jornal impresso em matérias e reportagens, gêneros tradicionalmente maiores e com mais informações. Ao mesmo tempo, o veículo também recorre ao recurso da *thread* para destacar essas produções e convertê-las em aforizações, divulgá-las no Twitter e atraindo leitores. Um dos intuitos das *threads* seria, desse modo, divulgar textos que no impresso não tiveram destaque, foram curtos e poderiam passar despercebidos, mas no digital foram complementados com mais dados. Sendo assim, a alta presença de aforizações no enquadre informacional convidativo na *thread* analisada é mais uma das provas de que o Twitter é um dos principais meios de divulgação, captura e atração para a leitura do texto no site do jornal.

Por sua vez, o uso de aforizações também é, ao mesmo tempo, potencializado e motivado pela lógica de funcionamento da web, e um dos responsáveis pelo desenvolvimento de "um novo modo de leitura a partir da costura de elementos como títulos, subtítulos, legendas e demais destaques (MORAES, 2020, p. 1553). Em um mundo no qual o leitor encontra disponível a cada segundo mais material do que poderia ler dentro de suas capacidades humanas, não há outra solução senão consumir textos superficialmente e usar a leitura em profundidade apenas quando encontrar um enunciado que realmente tenha informações relevantes ou desejadas. Desse modo, a enunciação aforizante e a criação de aforizações têm papel fundamental na produção de pontos de contato superficiais, que podem informar o leitor de forma rápida (ainda que incompleta) e efetuar o convite à leitura do texto-fonte.

É possível que, compreendendo que se encontram em meio a uma quantidade enorme de textos e conteúdos publicados, as empresas jornalísticas tenham desenvolvido métodos de escrita que planejam, desde o começo, o uso de destacamentos e aforizações para a divulgação dos seus conteúdos, criando convites para que os textos na íntegra sejam consumidos. Na *thread* jornalística analisada neste capítulo encontramos como principal característica das aforizações analisadas a divulgação dos textos presentes no site do jornal, diferentemente do impresso que, atuando em outra lógica, preferiu fazer uso de aforizações com enquadres informacionais, ou seja, que transmitiam a informação mais importante de maneira direta.

Todos esses fatores têm relação direta com o conceito de sintaxe do destacamento e com a forma como o destacamento é um elemento que norteia a produção discursiva na contemporaneidade. Moraes já havia feito afirmações sobre esse tema ao enunciar que:

> O destacamento é característico do funcionamento dos veículos midiáticos, estando o jornalismo especialmente envolvido na produção de efeitos de sentido por meio de seus títulos. O aumento de disponibilidade de notícias ocorrido com o desenvolvimento da web 2.0 e demais tecnologias digitais potencializa esses efeitos do destacamento. Por sua vez, a forte presença das redes sociais na vida das pessoas intensifica os efeitos suscitados por notícias, já que podem ser compartilhadas e comentadas, por meio das novas ferramentas disponíveis, sem que seus conteúdos tenham sido lidos necessariamente na íntegra. Esse cenário aumenta a responsabilidade dos títulos na produção e proliferação de efeitos de sentido e registros de memória. (2019, p. 135)

Para além dos títulos, a *thread* jornalística analisada neste subcapítulo mostra como pode ocorrer o destaque de outros trechos, como por exemplo o *lead* ou o parágrafo inicial. Ainda assim, a lógica se resume em dois objetivos, ou convidar o leitor à leitura do texto completo (fazendo o uso do enquadre informacional convidativo), ou ser o único ponto de leitura que o indivíduo terá acesso, por isso, se preocupando em passar todas as informações relevantes sobre o acontecimento (lançando mão do enquadre informacional, como nos tuítes 1 e 2).

8.2 *Thread* sobre aprovação da vacina russa

A segunda *thread* analisada nesta dissertação foi publicada no dia 11 de agosto de 2020 e tem por tema a aprovação da vacina para o coronavírus chamada Sputnik V, produzida pelo governo russo. O tempo recorde no qual essa foi desenvolvida e detalhes do processo de aprovação causaram polêmica e despertaram o interesse da imprensa no assunto, isso somado ao fato de essa ter sido a primeira vacina aprovada para o combate da doença. A estrutura da *thread* é organizada em:

Tabela 4 - Estrutura da segunda *thread*

Número do Tuíte	Título do texto-fonte	Enquadre do destacamento	Função/posição no texto-fonte
1 (Introdução)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
2	Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19	Informacional	*Lead* 1º parágrafo

3	Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19	Informacional	*Lead* 1º parágrafo
4	Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19	Informacional	Documentação 3º parágrafo
5	Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19	Informacional Testemunhal Personalizante	Linha fina
6	Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19	Informacional Testemunhal Sentencioso	Reiteração 5º parágrafo
7	Paraná anuncia acordo com Rússia para produção de vacina contra coronavírus	Informacional	*Lead* 1º parágrafo
8	Paraná anuncia acordo com Rússia para produção de vacina contra coronavírus	Informacional	*Lead* 1º parágrafo
9	Paraná anuncia acordo com Rússia para produção de vacina contra coronavírus	Informacional	Reiteração 5º parágrafo
10	Anvisa diz não ter recebido pedido para pesquisa ou registro de vacina russa	Informacional	Título
11	Governo de SP diz que não vai participar de pesquisa com vacina russa contra coronavírus	Informacional	*Lead* 1º parágrafo
12	Pesquisa da vacina russa para a Covid-19 foi cercada de segredo	Informacional Moralista	Título e *Lead* 1º parágrafo
13	Sem resultados, OMS não vai recomendar vacina russa	Informacional Acional	*Lead.* 1º parágrafo
14	Sem resultados, OMS não vai recomendar vacina russa	Informacional Testemunhal Personalizante	Trecho de entrevista 2º parágrafo

Fonte: Elaborada pelo autor

O primeiro tuíte (Figura 29) atua como introdução da *thread* e não realiza nenhum destacamento, no entanto ainda é possível encontrar alguns aspectos relevantes que confirmam o que foi defendido por Paveau (2021). Em primeiro lugar, o tuíte apresenta elementos icônicos como o emoji da bandeira russa, de uma seringa e um dedo apontando para baixo. O leitor fica ciente que deve continuar a leitura dos comentários do primeiro tuíte e que irá consumir um tecnotexto no formato de *thread* pela sinalização com forma linguageira "Siga o fio" e o uso do emoji apontando. Paveau discorre sobre esse fenômeno ao afirmar que alguns usuários, para introduzir as *threads*, utilizam "formas linguageiras fixas, como 'segue o fio' ou, mais explicitamente, '[assunto x]: a *thread*', ou icônicas, como inserir setas" (2021, p. 378).

Fig 29 - 1º Tuíte da 2ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Por fim, mais um elemento icônico é usado, no caso, o emoji de uma câmera para atribuir o crédito da foto de Vladimir Putin. Dessa forma, é possível verificar que, como Paveau defende, os tecnotextos são "espaços nos quais coexistem elementos gráficos, icônicos, fixos ou animados, e funções de comunicação síncronas ou assíncronas" (2021, p. 120). Vale ressaltar que, como demonstrado no capítulo 3.3, o jornalismo impresso também pode fazer o uso de ícones, como no caso em que as aspas em tamanho maior ou o sinal de adição indicam se a aforização foi extraída de uma fala da fonte ou trecho do texto. Em

resumo, transmitir informações por meio de ícones não é uma característica exclusiva do digital, mas sim exacerbada nessa mídia.

Nos tuítes de números 2, 3, 7, 8, 11, 12 e 13 o destacamento recai sobre o *lead* do texto-fonte, o fato desta ferramenta típica do gênero jornalístico sintetizar as principais informações no início do texto foi determinante para a destacabilidade, já que como Maingueneau propõe, posições privilegiadas, como a inicial, e caráter generalizante, favorecem o destacamento (2008a, p. 76). Em todos os casos, os destacamentos podem ser considerados como pertencentes ao enquadramento informacional, uma vez que o *lead* visa trazer informações de forma direta, que não há convite ao clique de maneira explícita ou uso de perguntas, e que o leitor deve interpretar essas aforizações como extraídas de um texto jornalístico, apresentando dados e acontecimentos concretos, a presença do link ao lado dos enunciados corrobora com essa interpretação, já que demonstra o contexto no qual as aforizações foram produzidas.

Observamos que o *lead* de uma mesma matéria jornalística pode ser dividido em mais de um tuíte, como é o caso do texto-fonte "Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19" (Figura 30) que foi destacado nos tuítes 2 e 3 (Figura 31), e "Paraná anuncia acordo com Rússia para produção de vacina contra coronavírus" que teve o lide dividido entre os tuítes 7 e 8. Paveau abordou a possibilidade desse fenômeno e o chamou de "tuítes encadeados", nos quais cada unidade oferece ao leitor "apenas uma parte da unidade linguageira (uma frase, por exemplo) e da informação" (2020, p. 377).

Figura 30 - Texto-fonte "Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19"



Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19

Presidente disse também que sua filha está entre as pessoas que já foram vacinadas

11.ago.2020 às 6h06
Atualizado: 11.ago.2020 às 11h17

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto A- A+

MOSCOU e SÃO PAULO | REUTERS A Rússia anunciou nesta terça-feira (11) que concedeu a primeira aprovação regulatória do mundo para uma vacina contra a Covid-19. A aprovação foi dada pelo Ministério da Saúde do país à imunização produzida pelo Instituto Gamaleia de Moscou após menos de dois meses do início dos testes em humanos, segundo o presidente Vladimir Putin.

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Figura 31 - 2º e 3º tuíte da 2ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Outras formas de paratexto que foram destacadas, como é o caso da linha fina no tuíte de número 3 e do título nos tuítes 10 e 12, receberam esse tratamento devido ao papel que desempenham em um texto, ou seja, por conterem as principais informações presentes nas notícias, e também devido à sua posição de destaque (MAINGUENEAU, 2008a, p. 79).

Propomos também uma reflexão sobre os destacamentos que receberam mais uma classificação além do enquadre informacional. O primeiro caso é o tuíte de número 5 (Figura 32) que apresenta a descrição de uma fala de Vladimir Putin afirmando que a sua filha é uma das pessoas que teriam sido vacinadas.

Figura 32 - 5º Tuíte da 2ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Nesse caso, observa-se a situação que defendemos no capítulo 3.2, na qual a Folha de S. Paulo em seu papel de aforizadora não atua como um "mestre", mas sim como uma "evangelizadora", afinal, por meio dessa aforização, o jornal replica de maneira indireta as asserções e experiências vividas pelo presidente russo, e não as suas próprias convicções ou verdades. Optamos por classificar esse destacamento como pertencente ao enquadre testemunhal personalizante, uma vez que o leitor deve interpretar a aforização como uma fala do presidente russo, uma das fontes envolvidas no acontecimento. Segundo Maingueneau, esse enquadre pode fornecer a "expressão direta das emoções do locutor" (2014, p.121). Por mais que o presidente russo não tenha dito de forma explícita que recomenda a vacina, o leitor deve interpretar a indicação de que sua filha recebeu uma dose do imunizante como um indício da confiança que o político tem no medicamento. Soma-se ainda ao enunciado o viés informacional, uma vez que o contexto jornalístico, a ligação ao texto-fonte e o caráter do enunciado, que quer transmitir um fato, direciona para essa interpretação.

É possível afirmar que o destacamento ocorreu devido à natureza e ao valor de noticiabilidade do ocorrido, ou seja, a forma como o evento chama a atenção dos jornalistas e da população. Sobre os critérios de noticiabilidade, Nilson Lage afirma que:

> Para a construção de um texto, portanto, é necessário selecionar os dados e ainda ordená-los, o que envolve a consideração de importância ou interesse. A técnica de produção industrial de notícias estabeleceu com este fim critérios de avaliação formal, considerando constatações empíricas, pressupostos ideológicos e fragmentos de conhecimento científico (1981, p. 60).

Em seguida, o tuíte de número 6 (Figura 33) apresenta um destacamento que pode ser considerado do enquadramento testemunhal sentencioso. Fazemos essa afirmação pois nessa categoria "o aforizador enquanto tal: para além do problema imediato, ele é o que retorna aos valores que devem garantir a coesão da comunidade" (MAINGUENEAU, 2014, p.124). Por meio deste enunciado, ao afirmar que a Rússia pode estar colocando "prestígio antes da ciência", a Folha de S. Paulo dá ao leitor um vislumbre de sua opinião, do que acha correto, e de quais valores crê que deveriam ser permitidos ou aceitáveis, nesse caso assumindo a faceta tradicional de aforizador e recrutando para si o papel de "mestre". O motivo pelo qual o destacamento fraco em questão ocorreu é o caráter do enunciado, que busca propor uma conclusão sobre o assunto da matéria.

Figura 33 - 6º Tuíte da 2ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

O conteúdo presente nesse tuíte ainda permite evocar o conceito de pré-construído, que diz respeito à forma como um enunciado "remete a uma construção anterior, exterior, mas

sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (PÊCHEUX, 1995, p. 99). A ideia de que existe uma “corrida” pela elaboração da vacina, e de que Putin está determinado a vencer essa, faz irromper nesse enunciado um plano de fundo geopolítico já estabelecido anteriormente: o embate entre potências do oriente e ocidente e o aumento de influência global de países ocidentais, como a própria Rússia ou a China. É possível notar que, ao apresentar informações sobre vacinas, a Folha de S. Paula, de fato, enuncia sobre vacinas, mas também fala sobre política internacional, história e deixa emergir manifestações da ideologia ocidental.

O tuíte de número 12 (Figura 34), que é uma junção do título e *lead* do texto-fonte chamado “Pesquisa da vacina russa para a Covid-19 foi cercada de segredo” pode ser considerado como pertencente ao enquadre moralista, já que o leitor pode interpretar que a Folha de S. Paulo faz julgamentos ao usar a palavra “segredos”, referindo-se ao processo de criação da vacina Sputnik V. Fica visível nesse caso que, por mais que o jornalista tente se apagar como enunciador, buscando uma técnica de escrita objetiva e imparcial, algumas marcas da subjetividade ainda continuam sendo mostradas. Cria-se assim novamente um cenário onde a aforização não expressa, como deveria no jornalismo, os “fatos em si”, mas reproduz a ideologia compartilhada pelo redator jornalístico e, também, a ideologia que o jornal segue ou permite que os seus colaboradores manifestem.

Figura 34 - 12º Tuíte da 2ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

Os dois últimos tuítes dessa *thread* (Figura 35) possuem aforizações que foram extraídas do mesmo texto-fonte, o enunciado presente no penúltimo tuíte pode ser considerado como pertencente ao enquadre acional, devido ao fato de que o leitor deve interpretar as declarações proferidas pelo diretor-assistente da Organização Pan-Americana de Saúde, uma autoridade em vacinação, como modificadoras da situação ao proferir que não recomenda a vacina. A fala do mesmo personagem continua no próximo tuíte, dessa vez, como a situação não é modificada, mas uma experiência é expressa em "Segundo ele, a OMS ainda não recebeu do governo russo informações técnicas sobre a vacina", o enquadre é testemunhal personalizante, uma vez que leva o leitor a entender o enunciado como uma afirmação do próprio diretor-assistente da organização.

Figura 35 - Dois últimos tuítes da 2ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em junho de 2022

O jornal impresso, por sua vez, apresenta um número menor de destacamentos quando comparado a *thread*. A tabela disponível a seguir demonstra quais são as ocorrências encontradas:

Tabela 5 - Destacamentos nos textos impressos correspondentes a segunda *thread*

Texto-fonte	Enquadre do enunciado destacamento	Característica do enunciado
Rússia dá aval a vacina contra o novo coronavírus sem eficácia comprovada	Informacional	Manchete
Anvisa diz não ter recebido pedido russo de registro	Testemunhal Sentencioso	Fala da fonte em olho
Momento Sputnik de Putin arrisca incomodar o Ocidente	Testemunhal Sentencioso	Texto do jornal em olho

Ministério da Saúde adota precaução contra vacina russa	Informacional	*Lead* em título
Governo do Paraná anuncia acordo para produção da droga	Informacional	*Lead* em título

Fonte: Elaborada pelo autor

A capa do jornal impresso (Figura 36) traz diversos destacamentos, dentre eles a manchete de maior destaque é de interesse para análise deste subcapítulo, o enunciado "Sem provar eficácia, Rússia anuncia vacina contra vírus" opera com "uma lógica de gancho: o usuário não tem acesso ao texto, a não ser que o gancho lhe interesse" (MAINGUENEAU, 2014, p. 19). Esse trecho foi destacado com pequenas alterações do título da matéria nomeada "Rússia dá aval a vacina contra novo coronavírus sem eficácia comprovada" (Figura 37) disponível na página 21, demonstrando a forma como a enunciação textualizante se modifica ao ser convertida em aforização. O destacamento ocorreu devido ao caráter sintetizante do enunciado, passando a informação de uma forma rápida, e pode ser considerado um enquadramento informacional, uma vez que os leitores irão compreendê-lo no contexto do jornal, interpretação que é extremamente reforçada devido à cenografia do jornal impresso.

Figura 36 - Manchete principal "Sem provar eficácia, Rússia anuncia vacina contra vírus"



FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

QUARTA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 2020

"Essa história de que a Amazônia arde em fogo é uma mentira" Jair Bolsonaro, em discurso durante encontro com presidentes sul-americanos

Queimada na região do município de Apuí, no Amazonas, em imagem feita ontem com drone; dados do Inpe indicam um salto de 34% na destruição florestal no último ano

Pandemia no Brasil

Sem provar eficácia, Rússia anuncia vacina contra vírus

País ainda não concluiu testes clínicos para verificar segurança, e OMS não recomenda aplicação

Busca pela imunização avança no mundo entre dúvidas e recelos

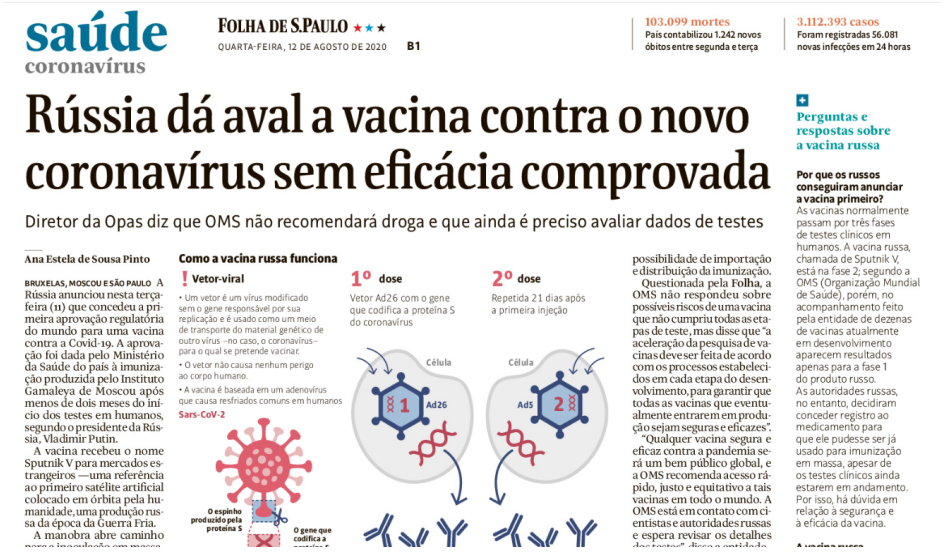
Podemos vacinar em SP a partir de janeiro, diz diretor do Butantan

Análise Igor Gielow

Saúde adota precaução e teme corrida de estados por produto

Fonte: Edição de 12 de agosto de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Figura 37 - Texto-fonte “Rússia dá aval a vacina contra novo coronavírus sem eficácia comprovada”



saúde
coronavírus

FOLHA DE S.PAULO ★★★
QUARTA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 2020 B1

103.099 mortes
País contabilizou 1.242 novos óbitos entre segunda e terça

3.112.393 casos
Foram registradas 56.081 novas infecções em 24 horas

Rússia dá aval a vacina contra o novo coronavírus sem eficácia comprovada

Diretor da Opas diz que OMS não recomendará droga e que ainda é preciso avaliar dados de testes

Ana Estela de Sousa Pinto

BRUXELAS, MOSCOU E SÃO PAULO A Rússia anunciou nesta terça-feira (11) que concedeu a primeira aprovação regulatória do mundo para uma vacina contra a Covid-19. A aprovação foi dada pelo Ministério da Saúde do país à imunização produzida pelo Instituto Gamaleya de Moscou após menos de dois meses do início dos testes em humanos, segundo o presidente da Rússia, Vladimir Putin.

A vacina recebeu o nome Sputnik V para mercados estrangeiros —uma referência ao primeiro satélite artificial colocado em órbita pela humanidade, uma produção russa da época da Guerra Fria.

A manobra abre caminho

Como a vacina russa funciona

! Vetor-viral

- Um vetor é um vírus modificado sem o gene responsável por sua replicação e é usado como um meio de transporte do material genético de outro vírus –no caso, o coronavírus– para o qual se pretende vacinar.
- O vetor não causa nenhum perigo ao corpo humano.
- A vacina é baseada em um adenovírus que causa resfriados comuns em humanos

Sars-CoV-2

O espinho produzido pela proteína S

O gene que codifica a

1º dose
Vetor Ad26 com o gene que codifica a proteína S do coronavírus

2º dose
Repetida 21 dias após a primeira injeção

possibilidade de importação e distribuição da imunização.

Questionada pela Folha, a OMS não respondeu sobre possíveis riscos de uma vacina que não cumpriu todas as etapas de teste, mas disse que "a aceleração da pesquisa de vacinas deve ser feita de acordo com os processos estabelecidos em cada etapa do desenvolvimento, para garantir que todas as vacinas que eventualmente entrarem em produção sejam seguras e eficazes".

"Qualquer vacina segura e eficaz contra a pandemia será um bem público global, e a OMS recomenda acesso rápido, justo e equitativo a tais vacinas em todo o mundo. A OMS está em contato com cientistas e autoridades russas e espera revisar os detalhes

Perguntas e respostas sobre a vacina russa

Por que os russos conseguiram anunciar a vacina primeiro?
As vacinas normalmente passam por três fases de testes clínicos em humanos. A vacina russa, chamada de Sputnik V, está na fase 2; segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), porém, no acompanhamento feito pela entidade de dezenas de vacinas atualmente em desenvolvimento aparecem resultados apenas para a fase 1 do produto russo.
As autoridades russas, no entanto, decidiram conceder registro ao medicamento para que ele pudesse ser já usado para imunização em massa, apesar de os testes clínicos ainda estarem em andamento. Por isso, há dúvida em relação à segurança e à eficácia da vacina.

Fonte: Edição de 12 de agosto de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Ainda na mesma página, o texto “Anvisa diz não ter recebido pedido russo de registro” conta com um destacamento-fraco na forma de olho (Figura 38). Nesse sentido, podemos ver concretizado o que foi defendido por Eduardo Nunes Freire em *O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital* (2009); segundo o autor: “o que foi dito pelo entrevistado tanto pode ser citado ao longo do texto como pode tornar-se uma peça à parte, outra parte do conteúdo pode ser mais bem apresentada numa matéria coordenada, e parte do discurso direto passa a ser destacada na forma de um ‘olho’ etc.” (2009, p. 291). No caso dessa matéria, o olho é uma aforização secundária advinda de um trecho da fala do entrevistado que se encontra entre a segunda e a quarta coluna. O enquadre é testemunhal sentencioso, já o leitor deve entender que é fornecido por agentes envolvidos e o uso do ícone de aspas favorece esta interpretação. Por fim, é possível alegar que o destacamento ocorreu devido ao caráter sintetizador do trecho que resume os principais pontos da notícia. Sendo assim, verificamos nessa ocorrência como a enunciação aforizante é, recorrentemente, usada no jornalismo para “resumir” os enunciados no regime textualizante.

Fig 38 - Destacamento na forma de olho na matéria “Anvisa diz não ter recebido pedido russo de registro”



Anvisa diz não ter recebido pedido russo de registro

Renato Machado

BRASÍLIA A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) informou nesta terça-feira (11) que ainda não foi procurada pelo laboratório russo que desenvolveu a vacina contra o novo coronavírus e que, portanto, não recebeu pedidos para autorização de pesquisa ou registro da vacina.

A Rússia anunciou nesta terça que concedeu a primeira aprovação regulatória do mundo para uma vacina contra a Covid-19, que foi chamada de Sputnik V para os mercados estrangeiros.

A aprovação foi dada pelo Ministério da Saúde do país à imunização produzida pelo Instituto Gamaleia de Moscou após menos de dois meses do início dos testes em humanos, segundo afirmou o presidente russo, Vladimir Putin.

Autoridades russas anunciaram que países latino-americanos começam a produzir a vacina em novembro. O estado do Paraná também anunciou acordo com a Rússia para a produção da vacina.

"Até o momento o laboratório russo responsável pelo desenvolvimento da vacina não apresentou nenhum pedido de autorização de protocolo de pesquisa ou de registro da vacina para a Anvisa", afirmou a agência por meio de nota.

> O laboratório russo responsável pelo desenvolvimento da vacina não apresentou nenhum pedido de autorização de protocolo de pesquisa ou de registro da vacina
>
> **Anvisa**

"A análise da Anvisa começa a partir da solicitação do laboratório farmacêutico. Desta forma, não é possível para a agência fazer qualquer avaliação ou pronunciamento em relação a segurança e eficácia deste produto antes que tenha acesso a dados oficiais apresentados pelo laboratório."

A agência também afirma que, desde o início da pandemia, tem dado prioridade para a avaliação de medicamentos de combate à Covid-19. As solicitações de autorização de estudo clínico, argumenta o órgão, tem sido avaliadas em um prazo de 72 horas.

A Anvisa também afirmou que os medicamentos ou vacinas precisam passar por três etapas antes de serem aprovados pela agência: desenvolvimento exploratório, pesquisa pré-clínica, pesquisa clínica (uso em humanos) e registro. Após o registro, a vacina é então monitorada no período pós-mercado.

Fonte: Edição de 12 de agosto de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

A próxima página do jornal é ocupada por uma única matéria (Figura 39), chamada "Momento Sputnik de Putin arrisca incomodar Ocidente" que possui um destacamento na forma de olho, além do intertítulo "Pesquisa ocorreu sob um véu de segredos de caráter militar". O conteúdo destacado foi retirado da terceira coluna da matéria e, apesar de ser removido do corpo da matéria e não pertencer a nenhuma fala de fonte, ainda é pertencente ao enquadre testemunhal sentencioso, uma vez que o texto é sinalizado como uma "Análise" pelo veículo e o enunciado deixa transparecer ideologias compartilhadas pelo jornalista a respeito do assunto, como se o redator declarasse em nome do "ocidente", taxando Putin como um vilão e pregando valores que devem garantir a coesão de uma comunidade, como Maingueneau previu para essa classificação. O destacamento ocorreu devido ao caráter generalizante e as asserções enfáticas que realiza.

Figura 39 - Destacamento na forma de olho na matéria "Momento Sputnik de Putin arrisca incomodar Ocidente"



ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO Desde que a Rússia anunciou, no fim de julho, que iria aprovar uma vacina para a Covid-19 sem completar os passos usuais de segurança, a reação mundial variou de desprezo a mero ceticismo.

Os motivos para preocupação estão decantados: falta de revisão por pares da metodologia científica que levou à substância e dos testes realizados, e a imunização em massa ao mesmo tempo em que os vitais testes da chamada fase 3 são realizados.

Ainda assim, a pergunta que fica é: e se a vacina russa, anunciada pelo presidente Vladimir Putin nesta terça (11), funcionar? O impacto político disso é tão grande que não faltou ambição na escolha de seu nome fantasia: Sputnik V.

Em 1957, o mundo ainda saía dos escombros da Segunda Guerra Mundial e a União Soviética buscava acompanhar os rivais Estados Unidos em termos tecnológicos. Já havia conseguido explodir sua bomba de hidrogênio, mas estava sempre alguns passos atrás.

O componente ideológico do regime comunista emperrava as coisas às vezes, como na promoção pelo ditador Josef Stálin de ideias evolucionistas lamarckistas em pleno século 20, já com as evidências mendelianas sobre hereditariedade estabelecidas, porque se encaixavam melhor com a ideia da construção do Novo Homem soviético.

Assim, foi com espanto que o mundo viu Moscou lançar ao espaço o Sputnik, o primeiro satélite artificial. Naquele momento, contudo, a descrença era acompanhada por um terror existencial no Ocidente.

Hoje há rivalidade, mas ninguém acha que Putin quer dominar o mundo só porque apressou o lançamento de sua versão 2020 do Sputnik (satélite, em russo).

Mas a disputa política é evidente. O presidente é tratado em boa parte do Ocidente como vilão, o que tornaria uma vitória científica dessa magnitude difícil de engolir em Washington e na maior parte das capitais europeias.

Isso já se via na campanha de fake news sobre as vacinas que estão sendo desenvolvidas pela China.

Por aqui, a crítica aos chineses virou até política oficial do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), muito porque eles são parceiros do governo paulista, de seu rival João Doria (PSDB).

O homem que cunhou o ter-

[...]

Putin é o vilão predileto do Ocidente —embora esteja perdendo rapidamente o posto para o chinês Xi Jinping. Depois de anexar a Crimeia em 2014 e anunciar armas nucleares 'invencíveis' em 2018, uma vacina coroaria um novo Putin. Ou o exporia ao ridículo

críticas sobre a metodologia russa de contagem de mortos, que deixa o país na curiosa situação de ter muitos casos e relativamente poucos óbitos.

Mas, muito mais do que Bolsonaro, o russo assumiu um discurso responsável. Agora consolida sua conversão e joga tudo no "momento Sputnik", correndo naturalmente o risco de ver o velho Karl Marx acertar uma: "A história se repete, a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa".

Pesquisa ocorreu sob um véu de segredos de caráter militar

A criação da Sputnik V foi cercada de segredo. Com efeito, ela teve caráter militar.

Custeada por 4 bilhões de rublos (R$ 300 milhões) pelo RDIF (Fundo de Investimento Direto da Rússia), a Sputnik teve colaboração direta do Ministério da Defesa Russo.

Uma de suas unidades, o 48º Instituto Central de Pesquisas, participou do esforço liderado pelo Instituto Gamaleya.

Mais chamativa ainda foi a participação do Centro Vektor. Criado em 1974, esse instituto era um dos responsáveis por pesquisas de armas biológicas soviéticas durante a Guerra Fria.

microbiologia russa e de programas de vacinação, Nikolai Gamaleya. Ele, que fora aluno do francês Louis Pasteur (1822-95), passou a emprestar seu nome ao local —prática comum na Rússia, onde até o metrô de Moscou tem nome, no caso o líder soviético Vladimir Lênin (1870-1924).

Programas extensos de vacinação passaram por lá e, a partir de 1966, o Gamaleya passou a focar mais a pesquisa pura. De lá saíram descobertas como a relação entre vírus e tumores, diagnóstico por imunofluorescência e o desenvolvimento da droga interferon.

A desconfiança internacional sobre a pesquisa médica russa, evidenciada pelos prazos exíguos da Sputnik, nem sempre foi assim. Mesmo no início da Guerra Fria, a União Soviética mantinha cooperação com os norte-americanos.

O virologista Mikhail Tchumakov (1909-93), por exemplo, trabalhou em conjunto com o polonês-americano Albert Sabin (1906-86) para a criação da vacina oral contra a poliomielite.

A hoje universal gotinha foi testada primeiro com soviéticos, entre 1958 e 1959, no mesmo momento em que a corrida espacial pegava fogo. Os EUA torceram o nariz politicamente, mas em 1962 acabaram aprovando também o imunizante. IG

1/2, ambos os institutos depositaram pedido para realizar a fase 3 randomizada, duplo-cega, e com grupo controle com 5.000 voluntários maiores de 18 anos na China.

Moderna/Niaid

A vacina da Moderna, desenvolvida em parceria entre o governo dos EUA, o Instituto de Pesquisa em Saúde Kaiser Permanente e a empresa de biotecnologia Moderna, foi a primeira testada em humanos. Ela usa trechos de RNA —material genético 'primo' do DNA, porém com apenas uma fita— do vírus que codificam, novamente, a proteína S.

Pfizer/BioNTech – BNT162b1 e BNT162b2

As empresas anunciaram resultados positivos das fases combinadas 1/2. Todas as vacinas estudadas pela Pfizer (são quatro) usam RNA para provocar resposta imune. Duas vacinas, a BNT162b1 e a BNT162b2, já foram aprovadas para teste no Brasil.

Fonte: Edição de 12 de agosto de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em junho de 2022

Por fim, as duas últimas matérias analisadas estão publicadas no jornal em uma diagramação que as unifica, com os títulos “Ministério da Saúde adota precaução com vacina russa” e “Governo do Paraná anuncia acordo para produção da droga”. Os textos não utilizam o recurso de olho, porém, em ambos os casos, o título é composto por frases do *lead* com pequenas alterações, o que pode ser considerado um destacamento fraco, uma vez que Maingueneau afirma que a destacabilidade pode produzir títulos e outras formas de paratexto no jornal impresso (2008a, p. 84). Nos dois textos, o Enquadramento Informacional é utilizado, já que o leitor deve interpretar tais aforizações como usadas em uma forma de paratexto pertencente a um enunciado jornalístico. O destacamento ocorreu devido à natureza sintetizante e à posição privilegiada, no *lead* jornalístico, como já visto em casos estudados anteriormente.

8.2.1 Resultados da análise

Ao comparar o processo de destacamento no texto impresso e no Twitter, constatamos que em ambos os casos há a preferência pelo enquadre informacional. Na *thread*, analisada todos os 13 destacamentos encontrados foram caracterizados como informacionais, apesar de 5 possuírem características que os classificaram como pertencentes a mais de uma categoria, por sua vez, no jornal impresso 3 dos 5 destaques foram definidos como informacionais.

A escolha da Folha de S. Paulo em priorizar o destaque informacional nas duas mídias pode ser justificada pelo fato de que, em ambas as plataformas, o jornal busca ressaltar o que há de mais factual, interessante e informativo no texto-fonte, esse enquadre, por suas características, é o que melhor serve a este propósito. Detextualizar a parte mais importante e informativa do texto em uma aforização permitiria que o leitor tivesse acesso a um resumo (por mais que incompleto e parcial) da matéria, lógica que está de acordo com o próprio funcionamento da aforização que prevê textos “completos” e sintetizantes em seu regime enunciativo.

No entanto, os enunciados que foram destacados na versão impressa e digital se apresentam em posições diferentes no texto-fonte. Enquanto a *thread* deu preferência para o destacamento de frases do *lead* em 7 das 13 ocorrências, o jornal impresso destacou o *lead*

apenas 2 vezes em 5 casos, e nessas duas ocasiões transformou um trecho do primeiro parágrafo em título.

De acordo com as informações apresentadas sobre o discurso jornalístico no capítulo 2 desta dissertação, podemos afirmar que, no suporte impresso, características como o uso do *lead* no começo do texto, a escrita em formato expositivo e a ordenação dos fatos a partir do mais importante visam criar o enunciado jornalístico de tal forma que, caso o leitor abandone o texto durante a leitura, já teve acesso às principais informações. Os resultados encontrados nesta análise demonstram que os profissionais responsáveis pelo jornal impresso acreditam nessa dinâmica, como indicativo, apontamos o fato de o destacamento não recair sobre o *lead* do texto impresso diversas vezes, demonstrando como os jornalistas esperam que o leitor consuma pelo menos o primeiro parágrafo da notícia por completo, sendo assim, o formato de olho pode ser usado para dar acesso facilitado ao leitor de trechos importantes e com alto teor informativo, do ponto de vista dos editores, que se encontram fora do primeiro parágrafo.

Enquanto isso, a *thread* deu prioridade para o destaque do primeiro parágrafo de seus textos-fonte, ou seja, o produtor desse tecnotexto destextualizou o *lead* em um movimento que extrai do texto-fonte a sua parte mais rica de informação e dá mais visibilidade a essa no Twitter, o que favorece a leitura apenas dos destaques presentes na plataforma e não incentiva o leitor a consumir a matéria completa, já que os pontos chave estão disponíveis. Talvez essa ação seja tomada devido o enunciador pressupor que os leitores digitais não irão acessar o material disponível no site, vendo assim a necessidade de transmitir as informações mais importantes do texto-fonte de forma completa por meio de aforizações no Twitter.

Tal procedimento vai ao encontro da posição de Moraes, ao afirmar que "concorrendo com outros canais de informação, o jornal tem mais necessidade de chamar a atenção para atrair audiência, o que faz por meio da intensificação dos efeitos de destacamento" (2019, p. 25). Confirmamos esse fenômeno nas *threads* e complementamos a discussão ao demonstrar que trechos como o *lead* são os predominantemente destacados no processo.

Em resumo, o jornalismo em diferentes plataformas (digital e impressa) realiza o destaque de diferentes partes do texto, enquanto o digital faz com que o *lead* "salte" para fora do texto-fonte e esteja presente em sites de redes sociais, esperando que o leitor consuma pelo menos esse trecho, o impresso pode se preocupar em destacar as partes que julga mais impactantes, pertinentes ou que resumam melhor a notícia.

Por fim, apontamos também como esta análise demonstra que as aforizações criadas pelo jornal, por mais que busquem evitar, não conseguem mascarar todas as marcas de ideologias compartilhadas pelo enunciador. No caso do texto "Momento Sputnik de Putin

arrisca incomodar Ocidente" (Figura 37), sinalizado como "Análise", o jornal abertamente expressa sua opinião, tanto por meio do regime textualizante, no próprio artigo, como também no regime aforizante, por meio de uma aforização disponível no olho, desse modo demonstrando como a Folha de S. Paulo pode sim, por vezes, ser produtora de aforizações que demonstram as convicções ideológicas do jornal e que colocam a instituição no papel de "locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente. Ele é considerado aquele que enuncia sua verdade, que prescinde a negociação, que exprime uma totalidade vivida" (MAINGUENEAU, 2010, p. 14)

8.3 Thread "O governador, o presidente e a vacina"

Com o título "O governador, o presidente e a vacina", a terceira *thread* analisada nesta dissertação foi publicada no dia 25 de outubro de 2020, dois dias depois do presidente à época, Jair Bolsonaro, afirmar que a vacina chinesa "não transmitia segurança por sua origem", fala que gerou respostas de alguns políticos e, principalmente, do governador de São Paulo nesse período, João Dória. O tecnotexto, então, faz um retorno ao passado e relembra os leitores de um fato que ocorreu em 2008, quando o nesse momento governador de São Paulo, José Serra, posou para uma foto simulando aplicar a vacina de gripe no presidente Lula, apesar das intrigas políticas que existiam entre os dois políticos. Podemos afirmar que essa *thread* se classificaria na categoria "cronologia dos fatos" segundo Rocha, uma vez que busca "narrar e reordenar cronologicamente uma sequência de episódios a partir de um acontecimento" (2022, p. 75).

A estrutura da *thread* se organiza da seguinte forma:

Tabela 6 - Estrutura da terceira *thread*

Número do Tuíte	Título do texto-fonte	Enquadre do destacamento	Função/posição no texto-fonte
1 (Introdução)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
2	Governador de São Paulo já vacinou presidente da República	Informacional	Nariz de cera 1º parágrafo

3	Governador de São Paulo já vacinou presidente da República	Informacional	Nariz de cera 3º parágrafo
4	Governador de São Paulo já vacinou presidente da República	Moralista Hermenêutico	Nariz de cera 2º parágrafo
5 (Finalização com questionamentos)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor

A abertura do tecnotexto (Figura 40), como na análise anterior, não apresenta nenhum destacamento e introduz o tema que será tratado nos próximos tuítes. O enunciado faz o uso de perguntas (Você se lembra?), recurso não utilizado no "jornalismo tradicional" mas que, como discorrido no capítulo 5.3, pode estar presente nas *threads* para garantir a interação com o leitor e gerar engajamento dos usuários do Twitter, o que resulta em um maior alcance e difusão do material jornalístico, acarretando retorno financeiro. Ao mesmo tempo, o caráter curioso do acontecimento também contribui para despertar o interesse das pessoas que estão navegando pelo Twitter.

Figura 40 - 1º Tuíte da 3ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em outubro de 2022

Nessa *thread* todas as aforizações encontradas foram extraídos do texto-fonte "Governador de São Paulo já vacinou presidente da República" (Figura 41). Vale ressaltar que na matéria o formato utilizado não é o de um texto jornalístico "tradicional", uma vez que o *lead* e as informações mais recentes só aparecem a partir do quarto parágrafo, após um longo nariz de cera que discorre sobre a ocasião em que José Serra "vacinou" o então presidente Lula no ano de 2008.

Figura 41 - Texto-fonte "Governador de São Paulo já vacinou presidente da República"



Governador de São Paulo já vacinou presidente da República

Lula e Serra, em 2008, posaram para foto ; 12 anos depois, Bolsonaro cancelou acordo com governo paulista

24.out.2020 às 14h55
Atualizado: 24.out.2020 às 20h16

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto A- A+

Ana Bottallo

SÃO PAULO A animosidade política não impediu, no passado, que um governador de São Paulo "vacinasse" um presidente da República. À época, em 2008, José Serra (PSDB) posou para fotos enquanto simulava dar uma injeção em Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Tratava-se, então, do início da campanha de vacinação contra a gripe.

Doze anos depois, e em meio à pandemia do novo coronavírus, nada parece mais distante da realidade. Ninguém hoje imagina que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) aceitaria ser imunizado pelas mãos do governador de São Paulo João Doria (SDB). Não após a série de rusgas entre os dois e menos ainda após o imbróglio da última semana.

Em 2008, o momento foi registrado em uma foto. Na realidade, Lula foi vacinado por uma enfermeira, mas a imagem registrou o momento de união dos dois políticos, que haviam disputado a eleição para

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em outubro de 2022

O uso de aforizações extraídas desse texto-fonte ocorreu pela primeira vez no segundo tuíte (Figura 42). O enunciado foi destacado do primeiro parágrafo do texto-fonte, que nesse caso é um nariz de cera, e passou por pequenas alterações para se adequar melhor ao regime aforizante, ou seja, funcionar de forma "autônoma". Pode-se dizer que o destacamento ocorreu devido à capacidade do trecho de fornecer informações sobre o acontecimento que é tema da *thread*, e por munir o leitor de uma contextualização. Em nossa visão, o enquadramento usado para interpretação dessa aforização é o informacional, uma vez que o contexto da *thread*, a identidade do aforizador e a presença do link abaixo do enunciado incentivam o leitor a entender a frase como proferida em uma situação jornalística.

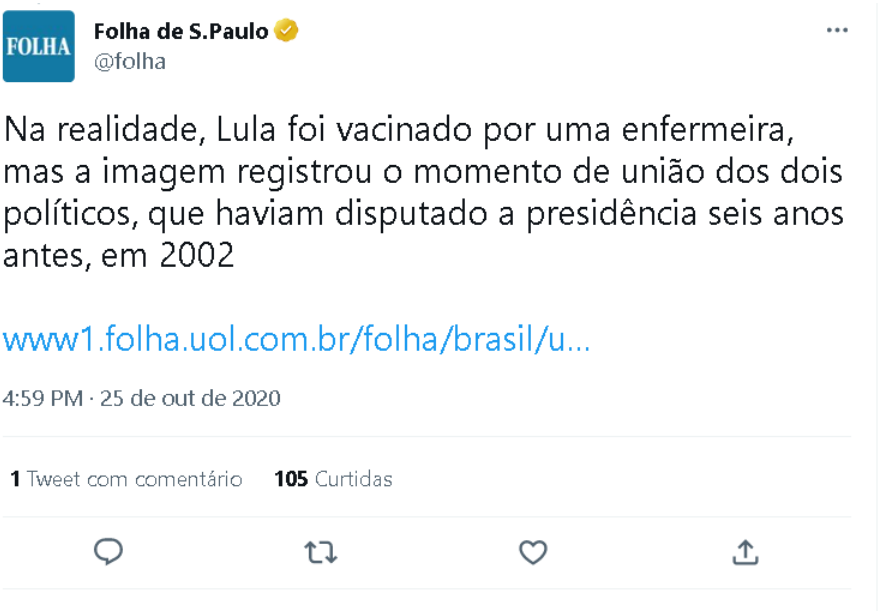
Figura 42 - 2º Tuíte da 3ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em outubro de 2022

O tuíte 3 (Figura 43), entretanto, possui uma nova configuração: apresentar um destacamento advindo de um texto-fonte, e possuir e um link que transporta o leitor para outro enunciado. Nessa aforização, o enunciado discorre sobre o fato de que, na verdade, Lula foi vacinado por uma enfermeira e não José Serra, enquanto isso, o link presente transporta o leitor para a matéria "Após três eleições, Lula chega à Presidência da República", publicada em 2002 e disponível no site da Folha de S. Paulo, sendo um texto que oferece mais informações sobre as eleições daquele ano, que foram disputadas no segundo turno entre Lula e Serra. Em nossa visão, o conteúdo da aforização é classificado como pertencente ao enquadre informacional, uma vez que o leitor deve entender que o enunciado se encontra em um contexto jornalístico, que lhe são apresentados dados sobre um acontecimento que é o principal tema da *thread*, e que a Folha de S. Paulo é a aforizadora. O trecho foi retirado do terceiro parágrafo da matéria "Governador de São Paulo já vacinou presidente da República", parte do texto que continua a detalhar os acontecimentos narrados no nariz de cera, e o seu destaque pode ter ocorrido por esse trecho complementar à narrativa com novas informações.

Figura 43 - 3º Tuíte da 3ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em outubro de 2022

O quarto tuíte (Figura 44) também apresenta um destacamento do texto "Governador de São Paulo já vacinou presidente da República", nesse caso, do segundo parágrafo. A aforização presente nesse tuíte não possui características de um enquadre informacional, sendo assim defendemos que, por mais que haja a construção de um contexto jornalístico na *thread*, o conteúdo do enunciado, por não apresentar nenhum dado sobre um acontecimento concreto, mas sim asserções sobre a situação política atual, não impõe uma interpretação ligada ao enquadramento informacional. Soma-se a isso também o fato de que no Twitter opera a fragilização das cenas genéricas e englobantes dos enunciados jornalísticos, o que favorece ao leitor o entendimento da aforização por meio de outros enquadres.

Figura 44 - 4º Tuíte da 3ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em outubro de 2022

Optamos por classificar essa aforização como pertencente ao enquadre moralista, uma vez o leitor deve entender o enunciado como uma fonte de julgamentos sobre a situação política do momento, e também hermenêutico, já que os julgamentos são realizados de forma não tão clara e exigem reflexão por parte do leitor. Nessa ocorrência a Folha de S. Paulo novamente sai do seu papel de isenção ou de aforizador que apenas compartilha a verdade de outro locutor e reclama para si a função de proferir aforizações que compartilham as suas próprias convicções já que, por mais que a análise política dessa situação esteja embasada em fatos, há um distanciamento da "isenção" jornalística.

Ao criar uma aforização ambígua, opinativa, que opaciona o seu sentido e que não é enquadrada no regime de atualidade – mas sim como o moralista e o hermenêutico – esse jornal faz enunciados que não se adequam à cenografia jornalística "tradicional" (que prevê uma priorização da informação de forma clara) no âmbito iconotextual, que segundo Maingueneau, envolve as imagens e o texto, no entanto, ao fornecer nesse mesmo tuíte um link que direciona os leitores para uma matéria no seu site que poderia esclarecer os questionamentos que surgirem, a Folha de S. Paulo reforça sua cenografia jornalística na dimensão arquitetural, ou seja, no modo como "o site é uma rede de páginas dispostas de certa

maneira" (MAINGUENEAU, 2017, p. 144). Clicando no link o leitor é direcionado ao texto "'Negar acesso à vacina é criminoso', diz Dória sobre decisão de Bolsonaro", que não é o texto-fonte do qual a aforização foi extraída, mas um enunciado que trata sobre as disputas entre o presidente e o governador de São Paulo, explicando os motivos pelos quais um cenário como o de Lula e Serra parece "distante da realidade" e, desse modo, fornecendo um contexto e informações extras para o leitor.

Os tuítes 3 e 4 (Figura 43 e 44) demonstram como pode haver a ocorrência de tuítes com a aforização extraída de um texto-fonte, mas com um link que transporta o leitor para um enunciado diferente. Sendo assim, defendemos que os hiperlinks, além do papel já demonstrado anteriormente de transportar o leitor para a matéria que originou o destacamento e atribuir credibilidade e fonte para uma aforização, também podem atuar como ferramenta que fornece material complementar. Moraes já havia comentado sobre a importância de um texto completo figurar junto de um destacamento na web para lhe atribuir legitimidade quando afirmou que:

> Os destacamentos editam um *modo de dizer* e direcionam a leitura e consequente interpretação de sentidos. Com frequência, embora a leitura da reportagem completa proporcione acesso a detalhes, o conjunto do texto não contradiz a leitura superficial dos elementos destacados, mas quase sempre a confirma. Os textos completos, no entanto, *precisam estar ali* como garantidores da legitimidade dos elementos destacados. (2019, p. 98)

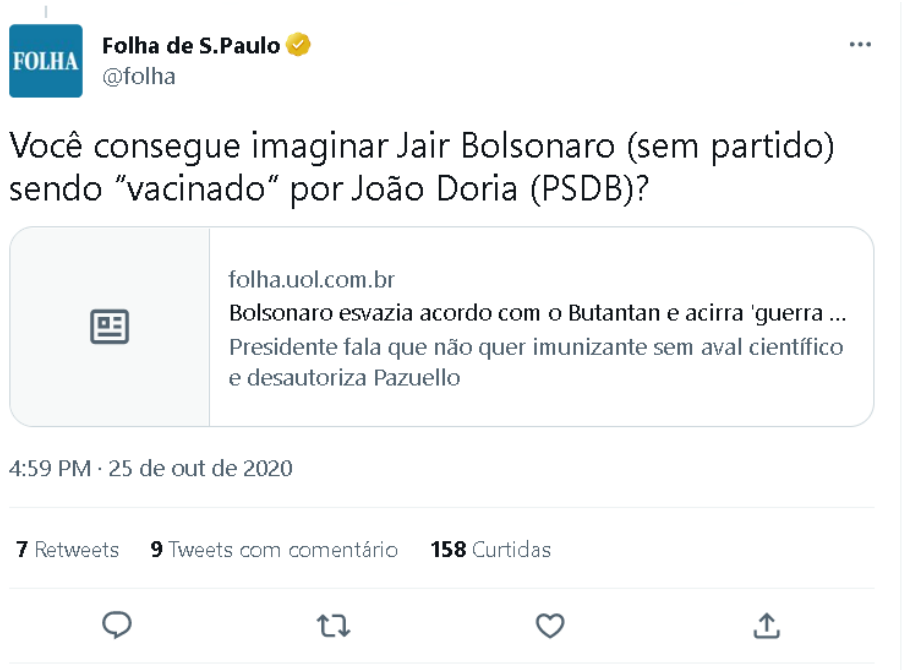
Com a análise dessa *thread*, prolongamos as reflexões de Moraes e demonstramos que os enunciados responsáveis por garantir a legitimidade de um destacamento podem ser outros além do texto-fonte. Portanto, os links que direcionam para notícias no site do jornal, além de contribuírem para a cenografia arquitetural de um enunciado jornalístico, ainda permitem que o leitor consulte todo tipo de material, como notícias publicadas antes do acontecimento, caso do tuíte 3 que destaca uma matéria de 2020, mas possui link que transporta o leitor para um texto de 2002.

Ainda sobre os hiperlinks, Paveau discorre sobre como "nos universos discursivos digitais nativos, a cor é uma marca visual que sinaliza propriedades dos tecnodiscursos. Ela sinaliza duas características dos tecnodiscursos: a hipertextualidade e a coletividade enunciativa" (2021, p. 131), sendo assim, a cor azul e as letras sublinhadas de um link não apenas sinalizam que aquele é um texto clicável mas, indo além, também proporcionam um efeito discursivo de credibilidade a uma aforização que figura ao seu redor, como se o enunciador afirmasse *eu não só digo, como também apresento neste link a fonte que*

comprova a veracidade do que digo. Desse modo, o leitor, mesmo sem clicar no link, pode ler um destacamento atribuindo mais crédito ao seu conteúdo apenas por este figurar ao lado de um link, ou seja, de existir a possibilidade de, se quiser, encontrar um texto que comprova aquela afirmação.

Por fim, a *thread* é concluída com um tuíte que não apresenta nenhum destacamento, o enunciado é composto por um questionamento (Figura 45) e um link para a matéria "Bolsonaro esvazia acordo com o Butantan e acirra 'guerra das vacinas'". Novamente, a matéria jornalística que pode ser acessada por meio do link faz o papel de responder às afirmações vagas feitas no tuíte, nesse caso, tratando sobre a recusa do então presidente Jair Bolsonaro em comprar doses da vacina Sinovac e do apoio do governador João Dória à produção desse imunizante no Instituto Butantã.

Figura 45 - Último tuíte da 3ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em outubro de 2022

A produção de perguntas ao leitor, uso de destacamentos e frases plurissêmicas, e a falta de ênfase no factual são alguns dos elementos presentes nesse tecnotexto que vão na contramão da linguagem de um suposto "jornalismo tradicional" que, segundo manuais de redação, deveria buscar "eliminar tanto a função emotiva (relacionada ao emissor) quanto a função conativa (dirigida ao receptor)" (LAGE, 1981, p. 39).

Apesar desses fatores, ainda podemos afirmar que essa *thread* se encontra dentro do tipo de discurso jornalístico, já que é produzida por profissionais da área no exercício da profissão, tem preocupação em seguir as balizas éticas discutidas no capítulo 2, e possui o objetivo de difundir informação. O suporte digital ao criar novas possibilidades, como o tecnogênero *thread*, proporciona algumas mudanças nas características do texto, como torná-lo mais informal, no entanto, segundo o Manual de Redação da Folha: "o que define um jornal não é mais o suporte impresso nem a periodicidade diária, mas o propósito de condensar o que ocorre de relevante para um público interessado em informação, opinião e análise" (2021, p.18).

Esse tecnotexto parece justamente efetuar esse trabalho de "condensar o que ocorre de relevante"; sua estrutura fornece uma lista/seleção/curadoria de notícias sobre o estado do desenvolvimento da vacina no Brasil, incluindo curiosidades e material anterior sobre o tema, por exemplo, matérias de 2002. Podemos dizer que a web permite, mais do que o jornal impresso, esse estilo descontraído em enunciados do tipo de discurso jornalístico, porém, deve haver alguma compensação em outra dimensão da cenografia para que o enunciado jornalístico não seja confundido com seus Outros do campo discursivo da comunicação.

O texto-fonte que originou todas as aforizações dessa *thread* foi publicado no jornal impresso com o título "Governador de São Paulo já vacinou presidente da República contra gripe" (Figura 46), no dia 26 de outubro de 2020.

Figura 46 - Texto-fonte "Governador de São Paulo já vacinou presidente da República contra gripe"



Governador de São Paulo já vacinou presidente da República contra gripe

SÃO PAULO A animosidade política não impediu, no passado, que um governador de São Paulo "vacinasse" um presidente da República. À época, em 2008, José Serra (PSDB) posou para fotos enquanto simulava dar uma injeção em Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Tratava-se, então, do início da campanha de vacinação contra a gripe no país.

Doze anos depois, e em meio à pandemia do novo coronavírus, nada parece mais distante da realidade. Ninguém hoje imagina que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) aceitaria ser imunizado pelas mãos do governador de São Paulo João Doria (PSDB). Não após a série de rusgas entre os dois e menos ainda após o imbróglio da última semana.

Em 2008, o momento foi registrado em uma foto. Na realidade, Lula foi vacinado por uma enfermeira, mas a imagem registrou o momento de união dos dois políticos, que haviam disputado a eleição para presidente seis anos antes, em 2002.

Observado por Marisa Letícia Lula da Silva, o governador de São Paulo, José Serra (PSDB), finge aplicar injeção no presidente Luiz Inácio Lula da Silva em posto de saúde em São Bernardo do Campo, na abertura da campanha de vacinação contra a gripe.

O evento marcava a introdução da imunização no no calendário do Programa Nacional de Imunização (PNI).

Na última quarta-feira (22), o presidente Jair Bolsonaro travou uma guerra contra Doria e o Instituto Butantan, entidade de pesquisa pública ligada ao governo estadual e que irá produzir a vacina contra o novo coronavírus da empresa chinesa Sinovac no país. Segundo o presidente, a vacina desenvolvida na China não transmite segurança "pela sua origem".

O governo de SP e o Instituto Butantan tinham fechado acordo na véspera (21) com o Ministério da Saúde para compra de 46 milhões de doses da Coronavac, a vacina da Sinovac.

A vacina é uma das dez em fase final de testes antes da aprovação para uso contra o novo coronavírus. No país, o imunizante já foi testado em 9.000 voluntários, coordenado pelo Instituto Butantan.

Fonte: Edição de 26 de outubro de 2020, disponível no acervo digital da Folha de S. Paulo, acesso em outubro de 2022

Esta matéria jornalística não possui nenhum destacamento, seja de partes do texto em paratexto (como título, olho e legenda) ou de partes do texto na capa. Sendo assim, não foram encontrados dados para a elaboração da tabela de destacamentos no jornal impresso. No entanto, esse fato não é um limitante para a pesquisa, mas sim responsável por proporcionar conclusões que tratamos a seguir.

8.3.1 Resultados da análise

A versão impressa da matéria "Governador de São Paulo já vacinou presidente da República" não conta com afirmações de nenhum entrevistado, não apresenta nenhum acontecimento recente e não está localizada em posição privilegiada no jornal, sendo a mais curta do caderno de saúde dessa edição. Partindo do pressuposto que:

> A paginação, o suporte físico e o lugar ocupado por uma notícia (a capa do jornal, a homepage ou a tela do dispositivo móvel) influenciam a circulação das notícias, que se desmembram e se aprofundam a partir de uma primeira, ou seja, os suportes constituem a notícia tanto quanto o seu conteúdo em si (MORAES, 2019, p. 20)

Podemos dizer que todos esses fatores contribuíram para que o enunciado não recebesse nenhum destacamento na edição impressa, mas não o impediram de se tornar o fio condutor de uma *thread*, de ser o texto-fonte a partir do qual foram feitos destacamentos publicados no Twitter e de se tornar a fonte para estabelecimento de ligações com outras matérias publicadas na Folha de S. Paulo que poderiam aprofundar o assunto, fornecer contextualizações e até mesmo apresentar para o leitor acontecimentos ocorridos no ano de 2002.

Dessa forma, as análises demonstram novamente que a conta do Twitter da Folha de S. Paulo e o tecnogênero *thread* jornalística são usados pelo jornal para atribuir relevância a textos que estão em segundo plano em sua versão impressa. Nesta análise encontramos mais uma vez o mesmo fenômeno que ocorreu na primeira *thread* desta dissertação, na qual pequenas notas jornalísticas se tornaram textos-fonte que foram destacados em *threads*, criando uma série de relações e propostas de leituras não encontradas no jornal impresso.

Outra conclusão à qual chegamos diz respeito à ausência de destacamentos na versão do enunciado disponível no jornal impresso. O fato de o mesmo texto ter sido publicado no suporte físico sem nenhum destaque e ter a sua forma digital no site da Folha de S. Paulo destacada em um *thread* demonstra como o processo de recortar partes de um enunciado e exportá-las é mais recorrente nos meios digitais.

A falta de destacamentos na mídia impressa – ou ocorrência em menor escala, como nas análises anteriores – nos dá a impressão de que os enunciados na mídia física foram planejados na lógica de enunciação do regime textualizante, em que existe a integração de diversos planos em um único enunciado e é necessário que o leitor consuma o texto na íntegra para ter uma compreensão acurada. Por outro lado, o excesso de destacamentos e aforizações nas *thread* nos mostra como esse tecnogênero foi criado com o intuito de resumir em aforizações até mesmo os menores textos. Esse fenômeno está diretamente ligado com o que foi proposto por Moraes (2020) acerca de um primado do destacamento na era digital e do excesso de informação. Defendemos que a emergência das *threads* são um forte indício de que o destacamento se estabelece como um dos elementos cruciais para a construção dos discursos nativos de plataformas digitais.

Como as aforizações seriam o primeiro ponto de contato de um leitor com o texto-fonte e, ao mesmo tempo, o principal meio de divulgação do enunciado completo, alguns tipos do discurso, como o jornalístico, podem produzir parte dos seus enunciados na atualidade organizando a escrita desde o planejamento inicial com o intuito de criar partes que podem ser “destacáveis” na web, que funcionem como aforizações: de forma autônoma, que

resumam o texto, e que convidem ao clique. Maingueneau já havia previsto que certos trechos de texto possuem mais probabilidade de serem destacados e que o destacamento pode ser planejado pelo enunciador: “sobreasseverar é antecipar um destacamento” (2017, p.16). Esse processo ocorre tanto no impresso quanto no digital, embora seja mais expressivo e excessivo nos enunciados digitais.

8.4 Thread “A quantas andam as vacinas contra a Covid19”

A próxima *thread* jornalística recrutada para o *corpus* foi publicada no dia 18 de novembro de 2020 e teve atualizações até o dia 19 do mesmo mês. O tecnotexto tem como título “A quantas andam as vacinas contra a Covid19” e seu objetivo é fornecer um compilado de notícias sobre os resultados dos testes de eficácia das vacinas Pfizer, Moderna, Sputnik V, AstraZeneca e Coronavac. A publicação se deu no mesmo dia em que a Pfizer concluiu a terceira e última fase de testes, o que pode ter motivado a Folha de S. Paulo a produzir um tecnotexto contextualizando a situação de outros imunizantes e relembrando os leitores sobre os resultados anteriores.

Nesse caso, observamos novamente o uso que Bernardo Rocha classificou como “cronologia dos fatos”, ou seja, quando a *thread* tem como principal intuito “narrar e reordenar cronologicamente uma sequência de episódios a partir de um acontecimento” (2022, p. 75), para isso, são usados artifícios como informar a data dos acontecimentos no começo de cada tuíte.

A estrutura da *thread* é organizada em:

Tabela 7 - Estrutura da quarta *thread*

Número do Tuíte	Título do texto-fonte	Enquadre do destacamento	Função/posição no texto-fonte
1 (Introdução)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
2	Vacina da Pfizer tem mais de 90% de eficácia em resultados preliminares	Informacional	*Lead* e documentação 1º e 2º parágrafos
3	Governo russo diz que vacina Sputnik V também tem mais de 90% de eficácia contra a Covid	Informacional	*Lead* 1º parágrafo

4	Eficácia da vacina contra a Covid da Moderna é de quase 95%, mostram dados preliminares	Informacional	*Lead* 1º parágrafo
5	Coronavac produz anticorpos contra a Covid em 97% dos participantes, revelam dados publicados	Informacional	Título e linha fina
6	Coronavac produz anticorpos contra a Covid em 97% dos participantes, revelam dados publicados	Informacional	Documentação 3º parágrafo
7	Pfizer conclui testes e anuncia que vacina contra a Covid-19 é segura e atinge 95% de eficácia	Informacional	*Lead* e documentação 1º e 3º parágrafos
8	Vacina de Oxford contra coronavírus é segura e produz resposta imune, diz estudo na Lancet	Informacional	*Lead* 1º parágrafo
9 (Aviso de que a *thread* será atualizada)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
10	Vacina de Oxford contra Covid-19 induz resposta imunológica em adultos de todas as idades, diz estudo	Informacional	Lead e documentação 1º e 5º parágrafos
11 (Conclusão informando que a eficácia das vacinas só é atestada após a 3ª fase de teste)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor

A introdução da *thread* não foi extraída de nenhum texto no site da Folha de S. Paulo e foca em explicar o objetivo do tecnotexto: fornecer contextualizações sobre o desenvolvimento de diversas vacinas para o coronavírus. Além de possuir elementos icônicos como os emojis de seringas e de uma câmera fotográfica, o tuíte (Figura 47) também apresenta uma hashtag, elemento tecnodiscursivo que é definido como "um segmento linguageiro precedido do signo #, utilizado originalmente na rede de microblogagem Twitter" (PAVEAU, 2021, p. 223), o uso desse sinal "transforma o segmento numa *tag* clicável,

inserida manualmente num tuíte, que permite associar um fio que agrupa o conjunto dos enunciados que contém a hashtag" (PAVEAU, 2021, p. 223). Em outras palavras, ao clicar no link disponibilizado por uma hashtag o usuário é levado para um ambiente que une todos os tuítes que usaram os mesmos termos acompanhados pelo sinal #.

Figura 47 - 1º Tuíte da 4ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Em nossa análise, ao inserir #COVID19 em seu tuíte de introdução a Folha de S. Paulo usa esse elemento tecnodiscursivo em três diferentes frentes. Em primeiro lugar, a hashtag proporciona a união de enunciados do mesmo tema em um único ambiente (Figura 48), uma vez que associa o tuíte inicial e, devido à relacionalidade típica do ambiente digital também toda a *thread* jornalística, a outros tuítes que tratam sobre o covid 19, causando um fenômeno que Paveau chama de afiliação difusa. Sendo assim, a hashtag "é uma forma tecnolinguageira cuja função é essencialmente social, permitindo a afiliação difusa (*ambiente affiliation*, noção proposta por Zappavigna, 2011) dos usuários, a tecnoconversionalidade e a investigabilidade (*searchability*) do discurso" (PAVEAU, 2021, p. 223), além de ser "criadora

de trocas e de conhecimentos" (PAVEAU, 2021, p. 230) ao agrupar enunciados de um mesmo tema.

Figura 48 - Ambiente acessado ao clicar na #COVID19, um espaço que une todos os tuítes que usaram este termo



Fonte: Foto obtida pelo autor na rede social Twitter, acesso em maio de 2023

Em segundo lugar, a hashtag tem papel crucial na divulgação da *thread* jornalística, uma vez que, se o termo #COVID19 se tornar uma *trend* (um dos assuntos mais comentados do dia), o algoritmo do Twitter irá privilegiar a visualização e tornar mais evidente os enunciados que tratam desse tema e os tuítes que fazem uso do termo.

Ao mesmo tempo, o simples fato de os tuítes da Folha de S. Paulo figurarem no mesmo ambiente de outros enunciados que usaram o termo #COVID19 já é responsável por contribuir para a atração de mais público para seu site. Como os tuítes do jornal possuem uma cenografia jornalística (inflada por meio do selo de verificado dourado, da enunciação típica de um discurso jornalístico e do uso de links que direcionam ao site do jornal) seus

enunciados se destacam em meio aos tuítes que usam a mesma hashtag e foram proferidos por usuários comuns. Desse modo, o perfil da Folha se coloca no meio desta discussão como uma fonte confiável, e os usuários que acessam o ambiente da hashtag podem priorizar a leitura dos enunciados do jornal, já que a conta possui uma maior credibilidade (conquistada pela cenografia e histórico da empresa) quando comparada aos demais usuários. Sendo assim, o elemento tecnodiscursivo hashtag atua desempenhando o papel de difundir informações importantes e úteis sobre o desenvolvimento de vacinas, e também de trazer receita financeira para o jornal por meio do aumento de acessos e, consequentemente, de visualizações de propagandas na sua página.

Por fim, o terceiro modo de uso está ligado ao fato de que, nesse exemplo, a hashtag também é um dos elementos linguageiros do texto, já que o termo "covid19" faz parte da frase ao qual figura ao lado. Paveau já havia reconhecido este fenômeno ao afirmar que a hashtag "possui uma natureza compósita: o segmento é tanto linguageiro (trata-se de siglas, palavras, expressões ou mesmo frases inteiras) quanto igualmente clicável, uma vez que é um link que permite a criação de um fio" (2021, p. 226).

No que se refere às classificações e enquadramentos, entendemos que todas as aforizações presentes nessa *thread* são participantes do enquadre informacional, defendemos este argumento com base no fato de que os enunciados apresentam dados concretos, como os resultados dos testes de eficácia das vacinas e as datas nas quais estes foram anunciados, sendo assim, o leitor deve interpretar as aforizações a partir do contexto jornalístico e entender que essas possuem o objetivo de difundir informações.

Nos tuítes 3, 4, e 8 as aforizações presentes são destacamentos do *lead* com mudanças no texto para a adequação às regras de uma "boa aforização". Portanto, os enunciados adaptam a sua estrutura, que inicialmente estava dentro da lógica prevista para a enunciação textualizante, para uma típica do regime de enunciação aforizante, que prevê um enunciado que funcione de forma autônoma, seja direcionado a um auditório de valores compartilhados, expresse uma verdade etc. Os destaques ocorreram devido à alta concentração de informação nesse trecho do texto-fonte, que foi suficiente para passar as principais informações sobre o desenvolvimento das vacinas. As alterações no texto se dão principalmente pela reformulação e reordenação do *lead* (Figura 49), tornando o enunciado no tuíte mais simples e direto (Figura 50).

Figura 49 - Texto-fonte "Governo russo diz que vacina Sputnik V tamém tem mais de 90% de eficácia contra Covic"



CORONAVÍRUS

Governo russo diz que vacina Sputnik V também tem mais de 90% de eficácia contra a Covid

Diretor de pesquisa da vacina russa, Oksana Drapkina deu declaração horas após a Pfizer divulgar seus resultados

9.nov.2020 às 15h27
Atualizado: 9.nov.2020 às 16h44

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto A- A+

Ana Bottallo

SÃO PAULO O governo russo declarou que a vacina Sputnik V, produzida pelo Instituto Gamaleya com apoio do Fundo Russo de Investimento Direto (RDIF, na sigla em inglês), também tem mais de 90% de eficácia contra a Covid-19. O anúncio foi feito horas depois de a farmacêutica norte-americana Pfizer divulgar resultados preliminares sobre a eficácia de sua imunização.

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 50 - 3º Tuíte da 4ª *thread*



Folha de S.Paulo @folha · 18 de nov de 2020

9.nov.2020: Horas depois de a Pfizer divulgar resultados preliminares sobre a eficácia de sua imunização, o governo russo diz que a vacina Sputnik V também tem mais de 90% de eficácia contra a Covid-19.

folha.uol.com.br
Governo russo diz que vacina Sputnik V também tem mais de 90% de ...
Diretor de pesquisa da vacina russa, Oksana Drapkina deu declaração horas após a Pfizer divulgar seus resultados

3 7 67

Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Esse processo se dá de forma parecida no tuíte de número 5, com exceção de que, neste caso, além de destacar informações presentes no título, a aforização presente no tuíte

(Figura 51) teve de ser completada com informações presentes na linha fina (Figura 52) para possuir todos os principais dados encontrados na matéria disponível no site e conseguir criar um resumo satisfatório para o leitor.

Figura 51 - 5º Tuíte da 4ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Figura 52 - Texto-fonte “Coronavac produz anticorpos contra Covid em 97% dos participantes, revelam dados publicados”



Coronavac produz anticorpos contra a Covid em 97% dos participantes, revelam dados publicados

Primeiros resultados de testes de fase 1 e 2 no país chinês foram publicados nesta terça em revista científica

17.nov.2020 às 20h30

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto A- A+

Ana Bottallo

SÃO PAULO A vacina contra a Covid-19 da fabricante chinesa Sinovac é segura e tem capacidade de produzir resposta imune no organismo 28 dias após sua aplicação em 97% dos casos, segundo um artigo revisado por pares e publicado nesta terça-feira (17) na revista científica Lancet Infectious Diseases.

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Esse exemplo já demonstra o caso dos demais destacamentos disponíveis nesta *thread.* Os tuítes de número 2, 7 e 10 possuem aforizações que foram criadas a partir do destacamento do *lead*, devido ao seu alto valor informativo, e da inclusão de trechos da documentação presentes em outros parágrafos, para complementação e inclusão das principais informações presentes na matéria. Essas ocorrências demonstram que, caso o *lead* não seja o suficiente para que a notícia completa seja resumida em apenas uma aforização, o jornal pode recortar trechos disponíveis ao longo do texto e os unir ao enunciado. O caso mais demonstrativo é o do tuíte de número 10 (Figura 53), que possui a inclusão de trechos do *lead* (Figura 54) e quinto parágrafo (Figura 55).

Figura 53 - 10º Tuíte da 4ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Figura 54 - Texto-fonte “Vacina de Oxford contra Covid-19 induz resposta imunológica em adultos de todas as idades, diz estudo”



Vacina de Oxford contra Covid-19 induz resposta imunológica em adultos de todas as idades, diz estudo

Etapa que determina se a imunização pode proteger contra a doença ainda está em andamento

19.nov.2020 às 4h00

EDIÇÃO IMPRESSA

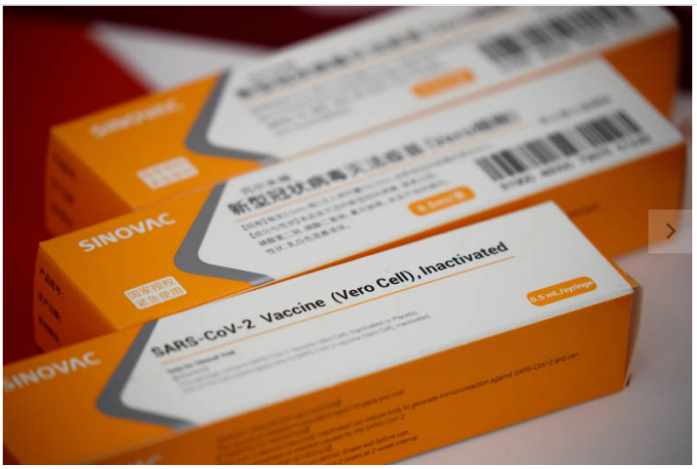
Ouvir o texto A- A+

Everton Lopes Batista

SÃO PAULO A vacina contra o coronavírus Sars-Cov-2 produzida por uma parceria entre a Universidade de Oxford (Reino Unido) e a farmacêutica AstraZeneca pode gerar resposta imunológica em adultos de todas as idades, incluindo aqueles com mais de 70 anos, que correm o maior risco de desenvolver a forma grave da Covid-19. Os resultados foram publicados nesta quinta-feira (19) na revista científica The Lancet.

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 55 - Quinto parágrafo do texto-fonte “Vacina de Oxford contra Covid-19 induz resposta imunológica em adultos de todas as idades, diz estudo”



A Coronavac, da chinesa Sinovac e do Instituto Butantan, foi aprovada para uso emergencial no Brasil em 17 de janeiro de 2021... MAIS

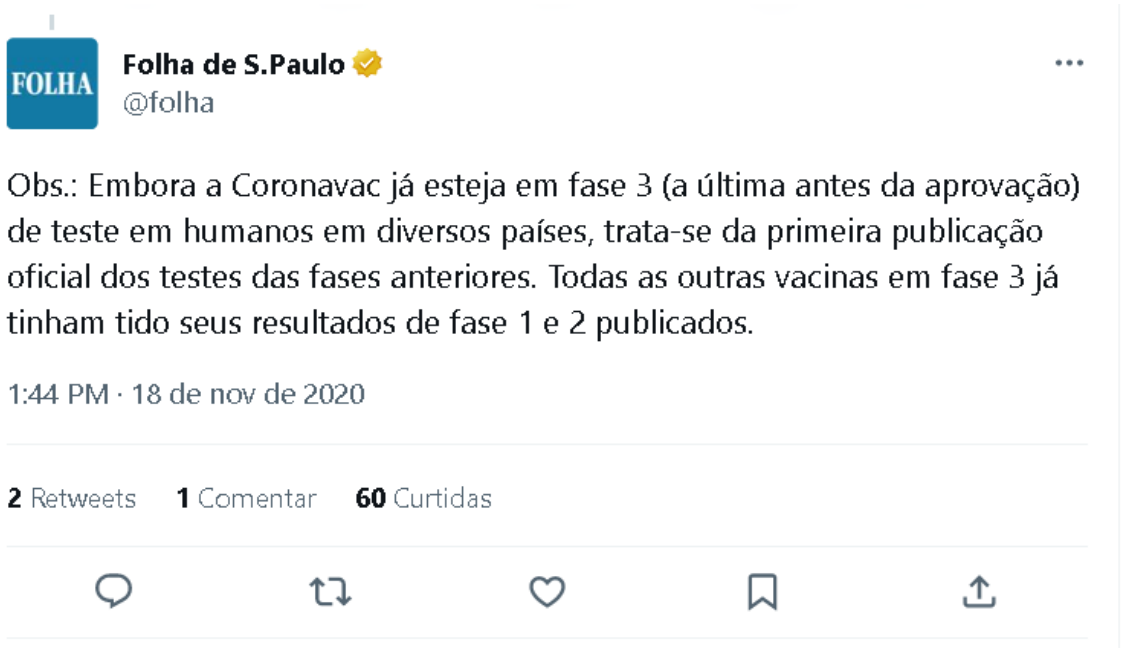
Os pesquisadores relatam no artigo que anticorpos neutralizantes do vírus foram encontrados em 99% dos pacientes de todas as idades em 28 dias após a dose de reforço. Os anticorpos neutralizantes conseguem se ligar à coroa em forma de espinhos que reveste o vírus e impede que ele se ligue e inicie a infecção nas células humanas.

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Além disso, observamos que o jornal escolheu por não levar certas informações do *lead* para o destacamento (como os nomes de entidades responsáveis por desenvolver a vacina), mas optou por destacar a informação presente no 5º parágrafo que discorre sobre a taxa de sucesso de 99%. Essa decisão pode ter se baseado em detextualizar os dados que mais causariam impacto nos leitores, os fariam clicar no link para consumir a notícia, e também que iriam expressar as informações “mais relevantes” de uma única vez.

Por fim, citamos o caso do tuíte de número 6 (Figura 56) que não apresenta o destacamento de um trecho do *lead*, ou do *lead* acrescido de outro trecho, mas da documentação. Esse tuíte é diferente de todas os outros desta *thread*, apesar de ter sido destacado de um texto-fonte, não apresenta link que transporte para esse e, ao contrário dos outros tuítes que começam com a data do acontecimento narrado, esse apresenta o termo “Obs.” e traz informações complementares ao enunciado anterior.

Figura 56 - 6º Tuíte da 4ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Encontramos certa similaridade entre o tuíte 6 (Figura 56) e o tuíte 3 (Figura 50), em ambos os casos a Folha de S. Paulo trata sobre vacinas desenvolvidas em países asiáticos (China e Rússia) e, nos dois enunciados, o jornal impõe certa desconfiança a respeito dos resultados obtidos na eficácia das vacinas. No caso do tuíte 6, é criado um novo enunciado, diferente de todos os outros da *thread*, para informar que a pesquisa (na terceira fase) não teve seus resultados anteriores publicados em revistas científicas, ao mesmo tempo, o uso do termo "Obs." também é responsável por criar efeitos de sentido como se a pesquisa científica tivesse sido publicada, mas houvessem "observações", "poréns", "contradições" que deveriam vir à tona e serem conhecidos pelos leitores.

O tuíte 3 (Figura 50), por sua vez, preocupa-se em ressaltar que o governo russo anunciou a eficácia de sua vacina poucas horas depois da divulgação da Pfizer, o que induz o leitor à conclusão de que a Rússia estaria "correndo" para alcançar resultados obtidos no ocidente e nos lembra de matérias apresentadas em análises anteriores que acusavam esse país de colocar "o prestígio antes da ciência". Nesse sentido, vale relembrar que a vacina Oxford, desenvolvida por pesquisadores ingleses, havia divulgado os seus primeiros resultados no dia 20 de julho e depois só informou novos dados sobre sua pesquisa no dia 20 de novembro, ou seja, um dia depois da Pfizer compartilhar seus resultados finais. No entanto, mesmo que em um cenário parecido com a vacina russa, a Folha de S. Paulo não categorizou a pesquisa britânica como "apressada", "corrida" etc.

O fato de não existir nenhum questionamento por parte da Folha de S. Paulo sobre as vacinas criadas por potências ocidentais demonstra certa ênfase recorrente em pôr em dúvida as pesquisas orientais. Soma-se isso ao fato de essa *thread* se propor a atualizar o leitor sobre os desenvolvimentos de diversas vacinas mas em momento algum apresentar dados sobre os resultados da vacina indiana para o covid19 (Covaxin), que no dia 19 de novembro, data de conclusão da *thread*, foi um dos imunizantes que teve representantes convidados para uma reunião com o Governo Federal, além de estar com a compra de unidades sendo cogitada pelo Ministério da Saúde à época.

Retomando o conceito de memória discursiva, lembramos o fato que "toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta – faz circular – formulações anteriores" (COURTINE, 2009, p. 104), sendo assim, a Folha de S. Paulo, ao estabelecer questionamentos sobre a eficácia de vacinas asiáticas, faz movimentar o pré-construído de uma certa soberania do ocidente frente ao oriente, além de colocar a própria pesquisa científica ocidental como mais prestigiada. Em resumo, os resultados encontrados nesta análise, assim como no capítulo 8.2, demonstram um plano de fundo de "Guerra Fria" entre ocidente e oriente, antes mesmo do começo do conflito na Ucrânia.

Passando para as aforizações que foram encontradas no jornal impresso, ao organizar uma tabela com os dados encontrados nessa mídia, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 8 - Destacamentos nos textos impressos correspondentes a quarta *thread*

Texto-fonte	Enquadre do enunciado destacamento	Característica do enunciado
Imunizante da Pfizer tem 90% de eficácia em análise preliminar	Informacional	Manchete
Rússia afirma que Sputnik V também têm 90% de eficácia	Não há	Não há destacamento
Análise preliminar aponta que vacina Moderna é 95% eficaz	Informacional	Manchete
Coronavac produz anticorpos em 97% dos participantes, mostra estudo	Informacional	Manchete
Pfizer anuncia que vacina é segura e 95% eficaz	Informacional	Manchete
Pfizer anuncia que vacina é segura e 95% eficaz	Informacional Testemunhal Sentencioso	Fala da fonte em olho
Testes iniciais da vacina de Oxford têm resultados positivos, diz	Informacional	Manchete

estudo		
Vacina de Oxford produz anticorpos em adultos de todas as idades, diz estudo	Informacional	Manchete

Fonte: Elaborada pelo autor

Como é possível verificar na tabela, apenas uma das matérias impressas recrutadas para o *corpus* não teve destacamento na forma de manchete: aquela que trata sobre o desenvolvimento da vacina russa. Em outras palavras, a ampla maioria dos textos que apresentam os resultados dos testes de vacinas recebeu uma grande ênfase no jornal, sendo alvo de destacamentos na capa, no entanto, a vacina Sputnik V não obteve esse tratamento, talvez devido a todos os fatores de desconfiança com a pesquisa oriental que foram citados anteriormente.

Vale relembrar que na organização estabelecida na versão impressa da Folha de S. Paulo o caderno de "Saúde" figura após os textos de opinião, o caderno de política (nomeado "Poder"), as notícias internacionais (nomeadas de "Mundo") e, por vezes, após as notícias referentes ao agronegócio. Nesse sentido, se partirmos do ponto de que o design, a organização e a paginação de um jornal são decisões conscientes e técnicas tomadas pelos integrantes e pela diretoria da empresa, e de que:

> O design é, portanto, um dos componentes da enunciação jornalística, não só como um elemento de persuasão ou sedução do leitor mas também como constituinte com potencial informativo, que antecipa características de gêneros, organização temática, valor-notícia, e influi na construção do jornal como dispositivo de enunciação (FREIRE, 2009, p. 292).

Reconhecemos que a ordem em que a Folha de S. Paulo dispõem seus cadernos revela uma certa hierarquia, demonstrando que, na visão dos diretores deste jornal, as notícias de "Saúde" são "menos importantes" que todos os assuntos citados anteriormente. Portanto, o destacamento em forma de manchete na capa de quase todos os textos do caderno de "Saúde" que tratam sobre os resultados de testes de vacinas demonstra um alto valor-notícia sobre esse tema, assim como um entendimento do jornal de que esses textos são de interesse geral da população.

Sabendo que nem todas as notícias podem figurar na capa e que deve haver uma certa seleção, "a técnica de produção industrial de notícias estabeleceu com este fim critérios de avaliação formal" (LAGE, 1981, p. 60) para escolher quais textos merecem mais destaque. Dentre os fatores usados por jornalistas para determinar qual texto deve ocupar a capa, Lage

cita “a proximidade, a atualidade, a identificação, a intensidade, o ineditismo, a oportunidade” (1981, p. 61). No caso dos resultados de testes de vacina, defendemos que, apesar dos textos do caderno de “Saúde” não se encontrarem no topo da hierarquia do jornal, esses foram veiculados na forma de manchetes por esse acontecimento ser considerado útil e identificável para toda população, além de inédito e atual. No entanto, a Folha de S. Paulo pode não ter acreditado que a vacina russa cumpria tais requisitos.

Em todos os casos de destacamento, as aforizações podem ser classificadas como participantes do enquadramento informacional. Por mais que em algumas ocorrências haja a explicitação de que a informação foi proferida por uma fonte (Figura 57, 58 e 59), no caso a entidade farmacêutica desenvolvedora da vacina, reconhecemos que essas fontes são entidades credibilizadas que apresentam resultados e que “ao enquadre informacional se associa o especialista” (MAINGUENEAU, 2014, p. 128), e não testemunhas expressando suas visões. Além disso, de acordo com o contexto jornalístico que é mais evidente devido à construção cenográfica e o fortalecimento das cenas genéricas e englobantes do jornal impresso, os leitores são levados a usar o enquadre informacional para apreender as aforizações.

Figura 57 - Manchete principal “Vacina para Covid, anuncia farmacêutica, é 90% eficaz”



FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 100 ★ Nº 33.459 TERÇA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 2020 R$ 5,00

Presidente do Peru é destituído pelo Congresso

O Congresso do Peru decidiu ontem destituir o presidente Martín Vizcarra, após declará-lo com "incapacidade moral" de continuar no posto. O chefe do Legislativo, Manuel Merino, deve ficar na Presidência até julho — em abril de 2021 há eleições. Acusado de corrupção, Vizcarra escapara de processo semelhante de impeachment há dois meses. Mundo A19

Saúde B4
Projeto sequenciará genoma de 3.500 pacientes com doenças raras

Esporte B7
Após goleadas, Flamengo demite Domènec Torrent e mira Rogério Ceni

Ilustrada B8
Em sua 1ª mostra no país, Kader Attia enche Sesc Pompeia de corpos mutilados

Vacina para Covid, anuncia farmacêutica, é 90% eficaz

Pfizer já busca autorização dos EUA para uso emergencial até o fim deste mês

A vacina contra Covid-19 da farmacêutica norte-americana Pfizer em parceria com a alemã BioNTech apresentou mais de 90% de eficácia em estudo preliminar dos testes de fase 3. Os resultados não correspondem à conclusão do ensaio clínico, mas à análise interina.

Com 94 casos da doença confirmados em um universo de mais de 43 mil participantes, um comitê externo constatou a eficácia preliminar da imunização, sem efeitos adversos sérios. A vacina utiliza material genético do vírus para induzir uma resposta imune no organismo.

Essa tecnologia obriga armazenagem em ultracongeladores (-70°C), o que complicaria a logística de uma eventual campanha no Brasil. O país participa dos testes, mas o governo federal não tem acordo com a Pfizer — a empresa diz negociar com diferentes estados.

A farmacêutica já busca autorização para uso emergencial de seu produto nos EUA até o fim deste mês.

Horas depois do anúncio, que provocou euforia nos mercados financeiros pelo mundo, a Rússia divulgou que sua Sputnik V também tem 90% de eficácia. Saúde B1

Fonte: Edição de 10 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 58 - Manchete na lateral esquerda “Moderna afirma que eficácia de sua vacina é de quase 95%”



Moderna afirma que eficácia de sua vacina é de quase 95%

A empresa de biotecnologia norte-americana Moderna anunciou que a sua candidata à vacina contra a Covid-19, desenvolvida em parceria com o governo dos Estados Unidos, apresentou eficácia de 94,5% em uma análise interina dos dados.

Se confirmadas essas descobertas, o imunizante da Moderna, assim como o da farmacêutica Pfizer, com eficácia de mais de 90% divulgada na última semana, podem ser os primeiros a impedir a infecção pelo novo coronavírus. **Saúde B2**

Em livro, Obama fala do pânico com o 1º líder negro

"Uma Terra Prometida", novo livro de Barack Obama, mostra que o populismo de direita começou a tomar conta do Partido Republicano com sua eleição, como se um negro na Casa Branca tivesse gerado um pânico. **Mundo A24 e A25**

Congresso escolhe 4º presidente do Peru desde 2016

O Congresso peruano elegeu seu novo líder, Francisco Sagasti, 76, do partido Morado, de centro. O país deve acumular, assim, quatro presidentes em um mandato, já que Sagasti prestará juramento hoje como interino. **Mundo A26**

Internação em alta expõe risco de festas de fim de ano

A alta de internações por Covid nos hospitais públicos e privados de São Paulo acendeu o alerta das autoridades de saúde para as festas de fim de ano.

Para especialistas, há um relaxamento entre adultos jovens, que têm ido a mais confraternizações, no momento em que leitos públicos destinados à doença são desativados. **Saúde B1**

Só 16% de docentes dizem ter internet rápida nas escolas

Cotidiano B4

Pandemia no Brasil

Brasil	Casos	Óbitos
Total	5,9 mi	166,1 mil
Ontem*	28,7 mil	490
Variação**	41,7%	21,6%

Estágio: Estável

Estágios da pandemia: Acelerado, Estável, Desacelerado, Reduzido

Estados com mais óbitos

		Total
1º	SP	40,6 mil
2º	RJ	21,3 mil
3º	MG	9,5 mil

Dados das 20h de 16.out
*Média móvel de 7 dias
**Em relação a 14 dias

Fonte: Edição de 17 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 59 - Manchete principal "Pfizer conclui testes e diz que vacina é 95% eficaz"



FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

FOLHA100: FALTAM 92 DIAS | QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2020 | ANO 100 ★ Nº 33.468 ★ R$ 5,00

ENTREVISTA

Bruno Covas

Boulos tomou espaço do PT por falta de renovação

Em busca do antipetismo perdido, Bruno Covas (PSDB) declara que o seu rival na disputa pela Prefeitura de São Paulo, Guilherme Boulos (PSOL), tem a mesma raiz que a do partido do ex-presidente Lula e é inexperiente.

O prefeito também diz que tirou selfie com Jair Bolsonaro porque é educado e que João Doria (PSDB) está ocupado governando. Nega, ainda, estelionato com a pandemia. **Poder A7**

Os candidatos Bruno Covas e Guilherme Boulos fazem campanha em São Paulo

Pfizer conclui testes e diz que vacina é 95% eficaz

Brasil não tem infraestrutura para receber produto, prometido para o início de 2021

A Pfizer anunciou ontem que a sua vacina contra a Covid-19, elaborada em parceria com a alemã BioNTech, é segura e tem 95% de eficácia. Os resultados são da terceira e última fase de testes.

Nova York suspende aulas presenciais após contágio quintuplicar na cidade A13

A empresa já havia divulgado no dia 9, com base em dados preliminares, uma eficiência de 90%. O imunizante previne formas leves e graves da doença, segundo a farmacêutica americana.

Imunizantes devem funcionar, mas produção imediata é desafio B2

A segurança também ficou comprovada. Houve fadiga em 3,8% dos voluntários e dor de cabeça em 2% após a segunda dose. Aprovação de emergência do produto nos EUA é o próximo passo.

Mundo registra recorde com 11.099 mortes em um único dia por Covid-19 B3

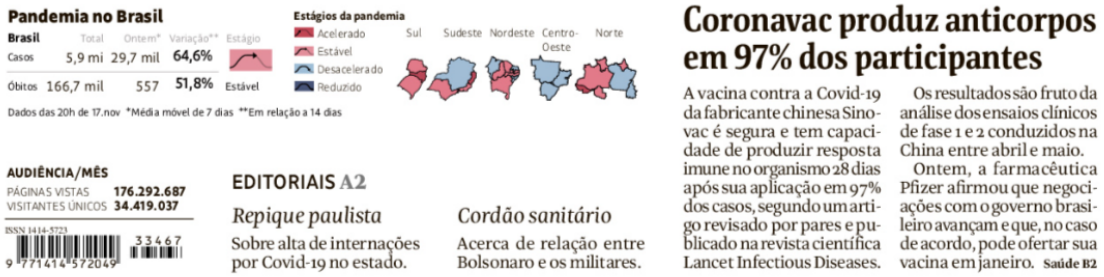
A vacina pode chegar ao Brasil no primeiro trimestre de 2021, mas o país não tem ultracongeladores (-70°C) para armazenagem e distribuição e conta com infraestrutura desigual. **Saúde B1**

Imunidade ao coronavírus pode durar anos ou até décadas, sugere estudo B3

Fonte: Edição de 19 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Existem também casos em que a aforização não aponta uma entidade por trás da informação (Figura 60 e 61), portanto, não são usados verbos como "indica" ou "afirma", mas apenas são exibidos os dados de resultados das vacinas.

Figura 60 - Manchete na lateral direita inferior da capa "Coronavac produz anticorpos em 97% dos participantes"



Pandemia no Brasil

Brasil	Total	Ontem*	Variação**	Estágio
Casos	5,9 mi	29,7 mil	64,6%	
Óbitos	166,7 mil	557	51,8%	Estável

Dados das 20h de 17.nov *Média móvel de 7 dias **Em relação a 14 dias

Estágios da pandemia: Acelerado, Estável, Desacelerado, Reduzido

Sul, Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste, Norte

AUDIÊNCIA/MÊS
PÁGINAS VISTAS 176.292.687
VISITANTES ÚNICOS 34.419.037

ISSN 1414-5723 33467

EDITORIAIS A2

Repique paulista
Sobre alta de internações por Covid-19 no estado.

Cordão sanitário
Acerca de relação entre Bolsonaro e os militares.

Coronavac produz anticorpos em 97% dos participantes

A vacina contra a Covid-19 da fabricante chinesa Sinovac é segura e tem capacidade de produzir resposta imune no organismo 28 dias após sua aplicação em 97% dos casos, segundo um artigo revisado por pares e publicado na revista científica Lancet Infectious Diseases.

Os resultados são fruto da análise dos ensaios clínicos de fase 1 e 2 conduzidos na China entre abril e maio.

Ontem, a farmacêutica Pfizer afirmou que negociações com o governo brasileiro avançam e que, no caso de acordo, pode ofertar sua vacina em janeiro. Saúde B2

Fonte: Edição de 18 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 61 - Manchete “Testes da vacina de Oxford obtêm resultados positivos”



Pandemia no Brasil

Brasil	Casos	Óbitos
Total	2,1 mi	80,3 mil
Ontem*	33,4 mil	1.047
Variação**	-8,6%	2,2%
Estágio		Acelerado

Estágios da pandemia: Acelerado, Estável, Desacelerado, Reduzido

Situação nos municípios
Acelerados
Brasília (DF)
Curitiba (PR)
Belo Horizonte (MG)

Testes da vacina de Oxford obtêm resultados positivos

Produto é seguro e produziu resposta imune em experimento com 1.077 pessoas

A vacina experimental contra o novo coronavírus feita em parceria pela Universidade de Oxford e o laboratório AstraZeneca é segura e produziu resposta imune em voluntários saudáveis que participaram de ensaios clínicos iniciais, segundo artigo publicado ontem.

Ela não causou efeitos adversos graves e provocou respostas imunes de anticorpos e das células T. "Esperamos que isso signifique que o sistema imune se lembrará do vírus e que a vacina consiga proteger as pessoas por um longo período", disse Andrew Pollard, de Oxford.

"No entanto, precisamos de mais pesquisas antes de confirmar que é eficaz em proteger contra o coronavírus e por quanto tempo a proteção vai durar." O produto é um dos mais avançados na corrida contra a doença e já está em fase 3, a última antes da comercialização.

No fim de junho, o Ministério da Saúde assinou carta-compromisso com a empresa e a universidade para que a vacina, viabilizada, seja feita na Fiocruz. Saúde B1

São Paulo começa hoje a testar imunização de laboratório chinês Saúde B1

A partir dos 10, criança espalha vírus como adulto

PMs de unidades mais letais não terão câmeras

Após propor redução, governo negocia mais

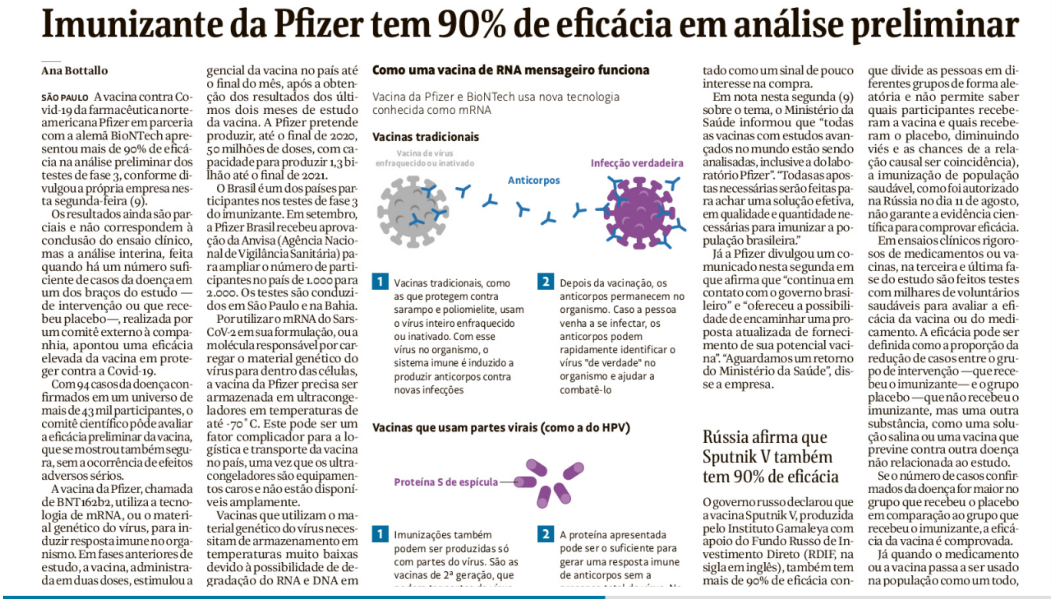
Fonte: Edição de 21 de julho de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Nesses últimos dois casos (Figura 60 e 61) as aforizações “Coronavac produz anticorpos em 97% dos participantes” e “Testes da vacina de Oxford obtêm resultados positivos” estão localizadas no rodapé da primeira página do jornal e se encontram junto de infográficos, mapas e outros módulos que complementam a leitura com mais informações sobre a pandemia. Retornamos aqui para a defesa do que foi pontuado anteriormente: a existência de uma textualização modular fora do ambiente digital e de sinais da sintaxe do destacamento que se apresentam no texto impresso. Sobre esse tema, Maingueneau já havia escrito que “a imprensa escrita cultiva assim ‘a hiperestrutura’, que justapõe esses módulos” (2014, p. 86), demonstrando que a fragmentação dos textos e a priorização por destacamentos ocorre também na mídia impressa.

Nesta análise, ainda apontamos como a única matéria que não recebeu destaque na capa do jornal, o texto “Rússia afirma que Sputnik V também tem 90% de eficácia” (Figura 62), teve a sua diagramação unificada com a matéria “Imunizante da Pfizer tem 90% de

eficácia em análise preliminar", figurando no mesmo espaço com um título em tamanho menor.

Figura 62 - Texto-fonte "Imunizante da Pfizer tem 90% de eficácia em análise preliminar" diagramado junto da matéria "Rússia afirma que Sputnik V também tem 90% de eficácia"



Imunizante da Pfizer tem 90% de eficácia em análise preliminar

Ana Bottallo

SÃO PAULO A vacina contra Covid-19 da farmacêutica norte-americana Pfizer em parceria com a alemã BioNTech apresentou mais de 90% de eficácia na análise preliminar dos testes de fase 3, conforme divulgou a própria empresa nesta segunda-feira (9).

Os resultados ainda são parciais e não correspondem à conclusão do ensaio clínico, mas a análise interina, feita quando há um número suficiente de casos da doença em um dos braços do estudo — de intervenção ou que recebeu placebo —, realizada por um comitê externo à companhia, apontou uma eficácia elevada da vacina em proteger contra a Covid-19.

Com 94 casos da doença confirmados em um universo de mais de 43 mil participantes, o comitê científico pôde avaliar a eficácia preliminar da vacina, que se mostrou também segura, sem a ocorrência de efeitos adversos sérios.

A vacina da Pfizer, chamada de BNT162b2, utiliza a tecnologia de mRNA, ou o material genético do vírus, para induzir resposta imune no organismo. Em fases anteriores de estudo, a vacina, administrada em duas doses, estimulou a gencial da vacina no país até o final do mês, após a obtenção dos resultados dos últimos dois meses de estudo da vacina. A Pfizer pretende produzir, até o final de 2020, 50 milhões de doses, com capacidade para produzir 1,3 bilhão até o final de 2021.

O Brasil é um dos países participantes nos testes de fase 3 do imunizante. Em setembro, a Pfizer Brasil recebeu aprovação da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para ampliar o número de participantes no país de 1.000 para 2.000. Os testes são conduzidos em São Paulo e na Bahia.

Por utilizar o mRNA do Sars-CoV-2 em sua formulação, ou a molécula responsável por carregar o material genético do vírus para dentro das células, a vacina da Pfizer precisa ser armazenada em ultracongeladores em temperaturas de até -70° C. Este pode ser um fator complicador para a logística e transporte da vacina no país, uma vez que os ultracongeladores são equipamentos caros e não estão disponíveis amplamente.

Vacinas que utilizam o material genético do vírus necessitam de armazenamento em temperaturas muito baixas devido à possibilidade de degradação do RNA e DNA em

Como uma vacina de RNA mensageiro funciona

Vacina da Pfizer e BioNTech usa nova tecnologia conhecida como mRNA

Vacinas tradicionais

1 Vacinas tradicionais, como as que protegem contra sarampo e poliomielite, usam o vírus inteiro enfraquecido ou inativado. Com esse vírus no organismo, o sistema imune é induzido a produzir anticorpos contra novas infecções

2 Depois da vacinação, os anticorpos permanecem no organismo. Caso a pessoa venha a se infectar, os anticorpos podem rapidamente identificar o vírus "de verdade" no organismo e ajudar a combatê-lo

Vacinas que usam partes virais (como a do HPV)

1 Imunizações também podem ser produzidas só com partes do vírus. São as vacinas de 2ª geração, que

2 A proteína apresentada pode ser o suficiente para gerar uma resposta imune de anticorpos sem a

tado como um sinal de pouco interesse na compra.

Em nota nesta segunda (9) sobre o tema, o Ministério da Saúde informou que "todas as vacinas com estudos avançados no mundo estão sendo analisadas, inclusive a do laboratório Pfizer". "Todas as apostas necessárias serão feitas para achar uma solução efetiva, em qualidade e quantidade necessárias para imunizar a população brasileira."

Já a Pfizer divulgou um comunicado nesta segunda em que afirma que "continua em contato com o governo brasileiro" e "ofereceu a possibilidade de encaminhar uma proposta atualizada de fornecimento de sua potencial vacina". "Aguardamos um retorno do Ministério da Saúde", disse a empresa.

Rússia afirma que Sputnik V também tem 90% de eficácia

O governo russo declarou que a vacina Sputnik V, produzida pelo Instituto Gamaleya com apoio do Fundo Russo de Investimento Direto (RDIF, na sigla em inglês), também tem mais de 90% de eficácia con-

que divide as pessoas em diferentes grupos de forma aleatória e não permite saber quais participantes receberam a vacina e quais receberam o placebo, diminuindo viés e as chances de a relação causal ser coincidência), a imunização de população saudável, como foi autorizado na Rússia no dia 11 de agosto, não garante a evidência científica para comprovar eficácia.

Em ensaios clínicos rigorosos de medicamentos ou vacinas, na terceira e última fase do estudo são feitos testes com milhares de voluntários saudáveis para avaliar a eficácia da vacina ou do medicamento. A eficácia pode ser definida como a proporção da redução de casos entre o grupo de intervenção — que recebeu o imunizante — e o grupo placebo — que não recebeu o imunizante, mas uma outra substância, como uma solução salina ou uma vacina que previne contra outra doença não relacionada ao estudo.

Se o número de casos confirmados da doença for maior no grupo que recebeu o placebo em comparação ao grupo que recebeu o imunizante, a eficácia da vacina é comprovada.

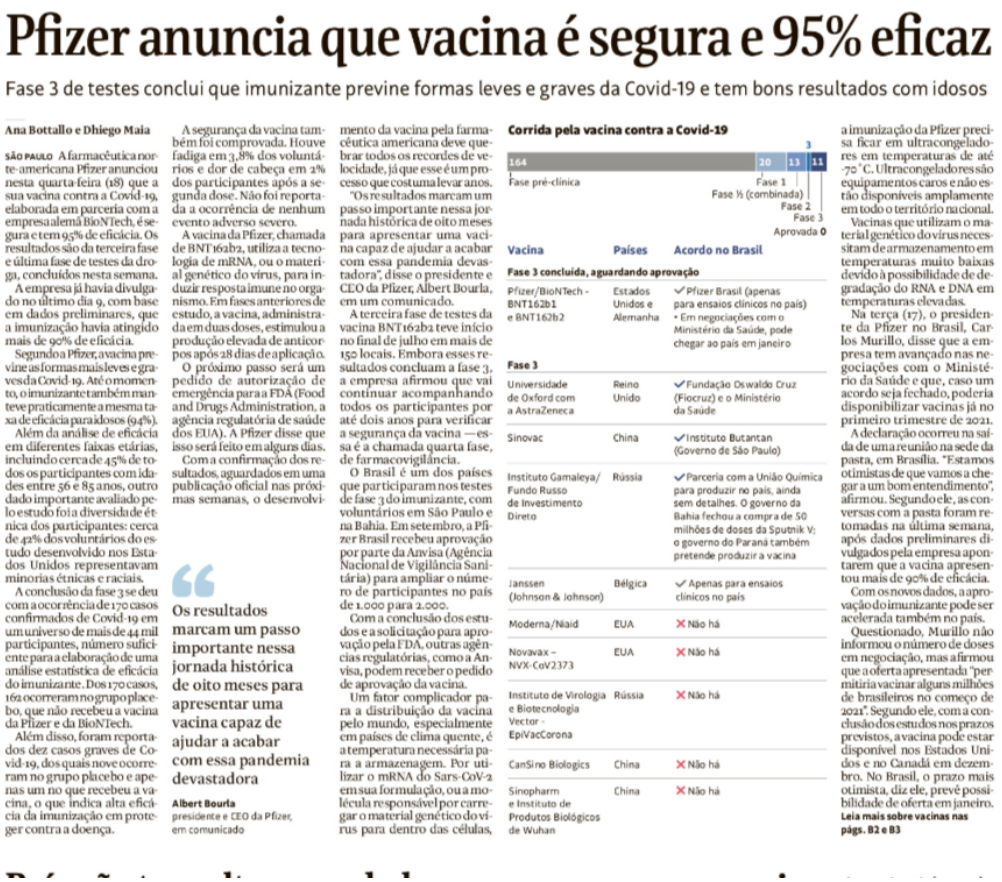
Já quando o medicamento ou a vacina passa a ser usado na população como um todo,

Fonte: Edição de 10 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Defendemos que todas essas escolhas (o tamanho menor do título, a diagramação unificada, o uso da palavra "também" no título, a opção em não destacar o texto na capa) são decisões que atribuem sentido para a matéria. Sendo assim, o impresso reafirma a conclusão obtida após a análise da *thread*, na qual a Folha de S. Paulo impõe desconfiança aos imunizantes de procedência oriental.

Por fim, dentre todas as notícias publicados no impresso que foram recrutadas para esta análise, existe um caso em que o destacamento também ocorreu na forma de olho, essa ocorrência se deu no texto nomeado "Pfizer anuncia que vacina é segura e 95% eficaz", o trecho que foi destacado é um recorte da fala de Albert Bourla, presidente e CEO da Pfizer (Figura 63).

Figura 63 - Destacamento na forma de olho na matéria "Pfizer anuncia que vacina é segura e 95% eficaz"



Pfizer anuncia que vacina é segura e 95% eficaz

Fase 3 de testes conclui que imunizante previne formas leves e graves da Covid-19 e tem bons resultados com idosos

Ana Bottallo e Dhiego Maia

SÃO PAULO A farmacêutica norte-americana Pfizer anunciou nesta quarta-feira (18) que a sua vacina contra a Covid-19, elaborada em parceria com a empresa alemã BioNTech, é segura e tem 95% de eficácia. Os resultados são da terceira fase e última fase de testes da droga, concluídos nesta semana.

A empresa já havia divulgado no último dia 9, com base em dados preliminares, que a imunização havia atingido mais de 90% de eficácia.

Segundo a Pfizer, a vacina previne as formas mais leves e graves da Covid-19. Até o momento, o imunizante também manteve praticamente a mesma taxa de eficácia para idosos (94%).

Além da análise de eficácia em diferentes faixas etárias, incluindo cerca de 43% de todos os participantes com idades entre 56 e 85 anos, outro dado importante avaliado pelo estudo foi a diversidade de étnica dos participantes: cerca de 42% dos voluntários do estudo desenvolvido nos Estados Unidos representavam minorias étnicas e raciais.

A conclusão da fase 3 se deu com a ocorrência de 170 casos confirmados de Covid-19 em um universo de mais de 44 mil participantes, número suficiente para a elaboração de uma análise estatística de eficácia do imunizante. Dos 170 casos, 162 ocorreram no grupo placebo, que não recebeu a vacina da Pfizer e da BioNTech.

Além disso, foram reportados dez casos graves de Covid-19, dos quais nove ocorreram no grupo placebo e apenas um no que recebeu a vacina, o que indica alta eficácia da imunização em proteger contra a doença.

A segurança da vacina também foi comprovada. Houve fadiga em 3,8% dos voluntários e dor de cabeça em 2% dos participantes após a segunda dose. Não foi reportada a ocorrência de nenhum evento adverso severo.

A vacina da Pfizer, chamada de BNT162b2, utiliza a tecnologia de mRNA, ou o material genético do vírus, para induzir resposta imune no organismo. Em fases anteriores de estudo, a vacina, administrada em duas doses, estimulou a produção elevada de anticorpos após 28 dias de aplicação.

O próximo passo será um pedido de autorização de emergência para a FDA (Food and Drugs Administration, a agência regulatória de saúde dos EUA). A Pfizer disse que isso será feito em alguns dias.

Com a confirmação dos resultados, aguardados em uma publicação oficial nas próximas semanas, o desenvolvimento da vacina pela farmacêutica americana deve quebrar todos os recordes de velocidade, já que esse é um processo que costuma levar anos.

> Os resultados marcam um passo importante nessa jornada histórica de oito meses para apresentar uma vacina capaz de ajudar a acabar com essa pandemia devastadora
>
> **Albert Bourla**
> presidente e CEO da Pfizer, em comunicado

"Os resultados marcam um passo importante nessa jornada histórica de oito meses para apresentar uma vacina capaz de ajudar a acabar com essa pandemia devastadora", disse o presidente e CEO da Pfizer, Albert Bourla, em um comunicado.

A terceira fase de testes da vacina BNT162b2 teve início no final de julho em mais de 150 locais. Embora esses resultados concluam a fase 3, a empresa afirmou que vai continuar acompanhando todos os participantes por até dois anos para verificar a segurança da vacina — essa é a chamada quarta fase, de farmacovigilância.

O Brasil é um dos países que participaram nos testes de fase 3 do imunizante, com voluntários em São Paulo e na Bahia. Em setembro, a Pfizer Brasil recebeu aprovação por parte da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para ampliar o número de participantes no país de 1.000 para 2.000.

Com a conclusão dos estudos e a solicitação para aprovação pela FDA, outras agências regulatórias, como a Anvisa, podem receber o pedido de aprovação da vacina.

Um fator complicador para a distribuição da vacina pelo mundo, especialmente em países de clima quente, é a temperatura necessária para a armazenagem. Por utilizar o mRNA do Sars-CoV-2 em sua formulação, ou a molécula responsável por carregar o material genético do vírus para dentro das células, a imunização da Pfizer precisa ficar em ultracongeladores em temperaturas de até -70 °C. Ultracongeladores são equipamentos caros e não estão disponíveis amplamente em todo o território nacional.

Vacinas que utilizam o material genético do vírus necessitam de armazenamento em temperaturas muito baixas devido à possibilidade de degradação do RNA e DNA em temperaturas elevadas.

Na terça (17), o presidente da Pfizer no Brasil, Carlos Murillo, disse que a empresa tem avançado nas negociações com o Ministério da Saúde e que, caso um acordo seja fechado, poderia disponibilizar vacinas já no primeiro trimestre de 2021.

A declaração ocorreu na saída de uma reunião na sede da pasta, em Brasília. "Estamos otimistas de que vamos a chegar a um bom entendimento", afirmou. Segundo ele, as conversas com a pasta foram retomadas na última semana, após dados preliminares divulgados pela empresa apontarem que a vacina apresentou mais de 90% de eficácia.

Com os novos dados, a aprovação do imunizante pode ser acelerada também no país.

Questionado, Murillo não informou o número de doses em negociação, mas afirmou que a oferta apresentada "permitiria vacinar alguns milhões de brasileiros no começo de 2021". Segundo ele, com a conclusão dos estudos nos prazos previstos, a vacina pode estar disponível nos Estados Unidos e no Canadá em dezembro. No Brasil, o prazo mais otimista, diz ele, prevê possibilidade de oferta em janeiro.

Leia mais sobre vacinas nas págs. B2 e B3

Corrida pela vacina contra a Covid-19

Vacina	Países	Acordo no Brasil
Fase 3 concluída, aguardando aprovação		
Pfizer/BioNTech - BNT162b1 e BNT162b2	Estados Unidos e Alemanha	✓Pfizer Brasil (apenas para ensaios clínicos no país) • Em negociações com o Ministério da Saúde, pode chegar ao país em janeiro
Fase 3		
Universidade de Oxford com a AstraZeneca	Reino Unido	✓Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Ministério da Saúde
Sinovac	China	✓Instituto Butantan (Governo de São Paulo)
Instituto Gamaleya/ Fundo Russo de Investimento Direto	Rússia	✓Parceria com a União Química para produzir no país, ainda sem detalhes. O governo da Bahia fechou a compra de 50 milhões de doses da Sputnik V; o governo do Paraná também pretende produzir a vacina
Janssen (Johnson & Johnson)	Bélgica	✓ Apenas para ensaios clínicos no país
Moderna/Niaid	EUA	✕ Não há
Novavax – NVX-CoV2373	EUA	✕ Não há
Instituto de Virologia e Biotecnologia Vector - EpiVacCorona	Rússia	✕ Não há
CanSino Biologics	China	✕ Não há
Sinopharm e Instituto de Produtos Biológicos de Wuhan	China	✕ Não há

Fonte: Edição de 19 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

O comunicado do empresário, de fato, possui certa dimensão informacional, pois trata sobre o desenvolvimento da vacina, no entanto, o personagem se preocupa mais em deixar evidentes as suas convicções e demonstrar a importância histórica da pesquisa que está conduzindo, sendo assim, optamos por classificar a aforização como pertencente aos enquadres informacional e testemunhal sentencioso, aquele que faz asserções sobre valores para a comunidade, uma vez que os leitores devem entender essa aforização como ligada a um indivíduo específico, devido o uso de sinal de aspas em tamanho menor e por o nome do personagem figurar abaixo do olho. Afirmamos também, que o destacamento ocorreu devido o entendimento de Albert como uma "testemunha", sendo assim, existe uma união entre "o enquadre informacional, cujo aforizador prototípico é um especialista habilitado a analisar o mundo, e o enquadre testemunhal, em que sujeitos fortemente envolvidos com os acontecimentos mobilizam valores através da expressão de convicções e emoções" (MAINGUENEAU, 2014, p. 123).

8.4.1 Resultados da análise

Os destaques presentes na *thread* recrutada para esta análise apresentam características próximas do que se espera de destaques que ocorrem no "jornalismo tradicional", ou seja, priorizaram a dimensão informativa do acontecimento e focaram em remover as informações que seriam "mais úteis" ou que "atraíram o leitor" do texto-fonte. Sendo assim, é possível afirmar que, no geral, as aforizações encontradas na *thread* possuem um caráter sintetizante que resume, ou pelo menos tenta resumir, o texto jornalístico a partir do qual se originou por completo e, por meio desta dinâmica, não incentivam o leitor ao clique, já que as principais informações estão disponíveis no Twitter.

A estrutura da *thread* que agrupa, contextualiza, cria uma linha do tempo e compartilha as principais informações sobre o desenvolvimento de vacinas faz esse enunciado jornalístico transmitir diversos dados sobre o assunto por conta própria e se apoiar nos textos-fonte apenas como garantidores de credibilidade ou fontes que proporcionam a oportunidade de leitura mais densa e profunda, não sendo necessário a consulta desses para entender os fatos que estão sendo narrados no tecnotexto. Esse fenômeno possui ligação direta com o conceito de sintaxe do destacamento, que prevê para os textos digitais essa rapidez na transmissão de informação, usando destaques como os únicos pontos de contato entre um leitor e o acontecimento jornalístico. Reconhecemos que, nesses casos, a deontologia do tipo discursivo jornalístico ainda representa papel crucial:

> Ainda que o conteúdo não seja lido na íntegra por todas as pessoas, o fazer jornalístico que respalda as listas é essencial para a constituição de sua credibilidade e serve de argumento para firmar o lugar essencial do jornalismo em contraponto à diversidade de informações sem "um nome fiador" que figura nos compartilhamentos em redes sociais. (MORAES, 2019, p. 115)

Ao mesmo tempo, também percebemos características da enunciação aforizante, conforme previstas por Maingueneau, nos destaques que estão presentes nessa *thread*. A alteração na estrutura dos enunciados quando removidos do texto-fonte presente no site e transportados para o Twitter demonstra um resumo e reorganização dos dados, revelando que os enunciados nas *threads*, embora talvez fruto de um processo inconsciente por parte do jornalismo, são mais adaptados à lógica da enunciação aforizante:

> A aforização, vem, portanto, minar a compacidade da textualização. Ela faz aparecer a existência de um outro regime enunciativo, em que há sujeitos em pleno direito e não somente locutores e enunciadores, a expressão de uma interioridade e não

> somente uma negociação no interior de uma rede de normas e de interações situadas (MAINGUENEAU, 2010, p. 24)

As características da enunciação aforizante estão presentes, também, no modo como os destacamentos da *thread* atuam, selecionando trechos do *lead* e os unindo-os a dados presentes em outros parágrafos, como o intuito de tornar a aforização mais completa em informações. Em alguns casos de destacamento, percebemos que até mesmo o *lead*, que deveria ser um resumo dos principais pontos da notícia, foi resumido ainda mais, por exemplo, com a supressão dos nomes das entidades responsáveis por desenvolver as vacinas. Dessa forma, podemos afirmar que o texto propício para internet, e para os caçadores de informação, deve ser ainda mais sucinto que o próprio *lead*, e que em um destacamento direcionado para o Twitter, até mesmo o primeiro parágrafo de uma notícia, que deveria ter apenas as informações mais importantes, deve ser simplificado.

Por fim, apontamos que, como prevê Maingueneau, o regime de enunciação textualizante se apresenta como heterogêneo, integrando em um texto diversos planos e estruturas; no caso do jornalismo, o título, o *lead*, a linha fina, falas de entrevistados, a documentação e outras estruturas que formam uma unidade. Por isso, nos textos-fontes encontrados no site da Folha de S. Paulo existem informações que são importantes para o entendimento da matéria e estão espalhadas em diferentes parágrafos, demonstrando que o texto todo forma uma unidade e que a sua leitura por completo é incentivada.

Por outro lado, a *thread*, que é formada por diversos enunciados que participam do regime de enunciação aforizante e por isso tendem a uma "homogeneização", conta com aforizações que, de uma única vez, recrutam para si dados presentes em diversos planos do texto jornalístico e assim constroem um texto "completo", ou que pelo menos se planeja assim. Esse fenômeno ocorre nos tuítes 7 e 10 que possuem, respectivamente, informações do *lead* e terceiro parágrafo e do *lead* e quinto parágrafo de seus textos-fontes. Em outras palavras, algumas das aforizações das *threads*, com o objetivo de se tornarem mais "completas", "homogêneas", e se adequarem melhor ao regime de enunciação aforizante, recrutam informações de diversos planos dos textos e os resumem em um único enunciado sintetizante que é detextualizado para o Twitter, onde poderá circular livre e ser direcionado para um auditório de pessoas com ideais compartilhados.

8.5 Thread "Vacinas contra Covid-19: Verdades e mentiras"

A última *thread* analisada nesta dissertação tem o título “Vacinas contra Covid-19: Verdades e mentiras” e foi publicada no dia 17 de dezembro. O tecnotexto destaca, principalmente, trechos da matéria “Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19” que conta com nove intertítulos, cada um deles com uma afirmação sobre as vacinas que é confirmada ou desmentida pelo jornal. Ao mesmo tempo, a *thread* também possui links e destacamentos de outros textos que podem complementar a leitura ou fornecer mais informações sobre o assunto.

A publicação, tanto da matéria que é a principal fonte dos destacamentos quanto da *thread*, pode ter sido motivada pelas múltiplas ofensivas do Governo Federal aos imunizantes e, principalmente, devido às declarações do então Ministro da Saúde Eduardo Pazuello no dia 16 de dezembro, em que o militar defende que não havia motivo para “ansiedade” por um plano de imunização.

A tabela organizada com os resultados da análise apresenta os seguintes dados:

Tabela 9 - Estrutura da quinta *thread*

Número do Tuíte	Título do texto-fonte	Enquadre do destacamento	Função/posição no texto-fonte
1 (Introdução)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
2	'Não acredito que vacina chinesa transmita segurança pela sua origem', diz Bolsonaro	Informacional Testemunhal personalizante	Título *Lead* 1º parágrafo
3	Bolsonaro pede que governo divulgue perigos de vacinas contra a Covid	Informacional	Título *Lead* 1º parágrafo
4	Bolsonaro pede que governo divulgue perigos de vacinas contra a Covid	Informacional Testemunhal personalizante	Documentação 2º parágrafo
5 (Explicação sobre bulas e chamado para o início da checagem)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
6	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Intertítulo Documentação 3º parágrafo
7	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra	Informacional	Documentação 4º parágrafo

	Covid-19		
8	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Documentação 4º parágrafo
9	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Intertítulo
10	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Documentação 5º parágrafo
11	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Intertítulo Documentação 8º parágrafo
12	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Documentação 8º parágrafo
13A	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Intertítulo
14A	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Documentação 11º parágrafo
13B (Complementação do tuíte anterior)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
14B	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Intertítulo
15B	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Documentação 12º parágrafo
16B	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Documentação 12º parágrafo
16C	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Intertítulo
17C	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Documentação 13º parágrafo
18C	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Intertítulo
19C	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Documentação 15º parágrafo

20C	Anvisa suspende teste de Coronavac após morte; governo de SP diz não haver relação	Informacional	*Lead* 1º parágrafo
21C	Ao responder sobre Coronavac, Bolsonaro afirma que ganhou de Dória	Informacional Testemunhal personalizante	*Lead* 1º parágrafo
22C (Complementação do tuíte anterior)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
23C (Complementação do tuíte anterior)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
24C	Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Informacional	Intertítulo Documentação 14º parágrafo
25C (Complementação do tuíte anterior)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
26C (Introdução de novo texto)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
27C	Governo federal quer que paciente se responsabilize por efeito de vacina, diz relator de MP	Informacional	Documentação 18, 19 e 20º parágrafos
28C	'Para que essa ansiedade?', pergunta Pazuello, o tranquilão	Informacional	Documentação 2º parágrafo
29C (Introdução de novo texto)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
30C	Pesquisa aponta aumento de ansiedade e tristeza em jovens na pandemia	Informacional	Documentação 2º e 5º parágrafos
31C	Pesquisa aponta aumento de ansiedade e tristeza em jovens na pandemia	Informacional	Documentação 2º e 5º parágrafos
32C	Pesquisa aponta aumento de ansiedade e tristeza em jovens na pandemia	Informacional	Documentação 5º parágrafo
33C (Recomendações de saúde)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
34C (Pedido de compartilhamento)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-

35C (Pedido de assinatura)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-
36C (Créditos de texto e foto)	Não retirado de nenhum texto-fonte	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor

O uso de letras acompanhando os números dos tuítes na tabela acima (por exemplo, tuíte 13A e 13B) ocorre porque nessa *thread* existem ramificações, encontramos aqui o fenômeno de deslinearização que, segundo Paveau, caracteriza "uma elaboração do fio do discurso na qual as matérias tecnológicas e linguageiras são co-constitutivas, e afetam a combinatória frástica criando um discurso compósito de dimensão relacional" (2021, p. 145). Sendo assim, ao clicar no tuíte 12, por exemplo, o leitor pode escolher continuar a leitura de um ou de outro "caminho" da *thread*.

No entanto, é provável que as ramificações ocorreram por descuido dos jornalistas e sem o planejamento dos enunciadores. Defendemos essa tese porque, ao invés de aproveitar os recursos que a deslinearização proporciona, como oferecer diferentes possibilidades de leitura de acordo com o interesse do leitor ou aprofundar dois diferentes temas ao mesmo tempo em diferentes planos, as subdivisões na *thread* não demonstram nenhuma lógica, não são sinalizadas para os leitores, não estabelecem separações por temas e, na realidade, causam confusão no processo de leitura, fazendo com que certas informações tenham seu acesso dificultado.

No que diz respeito aos tuítes, identificamos que o primeiro da *thread* (Figura 64) possui um título, introduz o tema e conta com um elemento icônico, o emoji apontando para baixo, que demonstra para o leitor a necessidade de continuar a leitura dos comentários para ter mais informações sobre o assunto. Vale ressaltar que estruturas parecidas também foram identificadas em outras *threads* jornalísticas estudadas nesta dissertação.

Figura 64 - 1º Tuíte da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Os intertítulos da matéria “Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19” são os principais alvos de destacamentos nessa *thread*, estando presentes nos tuítes 6, 9, 11, 13A, 14B, 16C, 18C e 24C. Nas imagens abaixo demonstramos como esse processo ocorre na maioria dos casos: o intertítulo presente no site (Figura 65) é destacado e passa a circular como um tuíte integrante da *thread* (Figura 66) acompanhado de um link que transporta o leitor para o texto-fonte. Ao mesmo tempo, o enunciado presente no tuíte também atesta se a frase presente é “Verdade”, “Mentira” ou “Em partes” verdadeira. Portanto, lendo apenas os tuítes presentes na *thread* o leitor tem acesso às principais informações que estão presentes no site de forma resumida e sintetizante, tendo contato com uma aforização que conta com os dados que mais lhe interessam.

Figura 65 - Intertítulo do texto-fonte “Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19”

★

As vacinas desenvolvidas na China, como a Coronavac e a da Sinopharm, não estão sendo usadas na China

Mentira. Os dois imunizantes obtiveram autorização emergencial no país e estão sendo aplicados em grupos de risco. Segundo a BBC, 1 milhão de chineses já tomaram o imunizante da Sinopharm.

★

Fonte: Site jornal Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 66 - Tuíte 16C da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Nos casos em que os intertítulos foram destacados, ocorre o enquadramento informacional. Defendemos esta visão com base no entendimento que o leitor deve apreender as aforizações originadas a partir de intertítulos como proferidas por um jornal, com o foco em esclarecer dúvidas, checar afirmações como verdadeiras ou falsas e informar dados importantes. Tendo em vista que para a interpretação de uma aforização é necessário "selecionar os tipos de elementos do contexto que são pertinentes para construí-la" (MAINGUENEAU, 2014, p. 128), defendemos que, nesse caso, o contexto jornalístico e a construção da *thread* não abrem interpretações para outros enquadres, como por exemplo o testemunhal ou acional, já que não há falas de fontes, ou hermenêutico, já que a transferência da informação se dá de forma explícita.

Como dito anteriormente, o texto-fonte conta com 9 intertítulos, desses apenas 8 foram destacados. Sendo assim, o intertítulo “Um voluntário do teste clínico da Coronavac morreu por causa da vacina” não aparece na *thread*. Apesar da ausência de um destacamento desse intertítulo, o tema ainda foi tratado no tuíte 19C, que destaca o trecho imediatamente após o intertítulo ausente, no 15º parágrafo. Esse tuíte, apesar de destacar um trecho do texto-fonte “Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19” conta com um link para a matéria “Morte de voluntário da Coronavac ocorreu por suicídio ou overdose” que traz informações complementares e trata especificamente do tema, o mesmo acontece no tuíte 20C, que também apresenta uma notícia referente ao assunto, no caso, o texto “Anvisa suspende teste de Coronavac após morte; governo de SP diz não haver relação”.

Acreditamos que, ao apresentar duas diferentes matérias jornalísticas sobre o assunto e não dar um destaque para o intertítulo (ao contrário do que foi feito em todos os outros casos), a Folha de S. Paulo tentou tornar mais embasada a afirmação de que a morte do voluntário não ocorreu devido aos testes da vacina e, simultaneamente, procurou não dar tanta ênfase para o acontecimento, já que esse caso poderia ser usado por grupos antivacina para propagar desinformação. Nesses dois tuítes (Figura 67) optamos pela classificação de enquadramento informacional, uma vez que as aforizações devem ser entendidas como extraídas de um texto jornalístico e com o intuito de comunicar um acontecimento, esclarecendo as circunstâncias.

Figura 67 - Tuítes 19C e 20C da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Com exceção desse caso, em que não houve destaque do intertítulo, no geral, a *thread* segue um padrão: em primeiro lugar é apresentada uma aforização com o conteúdo do intertítulo, contendo uma afirmação sobre a vacina, acompanhada da checagem "verdade", "mentira" ou "em partes", o tuíte seguinte, por sua vez, fornece mais dados sobre o assunto e uma explicação detalhada sobre o tema. As contextualizações são destacamentos de trechos localizados imediatamente após o intertítulo no texto-fonte, e explicam com mais detalhes o motivo de certa informação ser verdadeira ou falsa, esses estão presentes nos tuítes 7, 8, 10, 12, 14A, 15B, 16B e 17C (Figura 68), ou seja, sempre após a presença de um intertítulo destacado.

Figura 68 - Tuítes 16C e 17C da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Existem casos em que a contextualização, apesar de ser destacada do texto-fonte que norteia essa *thread*, possui um link que transporta o leitor para outra matéria jornalística no qual as informações são complementadas. Por exemplo, os tuítes 14B e 15B (Figura 69) e 16B (Figura 70) destacam trechos da matéria "Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19", no entanto, os links presentes direcionam o leitor, respectivamente, para a galeria de fotos "Em meio ao aumento nos casos de Covid-19, jovens se aglomeram na noite paulistana" disponível no site da Folha de S. Paulo e para o texto complementar "Casos de Covid avançam mais rápido entre pessoas de até 29 anos" publicado em outro veículo de comunicação, o jornal Agora, que também pertence ao grupo Folha.

Figura 69 - Tuíte 14B e 15B da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Figura 70 - Tuíte 16B da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

A prática de destacar trechos de um texto-fonte e fornecer link para outro já havia sido demonstrada anteriormente. Essa, além de permitir que o leitor se aprofunde em um tema de seu interesse, ainda fornece mais portas de entrada para os sites de jornais do grupo Folha, permitindo que o usuário acesse diferentes notícias e que a monetização seja recebida por mais frentes.

Ressaltamos também que em certos tuítes há o uso da palavra “continua” para demonstrar que a contextualização será exibida no próximo enunciado (Fig 71). Essa marca contradiz a premissa de uma aforização, que prevê um texto “completo” e “livre de um texto”, nas palavras de Maingueneau: “por definição, a aforização é uma frase ‘sem texto’. No nível mais imediato, isso significa que ela não é precedida ou seguida de outras frases com as quais está ligada por relações de coesão, de modo a formar uma totalidade textual ligada a um gênero do discurso” (2014, p. 30). A sinalização de que um enunciado destacado, que deveria ter funcionamento autônomo, continua em um próximo tuíte vem minar a lógica de aforização que prevê um fragmento de texto se apresentando como “completo”, no entanto, ao mesmo tempo, ainda encontramos nesses enunciados características da enunciação aforizante, por exemplo, o fato deste ser destinado a um auditório universal, circular livre de um texto-fonte e se apresentar como memorável e homogêneo.

Figura 71 - 6º e 7º tuítes da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Cria-se assim um paradoxo, o enunciado destacado pelo jornal, simultaneamente, tenta se livrar de seu texto-fonte, ser autossuficiente, passar todas as informações necessárias, circular livremente e cumprir outros requisitos para se tornar uma aforização, mas também demonstra marcas de pertencimento a um texto anterior, ao deixar claro que tem uma continuação (um antes e um depois) e que seu sentido está atrelado a uma fonte, permitindo o acesso a esta por meio de um link. Essa contradição não é, de forma alguma, uma novidade, Maingueneau já havia previsto a dinâmica ao afirmar que "não é o menor dos paradoxos que o texto seja ao mesmo tempo o lugar em que se constitui a aforização e aquilo que ela tem por natureza contestar. Desse ponto de vista, é o texto que fabrica o que contesta" (2010, p. 24). Em outras palavras, como previsto já anteriormente no capítulo 3.1, a enunciação aforizante, por mais que tente se desprender da textualização, continua sendo um regime dependente do texto para estabelecer seu significado e, por vezes, é possível encontrar marcas dessa dependência, como no caso citado acima.

No começo da *thread* também são exibidas aforizações com marcas que contradizem as características da enunciação aforizante, os tuítes 2 (Figura 72) e 4 (Figura 73) exibem

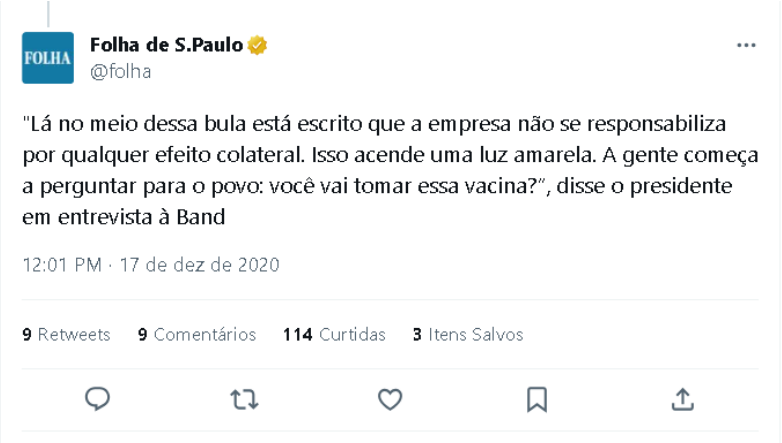
falas do então presidente Jair Bolsonaro e sinalizam que essas foram proferidas pelo personagem por meio do uso de aspas e da recorrência a frases como “O próprio presidente Jair Bolsonaro já disse, sem apresentar provas” ou “disse o presidente em uma entrevista à Band”, a estratégia também se repete no tuíte 21C (Figura 74).

Figura 72 - 2º tuíte da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Figura 73 - 4º tuíte da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Figura 74 - Tuíte 21C da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Maingueneau propõe que a aforização se apresenta em um regime enunciativo que nega as características do texto, evitando o uso de diversos planos e se apresentando como "homogênea", em outras palavras, a aforização "não é a articulação de pensamentos de um ou de vários locutores por meio de diversos modos de organização textual, mas a expressão de uma convicção, posta absolutamente" (MAINGUENEAU, 2014, p. 28). Sobre o tema, o autor ainda afirma que:

> Os textos tendem a estratificar planos enunciativos: diferentes figuras do enunciador (por exemplo a autocorreção, a concessão…), diferentes status polifônicos (citações…), diferentes planos de textos (primeiro plano/plano de fundo…), enunciados embreados e desembreados… Na enunciação aforizante, ao contrário, o enunciado tende à homogeneidade, sem mudança de planos enunciativos (MAINGUENEAU, 2010, p. 14)

No caso dos tuítes acima, os destacamentos não cumprem esses requisitos, ou seja, se apresentam em mais de um plano e com composição heterogênea, no entanto, os destaques ainda apresentam outras características de aforizações, como se desprender de um texto-fonte para circular de forma independente, serem planejados para recepção em um auditório e não para um público determinado por um gênero discursivo, se darem como memorizáveis etc. A nossa conclusão é que, nesse caso, é como se observássemos de forma mais evidente "aforizações incompletas", ou seja, fragmentos que saltaram para fora de seu texto-fonte, mas

não conseguem cumprir todos os requisitos citados por Maingueneau e, desse modo, deixam transparecer a natureza não só destas aforizações, mas de todo esse regime enunciativo, que apesar de negar e disfarçar suas produções de "enunciados independentes" ou de "frases sem texto", ainda mantém suas produções, inegavelmente, ligadas a um texto e contexto que lhes atribuem significado.

Nos três casos em que há citações de frases do presidente na aforização (tuítes 2, 4 e 21C, Figura 72, 73 e 74) classificamos esses como pertencentes aos enquadres informacional e testemunhal personalizante. Maingueneau havia dito que "o enquadre informacional frequentemente se mistura a um enquadramento que podemos chamar de testemunhal, que tende a reduzir, quando não anular, a dimensão informacional em favor da expressão de uma convicção, de uma emoção, de uma experiência" (2014, p. 121), sendo assim, defendemos que essas aforizações são informacionais na medida em que a Folha de S. Paulo as compartilha em um contexto informativo que deve ser empreendido pelos leitores, como se o jornal afirmasse "informamos que o presidente disse esta frase", ao mesmo tempo, o destaque também é testemunhal personalizante, pois apresenta a convicção e emoção do então presidente, demonstrando desconfiança com a vacina.

Sendo assim, um apoiador desse político poderia entender a aforização não como o jornal compartilhando um dito que é desmentido, mas como uma verdade emitida pelo personagem. A Folha de S. Paulo tenta combater as duas possibilidades de interpretações presentes nas aforizações de maneira que, enquanto cita o presidente o nega, dizendo que as afirmações foram feitas "sem provas", tentando trazer de volta a dimensão informacional e controlando as interpretações possíveis. No entanto, de acordo com a formação discursiva de qual cada leitor enxerga esse enunciado, o simulacro já está criado, ou seja, os apoiadores do ex-presidente tenderão a acreditar em todas as afirmações do político, recusando as evidências apresentadas pela Folha de S. Paulo e acusando o jornal de compartilhar "mentiras", por mais que informações que comprovem a eficácia das vacinas estejam anexas nos textos-fontes.

A partir do tuíte 26C a *thread* passa a tratar de um novo assunto: o desenvolvimento de um plano nacional de imunização, esse tuíte não conta com destacamentos, apesar de possuir um link que direciona o leitor para o texto "Governo federal quer que paciente se responsabilize por efeito de vacina, diz relator de MP", texto-fonte que é destacado no tuíte 27C (Figura 75), nesse caso com uma aforização que resume elementos dos parágrafos 18, 19 e 20. A aforização foi criada para desmentir uma afirmação do então ministro da saúde, extraindo diversos trechos de falas de especialistas e juntando-as em um único enunciado condensado que expressa a informação mais importante.

Figura 75 - Tuítes 26C e 27C da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

O tuíte 28C (Figura 76) começa a tratar de outro tema, a frase “Para que essa ansiedade, essa angústia?” dita pelo Ministro da Saúde quando cobrado por um plano de vacinação. O destacamento presente é originário do texto “'Para que essa ansiedade?', pergunta Pazuello, o tranquilão”, retirado do 2º parágrafo, na documentação, esse privilegia a fala do Ministro, como se a Folha de S. Paulo apresentasse o enunciado para desmentí-lo, desse modo, encontramos novamente marcas de heterogeneidade que não são características de uma aforização.

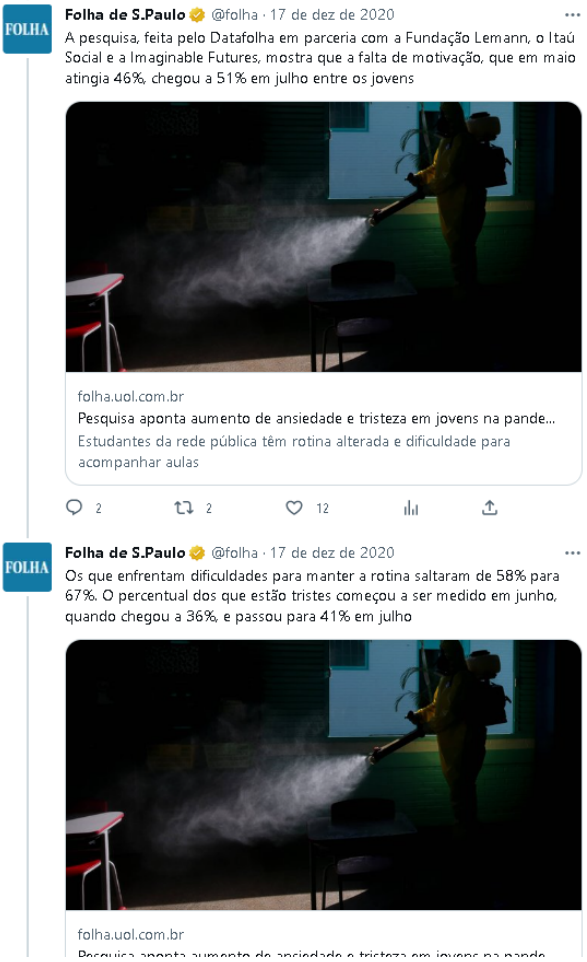
Figura 76 - Tuíte 28C da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Os próximos 3 tuítes (Figura 77) são destaques da matéria “Pesquisa aponta aumento de ansiedade e tristeza em jovens na pandemia”, que aponta efeitos da pandemia na saúde mental dos mais jovens e possuem informações que contradizem diretamente a afirmação do Ministro da Saúde a respeito de não ser necessário “ansiedade”. Os destacamentos privilegiam dados numéricos, talvez por serem a forma mais “direta” e “imparcial” de transmitir os resultados das pesquisas, além de serem proferidos por um especialista. Sendo assim, optamos por também definir essas aforizações como integrantes do enquadre informacional, uma vez que o contexto que se aplica aos enunciados é o jornalístico, ou de resultados de pesquisas acadêmicas, ambas situações em que a dimensão informativa deve ser recrutada pelo o leitor para realizar a interpretação de aforizações.

Figura 77 - Tuítes 29C e 30C da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Por fim, os 4 últimos tuítes (Figura 78) atuam como uma espécie de fechamento da *thread* em que não há nenhum destaque e existem recomendações para o público ficar em casa, o pedido para assinatura do jornal, o pedido para compartilhamento da *thread* e os créditos dos textos. Sendo assim, defendemos que esses elementos atuam como mais um dos indicadores de que a deslinearização que ocorre nessa *thread* não foi planejada, afinal, se a ramificação estivesse nos planos da redação, essa seria sinalizada no início, indicando para o leitor os diferentes modos de leitura, e também no fechamento, que estaria presente em todos os últimos tuítes de cada um dos possíveis "caminhos". Em outras palavras, esse seria o final "canônico" ou "planejado" do tecnotexto, enquanto os finais de outras ramificações podem ter ocorrido sem a intenção ou o planejamento.

Figura 78 - Últimos tuítes da 5ª *thread*



Fonte: Conta do jornal Folha de S. Paulo no Twitter, acesso em maio de 2023

Por sua vez, a tabela que apresenta os destacamentos dos textos equivalentes na edição impressa apresenta os seguintes dados:

Tabela 10 - Destacamentos nos textos impressos correspondentes a quinta *thread*

Texto-fonte	Enquadre do enunciado destacamento	Característica do enunciado destacado
Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua origem	Testemunhal sentencioso e personalizante	Fala da fonte em olho
Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua origem	Testemunhal sentencioso e personalizante	Fala da fonte em olho
Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua	Testemunhal sentencioso e personalizante	Fala da fonte em olho

origem		
A máquina contra a vacina	Não há	Texto como editorial
Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19	Não há	Texto como nota
Anvisa suspende testes da vacina Coronavac	Informacional	Manchete
Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa	Informacional	Manchete
Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa	Testemunhal sentencioso	Fala da fonte em olho
Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa	Informacional e Testemunhal sentencioso	Fala da fonte em olho
Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa	Informacional e Testemunhal sentencioso	Fala da fonte em olho
Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa	Informacional e Testemunhal sentencioso	Fala da fonte em olho
MP da vacinação incluirá termo de consentimento, afirma relator do projeto	Informacional	Manchete
Pazuello, o tranquilão	Testemunhal sentencioso	Manchete
Pesquisa aponta aumento de tristeza em jovens na pandemia	Informacional	Manchete
Pesquisa aponta aumento de tristeza em jovens na pandemia	Informacional	Texto do jornal em olho

Fonte: Elaborada pelo autor

Existem dois casos em que não há destacamento na matéria, o primeiro que é o texto "A máquina contra a vacina", que na *thread* tem seu correspondente em "Bolsonaro pede que governo divulgue perigos de vacinas contra a Covid". Esse texto se trata de um editorial, gênero do discurso jornalístico que tem como característica a redação "mais livre" e que pode até mesmo ter um viés opinativo de um dos jornalistas da Folha de S. Paulo. No caso desse jornal, os editoriais estão presentes após a primeira página e com indicação do autor em letras grandes logo abaixo do título (Figura 79). O destacamento pode não ter ocorrido devido ao curto tamanho do texto e por uma escolha editorial da Folha de S. Paulo de não apresentar na capa destacamentos de textos opinativos. Por outro lado, percebemos nesse caso como a

thread e o ambiente digital permitem, como já visto anteriormente, que até os menores textos sejam resumidos com aforizações em um processo que um enunciado do regime de enunciação textualizante é sintetizado em uma aforização. Ao mesmo tempo, essa ocorrência também seria uma indicação de como o digital permitiria o destacamento e a maior circulação de textos opinativos, demonstrando como as aforizações oriundas de editoriais, na plataforma digital, podem até carregar opiniões polêmicas de um jornalista e, desse modo, gerar interações, comentários e engajamento, o que resulta em um maior alcance para o jornal e, consequentemente, em mais verba.

Figura 79 - Editorial "A máquina contra a vacina"



A máquina contra a vacina

Bruno Boghossian

BRASÍLIA Jair Bolsonaro trabalha para que o governo faça uma campanha oficial contra a vacinação do coronavírus. Em entrevista à Band, o presidente revelou ter pedido ao ministro da Saúde que comece "a mostrar o que seria a bula desse medicamento". Em vez de garantir um processo seguro, ele quer que as autoridades digam que a imunização é perigosa.

"Lá no meio dessa bula está escrito que a empresa não se responsabiliza por qualquer efeito colateral. Isso acende uma luz amarela. A gente começa a perguntar para o povo: você vai tomar essa vacina?", declarou.

Além de abastecer a desconfiança da população e alimentar teorias conspiratórias em discursos públicos, o presidente acionou também a máquina do governo em sua cruzada contra a imunização. Se alguém tinha dificuldades para enxergar a responsabilidade direta de Bolsonaro pelo morticínio na pandemia, não é preciso perder mais tempo.

Enquanto se empenha para desestimular a imunização, o presidente tenta empurrar medicamentos sem eficácia comprovada, como a cloroquina. "Eu não sou contra a vacina, mas sou plenamente favorável a esse tratamento preventivo que a gente tem no Brasil", afirmou, na entrevista desta terça-feira (15).

Bolsonaro também disse que o governo vai determinar que cada brasileiro assine um termo de responsabilidade ao receber o imunizante. Ele só não disse que é preciso fazer o mesmo para receber cloroquina. O texto alerta que o medicamento pode causar disfunção cardíaca e que não há provas de que ele funcione.

Quando a morte de um voluntário forçou a interrupção nos testes da Coronavac em São Paulo, o presidente comemorou: "Mais uma que Jair Bolsonaro ganha". Se as vacinas desenvolvidas até aqui se mostrarem seguras, cada cidadão que recusar o imunizante também poderá ser incluído em sua conta.

Desde agosto, o percentual de brasileiros que não querem se vacinar subiu de 9% para 22%. São 46 milhões de pessoas que podem sofrer com a doença ou espalhar o vírus.

Fonte: Edição de 16 de dezembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

O segundo texto que não conta com nenhum destacamento é a nota "Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19", justamente o enunciado que norteou a *thread* e é o mais destacado em sua versão digital. No impresso esse se apresenta em menor tamanho, na forma de nota, ou seja, como uma lista, sem lide na introdução e com diagramação unificada com outro texto (Figura 80). Ressaltamos também que a versão impressa do texto possui apenas sete intertítulos, enquanto o material publicado no site possui nove. Em resumo, da

mesma forma que ocorreu nas análises conduzidas nos capítulo 8.1 e 8.3, encontramos uma nota ou texto pequeno que recebeu pouco destaque no impresso sendo expandida no site da Folha de S. Paulo, esses enunciados também atuam como um fio que conecta diversos textos complementares e permitem a criação de uma *thread*.

Figura 80 - Nota entre as colunas de uma notícia



STF permite que Estado imponha restrições a quem não tomar vacina

Ministros entendem que a vacinação compulsória pode ser implementada por medidas indiretas

Matheus Teixeira

BRASÍLIA O STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu nesta quinta-feira (17) que a vacina contra a Covid-19 pode ser obrigatória desde que exista uma lei nesse sentido. A corte deixou claro que a imunização forçada é proibida, mas liberou a União, estados e municípios a aprovarem lei que restrinja direitos das pessoas que não quiserem se vacinar.

Prevaleceu o voto do relator, ministro Ricardo Lewandowski. Ele defendeu que a vacinação compulsória pode ser implementada por "medidas indiretas" e citou como exemplo a vedação a frequentar determinados lugares ou a exercer certas atividades.

Ele disse, porém, que é necessário o consentimento da pessoa para para que ela seja vacinada. "Afigura-se flagrantemente inconstitucional toda determinação legal, regulamentar ou administrativa no sentido de implementar a vacinação forçada das pessoas, quer dizer, sem o seu expresso consentimento", disse.

Os ministros Luís Roberto Barroso, Alexandre de Moraes, Edson Fachin, Rosa Weber, Dias Toffoli, Cármen Lúcia, Gilmar Mendes, Marco Aurélio e Luiz Fux acompanharam o relator.

O ministro Kassio Nunes Marques foi o único a votar de maneira distinta. O magistrado afirmou que a vacinação obrigatória é constitucional, mas que depende de "prévia oitiva" do Ministério da Saúde e que só pode ser usada como "última medida".

Todos outros integrantes da corte, porém, concederam autonomia a governadores e prefeitos para impor a obrigatoriedade e manteve a linha adocerto. Por fim, agências reguladoras e governos agilizaram autorizações para testes clínicos e foi mais fácil achar voluntários para as pesquisas. Esse esforço fez com que as vacinas pudessem ser criadas muito mais rápido que outros imunizantes.

Há riscos ao tomar as vacinas contra Covid-19

VERDADE Toda vacina tem riscos e causa reações adversas em pequena parcela dos que a tomam. As reações mais comuns às vacinas contra Covid-19 são leves: dor e inchaço no local da injeção, dor de cabeça, cansaço, calafrios, febre e dor muscular. Mais raras são

jovens saudáveis sejam um dos últimos grupos a serem vacinados, mas eles precisam, sim, receber o imunizante, já que, ao não pegarem e transmitirem a doença, ajudam a proteger os mais vulneráveis.

As vacinas desenvolvidas na China, como a Coronavac e a da Sinopharm, não estão sendo usadas na China

MENTIRA As duas obtiveram autorização emergencial no país e estão sendo aplicadas em grupos de risco.

A vacina contra Covid-19 causa câncer, problemas de fertilidade e altera o código genético

MENTIRA Os imunizantes

permite, ao tratarmos desse tema, demagogia, hipocrisia, ideologias, obscurantismo, disputas político eleitoreiras e principalmente não permite ignorância", disse. Para o magistrado, essa atitude ocorre por uma "total falta de empatia" com familiares de pessoas que morreram por Covid-19.

Barroso também se posicionou a favor da imunização da população. A ministra Cármen Lúcia, por sua vez, deu um voto enfático em favor da vacina e chamou a atenção para a responsabilidade dos cidadãos ao viver em sociedade.

"O egoísmo não é compatível com a democracia. A Constituição não garante liberdade a uma pessoa para ela ser soberanamente egoísta. É dever do Estado, mediante políticas públicas, reduzir riscos de doenças e outros agravos, adotando as medidas necessárias para proteger a todos da contaminação de um vírus perigoso", afirmou.

O julgamento não tratou da necessidade de aval ou não da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para que uma vacina contra Covid-19 seja usada no país.

Os ministros, porém, sinalizaram a favor da lei, que foi sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro no início da pandemia e que dá 72 horas para a agência brasileira avaliar solicitações de registro de imunizantes que tenham sido aprovados por órgãos equivalentes de outros países.

Marco Aurélio, por exemplo, fez um paralelo com a decisão do STF que obrigou o Estado a fornecer medicamentos que não têm registro na Anvisa, mas que tenham sido aprovados por órgão equivalente de outros países.

Moraes também defendeu

Lewandowski permitiu a compra de vacinas sem aval da Anvisa Pedro Ladeira - 17.out.19/Folhapress

Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19

A vacina contra Covid-19 protegerá toda a população contra a doença

EM PARTE Os imunizantes da Pfizer e Moderna mostraram eficácia acima de 90% em estudos publicados após a conclusão da fase 3 dos testes. Para a vacina da AstraZeneca/Oxford, a eficácia foi de 90% entre os que receberam meia dose e depois a dose completa e 62% entre quem recebeu duas doses. Isso indica que, mesmo vacinadas, parte das pessoas ficará doente, o que não quer dizer que o imunizante não funcione. O sucesso da vacina depende do volume de pessoas vacinadas: quanto mais gente for imunizada,

Fonte: Edição de 18 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Nesta análise, o formato mais recorrente de destacamento no impresso é o de manchetes na capa que antecipam informações sobre os textos localizados no caderno interno, ocorrência que se materializa nas matérias "Anvisa suspende testes da vacina Coronavac", "Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa", "MP da vacinação incluirá termo de consentimento, afirma relator do projeto" e "Pesquisa aponta aumento de tristeza em jovens na pandemia". Em todos esses casos, consideramos que o enquadre existente é o informacional, uma vez que o receptor, pelo contexto jornalístico

potencializado pela construção cenográfica do jornal impresso e pela forma de enunciação do tipo discursivo jornalístico, deve entender as aforizações como com o intuito de fornecer informações importantes, além de antecipar os principais detalhes sobre o texto no caderno interno e convidar o leitor para a leitura.

O destacamento na capa pode ocorrer de forma discreta e sem muita ênfase, como no caso do texto "Anvisa suspende testes da vacina Coronavac" (Figura 81), a primeira matéria do caderno de Saúde. O destacamento se apresenta na lateral da primeira página contando com uma reformulação do título (Figura 82), com o objetivo de adequar melhor os enunciados ao regime de enunciação aforizante.

Figura 81 - Texto-fonte "Avisa suspende testes da vacina Coronavac"



Anvisa suspende testes da vacina Coronavac

Decisão foi tomada após evento adverso grave no dia 29 de outubro; governo Doria afirma ter sido surpreendido

SÃO PAULO A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) informou na noite desta segunda-feira (9) que determinou a interrupção do estudo clínico da vacina chinesa Coronavac após a ocorrência de evento adverso grave.

Esse evento, ocorrido no dia 29 de outubro, foi comunicado à agência, que decidiu pausar o estudo para avaliar os dados e julgar sobre o risco/benefício da continuidade do estudo. Com a interrupção, nenhum novo voluntário poderá ser vacinado.

Segundo uma lista da Anvisa, os eventos adversos graves possíveis incluem óbitos, incapacidade/invalidez persistente ou significativa, exigência de internação hospitalar do paciente ou prolonga internação, anomalia congênita ou defeito de nascimento e qualquer suspeita de transmissão de agente infeccioso por meio de um dispositivo médico.

O Instituto Butantan afirmou que foi surpreendido com a decisão da Anvisa e que está apurando em detalhes o que houve. Informou ainda que está à disposição da agência para prestar todos os esclarecimentos necessários referentes a qualquer evento adverso que os estudos clínicos podem ter apresentado até momento.

Nesta terça (10), às 11h, haveria uma entrevista à imprensa na sede do instituto.

O fato de a suspensão não ter sido comunicada ao Instituto Butantan gerou desconforto e estranheza no governo paulista. Aliados do governador João Doria (PSDB) questionaram a divulgação da informação por meio de nota, em horário nobre de noticiários de televisão, justamente nesta segunda.

Pela manhã, o tucano havia inaugurado as obras da fábrica de vacinas que produzirá em larga escala a Coronavac, caso tudo dê certo, no Brasil a partir de setembro do ano que vem.

Doria também havia anunciado a chegada do primeiro lote de imunizante, 120 mil dos 6 milhões de doses prontas importadas da China, para o dia 20 de novembro. A divulgação da decisão da Anvisa levou a uma corrida das autoridades de saúde estaduais para tentar descobrir do que se trata.

Há algumas semanas, o governo federal confirmou a nova diretoria da Anvisa, o que gerou preocupação entre autoridades paulistas de eventual direcionamento político de suas ações na disputa em curso entre Doria e o presidente Jair Bolsonaro.

Dono de um discurso negacionista da pandemia, o presidente tem no governador seu maior antípoda no manejo da crise. Enquanto Bolsonaro questiona a obrigatoriedade da vacinação, o tucano fez uma grande aposta na Coronavac. Investiu na parceria com a Sinovac, farmacêutica chinesa, e montou um cronograma ambicioso para o caso de o imunizante ser eficaz e seguro.

Já há oito estados interessados em comprar a Coronavac, que se mostrou segura até aqui nos testes clínicos da chamada fase 3 — sua eficácia ou não deve estar estabelecida até o fim do mês.

Integrantes do governo temem que Bolsonaro use decisões técnicas para atrasar o cronograma por motivos políticos, embora saiba que isso poderia provocar reação em secretarias de Saúde de outros estados. O governo paulista acusou a Anvisa de dificultar a importação de insumos pelo Butantan, por exemplo.

Naturalmente, as autoridades paulistas estão cautelosas, justamente porque não sabem a natureza do ocorrido. A rádio CBN afirmou que um voluntário teria morrido, mas não se sabe o motivo — quando alguém morre num estudo desses, a paralisação é automática.

Segundo a nota divulgada pela Anvisa, esse tipo de interrupção é prevista pelas normativas da agência e faz parte dos procedimentos de Boas Práticas Clínicas esperadas para estudos clínicos conduzidos no Brasil.

Outros estudos de vacinas contra a Covid-19 interrompidos incluem o da Universidade de Oxford (Reino Unido) com a AstraZeneca e o da empresa Janssen-Cilag (divisão farmacêutica da Johnson & Johnson). Ambos foram retomados após análises.

Em outubro, Bolsonaro esvaziou o acordo anunciado na véspera por seu ministro da Saúde, general Eduardo Pazuello, para a compra de 46 milhões de doses da Coronavac. O presidente também disse que não acreditava que a Coronavac transmitisse credibilidade porque "esse vírus [Covid-19] teria nascido" na China, afirmou.

Levantamento recente do instituto Datafolha apontou que, apesar de a maioria da população declarar que pretende se vacinar, as imunizações que são desenvolvidas na China, mesmo que já aprovadas, encontraram maior resistência entre os entrevistados de todas as capitais quanto questionados sobre a procedência das doses.

Leia mais na pág. B2

O governador de SP, João Doria, e o diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas, posam com uma caixa da Coronavac, na sede do instituto, nesta segunda Amanda Perobelli/Reuters

Fonte: Edição de 10 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 82 - Manchete "Anvisa interrompe testes da Coronavac por evento adverso"



Anvisa interrompe testes da Coronavac por evento adverso

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária informou ontem que determinou a interrupção do estudo clínico da vacina chinesa Coronavac após a ocorrência de evento adverso grave, comunicado em 29 de outubro — o órgão não informou qual foi a ocorrência.

Com a paralisação, nenhum novo voluntário poderá receber doses. O Instituto Butantan disse não ter sido informado, o que gerou estranheza no governo de São Paulo. O imunizante é aposta de João Doria e virou alvo de Jair Bolsonaro, seu rival político. Saúde B1

Fonte: Edição de 10 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

O mesmo ocorre em e "MP da vacinação incluirá termo de consentimento, afirma relator do projeto", que na capa se apresenta como uma manchete pequena, ao lado de outros destacamentos que foram extraídos de matérias que também tratam sobre o covid-19 (Figura 83), e no texto-fonte "Pesquisa aponta aumento de tristeza em jovens na pandemia", que na forma de manchete se torna "Crescem ansiedade e tristeza em jovens, aponta pesquisa" (Figura 84).

Figura 83 - Manchete na lateral direita da capa "MP da vacinação terá termo de consentimento para isentar a União"



"Eu não vou tomar vacina e ponto final, problema meu
Jair Bolsonaro
ao programa Brasil Urgente B1

MP da vacinação terá termo de consentimento para isentar União B2

Prefeitura do Rio cancela por completo festa de Réveillon B4

Fonte: Edição de 16 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Figura 84 - Manchete na lateral direita “Crescem ansiedade e tristeza em jovens, aponta pesquisa”



Crescem ansiedade e tristeza em jovens, aponta pesquisa

Terceira fase de pesquisa nacional do Datafolha que acompanhou crianças e jovens do ensino público ao longo do isolamento revela que somam 74% aqueles que se sentem tristes, ansiosos ou irritados. A falta de motivação, que em maio atingia 46%, chegou a 51% em julho. Saúde B1

Comércio poderá funcionar por até 8 horas em SP

O governo João Doria (PSDB) anunciou ontem que aumentará o horário máximo de funcionamento de estabelecimentos comerciais de seis para oito horas no estado de São Paulo a partir de amanhã. As prefeituras de cada município devem autorizar a mudança. Saúde B2

Kevin Lamarque/Reuters

CONFIRMADA COMO VICE DE BIDEN, KAMALA HARRIS FALA EM VIDAS PERDIDAS SOB TRUMP

Na terceira noite da convenção democrata, senadora critica gestão do republicano na pandemia; Obama também discursa e vê democracia em jogo Mundo A13

Fonte: Edição de 8 de agosto de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Por outro lado, o texto “Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa” é o destaque da edição de 11 de novembro, figurando como a maior manchete da capa (Figura 85) e como primeiro texto do caderno de saúde, demonstrando como a Folha de S. Paulo deu mais ênfase para uma ação do presidente do que as ações da Anvisa ou o anúncio de resultados de pesquisas. Esse fenômeno talvez ocorra porque as falas do ex-presidente podiam reverberar com maior intensidade em sites de redes sociais, sendo necessário um maior esforço para desmenti-las.

Figura 85 - Manchete principal “Bolsonaro festeja suspensão de vacina; SP critica medida”



FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

FOLHA100: FALTAM 100 DIAS — QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 2020 — ANO 100 ★ Nº 33.460 ★ R$ 5,00

INCONTINÊNCIA

“Tem que deixar de ser um país de maricas”
Jair Bolsonaro
em evento para promover o turismo no país B2

Apenas diplomacia não dá. Quando acaba a saliva, tem que ter pólvora. Não precisa nem usar a pólvora, mas tem que saber que tem
em alusão a ameaças de Joe Biden sobre a Amazônia A17

Bolsonaro festeja suspensão de vacina; SP critica medida

Morte sem ligação com Coronavac gera acusações, comitê pede volta de testes, e STF questiona Anvisa

No mais estridente episódio da disputa aberta entre Jair Bolsonaro (sem partido) e João Doria (PSDB) em torno de uma vacina contra a Covid, o presidente chamou de vitória pessoal a suspensão dos testes com a Coronavac.

O imunizante teve seus ensaios de fase final suspensos na noite de segunda-feira (9) pela Anvisa após a morte de um voluntário brasileiro, o que gerou nova crise entre os dois governos. A agência negou ingerência política.

Até o Supremo Tribunal Federal entrou na discussão, com o ministro Ricardo Lewandowski dando 48 horas ao órgão para explicar seus critérios no caso do produto chinês. Ele foi provocado por um pedido da Rede.

O óbito de um químico de 32 anos, que participava do grupo do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, não tem relação com a vacina chinesa. Foi atribuído pela polícia a um suicídio. Outra hipótese é overdose.

Não se sabe também se ele tomou a Coronavac ou placebo. Informado pelo Butantan, o Comitê Internacional Independente, que avalia ensaios vacinais no mundo todo, recomendou à Anvisa a retomada dos testes. Saúde B1

Fonte: Edição de 11 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

A última manchete que foi recrutada para o *corpus* desta análise é uma frase proferida pelo então Ministro da Saúde que figura na capa do jornal (Figura 86), essa pode ser categorizada como participante do enquadre testemunhal sentencioso, pois o uso de aspas e a presença do nome do aforizador remetem à interpretação testemunhal, além do fato de o enunciador demonstrar uma convicção pessoal (que não há motivo para necessidade) enquanto anuncia regras para toda a população.

Figura 86 - Manchete na lateral esquerda na forma de olho com fala do ministro Pazuello



Para que essa ansiedade, essa angústia? Somos a referência na América Latina. E estamos trabalhando para prestar contas

Eduardo Pazuello
Ministro da Saúde, ao lançar plano de vacinação

Eu acho o ministro da Saúde um desastre. Vai ser um desastre para o país, primeiro, e para o governo

Rodrigo Maia
Presidente da Câmara, em café com jornalistas B1

Pandemia no Brasil

Brasil	Total	Ontem*	Variação**
Casos	7 mi	44,7 mil	15,9%
Óbitos	183,8 mil	684	28,3%

Estágios da pandemia
Acelerado
Estável
Desacelerado
Reduzido

Dados das 20 h de 16 dez
*Média móvel de 7 dias
**Em relação a 14 dias

Esquema do governo inclui fármaco da Índia que já está na fase 3 B2

Fiocruz cria cartilha com orientações e riscos de festas de fim de ano B2

Ministério dá nova data para vacinação e inclui Coronavac

Governo lança plano de imunização nacional, com novos grupos prioritários e 350 milhões de doses em negociação

Depois de anunciar que a vacinação contra a Covid-19 no Brasil poderia começar em dezembro, janeiro ou março, o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, disse ontem que o plano de imunização nacional deve começar em fevereiro de 2021. A nova estimativa foi dada no Palácio do Planalto, após lançamento da nova versão do projeto e dias de reiteradas falas antivacina de Jair Bolsonaro.

O documento de 110 páginas inclui novos grupos prioritários para receber os fármacos e eleva de 300 milhões para 350 milhões o total de doses que estão "em negociação". Não tem, no entanto, um prazo exato para seu início nem detalha o cronograma de aplicação.

Também prevê a Coronavac, alvo de disputa entre o presidente e o governador de São Paulo, João Doria.

Apesar da inclusão, o governo federal não informou se há um acordo fechado com o Butantan. Questionado sobre o estado de São Paulo, que está planejando sua própria campanha, o ministro afirmou que "todas as vacinas que estiverem no Brasil serão do programa nacional, sem exceção".

Em nota, mais tarde, o ministério negou qualquer intenção de confisco. Saúde B1

Fonte: Edição de 17 de dezembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

O destacamento foi extraído do editorial "Pazuello, o tranquilão" (Figura 87), ressaltamos que nesse caso o texto opinativo em si não passou pelo processo de destacamento, uma vez que o trecho que aparece detextualizado na capa é uma frase da fonte. Essa ocorrência reforça a tese de que os textos opinativos que expressam as visões da Folha de S. Paulo não são recorrentemente transformados em aforizações na versão impressa, em outras palavras, quando um destacamento ocorre sob um editorial, este pode recair sobre uma frase da fonte que testemunha no texto, e não sobre a opinião do próprio jornalista. Enquanto isso, a

thread permite um grau maior de liberdade, no qual opiniões pessoais são destacadas mais recorrentemente.

Figura 87 - Editorial “Pazuello, o tramquilão”



Pazuello, o tranquilão

Mariliz Pereira Jorge

RIO DE JANEIRO O ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, que não entende xongas de saúde, não deve fazer ideia de que quatro em cada dez brasileiros tem experimentado algum nível de ansiedade por causa da pandemia. Entre 16 países, somos o que mais sofre, segundo pesquisa da Ipsos.

Talvez esses dados iluminem o titular da pasta que, ao ser questionado sobre detalhes do "plano de imunização" do governo, minimizou a complexidade de proteger 200 milhões de pessoas. "Para que essa ansiedade, essa angústia?" Segundo Pazuello, temos o maior programa de imunização do mundo e somos os maiores fabricantes de vacina da América Latina. Ok, conte agora uma novidade. Que dia começa a vacinação?

Ele diz que pode começar em dezembro. Muda para janeiro. Março. A última notícia é de que será em fevereiro. Depois da divulgação do "plano" ficou claro que o único projeto que o governo tem é de extermínio. Não tem plano. O brasileiro que não entrou em negação, se não morrer de Covid, sucumbe ao pânico. Mas o ministro tranquilão não entende por que estamos ansiosos.

Temos mais de 180 mil mortes pela Covid-19. O Brasil está perto de voltar a enterrar mil pessoas todos os dias. Os hospitais estão lotados. Os casos estão explodindo em cidades sem UTI. Para que angústia?

E ainda tem Jair Bolsonaro. Ele tem dado declarações com sinal trocado. No lançamento do "plano" falou sobre a importância de "união para buscar a solução de algo que nos aflige há meses", um dia depois de ter conspirado sobre a segurança da vacina e de ter dito que não vai tomá-la. O resultado é o aumento da desconfiança na população. Mas pra que ficar ansioso?

Milhares de pessoas passarão as festas de dezembro, assim como já ficaram o ano todo, longe dos seus. Perdemos familiares, amigos, emprego, esperança, mas Pazuello não sabe por que estamos ansiosos por uma bendita vacina.

Fonte: Edição de 17 de dezembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Além dos destacamentos presentes na forma de manchete na capa, os textos recrutados para esta análise também contam com destaques que se apresentam como olhos nas matérias “Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa” e “Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua origem”. Nesses dois casos os destaques são provenientes de frases das fontes, ou seja, se classificam como participantes do enquadramento testemunhal, a presença do ícone de aspas e do nome do enunciador abaixo do texto também podem favorecer esta percepção por parte do leitor.

Os destaques podem ter ocorrido devido ao caráter das falas que resumem os assuntos dos textos e pelo fato de os enunciados apresentarem afirmações que podem chocar ou

chamar a atenção do leitor. No caso da matéria “Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa” (Figura 88), o destacamento primeiro recai sobre uma frase em que o ex-presidente faz acusações à vacina, em seguida são destacados outros dois enunciados que apresentam falas do diretor do Instituto Butantan e desmentem a afirmação do político, por último, o jornal apresenta uma afirmação do diretor-presidente da Anvisa, que explica o motivo pelo qual a vacina ainda não pode ser receitada. De certa forma, as aforizações buscam resumir a matéria e demonstrar as três visões que aparecem no texto sobre o assunto, em primeiro lugar apresentando a desinformação proferida pelo presidente e, em seguida, fornecendo três aforizações que desmentiram essa.

Figura 88 - Destacamento na forma de olho na matéria “Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa”

saúde

FOLHA DE S.PAULO ★★★
QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 2020 B1

162.842 mortes
Brasil registrou 204 óbitos; 4 estados não divulgaram dados

5.701.283 casos
Foram registradas 25.517 novas infecções em 24 horas

Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa

Morte sem ligação com imunizante gera acusações, e comitê internacional pede liberação de estudo

SÃO PAULO E BRASÍLIA No mais estridente episódio da guerra da vacina contra a Covid-19 aberta entre Jair Bolsonaro (sem partido) e João Doria (PSDB), o presidente chamou de vitória pessoal a suspensão dos testes com a Coronavac.

A vacina teve seus ensaios de fase final suspensos na noite de segunda-feira (9) pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), abrindo uma crise entre os governos federal e paulista.

Até o STF (Supremo Tribunal Federal) entrou no jogo, com o ministro Ricardo Lewandowski dando 48 horas à agência para explicar seus critérios no caso da Coronavac. Ele havia sido provocado por um pedido da Rede.

O motivo da suspensão foi a morte de 1 dos 13.060 voluntários brasileiros do imunizante chinês, que se for eficaz será coproduzido em São Paulo pelo Instituto Butantan e é bandeira da gestão de Doria.

Só que o óbito, de um químico de 32 anos que participava do grupo do Hospital das Clínicas da USP, foi atribuído pela polícia a um suicídio —há a possibilidade aventada também de uma overdose. Logo, sua morte não tem nada a ver com a vacina. Não se sabe também se o voluntário tomou a Coronovac ou um placebo.

Assim, informado pelo Butantan, o Comitê Internacional Independente, que avalia ensaios vacinais no mundo todo, recomendou em nota à Anvisa a retomada dos testes.

O mesmo foi feito pelo Comitê Nacional de Ética em Pesquisa, órgão que com a Anvisa regula o tema no Brasil. Sem comentar mérito, a agência está avaliando.

Sem falar no suicídio por questões de confidencialidade inerentes a estudos com voluntários, desde segunda integrantes do governo paulista descartavam casualidade entre a morte e a vacina.

Isso não impediu Bolsonaro de ir ao Facebook e escrever: "Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria queria obrigar todos os paulistanos a tomá-la", escreveu como resposta a um seguidor.



Dimas Covas, o secretário de Saúde de SP, Jean Gorinchteyn, e João Gabbardo, nesta terça Divulgação Governo do Estado de São Paulo

sas colorações partidárias.

Bolsonaro já tem um acervo de críticas por seu comportamento na pandemia, que seguidamente minimiza.

Mesmo nesta terça, com mais de 160 mil mortos pelo novo coronavírus contados, disse que o Brasil não poderia ser um "país de maricas" ao enfrentar a crise.

Seu embate pessoal com Doria, que assumiu o antagonismo ao Planalto no manejo da pandemia, mira a eventual disputa entre os dois na corrida presidencial de 2022.

Bolsonaro já havia desautorizado seu ministro da Saúde, que havia prometido comprar 46 milhões de doses do imunizante chinês por São Paulo.

A reação da equipe de Doria foi comedida. O governador evitou se expor publicamente, como costuma fazer, e deixou para seu time da saúde uma entrevista coletiva sobre o caso. O diretor do Butantan, Dimas Covas, foi assertivo ao afirmar que não havia riscos para os voluntários. "Isso só causa angústia", afirmou.

João Gabbardo, coordenador-executivo do centro de contingência da Covid-19 no

Nenhum dos dois falou sobre a morte em si.

Na noite anterior, o próprio Covas havia deixado escapar que havia um óbito não relacionado com a vacina ao falar na TV Cultura, mas depois disse que falava em hipótese.

"Fomentaram um ambiente que não é muito propício pelo fato de essa vacina ser feita em associação com a China. Fomentaram esse descrédito gratuito. A troco de quê?", questionou Covas.

O que mais contrariou o governo paulista foi suspensão, feita sem aviso prévio.

O voluntário morreu no dia 29 de outubro, como a Folha adiantara na segunda. Dentro do prazo legal de sete dias, o HC informou tanto a Anvisa quanto a Conep do episódio, tratado como um chamado evento adverso grave.

Nesses casos, após uma checagem, testes podem ser suspensos para uma avaliação mais precisa. Isso já ocorreu com pelo menos duas outras vacinas em ensaios, a da AstraZeneca e a da Janssen.

A morte havia sido relatada no dia 6, mas ficou três dias parada no sistema da Anvisa por

cio pedia os dados, e os enviamos. Quase três horas depois, eles nos convidaram para uma conversa nesta terça e, logo depois, suspenderam os testes sem nos avisar. Um telefonema teria resolvido."

Além disso, a divulgação da decisão da suspensão na noite de segunda, 38 minutos após um email ter sido enviado ao Butantan convidando para a discussão virtual do caso na manhã seguinte, causou em São Paulo a impressão de busca por um desgaste político.

A reunião, às 9h desta terça, foi tensa. Covas transmitiu os dados referentes ao caso e, na sequência, foi enviado por email o relatório completo assinado pelo responsável no HC do estudo, Esper Kallas, colunista da Folha.

A Anvisa afirma que não recebeu nada e, no começo da tarde, tentou se explicar em entrevista coletiva. Falou sobre as questões mais óbvias, como a necessidade de proteger voluntários ao menor sinal de problemas, mas se enrolou ao tentar explicar o imbróglio das mensagens paradas em seus servidores de email.

Seu diretor-presidente, o almirante Antonio Barra Torres, também afirmou que não recebeu informação sobre o suicídio, que ele tratou como hipotético, por canais oficiais, o que não é verdade segundo o relato de Covas. O almirante criticou a politização do caso, dizendo que há "uma guerra política lá fora".

Não há um cronograma pétreo acerca de vacinas da Covid-19, mas a expectativa dos chineses é ter a fase 3 da Coronavac concluída até o fim deste mês, o que poderá abrir o caminho para seu registro no Brasil —responsabilidade da Anvisa. O estudo de segurança até aqui a aprovou, restando saber sua eficácia.

Doria comprou 46 milhões de doses para entrega até o fim de dezembro, 40 milhões delas em forma de insumos a serem formulados no Butantan. Se tudo der certo, a vacina-

> Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria queria obrigar todos os paulistanos a tomá-la. O presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha
>
> **Jair Bolsonaro**

> Fomentaram um ambiente que não é muito propício pelo fato de essa vacina ser feita em associação com a China. Fomentaram esse descrédito gratuito. A troco de quê?
>
> A conclusão do relatório que está em mãos da Anvisa neste momento diz exatamente isso: o evento adverso grave foi analisado e não tem relação com a vacina. Ponto
>
> **Dimas Covas**
> diretor do Instituto Butantan

> Não é brincadeira atestar que uma vacina pode ser dada a uma pessoa. [...] E documentos claros, precisos e completos têm que ser enviados a nós, o que não aconteceu
>
> **Antonio Barra Torres**
> diretor-presidente da Anvisa

Fonte: Edição de 11 de novembro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Uma estrutura parecida ocorre na matéria "Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua origem" (Figura 89), novamente é destacada em, primeiro lugar, a acusação que o presidente faz sobre o imunizante, em seguida, o jornal apresenta uma aforização em que governador de São Paulo rebate o presidente, por fim, o jornal veicula uma terceira aforização complementar em que o Ministro da Saúde demonstra subordinação a Jair Bolsonaro. Novamente todas as aforizações são pertencentes ao enquadre testemunhal, por

mostrarem convicções pessoais e devido aos elementos de design, como as aspas e presença do nome da fonte embaixo da aforização, que induzem esse enquadre.

Figura 89 - Destacamento na forma de olho na matéria "Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua origem"



O ministro Eduardo Pazuello recebe visita do presidente Jair Bolsonaro Jair Bolsonaro no Facebook

Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua origem

Ricardo Della Coletta, Daniel Carvalho e Natália Cancian

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) afirmou na noite de quarta (21) que não acredita que a Coronavac — parceria entre a farmacêutica chinesa Sinovac e o Instituto Butantan— transmita credibilidade "pela sua origem" e usou como justificativa que "esse vírus teria nascido" na China.

As declarações do presidente foram dadas em entrevista à rádio Jovem Pan e são um passo a mais na série de manifestações de Bolsonaro contra as pesquisas realizadas pela parceria sino-brasileira. Na quarta, ao determinar a suspensão de um protocolo de compra de 46 milhões de doses da Coronavac pelo Ministério da Saúde, Bolsonaro se referiu ao desenvolvimento da imunização como "a vacina chinesa de João Doria".

Na entrevista, foram feitas críticas ao país asiático, com o argumento de que o veto teria sido motivado pela origem da farmacêutica. "Da China nós não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela [vacina] transmita segurança suficiente para a população pela sua origem."

"Acredito que teremos a vacina de outros países, até mesmo a nossa, que vai transmitir confiança para a população. A da China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido lá", declarou.

Ao se referir a uma origem chinesa do vírus, Bolsonaro faz eco à ala mais ideológica de seus apoiadores, que responsabilizam Pequim pelo que consideram a pandemia de um "vírus chinês". O mesmo termo também é usado com frequência pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

"Tenho certeza que outras vacinas que estão em estudo poderão ser comprovadas cientificamente. Não sei quando, pode durar anos inclusive. E nós também estamos trabalhando com o Butantan para conseguir a vacina."

Apesar da fala, o Butantan, no momento, mantém parceria apenas com a Sinovac para o desenvolvimento de uma vacina contra o coronavírus. Pelo acordo com a farmacêutica chinesa, parte das doses são desenvolvidas inteiramente na China, enquanto que o restante será produzido no instituto paulista, como parte de protocolos de transferência de tecnologia.

Quando anunciou o acordo para a aquisição de doses da Coronavac, o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, disse que "a vacina do Butantan será a vacina do Brasil".

"O Butantan já é o grande fabricante de vacinas para o Ministério da Saúde, produz 75% das vacinas que nós compramos", disse o ministro.

Bolsonaro desautorizou o chefe da Saúde na manhã de quarta, usou a palavra "traição" para o caso e disse que o governo não comprará o que chamou de "vacina chinesa".

Já na manhã desta quinta (21), Bolsonaro fez uma visita a Pazuello para acabar com rumores de que o auxiliar seria demitido. A visita, fora da agenda oficial dos dois, foi transmitida por uma rede social de Bolsonaro, que foi ao Hotel de Trânsito de Oficiais do Exército, onde Pazuello recupera-se da Covid-19.

"Semana que vem talvez, com toda certeza, tu volta para o batente", disse Bolsonaro. "Pois é, estão dizendo que não, né? Estamos juntos", reagiu Pazuello.

"Falaram até que a gente estava brigado aqui. No meio militar, é comum acontecer isso daqui, algum choque, alguma coisa. Não teve problema nenhum", prosseguiu Bolsonaro.

"Senhores, é simples assim. Um manda e o outro obedece, mas a gente tem um carinho", disse Pazuello.

"Opa, está pintando um clima aqui", disse Bolsonaro em tom de brincadeira.

Em sua live semanal, na noite desta quinta, Bolsonaro fez críticas indiretas a Doria e voltou a atacar declaração do governador sobre tornar a vacinação compulsória em São Paulo.

"Enquanto eu for presidente da República, não vai ser desta forma. Isso é democracia, é liberdade. Ninguém vai obrigar ninguém a tomar vacina", disse o presidente.

"O que serviu muito esta pandemia foi para revelar os aprendizes de ditadores. Figuras nanicas, hipócritas, idiotas, boçais, achando que mandam no estado dele. 'Vai tomar vacina!'. Vai tomar você, pô, a vacina que você bem entender. Coca-Cola, Tubaína, vá tomar o que você bem entender", afirmou Bolsonaro.

Doria diz que Datena 'não é médico' em discussão ao vivo

SÃO PAULO O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), e o apresentador da TV Bandeirantes José Luiz Datena discutiram nesta quinta-feira (22) sobre isolamento social e a briga entre Doria e o presidente Jair Bolsonaro em torno da Coronavac, a vacina contra a Covid-19 desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac em parceria com o Instituto Butantan.

Durante entrevista do tucano ao programa Brasil Urgente, Datena perguntou por que o governador dizia que "o pior [da pandemia] já passou" e ainda assim brigava tanto pela vacina. O político retrucou e afirmou que Datena não era médico para discutir sobre o assunto e que deixava a questão para os especialistas do Centro de Contingência do Coronavírus estadual.

"Datena, volto a repetir para você: são 20 médicos especialistas que cuidam disso, não é determinação minha e nem será sua, com todo respeito que você merece, mas você fica insistindo nisso. Você não é médico, não é infectologista, não é especialista. Por isso eu sigo as orientações dos médicos", afirmou Doria.

"Nem o senhor é médico", respondeu o jornalista. "Quantas pessoas morreram hoje em São Paulo? São 111 pessoas que morreram em São Paulo [em 24 horas]. É quase a metade da França inteira, quase que o total da Espanha inteira, e lá os caras estão fechando tudo e aqui a gente está em fase amarela", retrucou Datena, criticando o plano de reabertura do governo estadual.

Na verdade, morreram 147 pessoas na França e 156 na Espanha nesta quarta (21), segundo a universidade Johns Hopkins. São Paulo tem regiões na fase amarela do plano de reabertura gradual e outras regiões na fase verde, como a capital.

A entrevista começou com o apresentador questionando Doria sobre a afirmação de Bolsonaro de que não compraria a Coronavac mesmo se ela fosse autorizada pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

A declaração foi dada à Jovem Pan. Bolsonaro alegou que existe um "descrédito muito grande" em relação à origem do imunizante e sugeriu que não aceitará ser vacinado contra a doença.

Doria reafirmou que considera a declaração do presidente criminosa. "Se [Bolsonaro] confirmar o que foi publicado hoje nos sites de notícia, de que mesmo com a aprovação da Anvisa ele vai negar o acesso à uma vacina que salva vidas de brasileiros, essa será uma atitude criminosa e ele poderá ser classificado como tal", disse.

"Como pode um presidente da República diante de uma pandemia dizer que não vai colocar a vacina à disposição da população porque ele não quer? É homicídio, é uma ação criminosa", seguiu Doria.

Segundo o governador, caso isso ocorra, ele pode recorrer ao STF (Supremo Tribunal Federal).

Datena também questionou o governador sobre o fato de o diretor-geral do Instituto Butantan, Dimas Covas, ter dito que a Anvisa está retardando a autorização para a importação da matéria-prima da farmacêutica Sinovac que possibilitará a fabricação da vacina chinesa no Brasil.

"Apesar da situação protelatória, nós aceitamos a manifestação da Anvisa de que no próximo dia 4 [de novembro] terá uma reunião para liberação da importação dos insumos. Não aplicaremos a vacina sem autorização, mas não faz sentido adiar", afirmou Doria, que disse ter saído "muito bem impressionado" de uma reunião nesta quarta-feira (14) com o diretor-presidente da Agência, o contra-almirante da Marinha Antonio Barra Torres.

Até agora, disse, "não temos razão para duvidar da isenção da Anvisa. Mas, se a agência tiver comportamento protelatório para atender a pressões do presidente Bolsonaro, eu denunciarei isso publicamente e agirei judicialmente. Espero que a Anvisa cumpra seu papel como tem cumprido até aqui."

> Acredito que teremos a vacina de outros países, até mesmo a nossa, que vai transmitir confiança para a população. A da China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido lá
>
> **Jair Bolsonaro** presidente da República

> Como pode um presidente da República diante de uma pandemia dizer que não vai colocar a vacina à disposição da população porque ele não quer? É homicídio, é uma ação criminosa
>
> **João Doria** governador de São Paulo

> Senhores, é simples assim. Um manda e o outro obedece, mas a gente tem um carinho
>
> **Eduardo Pazuello** ministro da Saúde, ao receber visita do presidente Jair Bolsonaro

Fonte: Edição de 23 de outubro de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

Sendo assim, podemos afirmar que a Folha de S. Paulo usou o recurso de destaque na forma de olho como ferramenta para resumir esta matéria, apresentando os principais dados aos leitores. A leitura dos destaques permite que, apenas por meio das aforizações, o leitor saiba quais foram os ataques do presidente e como esses foram rebatidos. O jornal impresso proporciona assim uma alternativa de leitura mais superficial, baseada em destacamentos e

que acarretaria uma fixação de memória discursiva com base nesses pontos de contato, demonstrando como o conceito de sintaxe do destacamento também se aplica ao jornalismo impresso.

Por último, mais um caso do uso de olhos para resumir os principais pontos de uma notícia acontece no texto "Pesquisa aponta aumento de tristeza e ansiedade em jovens na pandemia" (Figura 90), no entanto, nesse não são destacadas frases proferidas pelas fontes, mas resultados das pesquisas científicas que foram conduzidas sobre o tema. Sendo assim, optamos pela classificação com o enquadramento informacional, uma vez que os dados representam uma informação empírica obtida por pesquisa e que o contexto incentiva os leitores a essa interpretação.

Figura 90 - Destacamentos na forma de olho na matéria "Pesquisa aponta aumento de tristeza e ansiedade em jovens na pandemia"



Pesquisa aponta aumento de tristeza e ansiedade em jovens na pandemia

Estudantes da rede pública têm rotina alterada e apresentam dificuldade para acompanhar aulas

Laura Mattos

SÃO PAULO Três adolescentes de São Paulo com depressão, tratados no Hospital das Clínicas, apresentavam melhora quando veio a pandemia. Confinados, pioraram e tentaram se matar. Uma menina de 12 anos, que antes do isolamento fazia terapia para lidar com o bullying, nos últimos meses fala em suicídio e até cortou a tela da janela do apartamento. Uma garota de 14, que nunca havia tido complicações emocionais, no confinamento desenvolveu estresse grave e agressividade a ponto de deixar os pais com medo. Um menino de 10, antes tranquilo, agora tem crises de falta de ar e de choro de madrugada.

O confinamento prolongado no Brasil apresenta a fatura, e até famílias mais equilibradas enfrentam esgotamento. Uma pesquisa nacional do instituto Datafolha, em parceria com a Fundação Lemann, o Itaú Social e a Imaginable Futures, vem acompanhan-

vamos que seriam dois ou três meses de isolamento, e a preocupação foi mobilizar os estados para criar sistemas de ensino a distância, o que foi bem-sucedido. Com o confinamento prolongado, a saúde mental passou a nos chamar a atenção. A fadiga chegou e está cobrando a conta", diz.

É o que ocorreu com Lucas, 10 (os nomes são fictícios). Aluno de colégio público de São Paulo, ele teve dificuldades no início para acessar as aulas, pois dividia com o irmão de 14 e a irmã de 7 o celular da mãe, o único da família. Em maio, recebeu como doação um computador e se conectou com mais facilidade às atividades. Mas, ao longo dos meses, a ansiedade cresceu e ele passou a ter crises de choro e falta de ar.

"Observamos crianças que acabaram desenvolvendo problemas na pandemia. Outras possuíam questões escondidas, que estão saindo do armário. E há aquelas que já enfrentavam dificuldades e pio-

Hospital das Clínicas.

Ainda que a pandemia imponha mais dificuldades a pacientes do serviço público, nos consultórios particulares também se sentem suas consequências. Um caso é o da garota de 12 anos que agora falar de suicídio. Em psicoterapia desde antes da pandemia, sofria bullying na escola, mas vinha administrando as angústias.

Já fragilizada, no isolamento cortou a tela da janela de seu quarto, no 15º andar. Os pais ouviram da psiquiatra que, ainda que o ato pudesse ter o propósito chamar a atenção deles, ela estava em sofrimento e havia risco. Orientou-os a trocar a telinha de nylon por grades de ferro, e a garota passou a tomar antidepressivo.

No confinamento, crianças e adolescentes tiveram que lidar com outras complicações. Há aqueles que enfrentaram situações mais traumáticas, como a perda de renda dos pais, a complicação da doença em alguém próximo ou o luto.

77%
dos estudantes se sentem mais tristes, irritados ou sobrecarregados

48%
estão menos envolvidos com as atividades escolares do que antes do isolamento

DESMOTIVAÇÃO
índice passou de 46% (maio) para 51% (julho)

DIFICULDADES COM A ROTINA EM CASA
o índice subiu de 58% (maio) para 67% (julho)

EVOLUÇÃO NO APRENDIZADO
a taxa dos que consideram não estar evoluindo foi de 46% para 50%

RISCO DE EVASÃO ESCOLAR
passou de 31% para 38% e já chega a 43% nos anos finais do ensino fundamental

tra com outra metáfora: "Há crianças que pulam uma onda, depois outra e outra. Vão bem, até que derrapam no último mês do isolamento".

Luísa, 14, que passava o dia na escola, entre aulas, curso extras ou mesmo tardes de batepapo com amigos, desenvolveu irritação na pele no confinamento. Depois, dor de estômago. Exames nada encontraram, o que levou o médico a constatar que era emocional. Com o tempo, ela se trancou no quarto, acumulou notas vermelhas e ficou agressiva.

"Um dia tive medo de ela pegar uma faca e vir para cima de mim", diz a mãe. Filha única, só sai de casa para ir ao apartamento dos tios. Apavorada com a chance de ser contaminada, sobe os cinco andares de escada. Não quer ver amigos nem no parque e diz que só volta às aulas com a vacina.

Lee Fu I alerta que essa fobia social e uma mania de limpeza que beira o TOC (transtorno obsessivo compulsivo)

"Se essa vivência causará traumas ou estresse pós-traumático, saberemos depois. Vai depender muito do ambiente ao redor das crianças e dos jovens, da postura e do acolhimento dos adultos."

Para o pediatra e psicólogo Eduardo Goldenstein, do departamento de saúde mental da Sociedade de Pediatria de São Paulo, crianças que estejam passando pelo confinamento dentro da normalidade possível não terão traumas.

"Claro que estão atordoadas e com saudades dos amigos, o que traz tristeza", diz. "Mas depressão é algo mais profundo, não acontece com todas. Elas regridem, sentem medo, mas, em geral, têm forte resiliência e capacidade de se recompor."

Os jovens também estão com os hormônios à flor da pele. "Pacientes reclamam de não poder encontrar namorado ou namorada", diz. Mas a experiência deve levá-los a amadurecer e a refletir. "Adolescentes se ressentem de que as coisas não são como querem, o que é uma novidade, e ficam bravos. É um enorme aprendizado", diz o psicólogo, que ressalta: "Os mais pobres não têm direito nem à adolescência, precisam trabalhar, situação que se agravou na pandemia."

É importante que se converse em família e que, com os devidos cuidados, crianças e adolescentes voltem a dar voltas. "Os pais vão ao mercado, saem

Fonte: Edição de 8 de agosto de 2020, disponível no acervo digital Folha de S. Paulo, acesso em maio de 2023

8.5.1 Resultados da análise

Durante as análises dessa *thread* encontramos enunciados que não estão completamente de acordo com as características de aforizações defendidas por Maingueneau, como no caso em que há tuítes que se apresentam com mais de um plano e possuem citações das falas de personagens. No entanto, ainda podemos afirmar que os enunciados encontrados

nas *threads* e os destacamentos presentes no jornal impresso se caracterizam como aforizações, uma vez que esses se revelam como integrantes de um outro regime de enunciação que não é o textualizante, ou seja, fogem dos formatos estabelecidos para os gêneros discursivos, circulam de forma independente de seus textos-fonte, se destinam a um "auditório" e não a um interlocutor prescrito pelo gênero, além de outras características. Maingueneau defende que a pretensão de uma aforização é a de ser "uma fala absoluta, sem contexto, mas convocada em um texto" (2010, p. 18), sendo assim, o próprio autor reconhece que as aforizações, por mais que se esforcem para serem "frases sem texto", ainda precisam de enunciados proferidos no regime textualizante para ancorarem seus sentidos.

A pretensão da aforização de ser uma "frase absoluta" pode ser encontrada na *thread* que foi foco desta análise, uma vez que os destaques dos intertítulos se propuseram a ser trechos "completos", que transmitiam todas as informações do texto, e mais explicitamente nesse caso, também "verdadeiros", vide a prática de classificar as afirmações sobre as vacinas como "verdades" ou "mentiras".

Ainda sobre os regimes de enunciação aforizante e textualizante, a análise dessa *thread* nos faz levantar questões sobre as problemáticas que surgem quando a Folha de S. Paulo "resume" um enunciado proferido no regime textualizante em uma aforização e, devido à própria natureza desse regime enunciativo e do tipo do discurso jornalístico, leva os leitores a entenderem que a aforização é uma "verdade por completa".

Se a matéria jornalística, por sua vez, já é um enunciado derivado de um relatório científico, do relato de uma fonte, de uma entrevista, da descrição de um acontecimento etc. então a aforização seria apenas um "relato do relato", ou uma "fração da fração" da representação de um acontecimento, de uma pesquisa científica etc. Por exemplo, os dados citados no texto "Pesquisa aponta aumento de tristeza e ansiedade em jovens na pandemia" (Figura 86) figuravam em um relatório científico que, primeiramente, foi condensado em uma matéria jornalística e, em seguida, passou a circular na forma de uma aforização no Twitter, tendo as suas informações reduzidas e filtradas em cada uma destas ocorrências, no entanto, a aforização presente em um tuíte carrega em si a pretensão de se dar como "completa" e pode induzir o leitor que consome uma *thread* a pensar que está "completamente" atualizado sobre o assunto, quando na realidade o receptor apenas teve acesso a um trecho, que não representa nem o texto-fonte inteiro disponível no site no jornal e nem toda a pesquisa conduzida pelo cientista.

9 CONCLUSÕES

Após a condução das análises realizadas nesta dissertação é possível chegar a algumas conclusões fundamentais sobre as *threads* jornalísticas, o regime de enunciação aforizante e sobre a forma como o texto se constrói na contemporaneidade, com base no primado do destacamento e no entendimento de uma sintaxe do destacamento.

Discorrendo sobre as *threads* jornalísticas, defendemos que essas são um novo tecnogênero (advindo do hipergênero *thread*) do tipo de discurso jornalístico que conta com funcionamento e regularidade próprios, operando a partir de dois modos de funcionamento. No primeiro desses, as *threads* destacam partes do texto-fonte com informações incompletas, que causam dúvida ao leitor, ou chamadas que atiçam a curiosidade de quem está navegando pelo Twitter. O principal objetivo das *threads* que operam dessa maneira é realizar um convite para que o leitor faça o consumo do texto completo no site do veículo de imprensa, sendo assim, os destaques nesse modo funcionam como "caça-cliques" e a *thread* pode ter a intenção de criar uma lista ou curadoria de conteúdo, fornecendo diversos links para variadas matérias de um tema que possa interessar ao leitor.

Em resumo, as *threads* jornalísticas desse modelo são usadas pelo jornal Folha de S. Paulo como um braço de captura que cria dúvidas, induz ao clique e transporta leitores do Twitter para o seu site, espaço no qual a permanência do internauta rende certa monetização para a empresa. Essa dinâmica se torna mais explícita quando o jornal recorre a aforizações pertencentes ao enquadramento informacional convidativo, ou seja, quando o leitor é nitidamente convidado à leitura da matéria completa.

Por outro lado, no segundo modo de funcionamento, as *threads* se constroem com base no destacamento de trechos como o lide, título, intertítulos, frases do entrevistado ou qualquer outro componente do texto-fonte que sintetize em poucas linhas uma grande quantidade de informação. O objetivo desse modelo é resumir de forma completa os textos-fontes que estão publicados no site do veículo de imprensa. Sendo assim, esses destacamentos, que em sua maioria são do regime de atualidade e pertencem aos enquadres informacional e testemunhal, buscam transferir toda a informação presente no texto-fonte para o leitor de forma rápida. Nesse formato o leitor é repelido ao consumo dos textos-fontes por completo, uma vez que as principais informações já estão presentes no Twitter, sendo assim, os links disponíveis têm como função atribuir credibilidade ao destaque, demonstrando que esse foi extraído de um jornal credível, e fornecer material complementar para consulta.

Vale ressaltar que nas *threads* jornalísticas há ainda a possibilidade de utilização dos dois modos de funcionamento ao mesmo tempo, em um texto que intercala dentro de si aforizações que oferecem as principais informações presentes no texto-fonte e aforizações que convidam o leitor ao clique, causando certa curiosidade.

De outra forma, o jornal impresso apresenta apenas uma das pretensões da *thread*. O alto número de destaques no enquadre informacional comprova que, na maioria dos casos, o destacamento no texto impresso têm como objetivo transmitir informações para o público e resumir o aspecto mais importante do texto, e não convidar ou usar armadilhas para atrair o leitor ao consumo completo. Isso pode ser justificado pelo fato de que, se alguém possui o jornal impresso em mãos, provavelmente já pagou pelo item e já rendeu retorno financeiro para o veículo de imprensa, o que por meio da web só é conquistado após o clique e acesso ao site, e não na plataforma Twitter.

Enquanto o texto jornalístico publicado na web pode ser destacado por meio de *threads*, o jornal impresso realiza esse processo por meio de olhos, títulos, intertítulos, manchetes na capa e outras formas de paratexto que irão chamar a atenção do leitor. Segundo Freire, o uso desses recursos pode ser caracterizado como uma fragmentação do texto no impresso, que tem por objetivo:

> Possibilitar diferentes velocidades e níveis de profundidade de leitura. O leitor com menos tempo (ou interesse) pode ser minimamente contemplado na sua necessidade por informação lendo os títulos, aberturas, olhos e peças: mais velocidade e leitura superficial. Ou pode ler a matéria completa e ter uma informação mais detalhada: menor velocidade e leitura aprofundada. (2009, p. 306)

Ao mesmo tempo, o uso de elementos como o olho, títulos e legendas realçam verbal e visualmente o texto, trazendo mais dinamicidade ao jornal impresso e servindo como um artifício estético além de informacional. Sousa aborda a importância do design no jornalismo ao afirmar que "grande parte do poder atrativo imediato dos jornais e das revistas reside no design. O design dota a imprensa de uma certa beleza à primeira vista. O design dota a imprensa de uma certa sensualidade e dá-lhe uma mais-valia emocional" (2001, p. 362).

Por fim, para proporcionar uma melhor compreensão sobre os destacamentos encontrados, criamos uma tabela que demonstra a recorrência dos enquadramentos nas duas mídias, ou seja, nas *threads* e no jornal impresso.

Tabela 11 - Destacamentos nas *threads*

Destacamento nas *threads*

	Informacional	Testemunhal	Acional	Moralista	Hermenêutico	Histórico	Total
Recorrência	66	6	1	2	1	0	76
Porcentagem	86,84%	7,89%	1,31%	2,63%	1,31%	-	100%

Fonte: Elaborada pelo autor

Tabela 12 - Destacamento no impresso

Destacamento no impresso							
	Informacional	Testemunhal	Acional	Moralista	Hermenêutico	Histórico	Total
Recorrência	22	10	0	0	0	0	32
Porcentagem	68,75%	31,25%	-	-	-	-	100%

Fonte: Elaborada pelo autor

Em ambos os casos os enquadres informacional e testemunhal são mais recorrentes, o que demonstra que a *thread* se adequa à semântica global e à deontologia do discurso jornalístico, tipo discursivo que privilegia a dimensão informacional dos acontecimentos (presente principalmente no enquadre informacional) e o relato de fontes envolvidas no incidente (presentes no enquadre testemunhal), em detrimento de outras aforizações que poderiam fazer asserções pessoais (enquadre moralista) ou criar certa dúvida no leitor (enquadre hermenêutico).

Vale destacar ainda que o ambiente digital permite formatos menos preocupados com as balizas éticas do jornalismo do que os gêneros “de papel” e cria um afrouxamento das regras da deontologia jornalística, esse fenômeno pode se dar pela necessidade da comunicação digital em causar engajamento, chamar atenção para ser lida etc. A presença de duas aforizações no enquadramento moralista e de uma no enquadramento hermenêutico nas *threads*, enquanto o impresso apresenta nenhuma nesses enquadres, demonstra que a web abre espaço para novas formas de destacamento menos “tradicionais” e não características do “jornalismo tradicional”.

Ressaltamos ainda que, por mais que o jornalismo esteja se apoderando de novas formas para divulgar suas produções, como é o caso da *thread* jornalísticas, a qual compreende o uso da linguagem informal, elementos icônicos como emojis e também a

prevalência de enunciados no regime aforizante, ainda é possível afirmar que, por princípio deontológico, esse gênero do discurso mantém a preocupação em informar da forma "mais isenta e imparcial possível", conforme preceitos do jornalismo.

Partindo para o segundo ponto que queremos tratar nas conclusões desta dissertação, defendemos que os enunciados digitais estudados nesta pesquisa (tuítes presentes em *threads* jornalísticas que se caracterizam como trechos destacados de um texto-fonte disponível no site do jornal) podem ser categorizados como aforizações na medida em que correspondem a um regime de enunciação diferente do regime textualizante, um regime enunciativo que foge à lógica do texto, cria enunciados que circulam de maneira independente de seus texto-fontes e que também tentam se adequar às sete características típicas de uma aforização citadas no capítulo 3.1 e propostas por Maingueneau (2010, 2014). No entanto, por mais que esses enunciados sejam aforizações, reconhecemos que os textos presentes nos tuítes não conseguem se adequar à forma de uma aforização "perfeita", uma vez que esta tarefa é impossível.

As marcas de que os tuítes não são aforizações "perfeitas" são encontradas, por exemplo, quando descobrimos enunciados compostos por diversos planos e com citações. EsSa característica, segundo Maingueneau, é própria do regime textualizante no qual "diferentes figuras do enunciador (por exemplo a autocorreção, a concessão…), diferentes status polifônicos (citações…), diferentes planos de textos (primeiro plano/plano de fundo…)" (MAINGUENEAU, 2010, p. 14) estão presentes. As aforizações com mais de um plano são encontradas, principalmente, na última análise desta dissertação e quebram a lógica de um regime enunciativo que se planejava "pleno" e "homogêneo".

Ao mesmo tempo, também podemos citar o fato de que, apesar das aforizações estudadas nesta dissertação circularem independentemente de seus textos-fontes, estando até mesmo inseridas em outra plataforma, essas ainda apresentam resquícios do gênero discursivo que as originou. Segundo Maingueneau, "a lógica da aforização é a de apagar tanto as marcas de inscrição num ambiente textual quanto seu pertencimento a um gênero de discurso. Ela se apresenta como tendo sido proferida em outra cena" (2014, p. 40). No entanto, os destacamentos extraídos dos textos da Folha de S. Paulo ainda contam com diversas características da enunciação jornalística, como tentar transparecer uma suposta imparcialidade e isenção. Simultaneamente, o alto número de aforizações pertencentes ao enquadramento informacional e testemunhal encontradas nesta pesquisa também podem ser consideradas características do gênero jornalístico, uma vez que a semântica global desse discurso privilegia esses enquadres ao planejar transferir informações de forma supostamente

clara e evitando enigmas (que seriam característicos do enquadramento hermenêutico) ou asserções pessoais sobre o mundo (recorrentes no enquadramento moralista). Em resumo, por mais que o regime de enunciação aforizante tenha como uma de suas características o apagamento de um gênero, as aforizações extraídas de um texto jornalístico continuam apresentando sombras de sua generacidade, mesmo que circulando em um outro ambiente separado de seu texto-fonte.

Estas ocorrências nos apontam que uma aforização nunca pode ser plena naquilo que se propõe a ser: se tornar uma frase sem texto, sempre haverá uma característica que ainda a ligará com seu texto-fonte ou irá desmascarar a sua ilusão de independência do regime textualizante. Maingueneau discorre sobre essa natureza paradoxal da aforização ao afirmar que "as enunciações textualizante e aforizante não representam as duas possibilidades de uma alternativa, como se os locutores falassem ou por textualização ou por aforização. Toda aforização intervém em uma textualização: é uma encenação construída por outro locutor" (2010, p. 24). Desse modo, como toda aforização se constrói, primeiramente, dentro de um texto, a enunciação aforizante seria apenas uma encenação, uma tentativa de construção de um utópico "texto autônomo" que funcionaria por si só, independente de seu texto-fonte ou do interdiscurso. Na verdade, nem mesmo os enunciados que são mais bem adequadas a estas características podem ser, realmente, frases sem texto:

> Poder-se-ia objetar que existem aforizações que poderiam ser consideradas "originais", que nunca se encontram no entorno de um texto. Pode-se, por exemplo, pensar nas situações em que alguma personalidade carismática (o sábio zen, o *rabbi*, o grande santo…) se expressa apenas por aforizações. Na realidade, mesmo esses enunciados, que se apresentam como autônomos, são constituintes de um texto: eles se inscrevem no ritual de consulta a uma autoridade. (MAINGUENEAU, 2014, p. 62)

Os resultados encontrados nesta dissertação confirmam o que foi defendido por Maingueneau no trecho acima e demonstram marcas de como um regime enunciativo que se propõe "pleno", "homogêneo", "destinado a um auditório universal", "livre de restrições dos gêneros do discurso" e "memorizável" é, na realidade, impossível. Apesar do modo de funcionamento diferente e de uma negação ao texto, a aforização não consegue jamais se libertar totalmente do enunciado que a criou.

Aplicando essa realidade ao material analisado na pesquisa, afirmamos que as aforizações presentes nas *threads* demonstram como *não existe um texto fora do texto*, nas palavras de Maingueneau: "há uma assimetria essencial entre os dois regimes de enunciação, aforizante e textualizante: a enunciação aforizante não entra na lógica do texto e do gênero do

discurso, mas ela é inevitavelmente proferida em um texto" (2010, p. 17). Os enunciados destacados que circulam no Twitter, para terem o seu sentido consolidado, se veem obrigados a apontar a sua origem, seja por meio de links e remissões ao texto fonte, ou de uma reconstrução em uma nova unidade textual: a *thread*.

As *threads* jornalísticas, nos casos estudados nesta dissertação, foram criadas a partir da junção de uma série de aforizações, ou seja, enunciados que deveriam funcionar por conta própria mas falham nesse processo, por sua própria natureza dependente do texto. Sendo assim, a *thread* (um enunciado do regime de enunciação textualizante) executa um movimento que integra diversos fragmentos detextualizados em uma nova unidade e em um novo ambiente, devolvendo-os à lógica da enunciação textualizante, na qual esses podem fazer sentido novamente, ou pelo menos, fazer sentido de forma mais clara, mais completa e com maiores informações e contextualização.

Esse tecnogênero aparenta, desse modo, ser ao mesmo tempo um retorno ao regime de enunciação textualizante e também uma negação deste, afinal, a organização e união de diversos destacamentos em uma *thread* cria um texto completamente novo que, apesar de ser longo, se "disfarça" como curto por recortar diversas partes de um ou de vários textos-fontes maiores, realidade já prevista por Maingueneau ao afirmar que:

> A aforização mantém uma relação paradoxal com o texto: por natureza, ela se opõe à textualização, porém se inscreve inevitavelmente "no interior" de um texto. Em certo sentido, podemos até mesmo dizer que é o texto que ressalta a aforização, que torna saliente esse regime de enunciação que contesta (2014, p. 62).

Defendemos que a transmissão de informação, foco do discurso jornalístico, é um processo complexo e que exige enunciados criados no regime de enunciação textualizante para se efetuar, ou seja, mais longos, com contextualizações, citações, apresentação do contraditório etc. No entanto, o caçador de informação (HAN, 2018) e os usuários prototípicos da internet que foram educados pela lógica capitalista e consumista desse aparato tecnológico (BARBROOK e CAMERON, 2018) buscam um texto cada vez mais direto, rápido, sem contextualizações, livre das amarras dos gêneros discursivos, ou seja, pertencentes ao regime de enunciação aforizante. Sendo assim, a *thread*, em seu esforço para compartilhar informação no ambiente digital, não pode ser outra coisa senão uma contradição, demonstrando os indícios da necessidade daquilo que parece ser recusado e sendo um texto longo formado por várias aforizações curtas e "independentes". A presença de aforizações, que seriam pequenas unidades textuais que "funcionam de forma independente e por conta

própria", garantem que a *thread* não será rejeitada pelo caçador de informação e, talvez, possa até "enganá-lo", fazendo-o ler um enunciado no regime textualizante sem que perceba, desse modo, conseguindo transmitir informação de forma mais completa e contextualizada.

Ademais, as análises sobre o tecnogênero jornalístico *thread* presentes nesta dissertação também foram úteis para confirmar afirmações feitas sobre o terceiro ponto que queremos tratar nas conclusões: a forma como o texto se constrói na contemporaneidade. Para começar a debater esse tema, citamos Maingueneau, autor que propôs que a forma de textualização vigente seria a modular: "uma combinação de módulos ícono-verbais dispostos para que um olhar apressado escaneie o espaço comodamente" (2014 p.86), defendendo que o destacamento também seria um dos módulos que compõem esse modo de escrita.

As *threads*, por sua vez, são um exemplo desse fenômeno, compostas por módulos com destaques, fotos, links e outros elementos tecnodiscursivos, essas são tecnotextos criados para adaptar à forma de textualidade modular os enunciados que foram produzidos no site do jornal ou na mídia impressa. A *thread* possui uma maior variedade de módulos quando comparada com seu texto-fonte, conta com mais portas de entrada para o leitor (oferecendo oportunidades de se aprofundar em vários textos), diferentes níveis de leitura e uma maior dinamicidade (permitindo atualizações e desdobramentos). É verdade que, como demonstrado no capítulo 7.1, a fragmentação dos textos e o predomínio da escrita modular é uma realidade que está se tornando cada vez mais consolidada há tempos, no entanto, defendemos que o ambiente digital potencializou esse processo e que as *threads* são um demonstrativo dessa realidade.

Nas *threads*, o destacamento é utilizado para apresentar ao leitor os principais pontos do texto, agrupar várias matérias com um mesmo tema em um único tecnotexto, fornecer os links para diversos textos-fontes e proporcionar uma leitura rápida. Todas essas características estão ligadas à rapidez do consumo de informações no mundo digital, no qual as notícias devem ser cada vez mais ágeis e descartáveis, ao encontro do que afirma Bauman: "a perecibilidade dos noticiários enquanto informação sobre o 'mundo real' é em si mesma uma importante informação: a transmissão das notícias é a celebração constante e diariamente repetida da enorme velocidade da mudança" (2001, p. 146).

Se nos perguntarmos o que pode estar gerando a predominância da textualização modular e da leitura de destacamentos frente a enunciados no regime de enunciação textualizante, poderíamos afirmar que o funcionamento da internet pautado em uma ideologia neoliberal levou a contemporaneidade a se tornar uma condição de produção que favorece o destacamento, principalmente devido ao excesso de informação e a grande quantidade de

conteúdos publicados diariamente nas mídias digitais, fatores que vão de encontro à impossibilidade humana de consumir todos estes enunciados em profundidade. O excesso de informação no ambiente digital e sua relação com o capitalismo já haviam sido apontados anteriormente pelo filósofo contemporâneo Han:

> Dos *smartphones*, que prometem mais liberdade, parte uma coação fatal, a saber, uma coação da comunicação. Com isso se tem uma relação quase obsessiva, compulsória com o aparato digital. Também aqui a liberdade se inverte em coação. As redes sociais fortalecem enormemente essa pressão de comunicação. Ela resulta, em última instância, da lógica do capital. Mais comunicação significa mais capital. A circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada de capital (2018, p. 36)

Em outras palavras, os textos contemporâneos são, em grande escala, produzidos de forma planejada para se tornarem destacáveis, circularem rapidamente e para, por grande parte das vezes, serem consumidos apenas por meio dos destacamentos que se separam do texto-fonte e circulam por meio de outras plataformas, como a *thread* no Twitter, por exemplo. Essas são algumas das conclusões às quais Moraes (2019, 2020) havia chegado ao propor o conceito de sintaxe do destacamento. A pesquisadora avançou ainda mais ao defender que, devido ao caráter memorizante e memorizável das aforizações, essas se tornam as principais constituintes da memória discursiva contemporânea, especialmente em um cenário no qual essas podem ser os únicos pontos de contato com um texto, fato que pode ocorrer com a leitura das *threads*, de títulos de matérias que circulam pela web, ou em outras formas de detextualização de enunciados do regime de enunciação textualizante.

Em nosso entendimento, o destacamento, no sentido de Maingueneau (2014), funciona como um "condutor de leitura" e como um ponto de contato com aforizações extraídas de um texto-fonte, o que leva à constatação de que o desenvolvimento pleno da comunicação digital favorece a assunção de uma "sintaxe do destacamento", conforme proposta de Moraes, ao defender que

> Os elementos de destaque influenciam decisivamente: no tratamento da notícia, que pode ser ordinário ou alternativo, conforme Ringoot [2014]; na fixação de memória discursiva (na constituição dos microuniversos de memória); na cristalização de sentidos na discursividade contemporânea (2020, p. 1567).

Torna-se também pertinente defender, como Moraes (2020), o primado do destacamento, no qual as aforizações que saltam para fora do texto-fonte deixam de ser "somente um dos elementos do texto, mas o ponto nodal de processamento de memória discursiva, sobretudo se tomamos como topografia um ponto da história da humanidade em

que as leituras são mais fragmentadas do que profundas" (MORAES, 2020, p. 1554), as próprias características de enunciados memorizáveis do regime aforizante permitem esse fator. As *threads* que, como dito anteriormente, podem ter o intuito de resumir toda a notícia e repelir o leitor do acesso ao site, seriam um exemplo de como o destacamento é por diversas vezes o único ponto de contato do leitor com um enunciado e, assim, determinaria a fixação da memória discursiva, como prevê o conceito de sintaxe do destacamento.

Soma-se a isso o fato de que, como "os circuitos do cérebro leitor são formados e desenvolvidos por fatores tanto naturais como ambientais, incluindo a mídia em que a capacidade de ler é adquirida e desenvolvida" (WOLF, 2019, p. 17), é possível afirmar que a web (de forma mais inflamada que o impresso, apesar de a sintaxe do destacamento e a textualização modular também serem observadas nessa mídia), como ambiente de circulação de textos majoritariamente escritos na forma de textualização modular e com largo uso do destacamento e aforizações, cria um cenário no qual os leitores desenvolvem circuitos cerebrais treinados para este tipo de leitura, tornando privilegiada a existência de tecnotextos como as *threads*, e retroalimentando esse ciclo no qual leitores deixam de consumir conteúdo em profundidade. No entanto, apesar de a internet e a web favorecerem a enunciação no regime aforizante, ou seja, de enunciados curtos, sintetizantes e que se propõem como completos, a impossibilidade de uma aforização se estabelecer sozinha incentiva a criação de novas formas de retorno ao texto, como a *thread.*

Nesse sentido, ressaltamos que não acreditamos que a leitura em profundidade, o jornal impresso e outros modos de enunciação textualizante estejam com os dias contados. Os textos completos e enunciados longos continuarão a existir, afinal, como defendido na pesquisa, os links que transportam os leitores para um texto-fonte precisam estar presentes juntos a um destacamento para lhe atribuírem credibilidade. Porém, reconhecemos que nesse processo estamos em frente a grandes mudanças.

Em primeiro lugar, mudanças no percurso interpretativo, já que um tecnotexto composto por destacamentos de diversos textos-fontes não possui o mesmo conteúdo dos enunciados a partir do qual esses foram retirados. Em resumo, a leitura de uma *thread* jornalística gera outros sentidos que não são completamente iguais nem completamente diferentes daqueles originados pela leitura do texto-fonte ou do texto impresso.

Em segundo lugar, as mudanças devem impactar em uma nova forma como a memória discursiva será fixada, já que os textos escritos na forma de textualização modular irão render pontos de contato diferentes para o leitor quando comparado com os que haveria se fosse feita a leitura do texto completo. Moraes defende que o contato exclusivo com os destaques,

característico de uma sintaxe do destacamento, transformará a forma como se fixa uma memória discursiva:

> A memória terá matizes distintos, não significando que seja individual, mas compartilhada entre grupos, sendo que, por sua vez, cada grupo poderá também ter encontros diferentes com outros. Os pontos são infinitos, como estrelas; também são infinitas as relações possíveis, como galáxias que se interconectassem. As ligações têm relação com o posicionamento do sujeito (envolto por ideologia e inconsciente, como pressupõe a Análise do Discurso) (2020, p. 1557)

Defendemos, assim, que a sintaxe do destacamento é produtora não só de sentido, o que ocorre por meio da produção de novos textos, mas também de caos. O fenômeno das *threads*, por exemplo, é pautado pela sintaxe do destacamento e, à primeira vista, se apresenta como prático, gerador de resumos para grandes textos, fornecedor dos pontos mais importantes de um enunciado, uma forma fácil de obter informação rápida e como responsável pela reunião e curadoria de diversos textos sobre um tema, no entanto, na verdade a sintaxe do destacamento também se revela como fruto de uma internet e de uma web criadas dentro de uma lógica capitalista, que geram excesso de informação e que acarretam processos complexos no nível discursivo, por exemplo, modificando a formação de memória discursiva, e no nível cognitivo, gerando males como a exaustão mental, a ansiedade e o *burnout*.

Han já tinha discorrido sobre esse tema ao afirmar que os seres humanos possuem uma espécie de "defesa imunológica" contra a informação, essa seria uma barreira que faria os humanos se chocarem ao entrarem em contato com determinadas informações, porém na atualidade essa realidade teria sido alterada:

> A rápida circulação de informações acelera também a circulação de capital. Assim, a supressão [da barreira] imunológica cuida para que massas de informação nos adentrem sem colidirem com uma defesa imunológica. A baixa barreira imunológica fortalece o consumo de informações. A massa de informação não filtrada faz, porém, com que a percepção seja embotada. Ela é responsável por alguns distúrbios psíquicos. (2018, p. 53)

Dentre os distúrbios psíquicos acarretados pela lógica capitalista do ambiente digital, o principal citado pelo autor é a SIF:

> SFI (Síndrome da Fadiga da Informação), o cansaço da informação, é a enfermidade psíquica que é causada por um excesso de informação. Os afligidos reclamam do estupor crescente das capacidades analíticas, de déficits de atenção, de inquietude generalizada ou de incapacidade de tomar responsabilidades. Em 1996 o psicólogo britânico David Lewis cunhou esse conceito. SFI se referia primeiramente àquelas pessoas que precisavam trabalhar profissionalmente por um longo tempo uma grande quantidade de informação. Hoje todos são vítimas da SFI. A razão disso é que todos

> somos confrontados com quantias rapidamente crescentes de informação. (HAN, 2018, p. 53)

Passando dos impactos psíquicos do funcionamento da internet pautado em uma ideologia neoliberal para os neurológicos, se como Wolf afirma, a partir das transformações geradas pelas novas formas de leitura é possível traçar "impressionantes paralelos entre nossas mudanças culturais atuais para uma cultura digital e a transição parecida pela qual passaram os gregos desde a cultura oral para sua extraordinária cultura escrita" (2019, p. 16), podemos defender que estamos à beira de uma reestruturação significativa no comportamento humano. Se antes da popularização da escrita os poemas épicos como a Odisseia, a Ilíada e até os Vedas (textos sagrados hindus) eram passados de geração para geração oralmente, isso significa que os circuitos cerebrais dos humanos à época eram adaptados, devido à plasticidade, para uma cultura oral, exigindo uma memória (no sentido neurológico) muito mais aguçada do que a encontrada atualmente.

A revolução que foi a invenção da escrita mudou a forma como os humanos estabeleceram conexões e desenvolvem os seus cérebros, o suporte do papel tornou desnecessário o esforço de se relembrar o texto de livros inteiros, diminuindo nossa capacidade de memorização, mas criando possibilidade para novos feitos. Basta agora nos questionarmos que, se realmente estamos encarando uma mudança da cultura escrita para a cultura digital (baseada em uma leitura modular, mais rasa, que exige menos tempo de atenção e é permeada por outras formas de mídia, como vídeos, áudios e gifs e destacamentos), quais serão os impactos para o leitor, que "hoje com *smartphone* em mãos, é a um só tempo disperso e imersivo; transita pela leitura scanner e por outras infinitas possibilidades não lineares" (MORAES, 2019, p. 19) e também quais serão as novas ligações e redes estabelecidas nos cérebros das futuras gerações e os reflexos dessas na produção humana.

Por fim, propomos uma última reflexão neste capítulo de conclusões: um debate sobre as condições que criam essa realidade. É impossível ignorar que todos os fenômenos descritos até o momento – a ascensão da sintaxe do destacamento, a fragmentação dos textos e uso de uma textualização modular, o número maior de destacamentos na web quando comparado ao impresso, a priorização de enunciados no regime aforizante – apesar de estarem presentes na mídia impressa, são encontrados de forma mais inflamada no texto produzido para o ambiente digital e ocorrem dentro da lógica da Ideologia Californiana (BARBROOK e CAMERON, 2018) que norteia o funcionamento da internet e da web e que leva as produções na web a

tratarem a criação de enunciados jornalísticos a partir de uma visão capitalista na qual esses são mercadoria.

Dessa forma, a internet e a web se apresentam como componentes tecnológicos que, em última instância, determinam a forma e modo de produção dos enunciados. No entanto, defendemos que, apesar de possuírem grande impacto na produção dos textos, as tecnologias digitais possuiriam um funcionamento disperso, que conseguiria disfarçar a ideologia presente na sua lógica funcionamento e que foi imposta pelos seus criadores, desenvolvedores e atuais grupos que estão em seu controle. Poderíamos, desse modo, usar a noção de "dispositivo" de Foucault para se referir a internet e a web. Segundo esse autor, um dispositivo seria uma estrutura com elementos heterogêneos e dispersos que, unidos, são responsáveis por determinar e manter certas relações de poder:

> Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2017, p. 341)

Foucault ressalta que os dispositivos podem modificar seus elementos internos para manter o seu funcionamento e a estrutura de poder que representam, uma vez que, dentro do dispositivo "cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente" (2017, p. 342). Sendo assim, o dispositivo seria um conjunto que, uma vez instalado, seria nebuloso demais para ser notado em uma análise superficial, pois envolveria diversos elementos (discursivos e não discursivos) que podem parecer desconexos a uma primeira vista, porém, todos esses elementos trabalham juntos, se retroalimentam e se calibram para manter um certo funcionamento da sociedade e a concentração de poder em certas mãos. Poderíamos, assim, formular a hipótese de que a internet e a web, componentes tecnológicos criados por grupos de viés econômico liberal, seriam elementos que compõem um dispositivo, ou seja, replicam de forma dispersa e velada a ideologia liberal dos responsáveis pela sua criação e deixam marcas dessa ideologia, por exemplo, na produção de textos, que são levados ao extremo da fragmentação, produção excessiva, descarte etc. É evidente que essa questão é complexa e pode ser desenvolvida com mais ênfase em trabalhos futuros que tratem apenas deste tema, no entanto, julgamos válido sugerir a observação neste momento.

Para finalizar esta reflexão, trazemos mais uma citação pertinente proferida por Foucault, o autor defende que os dispositivos possuiriam uma:

> Natureza essencialmente estratégica, o que supõe que trata−se no caso de uma certa manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada nestas relações de força, seja para desenvolvê−las em determinada direção, seja para bloqueá−las, para estabilizá−las, utilizá−las, etc... O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (2017, p. 344)

Em resumo, defendemos que a internet e a web existem atualmente de determinada maneira não porque esse é o único modo em que essas poderiam existir, mas porque essas ferramentas tecnológicas são integrantes de um "dispositivo", ou seja, pertencem a um jogo de manutenção do poder e são usadas por grupos capitalistas para perpetuar seu domínio. Sendo assim, seria possível criar uma "outra internet", em que os usuários não tivessem que mudar o seu modo de leitura e até mesmo a própria configuração cerebral para se adaptarem a um "mercado de textos" e não se afogassem em um excesso de informação que os obriga a consumir apenas aforizações. No entanto, essa "outra internet" exigiria uma reforma, uma apropriação por parte da população e um esforço coletivo e consciente por uma mudança, criando sites e aplicativos voltados para o bem comum, para a conexão e comunicação, para o compartilhamento de informação, o desenvolvimento da ciência etc.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER. Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução por Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance**. Tradução por Aurora Fornoni Bernardini…[et al]. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

BARBROOK, Richard. CAMERON, Andy. **Ideologia Californiana: uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício**. Tradução por Marcelo Träsel. União da Vitória: Editora Monstro dos Mares, 2018.

BARONAS, Roberto Leiser. Enunciação aforizante versus textualizante: notas sobre tensões estruturais e extratextuais. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 43(3), p.1323-1331, set-dez. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução por Plínio Dentzien. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Tradução por Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 1999.

BOYD, Danah. ELLISON, Nicole. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Volume 1: Sociedade em rede**. Tradução por Roneide Venâncio Majer. 6ª ed.,14ª reimpressão. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução por Ângela M. S. Corrêa. 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político: O discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução por Vanice Sargentini. São Paulo: EduFSCar, 2009.

FISCHER, Alice. GRODZINSKY, Frances. **The Anatomy of Programming Languages**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 2014.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação: As Normas de Escrita e Conduta do Principal Jornal do País**. 22 ed. São Paulo: PubliFolha, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização por Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução por Lucas Machado. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analisar discursos institucionais**. Tradução por Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Uberlândia: EDUFU, 2018.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. Tradução por Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Organização por Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução por Sírio Possenti. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Organização por Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; Tradução por Adail Sobral… [et al]. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web?. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 15, n. 3, 2017. Tradução por Érika de Moraes e Roberto Leiser Baronas. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1274. Acesso em: 10 out. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução por Sírio Possenti. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Tradução por Sírio Possenti [et al.]. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MARQUES DE MELO, José. ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAES, Érika. A sintaxe do destacamento como elemento discursivo da contemporaneidade. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 49, ed. 3, p. 1551-1568, dez. 2020.

MORAES, Érika. **Aplicativos de notícias, destacamento e efeitos de sentidos: representações internacionais sobre o Brasil (em UOL e Le Monde)**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

MORAES, Érika. Aplicativos de notícias e efeitos de sentidos: diferenças de destacamento. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, ed. 3, p. 826-836, 2017.

MORAES, Érika. Mídias sociais, identidade e autoria. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, ed. 3, p. 936-947, set-dez 2012.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso, In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna C. (org.) **Introdução à Linguística - domínios e fronteiras**. Vol 2. Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Hélio. A Pericongrafia discursiva. **Revista Polifonia**, Cuiabá, v. 26, n.43, p. 89-111, jul.-set 2019.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: Dicionário das formas e das práticas**. Tradução por Ana Carolina Vilela-Ardenghi [et al.]. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michael. Papel da Memória. In: ACHARD, P. e outros. **Papel da Memória**. Campinas: Editora Pontes, 1999 [1983]. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Organização por Françoise Gadet, Tony Hak. Tradução por Betânia S. Mariani [et al.]. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Determinação, formação do nome e encaixe, In: **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J.

filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 1995, p.95 – 103.

PRIMO, Alex. A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva. **Revista Galáxia**, São Paulo, n.16, p.43-59, 2008.

PRIMO, Alex. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. **Revista Intexto**, v. 2, n. 25, p. 130–146, 2011.

RECUERO, Raquel. "Deu no Twitter, alguém confirma?" Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 9., 2011, Rio de Janeiro. Artigo [...] Rio de Janeiro: SBPJor– Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2011. p. 1- 19.

RINGOOT, Roselyne. **Analyser le discours de presse**. Paris: Armand Colin, 2014.

ROCHA, Bernardo. **Siga o fio: As possibilidades da narrativa jornalística a partir da thread no Twitter**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 117. 2022.

SALGADO, Luciana Salazar. CLARES, Letícia Moreira. Publishing mediation and scientific articles: a study of injunctions and hiddenness in humanities. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 29-58, 2017. Disponível em: https://revistadogel.gel.org.br/

SALGADO, Luciana Salazar. A dimensão algorítmica dos discursos ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais, In: ABREU-TARDELLI, Lília. GARCIA, Talita Storti. Ferreira, Anise de Abreu G. D'Orange. (org.) **Pesquisas em Linguagem: Diálogos com a contemporaneidade**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SILVA, Maurício Coelho [et al]. Divulgadores brasileiros LGTBQIA+ no Twitter: um estudo altmétrico a partir de uma thread. In: **Fórum de estudos em Informação, Sociedade e Ciência**, 4., 2021, Porto Alegre. Artigo [...] Porto Alegre: UFRGS, 2021. p 1 - 11.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. *Revista USP*. São Paulo, n. 86, p. 28-39, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do Jornalismo Impresso**. Porto: Editora Letras Contemporâneas, 2001.

SCHWINGWL, Carla. **Mídias digitais: produção de conteúdos para web**. SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação. São Paulo: Paulinas, 2012.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução por Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

ZAGO, Gabriela da Silva. O Twitter como fonte para o Jornalismo. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 10, n. 20, p. 51-65, 2011a.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no jornalismo em rede: A Copa do Mundo de 2014 no Twitter**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 218. 2014.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 204. 2011b.

ZAMIN, Ângela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set.-dez. 2014